

"Aqui está uma obra inovadora que abrirá novas perspectivas de estudo e pregação para todo o corpo de Cristo, a partir do precioso tesouro do saltério..."

Walter C. Kaiser Jr.



A ESTRUTURA E TEOLOGIA DOS *Salmos*

*Uma proposta corajosa e
estimulante para ler o saltério*

PALMER ROBERTSON

“Aqui está uma obra inovadora que abrirá novas perspectivas de estudo e pregação para todo o corpo de Cristo, a partir do precioso tesouro do saltério... O professor Robertson argumenta de forma convincente que existe uma progressão através dos cinco livros do saltério... O que Robertson faz por nós é incluir neste livro cinco diagramas, juntamente com seu texto, para mostrar como o salmo 1 da Torá e o salmo 2 messiânico nos fornecem os principais temas desenvolvidos em todo o saltério, com o agrupamento de salmos significativos ao longo do caminho... O impacto que essa visão estrutural do saltério terá nas perspectivas e estudos do Novo Testamento deve ser enorme.”

Walter C. Kaiser Jr., presidente emérito,
Gordon-Conwell Theological Seminary

“Que prazer de ler! A obra acadêmica e ao mesmo tempo acessível de O. Palmer Robertson, *A Estrutura e Teologia dos Salmos*, demonstra que há um arranjo temático ordenado para o aparentemente ‘mais heterogêneo dos livros sagrados’ (Agostinho) – os Salmos. Mostrando-nos o caráter da estrutura do livro e as interconexões entre estrutura e substância, Robertson faz a mensagem teológica geral dos salmos vir à luz. Sua obra nova e perspicaz sobre esse majestoso livro das Escrituras vai, com certeza, expandir sua mente, aquecer seu coração e abrir sua boca para participar com toda a criação em gritos de *Hallelu-YAH*.”

Douglas Sean O'Donnell, palestrante do QTC em Estudos Bíblicos e Teologia Pastoral, Queensland Theological College, Brisbane, Austrália

“O livro dos Salmos: uma coletânea aleatória de poemas individuais ou uma composição bem estruturada com uma mensagem teológica específica? Enquanto um leitor comum da Bíblia tem a impressão do primeiro, vários estudiosos bíblicos nos tempos modernos têm tentado descobrir o último – mas a maioria sem sucesso. Este novo livro oferece uma proposta corajosa e estimulante para ler o saltério novamente. Palmer Robertson argumenta que os Salmos exibem uma estrutura arquitetônica deliberada e um desenvolvimento organizado da progressão do pensamento do início até o fim. Essencial ao seu argumento é uma nova avaliação da função dos dois ‘pilares poéticos’ (Sl 1 e 2), tendo a Torá e o Messias como temas organizadores do saltério. Na minha opinião, o autor é bem-sucedido em defender a ideia de um grande número de interconexões em estrutura e teologia nos Salmos. O desenvolvimento histórico-redentor de confrontação-comunicação-devastação-maturação-consumação é bastante útil, assim como a ênfase na função de memorização dos salmos por meio, por exemplo, de salmos acrósticos. Este livro é escrito em um estilo lúcido e atraente e é lido como o relatório de uma expedição exploratória. A alegria

da descoberta de Robertson é contagiosa, assim como seu amor pela palavra de Deus, que o inspirou. É, portanto, minha esperança e expectativa que o ensino deste livro enriqueça muitos leitores, leigos e eruditos.”

Eric Peels, professor de Antigo Testamento e reitor da Universidade Teológica Apeldoorn, Holanda

“Muito poucos eruditos evangélicos dominaram os estudos do Antigo Testamento no nível de O. Palmer Robertson. Sua experiência é evidente neste trabalho sobre os Salmos. Mais do que isso, ele interage com a erudição moderna sem comprometer seu compromisso com a plena autoridade da Escritura. E o melhor de tudo: seu trabalho é facilmente compreendido e disponível para servir a pastores e outros líderes da igreja enquanto pregam e ensinam o Cristo dos Salmos. Este livro é, sem dúvida, um dos melhores estudos desta parte da Escritura.”

Richard L. Pratt Jr., fundador e presidente, Third Millennium Ministries

“Com sua clareza e perspicácia habituais, Robertson apresenta um saltério que é ao mesmo tempo teologicamente rico, historicamente relevante e praticamente impactante. Sua abordagem é, em grande parte, histórico-redentora e canônica, o que lhe proporciona múltiplas vantagens enquanto explora a forma e a coerência do saltério como uma antologia poética e seu lugar dentro da história bíblica maior da redenção. A interpretação frequentemente criativa de Robertson é, no entanto, sintonizada com a erudição contemporânea, que ele apresenta de maneira acessível a leigos e pregadores.”

John Scott Redd Jr., presidente e professor de Antigo Testamento, Reformed Theological Seminary, Washington, D.C.

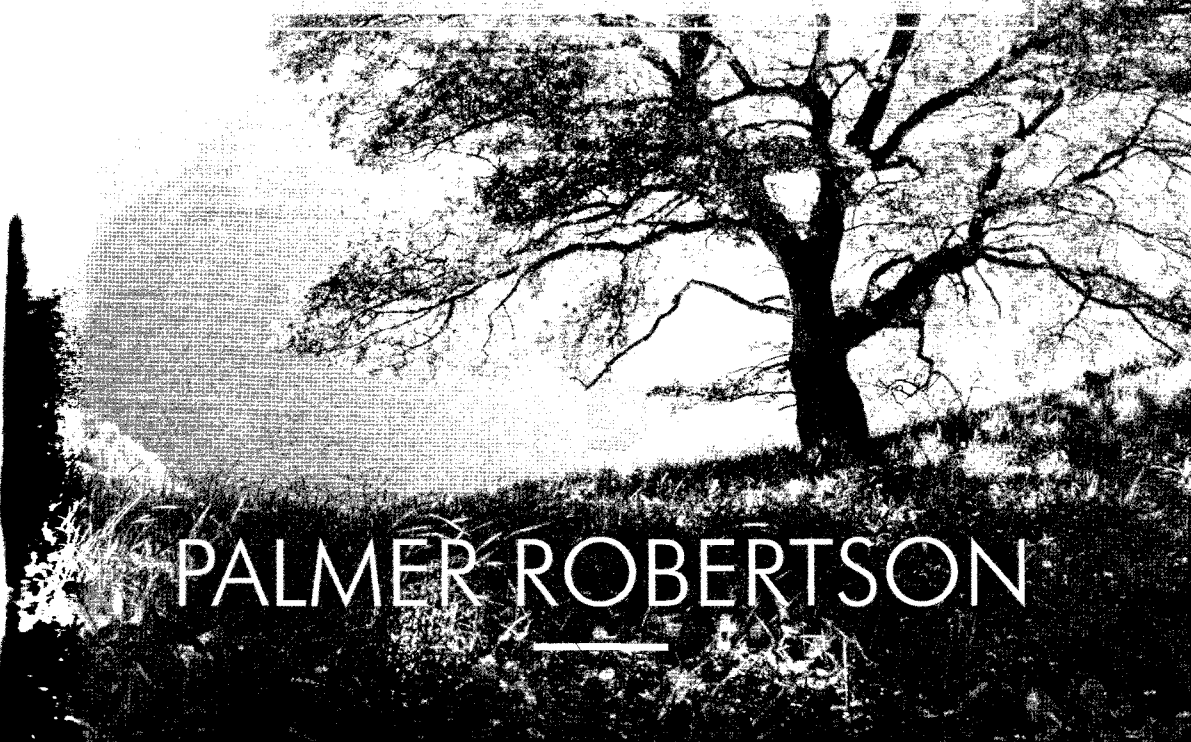
"Aqui está uma obra inovadora que abrirá novas perspectivas de estudo e pregação para todo o corpo de Cristo, a partir do precioso tesouro do saltério..."

Walter C. Kaiser Jr.



A ESTRUTURA E TEOLOGIA DOS *Salmos*

*Uma proposta corajosa
estimulante para ler o saltério*

A black and white photograph of a large, leafless tree with a thick trunk and many bare branches, standing on a grassy hillside. The background shows a hazy landscape with more trees and hills under a bright sky. The image has a grainy, high-contrast quality.

PALMER ROBERTSON

A estrutura e teologia dos Salmos, O. Palmer Robertson © 2019 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *The flow of the Psalms* © 2015 by O. Palmer Robertson, por Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1102 Marble Road, P. O. Box 817, Phillipsburg, New Jersey, 08865, USA. Todos os direitos são reservados. São proibidas reproduções por qualquer meio que seja.

1ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcizio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Thiago Machado da Silva
Revisão
Vagner Barbosa
Carolina Curassá Rosa de Souza
Mari Kumagai
Editoração e capa
Ideia Dois

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

R651c Robertson, O. Palmer
A estrutura e teologia dos Salmos / O. Palmer Robertson;
tradução Thiago Machado Silva. – São Paulo : Cultura Cristã, 2019.
288 p.
Título original: The flow of the Psalms
ISBN 978-85-7622-857-8
1. Exegese 2. Hermenêutica 3. Estudo bíblico
I. Silva, Machado II. Título

CDU 223,2

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Em memória de
Gwenette Phillips Robertson
1934–2014

Com beleza externa e interna, ela mostrou a graça
de Cristo ao longo de toda a sua vida. Seu amor
pela música e seu amor por cantar brotavam de um
coração transbordante do amor de Cristo.

SUMÁRIO



Prefácio por Walter C. Kaiser Jr.	9
Prefácio do editor	13
Agradecimentos	15
Sumário analítico	17
1. Introdução	23
2. Elementos estruturais básicos nos Salmos	29
3. A estrutura histórico-redentora dos Salmos	43
4. O fluir do livro	67
5. Livro I (Sl 1–41) – Confrontação	71
6. Livro II (Sl 42–72) – Comunicação	99
7. Livro III (Sl 73–89) – Devastação	133
8. Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento	157
9. Livro V (Sl 107–150) – Consumação	187
10. Considerações finais	235
Bibliografia	259
Índice de textos da Escritura	263
Índice de assuntos e nomes	275

PREFÁCIO



E uma verdadeira alegria e um privilégio escrever o prefácio de *A Estrutura e Teologia dos Salmos*, de O. Palmer Robertson, pois aqui está um trabalho inovador de pesquisa e estudo que abrirá novas perspectivas de estudo e pregação para todo o corpo de Cristo a partir do precioso tesouro do saltério. Muitos de nós, ao longo dos anos, passaram a apreciar os numerosos livros e artigos do doutor Robertson. Atualmente, ele divide seu tempo entre Uganda, onde atua como diretor e vice-chanceler da Universidade Bíblica Africana, e Cambridge, Inglaterra, onde gasta metade de seu tempo no estudo e pesquisa das Escrituras. Seu novo projeto sobre os Salmos nos introduzirá a uma nova maneira de pensar e ministrar para a glória do nosso Deus.

O livro de Salmos tem sido uma das grandes fontes de bênção para o corpo de Cristo. Por muito tempo, porém, o livro de Salmos tem sido tratado por muitos eruditos e leitores leigos como uma espécie de coletânea heterogênea de poemas individuais compilados aleatoriamente, sem nenhum padrão planejado de arranjo ou propósito para todo o livro. Isso não quer dizer que alguns não tenham tentado ver se os cinco livros nos quais os salmos são divididos apresentam algum tipo de organização. Infelizmente, a conclusão tem sido geralmente que, se tal estrutura intencional existe, é um mistério, ou que o saltério é uma coletânea sem qualquer tipo de rima ou razão.

As recentes introduções ao Antigo Testamento foram além de desistir de descobrir como todos os 150 salmos estão ligados entre si; esses estudos têm insistido que um salmo particular nem sequer deve ser interpretado pelos salmos que o limitam. Assim, cada salmo é dito estar sozinho, seu salmo vizinho tem pouco ou nenhum impacto sobre o seu significado ou sua colocação no livro de Salmos. O professor Robertson, porém, argumenta convincentemente que há uma progressão distinta entre os cinco livros do saltério.

Essa não deve ser uma mudança surpreendente de acontecimentos para aqueles que consideram as Escrituras uma revelação de Deus, pois há unidade, propósito e plano divinos para tudo que Deus revelou em sua palavra. Nosso Deus não é o autor de aleatoriedade ou confusão; ele é o Deus de ordem. No entanto, a tendência atual é colocar a moderna ênfase na diversidade, na pluralidade e no individualismo isolado dos textos bíblicos. A queixa é que há tópicos demais e que a imagem é simplesmente muito complexa para argumentar em favor de um fluxo deliberado dos materiais bíblicos, de modo que eles formem uma imagem que se mova em direção a um objetivo e propósito, mesmo que os materiais se estendam, como é o caso dos cinco livros dos Salmos, ao longo de cerca de 500 anos. Mas, sobre esse assunto, toda a Bíblia foi escrita por cerca de 39 ou 40 escritores durante um período de 1.400 a 1.500 anos. No entanto, o que eles escreveram foi com um único plano, que eu tenho rotulado como o *plano da promessa de Deus*.

Do mesmo modo, o professor Robertson aponta itens estruturais, como a colocação de salmos acrósticos e o acoplamento estratégico de um salmo messiânico com um salmo da Torá, mas ele também aponta para o agrupamento de salmos por tópicos, como os salmos reais, salmos do servo sofredor, salmos de inimigos específicos, salmos de *Yahweh Malak* (“Yahweh é rei”), salmos de romagem e salmos de *Hallelu-YAH*, além dos salmos messiânicos específicos, que dão mais indicação de como o saltério é estruturado.

Muito embora o fluir dos salmos não seja puramente cronológico, há um ordenamento relativo nas sequências de tempo destacadas neste trabalho. Lentamente, vários estudos recentes estão começando a mostrar que todo o saltério tem uma estrutura intencional. Mas o que Robertson faz por nós é incluir neste livro cinco diagramas, juntamente com seu texto, para mostrar como o salmo 1 da Torá e o salmo 2 messiânico nos fornecem os principais temas que são então desenvolvidos em todo o saltério com o agrupamento de significantes salmos ao longo do caminho. Sua narrativa move-se da “Confrontação”, nos salmos 1–41 (Livro I), quando Davi encontra uma multidão de inimigos ao tentar estabelecer o reino do Senhor de justiça e paz, para a “Comunicação” com as nações e povos estrangeiros, com o uso de *Elohim* como o nome de Deus, em vez de *Yahweh* (Sl 42–72, Livro II). Isso levou à “Devastação” do povo por sua falta de fé, como descrito nos 17 salmos do Livro III (Sl 73–89). O Livro IV (Sl 90–106) tem em seu centro os salmos de *Yahweh Malak* (Sl 92–100), que antecipam o rejuvenescimento do reino de Yahweh no “Amadurecimento” do plano de Deus no fluir da teologia e da narrativa dos salmos. Finalmente, o Livro V (Sl 107–150), compreendendo os últimos 44 salmos do saltério, dá-nos a “Consumação” do fluir dos salmos. O salmo 118, um salmo messiânico, é acoplado com o salmo 119, um salmo da Torá, para

apontar uma vez mais para a unidade estrutural principal nos salmos anunciados nos salmos 1 e 2. O *Hallelu-YAH* final, nos salmos 146–150, serve como pináculo dessa coletânea climática. Os salmos 110 e 118, dois salmos de foco messiânico, dão-nos algumas das melhores revelações dos sofrimentos e glória do Messias. Não surpreendentemente, o Novo Testamento cita esses salmos, juntamente com o salmo 2, mais extensivamente do que qualquer outro.

A Estrutura e Teologia dos Salmos possui uma série de temas e caminhos para pensamento e reflexão. Seu acoplamento dos temas da Torá e messiânicos em todo o saltério aponta para o cerne da questão. O impacto que essa visão estrutural do saltério terá nas perspectivas e estudos do Novo Testamento deve ser enorme. No mínimo, esta nova leitura do saltério em seu fluxo estrutural deve dar uma nova visão sobre esse livro poético da Escritura que tem sido considerado como coleções isoladas de temas não relacionados. O contexto bíblico-teológico do livro de Salmos chama-nos a atentar para ele em nosso próprio pensamento e ensiná-lo àqueles a quem ministramos.

Walter C. Kaiser Jr.

Presidente emérito

Gordon-Conwell Theological Seminary
Hamilton do Sul, Massachusetts

PREFÁCIO DO EDITOR



Em vários lugares ao longo deste trabalho, o nome divino *Yahweh* – יהוה –, cujo significado distintamente pactual foi revelado a Moisés em Êxodo 3, é interpretado como *SENHOR PACTUAL* ou *SENHOR DA ALIANÇA*. Esta representação de *Yahweh* comunica a principal distinção deste nome para Deus.

O termo *Yahweh* soa estranho em inglês e comunica pouco ao leitor. Substituições como o híbrido *Jeová* e *SENHOR* capitalizado pouco fazem para comunicar a singularidade deste termo. *Yahweh* é *distintamente* o *SENHOR DA ALIANÇA*, o *SENHOR PACTUAL*.

P&R Publishing

AGRADECIMENTOS



Gostaria de expressar grande apreciação às seguintes pessoas pelas contribuições que auxiliaram a conclusão deste livro:

À administração, à faculdade e ao conselho da *African Bible Colleges, Inc.* Muito obrigado por tornarem possível a conclusão desta obra, proporcionando-me um tempo livre das obrigações administrativas e acadêmicas.

À administração e aos professores e funcionários da *Universidade Bíblica Africana de Uganda*. Eles foram muito graciosos ao assumir responsabilidades extras durante minha ausência.

À *Tyndale House em Cambridge, Inglaterra*. A administração e os funcionários foram uma fonte constante de encorajamento e auxílio, e a interação diária regada a chá com colegas pesquisadores proporcionou-me uma comunhão estimulante.

A *Steffen Jenkins*. Steffen generosa e graciosamente compartilhou comigo todo o seu conhecimento sobre os estudos recentes dos salmos e sua estrutura.

À minha esposa, *Joanna*. Joanna tem sido minha crítica mais amorosa, cujas anotações em vermelho contribuíram muito com o formato final do livro.

O. Palmer Robertson

Tyndale House
Cambridge, Inglaterra
1º de maio de 2014

SUMÁRIO ANALÍTICO



1. Introdução

2. Elementos estruturais básicos nos Salmos

- A. Os cinco livros
- B. Agrupamentos por referência nos títulos a indivíduos específicos
- C. Os dois “pilares poéticos”
 - 1. Foco na Torá
 - 2. A centralidade do Messias
- D. Três salmos da Torá formando par com três salmos messiânicos
- E. Os salmos acrósticos
- F. Agrupamentos que celebram o reinado de Yahweh e seu Messias
- G. Salmos de romagem
- H. Salmos de recordação histórica
- I. Salmos de foco messiânico
- J. Salmos de confissão de pecados
- K. Salmos de “pirâmide poética”
- L. Salmos de *Hallelu-YAH*
- M. Conclusão dos elementos estruturais básicos

3. A estrutura histórico-redentora dos Salmos

- A. A aliança de Deus na criação
- B. A aliança de Deus iniciando a redenção
- C. A aliança de Deus com Noé
- D. A aliança de Deus com Abraão e os patriarcas
- E. A aliança de Deus com Moisés

1. A bênção sacerdotal
 2. O papel dos sacrifícios
 3. Festivais cúlticos
 4. A lei moral
- F. A aliança de Deus com Davi

4. O fluir do livro

5. Livro I (Sl 1–41) – Confrontação

- A. O papel fundamental dos salmos 1 e 2
 1. Salmo 1
 2. Salmo 2
 - a. O reinado de Yahweh sobre todas as nações
 - b. O local de seu reinado, no Monte Sião de Jerusalém
 - c. O estabelecimento permanente de Davi e sua dinastia
 - d. A fusão do trono de Yahweh com o trono de Davi
- B. A primeira coletânea de salmos davídicos (Sl 3–41^{*1})
- C. O papel estrutural dos salmos 18 e 19 no Livro I
 1. Terminologia messiânico-real antes e depois dos salmos 18/19
 2. Cinco salmos reais imediatamente depois dos salmos 18/19
 3. Os termos para a *Lei* antes e depois do salmo da Torá 19
 4. “Ensino” antes e depois dos salmos 18/19
 5. Referências à confissão de pecado
 6. Referências a Yahweh como a “Rocha” da estabilidade
- D. O papel estrutural dos salmos acrósticos no Livro I (Sl 9/10; 25; 34; 37)
- E. Conclusão do Livro I

6. Livro II (Sl 42–72) – Comunicação

- A. Sete salmos dos filhos de Corá (Sl 42/43–49*)
 1. Salmos introdutórios de esperança apesar da angústia (Sl 42/43–44)
 2. O reinado de Elohim e seu Messias (Sl 45–48)
- B. Dois salmos com uma convocação (Sl 49–50)
- C. A segunda coletânea de salmos davídicos (Sl 51–71*)
- D. Respostas às convocações (Sl 51–52)
- E. A substituição de Elohim por Yahweh no Livro II
 1. Quatro comparações específicas do uso dos dois nomes
 2. Uma comparação geral do uso dos dois nomes

¹ Ao longo deste livro, o asterisco (*) indica um agrupamento de salmos cujos títulos não se referem especificamente a Davi ou a algum outro indivíduo.

- 3. A razão dessa distinção: interação com nações estrangeiras
- F. A postura do salmista em relação aos seus “inimigos” no Livro II
 - 1. No Livro I, um relacionamento “eles e nós”
 - 2. No Livro II, um compromisso de comunicar
 - a. O salmista comunica-se diretamente com seus “inimigos”
 - b. O salmista compromete-se a cantar os louvores de Elohim às nações
 - c. O salmista lembra às nações que Elohim vai derrotá-las novamente, como no passado
 - d. Elohim fornece a perspectiva da redenção para toda a sua criação
 - e. Os reis da terra trarão presentes ao monte de Elohim
 - f. As nações responderão com satisfação à advertência para louvar Elohim
- G. Ateísmo revisitado (Sl 53)
- H. Sete inimigos específicos (Sl 54–60)
- I. Diálogo entre dois reis (Sl 61–68)
- J. Lutas contínuas (Sl 69–71)
- K. Imagens triunfantes do reinado do Messias (Sl 72)
- L. Conclusão do Livro II: importância contínua das experiências de Davi

7. Livro III (Sl 73–89) – Devastação

- A. Salmos introdutórios do Livro III (Sl 73–74)
- B. O reinado de Deus sobre os reis terrenos (Sl 75–76)
- C. Sete salmos de devastação e libertação com o foco centralizado no “Filho” do salmo 80 (Sl 77–83)
- D. Uma mudança de tom nos salmos dos filhos de Corá (Sl 84–87*)
 - 1. Paz e bênção em meio à guerra perpétua (Sl 84–85)
 - 2. Um salmo individual de Davi (Sl 86)
 - 3. Libertação dos inimigos estrangeiros (Sl 87)
- E. Salmos finais de aflição (Sl 88–89)
 - 1. Aflição individual, com uma pequena esperança (Sl 88)
 - 2. Aflição comunitária, com esperança abafada (Sl 89)
- F. O fracasso da fé
- G. Conclusão do Livro III

8. Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento

- A. Dois salmos introdutórios: a perspectiva de prosperidade e vida longa (Sl 90–91)
- B. O papel distintivo do salmo 90
- C. *Yahweh Malak* (“O SENHOR é Rei”): uma coletânea especial do Livro IV (Sl 92–100)

- D. Trazendo a arca: um momento crítico na história redentora do Livro IV (Sl 96, 105–106)
 - 1. Introdução: Crônicas, Salmos e o transporte da arca
 - 2. A disseminação de todo o salmo de 1Crônicas 16 pelo Livro IV
 - 3. *Yahweh Malak* como foco dos salmos 92–100
 - 4. A inclusão dos salmos 92 e 100 nessa coletânea
 - 5. A relação de 1Crônicas 16 com os salmos 105–106
- E. Frases adicionais que descrevem o reinado do Senhor na coletânea *Yahweh Malak* do Livro IV
- F. Resumo sobre as coletâneas de salmos que celebram o reinado de Deus em todo o saltério
- G. Salmos 101–103*: uma tríade de salmos que reafirmam o reinado davídico
- H. As funções reais do Senhor
 - 1. Ele é o Criador (Sl 90.2; 95.6; 100.3; 102.25; 104.5-9)
 - 2. Ele é a Rocha (Sl 92.15; 94.22; 95.1)
 - 3. Ele é o Juiz (Sl 94.2; 96.13; cf. Sl 7.6-17; 9.4-19)
 - 4. Ele é o Senhor gracioso que perdoa todos os pecados do seu povo (Sl 90.13-14; 103.3,8-10,12; 106.6,8,30-31,44-46)
 - 5. Ele exerce seu cuidado providencial sobre todo o mundo (Sl 104.10-30)
 - 6. Ele é o soberano SENHOR DA ALIANÇA que dirige toda a vida do seu povo (Sl 105–106)
- I. A primeira tríade de salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 104–106)
- J. Salmos contrastantes de recordação histórica (Sl 105–106)
- K. Conclusão do Livro IV
- L. Excurso 1: Dez referências ao culto em Crônicas que estão relacionadas com o livro de Salmos

9. Livro V (Sl 107–150) – Consumação

- A. Um salmo introdutório para o Livro V (Sl 107)
- B. Elementos estruturais básicos do Livro V
- C. Duas coletâneas na primeira parte do Livro V (Sl 108–117)
 - 1. Três salmos davídicos (Sl 108–110)
 - 2. Sete salmos que exibem seis salmos de *Hallelu-YAH* em forma quiástica (Sl 111–117)
- D. A terceira ligação de um salmo messiânico com um salmo da Torá (Sl 118–119)
 - 1. A “pedra angular” messiânica do salmo 118
 - 2. O terceiro salmo da Torá (Sl 119)
- E. Quatro coletâneas na segunda porção do Livro V (Sl 120–150)

1. Quinze salmos de romagem que ecoam a bênção sacerdotal (Sl 120–134)
 - a. “*Yahweh te abençoe*” (יְהוָה יְבָרְכֶךָ יְהוָה) – Nm 6.24)
 - b. “*E te guarde*” (וַיִּשְׁמְרֶךָ) – Nm 6.24)
 - c. “*E tenha misericórdia de ti*” (וַיַּחַנֶּךָ) – Nm 6.25)
 - d. “*E te dê shalom [a paz]*” (וַיִּשֶׁם לְךָ שְׁלוֹם) – Nm 6.26)
2. Três salmos de transição da recordação histórica (Sl 135–137)
3. A quarta e última coletânea de salmos davídicos (Sl 138–145)
 - a. Indicadores de adequação para uma aplicação exílica desses salmos davídicos finais
 - b. A localização do salmo acróstico 145 como o último dos salmos davídicos
4. O *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150)
- F. Conclusão do Livro V
- G. Excursão 2: as “pirâmides poéticas” do saltério
 1. Introdução: uma exploração inicial de um possível elemento estrutural no saltério
 - a. Salmos 120–134
 - b. Salmos 111–117
 - c. Salmos 92–100
 - d. Salmos 77–83
 - e. Salmos 20–24
 2. Conclusão sobre a pirâmide poética como um possível elemento estrutural no saltério

10. Considerações finais

- A. Diagramas que descrevem a estrutura do saltério
 1. Diagrama introdutório: estrutura geral do saltério
 2. Diagramas 1 a 5: estrutura de cada um dos cinco livros
 - a. Diagrama 1. Livro I (Sl 1–41) – Confrontação
 - b. Diagrama 2. Livro II (Sl 42–72) – Comunicação
 - c. Diagrama 3. Livro III (Sl 73–89) – Devastação
 - d. Diagrama 4. Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento
 - e. Diagrama 5. Livro V (Sl 107–150) – Consumação
 3. Resumo
- B. Uma visão estrutural projetada para auxiliar na memorização da substância do saltério
 1. Livro I (Sl 1–41) – Confrontação
 2. Livro II (Sl 42–72) – Consumação
 3. Livro III (Sl 73–89) – Devastação

4. Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento
5. Livro V (Sl 107–150) – Consumação
- C. Temas distintivos que se repetem nos cinco livros
 1. O amigo íntimo que se torna o arqui-inimigo
 2. O sofrimento do Messias transformado em louvor
 3. O agrupamento de salmos reais por todo o saltério
- D. O impacto da estrutura do saltério na perspectiva do Novo Testamento sobre os salmos
 1. Citações dos três salmos messiânicos emparelhados com os três salmos principais da Torá
 2. Citações dos oito salmos acrósticos
 3. Citações dos salmos de foco messiânico
 4. Citações dos salmos de *Hallelu-YAH*
- E. Conclusão

1

INTRODUÇÃO



Mais frequentemente do que parece, as pessoas enxergam o livro de Salmos como uma coletânea aleatória de poemas individuais sobre tópicos variados. Com essa perspectiva de leitura, é compreensível o fato de que existe pouco reconhecimento da mensagem total do livro, suas ênfases específicas ou qualquer fluxo estrutural e teológico do início ao fim do livro.

A dificuldade de compreender alguma ordem estrutural no saltério não é, de modo algum, um problema moderno. Agostinho, bispo de Hipona, depois de apresentar um comentário sobre os salmos condensado em mais de 600 páginas, abre seu tratamento do salmo 150 com o seguinte reconhecimento:

Embora o arranjo dos salmos, que me parece conter o segredo de um poderoso mistério, ainda não tenha sido revelado a mim, pelo fato de somarem um total de 150, eles sugerem algo até mesmo para nós, cujos olhos da alma ainda não foram penetrados pela profundidade de todo o seu arranjo, sobre o que podemos, sem sermos atrevidos, até onde Deus permite, ser capazes de falar.¹

¹ Agostinho, *Expositions on the Book of Psalms*. A. Cleveland Coxe (org.), in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Philip Schaff (org.) (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 8:681.

Agostinho passa a falar longamente do significado do 150 como o número dos salmos, da dificuldade de entender a divisão em cinco livros quando há realmente apenas um livro e do significado dos três grupos de 50 salmos cada um, que avança da penitência (Sl 50) para a misericórdia e julgamento (Sl 100) e para o louvor (Sl 150).

Em meados do século 19, um comentarista perspicaz que valorizava as revelações de Deus no livro de Salmos antecipou discussões mais recentes. Esse autor em particular estava plenamente consciente do desafio de uma compreensão abrangente do livro de Salmos. Ele fornece um resumo honesto do problema, descrevendo o livro de Salmos como

O mais heterogêneo dos livros sagrados, contendo 150 composições, cada uma completa em si mesma, e variando em comprimento, de duas frases (Sl 117) a 176 (Sl 119), bem como em tema, estilo e tom, o trabalho de muitos autores e de diferentes idades; de modo que um leitor superficial poderia ser tentado a considerá-lo como uma coletânea aleatória ou fortuita de materiais desconexos e incongruentes.²

Rejeitando vários esforços para reorganizar os salmos em alguma ordem que possa proporcionar maior coerência ao saltério, esse autor sugere que estudar a ordem em que o livro se apresenta provará ser a abordagem mais produtiva. Mesmo que todos os elementos que ligam uma parte do livro a outra não sejam imediatamente aparentes, pistas suficientes são evidentes para fornecer alguma consciência geral da estrutura do livro. De fato, quanto mais uma pessoa estuda a mensagem total dos salmos, mais convencida ela se torna de que existem mais interconexões na estrutura e teologia do livro do que jamais será totalmente descoberto.

Os autores de um comentário recente sobre os salmos descrevem sua abordagem ao saltério, explicando, no processo, por que a introdução de todo o livro está sendo reservada até que o terceiro volume, que trata dos salmos 1–50, tenha sido concluído:

Pelo fato de não considerarmos o saltério, como alguns outros comentaristas, como nada mais que um “depósito” de salmos individuais, mas sim como uma entidade sucessivamente desenvolvida, no entanto, harmonica-

² Joseph Addison Alexander, *The Psalms: Translated and Explained* (Grand Rapids: Zondervan, 1864), p. 3. J. A. Alexander foi filho de Archibald Alexander, professor fundador do Seminário Teológico de Princeton, em 1812. Nesse comentário, J. A. Alexander reconhece sua dívida ao comentário de três volumes de E. W. Hengstenberg sobre os salmos.

mente estruturada, cuja forma dá uma dimensão adicional de significado a cada salmo individual, a “introdução” só pode ser composta de modo significativo depois de analisarmos todos os salmos individuais.³

Levar em conta a estrutura do saltério traz duas contribuições significativas para o processo interpretativo: (1) tem o potencial de descobrir conexões internas entre os vários salmos; e (2) fornece luz adicional para cada salmo individual com base nessa estruturação interna. Ambos os elementos têm o potencial de descobrir o significado mais rico do saltério como um todo, bem como em relação às suas várias partes.⁴

Obviamente, é impossível saber exatamente como a forma final do saltério se deu. No entanto, algumas coisas são certas. Essencialmente, todas as evidências apontam para o fato de que Davi compôs um grande número de salmos por volta do ano 1.000 a.C. Sabemos, por seu conteúdo, que alguns salmos foram compostos até 500 anos depois, uma vez que descrevem respostas ao exílio e à restauração de Israel (Sl 137, 126). Sabemos que pelo menos um arranjo antigo dos salmos foi feito antes da forma final do saltério, como indicado pelo pós-escrito do salmo 72. Essa nota final do salmo diz: “Fimam as orações de Davi, filho de Jessé” (Sl 72.20), e, ainda assim, o saltério contém vários salmos atribuídos a Davi após o salmo 72. Sabemos que o organizador ou os organizadores ordenaram a coletânea de 150 salmos em cinco “livros” de tamanhos significativamente irregulares, com 41 salmos no Livro I (Sl 1–41), 31 salmos no Livro II (Sl 42–72), 17 salmos no Livro III (Sl 73–89), 17 salmos no Livro IV (Sl 90–106) e 44 salmos no Livro V (Sl 107–150). Sabemos também que alguém selecionou e distribuiu alguns salmos davídicos em quatro grupos principais nos cinco livros e, muito provavelmente, escolheu deixar intactos, em alguns pontos, os agrupamentos anteriores.⁵ Além disso,

³ Frank-Lothar Hossfeld e Eric Zenger, *Psalms 2: A Commentary on Psalms 51–100* (Mineápolis: Fortress Press, 2005), p. xi.

⁴ Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *An Introduction to the Old Testament* (Leicester, UK: Apollos, 1995), p. 227, propõem que o “contexto literário primário” para o estudo do salmo não é “os salmos que o cercam, mas os salmos que são genericamente semelhantes a ele”. Eles observam ainda: “Exceto em raras circunstâncias, é inapropriado fazer exegese do contexto literário de um salmo com base nos salmos que o precedem e seguem”. Os muitos elementos estruturais dentro do saltério encorajam a consideração cuidadosa do cenário de um salmo particular no contexto do grupo de salmos no qual ele é encontrado.

⁵ Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 5, faz valer o argumento de que a “existência prévia” de coleções individuais “deve ter inibido o exercício editorial da liberdade na formação final dos salmos”. Dadas as limitações das fontes atuais, é praticamente impossível reconstruir o processo histórico envolvido na reorganização dos materiais do saltério. Mas pode-se supor que a integridade dos vários salmos foi escrupulosamente mantida.

sabemos que alguma pessoa ou pessoas juntaram a totalidade do livro como agora o observamos.⁶

Então quem era esse editor/autor/organizador final ou grupo de organizadores que construíram a forma final do saltério? Como ele ou eles fizeram esse trabalho? Não sabemos com certeza a resposta a essas perguntas. Mas, para tornar esse procedimento mais concreto, imaginemos que essa pessoa fosse alguém como Esdras, o escriba. Se não Esdras, poderia muito bem ter sido uma pessoa ou grupo de pessoas semelhantes a Esdras.

Imaginemos, então, o nosso “Esdras” ou algum agrupamento de indivíduos semelhantes a Esdras no período exílico e/ou pós-exílico da história redentora de Israel como organizador (organizadores) e editor (editores) final do saltério.⁷ Sabemos algumas coisas sobre Esdras. Como Paulo, seu homólogo do Novo Testamento, ele era um escrivão da lei. Esdras é descrito como um sacerdote e um mestre “versado na Lei de Moisés [...] o escriba das palavras, dos mandamentos e dos estatutos do SENHOR sobre Israel” (Ed 7.6,11). Ele era um homem que “tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos” (Ed 7.10). Por *Lei* ou *Torá* não se entendem apenas os cinco livros de Moisés. Mesmo esses livros não devem ser percebidos como codificações destinadas a ditar todo pensamento e ação dos piedosos. *Lei* ou *Torá* era uma palavra elástica que poderia incluir história, profecia, poesia e sabedoria. Essa pessoa, quem quer que fosse, deve ter amado toda a Torá do Senhor, incluindo os Salmos.

Assim, nosso “Esdras” imaginado aparece primeiramente durante o exílio na Babilônia. Ele poderia ter sido levado para o exílio como um jovem com

⁶ Hossfeld e Zenger, *Psalms* 2, p. 1, oferecem uma hipótese muito mais detalhada da formação do saltério, incluindo referências a numerosos compositores, editores, compiladores e redatores que colocaram e recolocaram salmos individuais de acordo com certas ideias, criaram seus próprios salmos, afiaram e aprofundaram os perfis teológicos, produziram a partir de vários saltérios parciais reunidos em tempos diferentes e, finalmente, moldaram o livro de Salmos da forma como o temos agora, através de um processo de muitas camadas, em vez de em uma única ação. Esses autores sugerem que a primeira coletânea semelhante aos salmos 3–41 poderia ter se originado no “período pré-exílico tardio”, que seria de até 300 anos após Davi, enquanto a “redação final” pode ser datada entre 200 e 150 a.C. Embora muitas de suas propostas tenham contribuições significativas para a análise da estrutura do saltério, as conclusões sobre especificidades no processo de desenvolvimento do saltério devem geralmente ser consideradas tendenciosas. Evidências sólidas dos detalhes que constituíram o processo durante os 500 anos do desenvolvimento do saltério simplesmente não estão disponíveis.

⁷ Várias propostas datam a conclusão do saltério até o século 2º a.C. ou o século 1º d.C. Até mesmo João Calvino, em seus comentários sobre os salmos 74 e 79, deixa aberta a possibilidade de salmos macabeus. *Commentary on the Book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 1993), 2:159, 281. Mas não há nada inerente no saltério que obrigue a uma data posterior ao tempo do retorno de Israel do exílio, cerca de 400 a.C.

os primeiros cativos, como Daniel e Ezequiel. Ou ele poderia ter nascido no exílio. Mas, pela designação divina de seu curso de vida, ele está entre os célebres eruditos da palavra de Deus em seu tempo. Ele pode até ter sido o autor de alguns dos escritos sagrados, como os livros de Crônicas. Alguns anos mais tarde, ele aparece entre os líderes do culto de Israel que retornam à Terra Prometida.

Agora, nas mãos dele, ou nas mãos de uma pessoa ou pessoas como ele, é colocada a responsabilidade de ordenar os cultos para buscar a face de Deus em adoração entre os exilados da Judeia na Babilônia e, mais tarde, na Judeia, depois do retorno do exílio. À sua disposição está a coletânea ou coletâneas de salmos que lhe foram transmitidas. Por 400 a 500 anos, desde os dias de Davi, em cerca de 1.000 a.C., até os eventos do trágico exílio de Israel e da modesta restauração, em cerca de 586 e 536 até 515 a.C., esses preciosos salmos têm levado o povo de Deus através de todas as experiências imagináveis.

Sua tarefa pode ser comparada com a de uma amiga de uma noiva, nos dias atuais, que foi convidada para organizar as flores para uma cerimônia de casamento. Será um grande encontro. Mil pessoas podem estar presentes. Será que a pessoa responsável por essa apresentação artística em nome de sua amiga íntima vai arrumar irrefletidamente sua coletânea de flores em uma massa informe, colocá-las em um vaso de barro comum e finalizar seu trabalho? Claro que não. Seu arranjo floral deve ser cuidadosamente trabalhado para realçar a beleza de cada lírio, rosa e íris.

De modo semelhante, o organizador final (ou organizadores) do saltério teria sido bastante deliberado no arranjo do tesouro reunido dos salmos. Muito provavelmente ele (ou eles) teria aceitado alguns arranjos que a tradição já havia estabelecido. Mas então foi bastante deliberado na arrumação de cada salmo e agrupamento de salmos.

Ao considerar o atual arranjo do saltério, vemos que um grande grupo de salmos conhecidos por Davi foi posicionado na linha de frente da coletânea. Esse agrupamento reflete o confronto de Davi com inúmeros e variados inimigos enquanto procura estabelecer seu reinado messiânico (Livro I, Sl 1–41). Em seguida, nosso organizador apresenta salmos que declaram as vitórias do Senhor sobre as nações, ao mesmo tempo em que descreve as comunicações com as nações que culminam na perspectiva de um reinado mundial do filho de Davi, Salomão (Livro II, Sl 42–72). Em seguida, ele oferece uma imagem realista do conflito com os poderosos “chifres” de potências estrangeiras, a qual, em última instância, termina com a devastação de seu povo e o lançamento da coroa do Messias na poeira (Livro III, Sl 73–89). Em resposta a essa nota trágica, ele situa o salmo majestoso de Moisés como um ponto central do saltério. Esse salmo majestoso serve, assim, como sua introdução ao quarto li-

vro de Salmos, que leva o povo de Deus a uma perspectiva mais madura sobre a vinda do reino (Livro IV, Sl 90–106):

Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração. Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus (Sl 90.1-2).

Tendo afirmado o domínio do Senhor sobre todas as eras, ele reúne um grupo de salmos que entoam um refrão comum: “*Yahweh Malak*” (“Reina o SENHOR”) (Sl 93, 96, 97, 99). Em seu livro final, ele pede expressões de gratidão e louvor que servem como tema climático (Livro V, Sl 107–150). Reconhecendo o significado atual do papel de Davi como o criador original do saltério, ele reservou um número seletivo de salmos de Davi adequados ao tempo do exílio de Israel (Sl 138–145), que é o momento da história da nação em que esse organizador fez a maior parte de seu trabalho. Nosso organizador final do saltério concluiu este último livro com um “*Hallelu-YAH*” final que traz toda a coletânea ao seu fim climático (Sl 146–150).

Essa análise abreviada do arranjo do saltério é, obviamente, uma simplificação excessiva, mas o fato de o livro de Salmos ter uma estrutura não deve ser contestado. Todos os elementos constituintes de sua magnífica complexidade podem nunca ser descobertos, mas a estrutura arquitetônica claramente merece mais investigação. Devemos considerar primeiro os elementos estruturais básicos dos salmos.

2

ELEMENTOS ESTRUTURAIS BÁSICOS NOS SALMOS



Para compreender algo da extensão da estrutura dentro do saltério, pode ser útil observar alguns elementos básicos que se combinam na construção desse majestoso livro das Escrituras. Pelo menos 12 elementos diferentes da estrutura básica podem ser detectados.

Os cinco livros

Dentre os elementos estruturais mais básicos está a divisão do saltério em cinco “livros”. Inicialmente, pode parecer totalmente arbitrário que a tradição judaica tenha comparado essa divisão quántupla com os cinco livros de Moisés.¹ De fato, os esforços para comparar cada um dos cinco livros dos salmos consecutivamente com os livros de Gênesis até Deuteronômio revelam-se completamente infrutíferos. Contudo, uma comparação mais básica dos Salmos com o Pentateuco pode ter um valor genuíno. Olhar para eles como um sério corretivo à leitura personalizada e subjetiva dos salmos, percebendo esses poemas como Torá, como instrução, como ensino para o povo de Deus

¹ Alguns esforços têm sido feitos para relacionar os cinco livros com uma leitura lecionária tradicional do Pentateuco em um ciclo de três anos. Mas evidências para essa relação entre o Pentateuco e os Salmos são escassas. Cf. Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 200-3.

sobre o seu modo de vida e fé, pode fornecer uma abordagem muito mais enriquecedora dos salmos.²

Algumas estruturas notáveis emergem quando a ordem desses cinco livros dos salmos é considerada mais cuidadosamente. É geralmente reconhecido que cada um dos livros termina com uma doxologia. A redação das quatro doxologias que concluem os quatro primeiros livros é bastante semelhante:

Bendito seja o SENHOR [בָּרִיךְ יְהוָה], Deus de Israel,
da eternidade para a eternidade!
Amém e amém! (Sl 41.13, fim do Livro I)

Bendito seja o SENHOR Deus [בָּרִיךְ יְהוָה אֱלֹהִים], o Deus de Israel,
que só ele opera prodígios.
Bendito para sempre o seu glorioso nome,
e da sua glória se encha toda a terra.
Amém e amém! (Sl 72.18-19, fim do Livro II)

Bendito seja o SENHOR [בָּרִיךְ יְהוָה] para sempre!
Amém e amém! (Sl 89.52, fim do Livro III)

Bendito seja o SENHOR [בָּרִיךְ יְהוָה], Deus de Israel,
de eternidade a eternidade;
e todo o povo diga: Amém!
Hallelu-YAH! (Sl 106.48, fim do Livro IV)

O quinto livro conclui com cinco salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 146–150), que levam ao clímax as quatro doxologias anteriores, concluindo os Livros I a IV.

A fonte última dessa divisão quántupla do saltério não pode ser determinada. Basta dizer que essa divisão em cinco livros tem sido parte integrante do saltério desde a antiguidade até hoje.

Agrupamentos por referência nos títulos a indivíduos específicos

Um dos indicadores mais óbvios de arranjo deliberado no saltério é o agrupamento de certos salmos por referência em seus títulos a indivíduos específi-

² Para estudos recentes a favor dessa abordagem, veja J. Clinton McCann, *A Theological Introduction to the Book of Psalms: The Psalms as Torah* (Nashville: Abingdon Press, 1993); Gordon J. Wenham, *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically* (Grand Rapids: Baker Academic, 2012).

cos.³ O mais proeminente nesta área são quatro coleções de salmos atribuídos a Davi, como indicado pelas palavras “de Davi”, “para Davi” ou “sobre Davi” (דָּוִד) em seus títulos. A autenticidade da autoria davídica tem sido regularmente questionada.⁴ Mas evidências internas e externas apoiam a autoria de Davi de pelo menos metade do saltério. Essa evidência inclui o seguinte: (1) Os registros históricos de Israel afirmam repetidamente Davi como um compositor de salmos e organizador de coros para serem acompanhados por instrumentos musicais. A consistência dessa evidência bíblica que apresenta Davi de todas as perspectivas possíveis como um músico criativo com papéis de liderança nas práticas de culto de Israel não pode ser minimizada. Essa descrição de Davi nos livros históricos da Escritura corresponde muito bem à

³ Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*, p. 139, observa o formato editorial pelas referências aos nomes de autores em muitos títulos de salmos. Mas ele também mostra sua surpresa com a “ausência quase total de quaisquer declarações explícitas de intenção organizacional” no saltério. Ele observa que os títulos dos salmos individuais são apenas “descritivos”, não “organizacionais”. *Ibid.*, p. 140. Ele também observa que, fora do postulado único do salmo 72.20, “a organização explícita dos textos” não é uma característica do saltério. *Ibid.*, p. 141. No entanto, os agrupamentos por atribuição a indivíduos específicos nos títulos fornecem, à primeira vista, um arranjo intencional.

⁴ No século 19, o ceticismo básico em relação à autoria davídica dos salmos prevaleceu em muitos círculos acadêmicos. Julius Wellhausen afirmou que os salmos eram “inteiramente o fruto” do período pós-exílico e, portanto, nenhum se originou com Davi. *Prolegomena to the History of Ancient Israel* (Cleveland: World Publishing, 1961), p. 501. S. R. Driver, *Introduction to the Old Testament*, 9ª ed. (Edimburgo: T & T Clark, 1913), p. 374, diz que alguns dos salmos atribuídos a Davi não mostram a “novidade e originalidade que deveríamos esperar no fundador da salmódia hebraica” (ênfase acrescentada). Por outro lado, ele afirma que “se Débora, muito antes do tempo de Davi, ‘cantava a Jeová’ (Jz 5.3), não pode haver uma razão *a priori* de por que Davi não o poderia ter feito; e em 2Samuel 23.1, a expressão ‘do mavioso salmista de Israel’ implica que Davi foi o autor de canções religiosas”. *Ibid.*, p. 380. Critérios como ausência de “novidade” e “originalidade” aplicados por Driver são bastante subjetivos e não podem compensar os múltiplos testemunhos da autêntica autoria davídica. Com o seu foco em assuntos de culto e forma relacionados com os salmos, os eruditos do século 20 Hermann Gunkel e Sigmund Mowinckel estavam dispostos a localizar alguns salmos no período pré-exílico. Gunkel tenta rastrear o desenvolvimento histórico de seus vários gêneros ao longo dos séculos e conclui que algumas formas podem ser datadas no período pré-exílico. Cf. Hermann Gunkel e Joachim Begrich, *Introduction to Psalms: The Genres of the Religious Lyric of Israel*, James D. Nogalski (trad.) (Macon, GA: Mercer University Press, 1998), p. 319-332. Sigmund Mowinckel, *The Psalms in Israel's Worship*, 2 volumes em 1, Biblical Resource Series (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), 1:77, reconhece que o título “de Davi” foi “indubitavelmente tomado como uma indicação de autoria” nos tempos posteriores. Por outro lado, ele afirma que, por causa de seus tipos de culto, não pode haver “nenhuma dúvida” de que a salmografia em Israel “remonta a tempos muito antigos”. *Ibid.*, 2:150. Mais recentemente, os defensores da “crítica canônica” pioneira de Brevard Childs presumiram tratar vários salmos “como se” fossem escritos por Davi, ou propor que vários salmos foram “davidizados” num tempo posterior para lhes dar mais credibilidade. Mas a conclusão de que tal processo ocorreu realmente enfraquece, em vez de fortalecer, sua credibilidade.

imagem dele que pode ser deduzida dos títulos, bem como do conteúdo dos salmos atribuídos a ele. Quando jovem, foi reconhecido por sua habilidade de acompanhar-se em suas próprias apresentações musicais (1Sm 16.14-23). Vários de seus poemas apropriados para várias ocasiões aparecem nos livros históricos (2Sm 1.17-27; 3.33-34; 22.1-51; 23.1-7). Os músicos designados por Davi executam sob a direção dele (1Cr 6.31; 15.16; 16.7; 25.1). Décadas e séculos depois de Davi, a tradição continua (2Cr 29.30; Ed 3.10; Ne 12.24-46; Am 6.5) (2) Os títulos de não menos que 73 salmos são mais bem entendidos atestando a autoria davídica. O título *le Davi* pode ser interpretado como significando “de Davi”, “para Davi” ou “sobre Davi”. Mas outros salmos com o prefixo *lamed* não podem significar “por Asafe” ou “sobre os filhos de Corá”. O significado natural da cláusula nesses títulos é “de Davi”. Quatorze títulos de salmos incluem referência a um incidente específico na vida de Davi, estão na primeira pessoa e claramente pretendem afirmar a autoria davídica pelo prefixo *lamed*. Existe pouca razão para não considerar os títulos basicamente como testemunhas confiáveis da autoria davídica.⁵ (3) O Novo Testamento identifica Davi como o autor de salmos específicos (Sl 2; 16; 32; 69; 95; 109; 110). Em vários desses casos, o argumento baseado no salmo citado depende da autoria davídica (cf. Mt 22.41-46 e paralelos; At 2.22-31; 13.32-37; Rm 4.1-8).

Com essas considerações em mente, podemos concluir que os salmos particularmente escritos na primeira pessoa atribuídos a Davi em seu título foram compostos por ele. Alguns salmos sem esse indicador em seu título são intercalados entre algumas dessas coleções davídicas. Pode-se supor que essas coleções foram reunidas, quer gostemos ou não, sem rima ou razão. Mas outra manifestação do *design* geral no livro de Salmos argumenta em favor da intenção editorial. As coleções são as seguintes:

- Livro I, salmos 3–41*⁶
- Livro II, salmos 51–71*
- Livro V, salmos 108–110
- Livro VI, salmos 138–145

Apenas alguns poucos salmos atribuídos a Davi aparecem fora desses agrupamentos, que incluem salmos 86 (Livro III), 101, 103 (Livro IV), 122, 124,

⁵ Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary on Books I and II of the Psalms* (Londres: Inter-Varsity Press, 1973), p. 32-33, nota que os títulos são parte do texto canônico hebraico e que o Senhor Jesus construiu seus argumentos com base em suas declarações. Ele conclui: “Não precisamos olhar além disso para a autenticação deles”.

⁶ O asterisco (*) indica um agrupamento de salmos cujos títulos não se referem todos especificamente a Davi ou algum outro indivíduo.

131 e 133 (Livro V). Uma análise mais profunda dos quatro principais agrupamentos de salmos davídicos será feita mais para frente, neste volume.

Outros agrupamentos podem ser vistos na atribuição de salmos a outros indivíduos em todo o saltério. O Livro II abre com uma coletânea de salmos atribuídos aos “filhos de Corá”, que representam aproximadamente um terço do livro (Sl 42–49*, cf. também Sl 84–88* atribuídos aos “filhos de Corá”, que representam aproximadamente um terço do Livro III). Essa alusão pode ser a contemporâneos de Davi. Ao mesmo tempo, a expressão “filhos de Corá” pode estar assumindo uma perspectiva “geracional”, incluindo salmos que poderiam ter sido compostos décadas após a vida de Davi.⁷ O Livro II conclui com um salmo atribuído a Salomão (Sl 72), e o Livro III abre com vários salmos atribuídos a Asafe, representando aproximadamente dois terços do livro (Sl 73–83). Em outro exemplo de autoria do saltério com significado estrutural, o Livro IV abre com um salmo atribuído a Moisés (Sl 90).⁸ O fato de que os vários livros do saltério são demarcados por salmos especificamente atribuídos a diferentes autores indica a probabilidade de colocação intencional desses salmos pelo organizador final do saltério.⁹ Poucos salmos atribuídos a outros indivíduos são espalhados pelo livro de Salmos. O salmo 127, por exemplo, é atribuído a Salomão e funciona como o centro dos 15 salmos de romagem. Esses vários agrupamentos que atribuem autoria parecem ser intencionais, não acidentais.

Os dois “pilares poéticos”

De importância primordial na estrutura do saltério estão os dois “pilares poéticos” que escoltam o leitor para o templo do livro de Salmos, salmos 1 e 2. Tomados em conjunto, esses dois salmos muito breves antecipam grandes temas que permeiam todos os cinco livros.¹⁰ Entre esses temas está o contraste

⁷ Kidner, *Psalms 1–72*, p. 6, descreve os filhos de Corá como “uma associação hereditária de oficiais do templo”.

⁸ Uma distinção clara na frequência da indicação da autoria pode ser vista na comparação dos Livros I–III (Sl 3–89), em que apenas seis salmos não têm nenhum autor indicado. Mas nos Livros IV e V (Sl 90–150), apenas 19 dos 71 salmos indicam autoria.

⁹ Cf. Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*, p. 157, que discute esse posicionamento de diferentes autores em termos de “costuras” dentro do livro de Salmos. Ele fala de “atividade editorial consciente” nas designações de autoria.

¹⁰ Wilson considera apenas o salmo 1 como constituindo a introdução de todo o livro de Salmos. Ibid., p. 204–7. Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Londres: SCM Press, 1979), p. 516, afirma que a questão de se o salmo 2 foi concebido como uma parte formal da introdução ao saltério deve ser deixada em aberto, uma vez que a evidência “não é suficiente para comprovar”. Mas os conceitos de realza e reino de Yahweh e Messias que permeiam todo o restante do saltério praticamente exigem que o salmo 2 seja unido com o salmo 1 em fornecer uma introdução adequada ao saltério. Em favor da percepção dos salmos 1 e 2 como uma introdução ao saltério, veja, entre outros, Jamie A. Grant, “The

entre os justos e os ímpios, que são julgados com base em sua resposta à Torá revelada de Deus, a lei, o ensino, a instrução do Senhor.

Foco na Torá

De acordo com o salmo 1, a inclinação descendente do ímpio é resultado de ele

andar no conselho dos ímpios, se
deter no caminho dos pecadores, se
assentar na roda dos escarnecedores (Sl 1.1).

Por outro lado, um modo de vida inteiramente diferente com um destino totalmente diferente marca os justos, que amam a lei do DEUS DA ALIANÇA. Ao longo dos salmos, esse contraste de pessoas, caminhos e perspectivas aparece repetidamente. Os “ímpios” são os “inimigos”, os “inimigos” dos justos, de modo que a luta das duas “sementes”, descrita em Gênesis 3.15, continua inabalável ao longo dos 500 anos cobertos pelos salmos.

Em dois outros pontos cruciais na estrutura do saltério, salmos adicionais da Torá aparecem. O salmo 19 e o salmo 119 combinam-se para enfatizar a centralidade da Torá em todo o saltério.

A centralidade do Messias

O segundo tema principal encontrado nestes dois pilares poéticos que corre por todo o livro de Salmos é a pessoa do Messias de Deus, sua dinastia perpétua e sua habitação permanente.¹¹ De uma perspectiva histórico-redentora, a aliança do Senhor com Davi fornece a estrutura teológica essencial para a compreensão dos salmos.¹² O clímax das alianças feitas com Adão, Noé,

Psalms and the King”, in *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, org. Philip S. Johnston e David G. Fifth (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), p. 108.

¹¹ Tanto para fins aliterativos quando acopladas à palavra *dinastia* quanto para ênfase, as palavras não tradicionais para *morada* e *repouso* são usadas neste volume (em inglês, duas palavras unidas em uma única palavra: *dwellingplace* e *restingplace*). Repetidamente por todo o saltério, essas duas promessas de *dinastia* e lugar de *morada/repouso* encapsulam a aliança que Deus fez com Davi, o principal autor dos salmos.

¹² Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1986), p. 175-176, cita Karl Barth indicando que a experiência histórica de Israel deve ter sido a fonte de todos os vários elementos do saltério e acrescenta que se deve entender “especificamente” que a “história de Davi” fornece a base para a interpretação dos salmos. Kraus observa que “Davi” “fornece a origem e o objetivo em termos dos quais os salmos devem finalmente ser entendidos”. Ao grafar deliberadamente “Davi” em itálico, Kraus pode pretender abster-se de identificar a experiência de “Davi” relatada nos salmos como a experiência real do filho de Jessé. Se este é o caso, Kraus perdeu a força de autenticidade por trás das realidades da

Abraão e Moisés é a aliança de Deus com Davi (2Sm 7.4-17). De acordo com o salmo 2, as nações conspiram

contra o SENHOR
e contra o seu Ungido (Sl 2.2).

Mas o Senhor estabeleceu seu rei messiânico em Sião, seu monte santo. O decreto de Yahweh diz “tu és meu filho”, de acordo com as palavras precisas da aliança davídica (Sl 2.7; cf. 2Sm 7.14). As nações, os confins da terra, serão sua possessão. Reis e governantes deste mundo recebem conselhos claros sobre pontos duplos: “servir ao SENHOR” e “prestar reverência ao Filho” (Sl 2.6-8,10-12). Esse decreto abrangente sobre o reino de Deus e seu Ungido de seus tronos unidos em Sião prepara o cenário para o pleno desenvolvimento do saltério.

Assim esses dois salmos de abertura apresentam na forma poética condensada a mensagem abrangente do saltério. A lei de Deus, as respostas contrárias de dois grupos de pessoas a essa lei e o resultado das consequências de suas respostas são temas inter-relacionados que permeiam o saltério. Ao mesmo tempo, dois reis e dois reinos se fundem um no outro através da mensagem repetitiva dos salmos. Davi e seus descendentes serão estabelecidos em um reinado perpétuo em um local específico. Yahweh governa o céu e a terra desde a eternidade e por todo o tempo. Eventualmente, o reino do Messias deve fundir-se com o reino de Yahweh, de modo que os reinos da terra e do céu, do tempo e da eternidade, sejam um só. Essa fusão dos dois reis e dos dois reinos permeia a teologia do saltério. Somente essa perspectiva pode explicar como o conceito de reinado em Israel continua muito tempo depois que os reis não existem mais na nação. Ela também explica como o reinado de Jesus como Messias poderia se fundir tão perfeitamente com o reinado de Deus sobre o mundo.¹³

história que fornecem a base para uma perspectiva adequada do trabalho redentor de Deus no tempo e na história como base da mensagem do saltério. No entanto, ele observa que a percepção da pessoa histórica de Davi como o centro do saltério prepara o caminho para a compreensão da verdade redentora finalmente incorporada no Messias vindouro.

¹³ “Israel continuou a celebrar o reinado justo do seu rei, muito tempo depois de a instituição do reinado ter sido destruída, porque o rei terreno da linhagem de Davi tinha se tornado um tipo de Messias de Deus. Especialmente no salmo 2 foi dado ao salmo um anel escatológico, enfatizando a realeza de Deus, que o governador ungido de Deus meramente representa”. Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible* (Londres: SCM Press, 1992), p. 193. Exceto pela última frase que caracteriza o governo do Messias como capaz de “meramente representar” o governo de Deus, essa afirmação capturou um princípio essencial da teologia dos salmos. Tanto Davi como Cristo fizeram mais do que “meramente representar” o governo do Senhor.

Três salmos da Torá formando par com três salmos messiânicos

Como foi observado, o saltério começa com um pronunciamento de bênção sobre a pessoa que se deleita na “Torá de Yahweh” (Sl 1.2). A palavra *Torá* deriva de um termo que tem o significado básico de “ensinar”. A “Torá de Yahweh” é o ensino, a instrução, a sabedoria de vida que vem do Senhor. Uma visão legalista da vida é a coisa mais distante possível da compreensão apropriada da Torá. De fato, regras para a vida estão envolvidas. Mas a Torá é muito mais que isso. Ela fala de uma abordagem saudável da vida que vem de uma apreensão plena da vontade de Deus para o bem-estar dos seres humanos, feitos à imagem de Deus.

Portanto não é surpreendente encontrar salmos adicionais da Torá que servem como pontos fundamentais no saltério. Em três casos proeminentes, o salmo da Torá forma par com um salmo messiânico (Sl 1–2; 18–19; 118–119). Cada uma dessas junções fornece um elemento estrutural importante no saltério.

Os salmos acrósticos

Situados entre os Livros I e V do saltério estão oito salmos acrósticos (Sl 9/10; 25; 34; 37; 111–112; 119; 145). Esses salmos singulares seguem a ordem do alfabeto hebraico em sua sequência de versos. Podemos encontrar muitas variações desse padrão, mas a realidade da versificação essencialmente na ordem do alfabeto hebraico é bastante óbvia. O papel desses salmos na estrutura do saltério será explorado mais tarde.

Agrupamentos que celebram o reinado de Yahweh e seu Messias

A união do governo de Deus e do Messias é uma verdade cujo foco perpassa o saltério. Três coleções separadas em três livros diferentes unem esses dois reinados.

Uma coletânea distintiva de cinco salmos (Sl 20–24) conecta-se com o salmo 18, fundamental ao declarar as “vitórias” do rei ungido do Senhor (Sl 18.50). Essas mesmas vitórias messiânicas são o objeto das orações do povo de Deus (Sl 20.5) e a ocasião para sua alegria (Sl 21.1,5). O enigma sem resposta deste rei messiânico (“Deus meu, Deus meu, por que...?”) acaba finalmente com a adoração internacional e geracional do Senhor que governa as nações (Sl 22.1,27–31). Até o rei-Messias encontra consolo entre sombras tão profundas quanto a morte, porque o próprio Senhor é o seu Rei-Pastor (Sl 23.1,4). Finalmente, os antigos portões da glória devem elevar-se, para que o todo-poderoso SENHOR DA ALIANÇA, o Rei da Glória, possa entrar (Sl 24).

Quatro salmos consecutivos no Livro II proclamam o Deus de Israel e seu Messias como soberanos sobre todas as nações da terra. Em uma proclamação surpreendente, o salmista primeiro elogia o rei messiânico como o Deus eterno que foi ungido por seu Deus (Sl 45.6-7). O salmo seguinte nesse grupo de salmos reais declara que o todo-poderoso SENHOR DA ALIANÇA será “exaltado entre as nações... exaltado na terra” (Sl 46.10). Ele é “o grande rei de toda a terra” (Sl 47.2,7). Esse Deus soberano sobre as nações permanentemente reside no Monte Sião, a cidade do grande Rei (Sl 48.2).

Um agrupamento de salmos no Livro IV emprega uma frase distintiva para proclamar o reinado do Senhor: *Yahweh Malak* (“reina o SENHOR”) (Sl 93; 96–97; 99). A frase ressalta a permanência do governo universal do Senhor em todas as eras. A frase ocorre apenas uma vez na Escritura fora dessa coletânea distintiva no Livro IV do saltério (1Cr 16.31). Nessa passagem, Davi celebra, pois a arca da aliança, símbolo do trono de Deus, está sendo levada para Jerusalém, para que permaneça ao lado do trono messiânico de Davi. Nesse contexto, pode ser alegremente proclamado:

Alegrem-se os céus,
e a terra exulte;
diga-se entre as nações:
Yahweh Malak! (1Cr 16.31; cf. Sl 96.10)

Outros agrupamentos de salmos reais podem ser observados, mas essas três coleções em três livros diferentes indicam um arranjo proposital desse tipo de salmo.

Salmos de romagem

Cada um desses 15 salmos (Sl 120–134) contém o título “salmo de romagem” (שִׁיר הַמַּעֲלֹת).¹⁴ A coletânea inclui salmos de Davi, um salmo de Salomão e um salmo que se refere ao retorno de Israel do exílio. No entanto, o grupo está unido como canções adequadas para peregrinos, quer subindo a Jerusalém ou retornando do exílio nacional.

Salmos de recordação histórica

Dois salmos na conclusão do Livro IV (Sl 105–106) fornecem longas lembranças históricas dos tratos do Senhor com seu povo no passado. Ambos os salmos refletem porções da descrição histórica de Davi trazendo a arca da

¹⁴ O título do salmo 121 é um pouco diferente, com um *lamed* em vez do prefixo regular *he*.

aliança a Jerusalém como relatado no livro de Crônicas (1Cr 16.7-36). Como consequência, ambas as histórias podem ser vistas focalizando o momento significativo na história redentora quando o trono de Deus foi unido ao trono de Davi. O salmo 78 também é um salmo de recordação histórica, concluindo com o estabelecimento de Davi como o pastor-rei de seu povo.

Uma segunda coletânea de salmos de recordação histórica aparece no Livro V (Sl 135–137). Esses três salmos servem como uma transição no Livro V dos salmos de romagem (Sl 120–134) para a coletânea davídica final (Sl 138–145).

Salmos de foco messiânico

Alguns salmos se destacam como tendo um foco distinto no rei messiânico prometido na aliança davídica. O salmo 2 introduz a figura do Messias de Yahweh ao saltério. O salmo 22 serve como foco de um agrupamento de cinco salmos que unem dois salmos sobre o reinado do Messias com outros dois sobre o reinado de Yahweh (Sl 20–24). O salmo 45 apresenta o Messias como Deus antes do agrupamento de três salmos que descrevem o reino de Deus sobre as nações, no Livro II (Sl 46–48). O salmo 69 é citado por três autores diferentes do Novo Testamento, indicando seu significado na formação da teologia do Novo Testamento. O salmo 72, atribuído a Salomão, é o clímax do Livro II, com uma descrição do reinado universal do Messias. O salmo 80 apresenta um Messias *ben José*, no meio do Livro III, como a única esperança para um reino do norte devastado. O salmo 110, no Livro V, apresenta uma pessoa messiânica singular, que é duplamente ungida como rei e sacerdote. O salmo 118 recebe o reconhecimento especial do Novo Testamento como o “salmo mais citado”, com a identificação de Jesus como o esperado rei messiânico.¹⁵ O posicionamento desses salmos de foco messiânico em pontos cruciais em vários livros do saltério parece claramente intencional, em vez de ter ocorrido acidentalmente.¹⁶

Salmos de confissão de pecados

Os vários salmos que confessam o pecado poderiam oprimir os culpados, se todos estivessem no mesmo grupo, embora uma coletânea de quatro sal-

¹⁵ Contagens divergentes podem identificar o salmo 2 ou salmo 110 como o “salmo mais citado” no Novo Testamento. Basta dizer que os três salmos desempenham um papel crítico na formação da teologia do Novo Testamento.

¹⁶ Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*, p. 162, classifica alguns desses salmos sob a categoria usual de “salmos reais”. Ele observa que eles são “amplamente distribuídos ao longo do saltério” e “não mostram nenhuma preocupação editorial de agrupá-los ou destacá-los”. No entanto, embora apareçam individualmente, não em grupo, esses salmos de foco messiânico têm um papel estrutural a desempenhar por sua colocação estratégica. Eles poderiam ter sido um tanto avassaladores se todos tivessem sido reunidos em uma seção do saltério. Porém, estão dispersos ao longo de vários livros do saltério.

mos, cada um incluindo confissão de pecados, conclua o Livro I (Sl 38–41). À primeira vista, seu aparecimento em todo o saltério pode parecer algo aleatório. Uma inversão da ordem cronológica esperada aparece quando a alegria de Davi por ter sido perdoado (Sl 32) precede sua confissão de pecado enquanto ele busca o perdão (Sl 51).

Contudo, a confissão do salmo 51 natural e corretamente segue a declaração formal de Deus de uma “intimação” ao céu e à terra para que ele possa “julgar o seu povo” (Sl 50.4). Davi, como rei culpado, é o primeiro a ser chamado para o julgamento. Em outro exemplo de disposição deliberada de um salmo confessional apropriado ao seu contexto, o salmo 106 identifica explicitamente os pecados dos contemporâneos do salmista com os pecados repetitivos dos pais, o que levou ao seu castigo no exílio (Sl 106.6). Ele conclui colocando um apelo nos lábios de seus companheiros arrependidos: “Salva-nos, SENHOR, nosso Deus, e congrega-nos de entre as nações” (Sl 106.47). Essas palavras foram usadas para concluir o Livro IV, ao mesmo tempo em que conduzem naturalmente às frases iniciais do salmo seguinte, ao introduzir o quinto e último livro do saltério: “Digam-no os remidos do SENHOR... os que ele congregou de entre as terras, do Oriente e do Ocidente, do Norte e do mar” (Sl 107.2-3). A confissão do pecado pelo salmista foi fundamental para a restauração do povo.

Cada um dos cinco livros do saltério contém sua cota de salmos com confissão séria de pecados, embora eles apareçam mais significativamente no Livro I do que nos livros subsequentes. Em maior ou menor grau, os seguintes salmos apresentam o pedido de perdão do pecador penitente: salmo 6; 25; 32; 38–41 (Livro I); salmo 51; 65 (Livro II); salmo 78; 85 (Livro III); salmo 103; 106 (Livro IV); salmo 130 (Livro V).

Salmos de “pirâmide poética”

Distribuídos em vários livros do saltério estão alguns grupos de salmos dispostos em um padrão simétrico com um número igual de salmos que se equilibram de um lado e do outro do salmo central. O número de salmos incluídos nesses agrupamentos varia de cinco a 15. Essas coleções podem ser visualizadas sob a forma de uma pirâmide, com o salmo central servindo como pináculo do agrupamento. Uma apresentação mais completa dessa estrutura do salmo será encontrada quando discutirmos o Livro V, no final do capítulo 9.

Salmos de *Hallelu-YAH*

Três grupos distintivos de salmos introduzem pela primeira vez na Bíblia a exclamação *Hallelu-YAH*. A frase significa “todos vocês, louvem a Yahweh”, com o poeticamente abreviado *YAH* substituindo Yahweh. Essa declaração espontânea de louvor ao Senhor ocorre no Antigo Testamento apenas no livro

de Salmos. Em primeiro lugar, três salmos de *Hallelu-YAH* concluem o Livro IV dos salmos (Sl 104–106). Os salmos 104 e 105 terminam com *Hallelu-YAH*, enquanto o salmo 106 começa e termina com *Hallelu-YAH*.

Uma coletânea de sete salmos no Livro V forma o segundo grupo de salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 111–117). Essa coletânea foi colocada na conclusão da primeira porção do Livro V, imediatamente antes do terceiro agrupamento essencial do Messias e da Torá (Sl 118–119). A tradição judaica chamou a maior parte dessa coletânea de “*hallel* egípcio” por causa da referência à saída de Israel do Egito no salmo central desse agrupamento (Sl 114). Somente o salmo 114 desses sete salmos não tem a fórmula de louvor *Hallelu-YAH*. Três salmos de *Hallelu-YAH* precedem o salmo 114 (Sl 111–113) e três salmos de *Hallelu-YAH* seguem após o salmo 114 (Sl 115–117).

Sem dúvida; os cinco salmos finais (Sl 146–150), que começam e terminam com um *Hallelu-YAH* triunfante, foram deliberadamente colocados como um final apropriado para todo o saltério. Nenhuma coletânea mais apropriada poderia ser imaginada para ser o clímax deste “livro de orações e louvores”.

Conclusão dos elementos estruturais básicos

Assim, a impressão inicial de uma montagem confusa de uma variedade de salmos deve ser revisada à luz do arranjo óbvio de salmos em várias coleções. Tomados em conjunto, esses vários agrupamentos apenas listados representam um grande segmento do saltério. Outros agrupamentos ou interligações ligam todo o livro de Salmos a uma composição bem organizada.

Reconhecer todos esses vários elementos estruturais do saltério não significa que o livro deve ser percebido como se fosse um tratado teológico que expõe seus vários tópicos em uma ordem lógica predeterminada. O desenvolvimento ao longo de décadas e séculos invariavelmente significou novas adições ao longo do caminho. Um autor ofereceu uma imagem apropriada da superestrutura do saltério:

Sua estrutura talvez seja mais bem comparada à de uma catedral, construída e aperfeiçoada ao longo de séculos, em uma variedade harmoniosa de estilos, em vez de à de um palácio que exhibe a simetria formal de um plano único e abrangente.¹⁷

De fato, do ponto de vista da produção humana, “um plano único e abrangente” que projetou todo o livro de Salmos dificilmente poderia ter sido possível. A própria criação e compilação do saltério ao longo de um período de 500

¹⁷ Kidner, *Psalms 1–72*, p. 7.

anos de história negou a qualquer pessoa ou grupo contemporâneo o privilégio de estruturar o todo de acordo com um plano predeterminado. Contudo, pelo “singular cuidado e providência” dos propósitos soberanos do Senhor (*Confissão de Fé de Westminster*, I.viii), a estrutura e a substância impressionantes do saltério são exatamente o que são. A Deus seja a glória pela incomparável majestade de sua palavra aperfeiçoada.

3

A ESTRUTURA HISTÓRICO-REDENTORA DOS SALMOS



Muitos estudos têm sido feitos de vários tópicos teológicos relacionados com os salmos¹. Seria possível até construir uma “teologia dos salmos” baseada nos principais *loci* da teologia sistemática. As doutrinas de Deus, do homem, do pecado, da salvação e a escatologia podem ser derivadas dos ensinamentos de vários salmos. Um estudo dessa natureza pode ser muito útil.

Mas uma abordagem mais indutiva da teologia dos salmos considera a mensagem do livro nos termos de sua estrutura histórico-redentora. À primeira vista, pode parecer que uma abordagem dos salmos a partir da perspectiva do progresso da história redentora não seria muito eficaz. Pode-se supor que os salmos se concentram essencialmente em um ponto da história redentora, o tempo do rei Davi.

Mesmo que essa suposição fosse verdadeira, poderia ser bastante produtivo estudar o livro de Salmos pela perspectiva de sua localização no período do rei Davi, pois essa época culminou com o avanço dos propósitos redentores

¹ Veja, por exemplo, a coletânea de artigos em Phillip S. Johnston e David G. Firth (orgs.). *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2005). Os tópicos incluem “Os salmos e a angústia”, “salmos e louvor”, “salmos e o Rei”, “A ética dos salmos” e “Os evangelistas e os salmos”.

de Deus na história, no que se refere ao Antigo Testamento. Depois da aliança de Deus com Davi, nenhuma outra aliança foi realizada. A promessa de uma “nova aliança” veio através dos profetas do Senhor (Jr 31.31-34; Ez 37.21-28). Mas nunca foi a intenção do Senhor instituir quaisquer alianças para seu povo do Antigo Testamento como uma entidade nacional além da aliança com Davi. Em Davi, o rei tinha vindo e o reino tinha chegado. Pela fusão do trono de Deus com o trono de Davi, a experiência de redenção do Antigo Testamento atingiu seu ápice. Todo o restante da história redentora na era do Antigo Testamento durante os dias críticos da sucessão de reis e profetas de Israel, incluindo seu exílio e restauração, foi vivido sob a aliança de Deus com Davi. De fato, as relações pactuais anteriores de Deus com seu povo tinham seu significado contínuo, como os próprios salmos demonstram. Mas, em termos de uma perspectiva histórico-redentora, um dos principais distintivos do livro de Salmos é o desdobramento dos aspectos centrais da aliança de Deus com Davi, que pode ser caracterizada como a “aliança do reino”.²

Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que o material do livro de Salmos se estende por quase 500 anos de história redentora. Desde o tempo de Davi, em 1000 a.C., até o retorno do exílio, em 537 a.C., aconteceram muitos eventos redentores. Entre eles, a criação da monarquia davídica e sua continuação ao longo de 20 gerações, a destruição dos reinos do norte e do sul, Israel e Judá, o exílio na Assíria e Babilônia e o eventual retorno à Terra Prometida sob o império medo-persa. Seria realmente muito surpreendente se o livro de Salmos não refletisse sobre muitos aspectos desse longo processo histórico. Pois o povo de Deus nunca abandonou completamente o culto ao Deus de seus pais, o qual invariavelmente envolveria o uso contínuo de salmos.

Uma visão clara da consciência cültica do povo de Deus através desses 500 anos é o apelo inabalável às várias alianças que precederam o juramento de Deus a Davi em relação ao rei e ao seu reino.³ Nos salmos, o papel vital dessas relações soberanamente estabelecidas entre Deus, a humanidade, seu povo e

² A proposta de Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 143, de que o acréscimo de circunstâncias históricas concretas da vida de Davi a determinados salmos permite que esses salmos funcionem em um “nível mais pessoal” tem algum mérito, contanto que a conexão com Davi não seja considerada fictícia. A observação legítima de Wilson pode ser realçada considerando a riqueza elevada da aplicação pessoal se Davi for regularmente percebido como o cabeça da aliança da comunidade. A transferência de valor nos salmos não é simplesmente uma questão de uma pessoa (Davi ou o salmista) para outra pessoa (o leitor contemporâneo), mas principalmente do cabeça da aliança para as pessoas que ele representa.

³ Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *An Introduction to the Old Testament* (Leicester, UK: Apollos, 1995), p. 228, reconhecem a centralidade da ideia da aliança como foco principal do saltério. Eles afirmam que a aliança “é um conceito que une muitas vertentes da teologia dos salmos”.

o mundo e que culminou na aliança com Davi pode ser resumido da seguinte forma:⁴

A aliança de Deus na criação⁵

O profeta Jeremias fala da aliança de Deus “com o dia e com a noite” (Jr 33.20; cf. Jr 31.35), referindo-se à ordenação proposital do cosmos original. O salmista afirma:

Teu é o dia;
tua, também, a noite;
a luz e o sol, tu os formaste (Sl 74.16).

Não somente dia e noite, mas verão e inverno, juntamente com todos os limites da terra, são reconhecidos como suas obras (Sl 74.17). Ele formou as montanhas pelo seu poder (Sl 65.6). Os céus e a terra são dele, porque ele criou o norte e o sul, incluindo especificamente os montes Tabor e Hermom (Sl 89.11-12). De fato:

Nas suas mãos
estão as profundezas da terra,
e as alturas dos montes
lhe pertencem.
Dele é o mar,
pois ele o fez;
obra de suas mãos,
os continentes (Sl 95.4-5).

Outros deuses são ídolos, mas o Senhor fez os céus (Sl 96.5). Ele colocou a terra em seus fundamentos. Cobriu-a com as profundezas, e as águas ficaram

⁴ O termo *berith* ocorre 21 vezes nos salmos, não incluindo os dois exemplos de sua aparente referência a melodias musicais, em dois títulos de salmo (Sl 60 e 80). Vinte exemplos referem-se às alianças divinas, enquanto o salmo 83.5 se refere a um pacto humano. Os usos da palavra são bem divididos entre os cinco livros. Somente no salmo 105.8-10,42 o termo refere-se especificamente à aliança abraâmica. Em vários salmos, o termo refere-se à aliança mosaica. Para uma discussão mais completa da natureza de uma aliança divina na Escritura, veja O. Palmer Robertson, *The Christ of the Covenants* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1980), p. 3-15.

⁵ Pode-se objetar que o termo *aliança* nunca é usado nos primeiros capítulos de Gênesis para descrever a relação de Deus com a criação. No entanto, as referências dispersas nas Escrituras são suficientes para justificar a aplicação do termo à ordem criacional (Is 24.4-6; Jr 33.19-21; Os 6.7). Cf. a discussão em Robertson, *The Christ of the Covenants*, p. 18-25.

acima das montanhas. Na sua repreensão, as águas fugiram. Elas fluíram sobre as montanhas e desceram para os vales (Sl 104.5-8). Cinco vezes em cinco salmos diferentes do Livro V, o refrão descreve Deus como “Criador do céu e da terra” (Sl 115.15; 121.2; 124.8; 134.3; 146.6). Em todas essas expressões, o salmista afirma a beleza e a ordem da obra de Deus na criação.

As ordenanças criacionais originais quanto ao trabalho, ao casamento e ao sábado aparecem repetidamente como temas centrais nos salmos. Ao observar o papel da humanidade como governadora da terra, o salmista declara: “Os céus são os céus do SENHOR, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens” (Sl 115.16). Ele fica maravilhado com a responsabilidade da humanidade desde o tempo da criação para dominar “sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28b):

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
e a lua e as estrelas que estabeleceste,

que é o homem, que dele te lembres?
E o filho do homem, que o visites?

Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus
e de glória e de honra o coroaste.

Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão
e sob seus pés tudo lhe puseste:
ovelhas e bois, todos,
e também os animais do campo;
as aves do céu,
e os peixes do mar,
e tudo o que percorre as sendas dos mares (Sl 8.3-8).

Este salmo particular (Sl 8) funciona significativamente quando as várias mensagens dos salmos para “todo homem” estão sendo consideradas. Números salmos vêm da pena de Davi como o rei messiânico de Israel, o que explica o grande número de salmos na primeira pessoa. Mas se “todo homem” é governador de toda a criação de Deus, se, de acordo com o salmo 8, “todo homem” é rei em seu próprio direito, então as várias mensagens dos vários salmos pelo rei Davi podem ser aplicadas de diversas maneiras a “todo homem”.

O salmista também celebra os poderes de sustentação do Deus Criador, culminando com a provisão de alimento para todas as suas criaturas, incluindo a humanidade, conforme ordenado na criação:

Tu fazes rebentar fontes no vale,
cuja água corre entre os montes;

dão de beber a todos os animais do campo;
os jumentos selvagens matam a sua sede.

Junto delas têm as aves do céu o seu pouso
e, por entre a ramagem, desferem o seu canto.

Do alto de tua morada, regas os montes;
a terra farta-se do fruto de tuas obras.

Fazes crescer a relva para os animais
e as plantas, para o serviço do homem,
de sorte que da terra tire o seu pão,
o vinho, que alegra o coração do homem,
o azeite, que lhe dá brilho ao rosto,
e o alimento, que lhe sustém as forças (Sl 104.10-15).

No entanto, o desfrute dessa provisão abundante pela humanidade depende do trabalho do homem de “subjugar” a terra, como indicado na criação (Gn 1.28):

Os leõezinhos rugem pela presa
e buscam de Deus o sustento;

em vindo o sol, eles se recolhem
e se acomodam nos seus covis.

Sai o homem para o seu trabalho
e para o seu encargo até à tarde (Sl 104.21-23).

Da mesma forma, o mandato criacional do casamento para “multiplicar e encher a terra” (Gn 1.28) fornece uma causa adicional para celebração pelo salmista:

Herança do SENHOR são os filhos;
o fruto do ventre, seu galardão.

Como flechas na mão do guerreiro,
assim os filhos da mocidade.

Feliz o homem que enche deles a sua aljava (Sl 127.3-5).

Tua esposa, no interior de tua casa,
será como a videira frutífera;
teus filhos, como rebentos da oliveira,
à roda da tua mesa (Sl 128.3).

Assim, os salmos celebram o casamento e a procriação como instituídos na criação. A ênfase repetida no papel do princípio genealógico nos salmos sublinha o significado contínuo da ordem criacional do casamento.⁶

O terceiro *mandato criacional*, o do sábado, surge do fato de que Deus “abençoou” o dia do sábado e “o santificou” (Gn 2.3). A humanidade é a beneficiária particular dessa bênção e santificação do sábado por Deus. O “descanso” do trabalho a cada sete dias é uma das maiores bênçãos de Deus. Ao lado da bênção do descanso está a santificação do dia, o que significa que foi separado para Deus e somente para Deus. Essa concentração somente em Deus por um dia inteiro de cada semana indica que ele deve ser adorado naquele dia, pois como Deus pode ser contemplado em toda a sua bondade e glória sem receber adoração? “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhe-mos diante do SENHOR, que nos criou” (Sl 95.6) une o papel do homem como adorador ao papel de Deus como Criador. Todo o saltério é projetado para fornecer uma estrutura para o povo de Deus para se aproximar do Senhor adequadamente em adoração, qualquer que seja sua circunstância de vida externa ou interna.

No entanto, o salmista também está plenamente consciente do caráter “escatológico” do princípio sabático. Ele declara que o “descanso” de Deus na criação continua como fator consumidor na redenção. Porque Israel endureceu seu coração durante os dias vagando no deserto, Deus declarou em sua ira justificada que eles “não entrarão no meu descanso” (Sl 95.11). Esse descanso da redenção, simbolizado na posse pacífica da Terra Prometida, existia como uma perspectiva para o povo de Deus nos dias de Moisés e Josué. Ao mesmo tempo, o descanso de Deus (“meu” descanso) continua até hoje. Com uma rica visão bíblico-teológica, o escritor dos cristãos hebreus nos dias do Novo Testamento conclui que “resta um repouso para o povo de Deus” com base nessa declaração do salmo 95 (Hb 3.7–4.11). Pode-se observar corretamente que pouco ou nada é especificamente dito nos salmos sobre o quarto mandamento, relativo à observância do sábado, apesar de toda a ênfase na adoração. No entanto, as dimensões mais amplas do princípio

⁶ Para uma análise mais aprofundada do papel do princípio geracional no saltério, veja a discussão mais adiante neste capítulo sobre a promessa de Deus a respeito da “semente” na aliança com Abraão.

do sábado encontram expressão explícita nos salmos através de sua constante invocação ao culto.⁷

Em termos de descanso como dimensão maior do princípio do sábado, o salmista une o indicativo com o imperativo para mostrar que o descanso é uma posse presente, ao mesmo tempo em que é uma bênção ainda a ser experimentada. Mesmo que sofra um ataque destinado a derrubá-lo, o salmista declara:

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa;
dele vem a minha salvação (Sl 62.1).

Mas, simultaneamente, ele adverte a si mesmo:

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa,
porque dele vem a minha esperança (Sl 62.5).

Em um salmo que oferece um incentivo sêtu plo para aqueles que confiam em Deus de que entrarão no “descanso” de herdar a terra, o poeta declara:

Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio...
Mas os mansos herdarão a terra
e se deleitarão na abundância de paz
(Sl 37.10-11; cf. v. 3,9,22,27,29,34).

Mesmo o testemunho pessoal do salmista de que ele vai deitar-se e dormir em paz, apesar de todas as maquinações de seus inimigos (Sl 4.8; veja Sl 3.5), pode ser lido como cumprimento da bênção pronunciada em antecipação da herança da Terra Prometida: “Estabelecerei paz na terra; deitar-vos-eis, e não haverá quem vos espante” (Lv 26.6). Pode-se supor que, em sua observância dos mandamentos, estatutos e ordenanças da lei, o salmista respeitava o adorável descanso de um dia em sete (Êx 20.8-11; 31.12-17; Dt 5.12-15). Ele se

⁷ Cf. Gordon J. Wenham, *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically* (Grand Rapids: Baker Academic, 2012), p. 103. Wenham expressa perplexidade pelo fato de o quarto mandamento ser “completamente ignorado” pelos salmos. Ele não faz menção ao enraizamento fundamental do conceito de descanso do sábado, que encontra exposição significativa nos salmos. As interconexões entre o descanso criacional do sábado, a conquista de Josué, o salmo 95 do saltério e o descanso consumado que permanece para o povo de Deus são brilhantemente exploradas pelo escritor do Novo Testamento da carta aos hebreus (Hb 3.7–4.11). Para uma discussão da interação íntima desses vários conceitos bíblicos de descanso, veja O. Palmer Robertson, *God's People in the Wilderness: The Church in Hebrews* (Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus Publications, 2009), p. 66-71; 106; *The Christ of the Covenants*, p. 68-74.

alegrava sempre que alguém o convidava para “descansar à sombra do Onipotente” (Sl 91.1b, veja Sl 122.1). Mas, nas dimensões maiores do “descanso” escatológico, ele afirmava regularmente que havia um “repouso” para o povo de Deus (Sl 95.11; veja Hb 4.3-11).

Assim, os salmos exibem um amplo conhecimento das ordenanças fundamentais que surgem da criação. O sábado, o casamento e o trabalho são regularmente celebrados pelos salmistas. Os autores dos vários salmos indicam que essas ordens criacionais merecem ser constantemente exercitadas na igreja.

A aliança de Deus iniciando a redenção

Imediatamente após a abertura do livro de Salmos, o leitor é atingido com a intensidade de uma luta entre o *justo* e o ímpio. Particularmente enquanto lê o Livro I (Sl 1–41), o leitor é confrontado constantemente com esse conflito entre o povo de Deus e seus inimigos maus. Quando o leitor chega ao Livro III (Sl 73–89), o adversário cresceu até o ponto de ser identificado com exércitos internacionais que invadiram as terras sagradas e os lugares do povo de Deus.

Como entender esse conflito? Davi é uma pessoa com uma personalidade desequilibrada que vê todas as pessoas que discordam dele como seus “inimigos”? Ou esse aspecto do saltério deve ser descartado como irrelevante para o leitor moderno, particularmente em lugares onde o salmista invoca maldições sobre seus inimigos?

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente” indica claramente a fonte dessa inimizade entre os humanos. Como um fator primário em suas iniciativas redentoras, o próprio Deus declara que é ele quem iniciará essa inimizade. A guerra com Satanás e sua semente é essencial para as causas da redenção (Gn 3.15a). Essa inimizade iniciada por Deus oferece o primeiro raio de esperança redentora. Essa luta só será realizada através de uma prolongada “luta das sementes”. Essa luta deve enfocar, em última instância, uma semente singular, um “ele” que esmagará a cabeça do arqui-inimigo mesmo que o arqui-inimigo esmague o seu calcanhar (Gn 3.15b).

Nesse contexto original da “luta das sementes” pode-se encontrar a chave para o infundável conflito entre o *justo* e o ímpio que permeia os salmos. De acordo com o salmista:

Desviam-se os ímpios desde a sua concepção;
nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras.

Têm peçonha semelhante
à peçonha da serpente;
são como a víbora surda, que tapa os ouvidos (Sl 58.3-4).

Dentre os filhos dos homens, “não há quem faça o bem... Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Sl 14.1,3).

De modo bastante interessante, os salmistas desenvolvem o conceito da degeneração original e total depravação da humanidade com uma intensidade comparável às denúncias dos profetas de Israel. Tanto que, quando o apóstolo Paulo deseja apresentar uma imagem da corrupção inerente da humanidade, ele recolhe várias passagens dos salmos (Rm 3.10-14, citando Sl 14.1-3; 5.9; 140.3; e 10.7), enquanto cita apenas uma passagem dos profetas (Rm 3.15-18, citando Is 59.7-8).

Ao mesmo tempo, quase se poderia dizer que o salmista tinha uma fixação na “morte” como consequência da violação do vínculo original entre Deus e a humanidade. “No dia em que dela comerdes, certamente morrerás” (Gn 2.17c) encontra o seu eco solene ao longo dos salmos.⁸ A morte é o último grande inimigo (1Co 15.26) e encontra amplo espaço para fazer sua presença amarga conhecida em cada um dos cinco livros dos salmos.

Reconhecer a brevidade da vida humana inevitavelmente leva ao espectro da morte. O salmista ainda defende uma perspectiva realista sobre o comprimento de sua própria vida:

Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim e qual a soma dos meus dias,
para que eu reconheça a minha fragilidade.

Deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos;
à tua presença, o prazo da minha vida é nada.
Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade. *Selah*

Com efeito, passa o homem como uma sombra;
em vão se inquieta;

⁸ J. Clinton McCann, *A Theological Introduction to the Book of Psalms: The Psalms as Torah* (Nashville: Abingdon Press, 1993), p. 158, afirma que “não é claro que os humanos teriam vivido para sempre se não tivessem pecado... A punição pelo pecado não foi morte física”. Ele conclui: “Se aceitamos nossa vida como um dom de Deus... Então a morte física não seria problema”. *Ibid.*, p. 159. As ramificações de sua afirmação são grandes, afetando as visões de encarnação, expiação e ressurreição. Jesus tornou-se carne mortal – carne, para que ele pudesse morrer fisicamente no lugar de pecadores que mereciam a morte física (Hb 2.14-15). Para o apóstolo Paulo, a libertação da maldição do pecado só acontece com a ressurreição do corpo de Cristo: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1Co 15.17). Do ponto de vista pastoral, é difícil imaginar uma circunstância em que o pastor tentaria consolar os enlutados explicando que a morte de uma esposa, de uma criança, de uma mãe ou de um irmão “não é problema”.

amontoa tesouros

e não sabe quem os levará (Sl 39.4-6).

Por um lado, a morte aparece como o justo merecimento dos ímpios. O salmista ora: “A morte os assalte, e vivos desçam à cova! Porque há maldade nas suas moradas e no seu íntimo” (Sl 55.15). Ele está confiante de que Deus vai derrubar os ímpios por meio de uma morte prematura ao poço da corrupção: “Homens sanguinários e fraudulentos não chegarão à metade dos seus dias” (Sl 55.23).

Por outro lado, o salmista experimentou libertação da morte e antecipa intervenções divinas. Desde a sua juventude, ele enfrentou a perspectiva da morte (Sl 88.15). As cordas da morte o enredavam; a angústia da sepultura o dominava. Mas ele clamou ao Senhor, que livrou a sua alma da morte, os seus olhos das lágrimas, os seus pés dos tropeços, para que continuasse a andar perante o Senhor na terra dos vivos (Sl 116.3-4,8-9).

Esses versículos representam apenas uma pequena parte das muitas passagens dos salmos que tratam do tema da morte.⁹ Essa conclusão antinatural de toda vida humana só pode ser entendida no contexto da ameaça original ao homem original: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17c).

A perspectiva da redenção introduz a esperança da libertação final da morte. Na verdade, o constante temor da morte no saltério foi interpretado por alguns como significando que o salmista não via nenhuma esperança além do túmulo. Mas uma revisão dessas passagens que expressam um sentimento de desesperança diante da morte torna evidente que muitas das passagens aludem à morte prematura ou à morte nas mãos de inimigos violentos. Mas o salmista também pode dizer: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum” (Sl 23.4).

Além dessa repetida expressão de preocupação com a morte está a esperança, por vezes, expressa pela ressurreição para a vida, corpo e alma. O salmista faz um contraste vívido entre o fim daqueles que confiam em si mesmos e daqueles que confiam em Deus:

Como ovelhas [aqueles que confiam em si mesmos] são postos na sepultura;
a morte é o seu pastor;

⁹ As referências à morte estão espalhadas por todos os cinco livros do saltério, sublinhando seu significado no pensamento do salmista. As seguintes passagens podem ser notadas: Livro I – salmos 6.5; 9.13,17; 13.3; 18.4-5; 22.15; 23.4; 30.3,9; 33.19; 39.4-6,11. Livro II – salmos 49.10,14,17; 55.15,23; 56.13; 68.20. Livro III – salmos 73.19; 86.13; 88 (muitas referências). Livro IV – salmos 90.3,5,7,9-10; 94.17,21; 102.3-11,20,23-26; 103.15-16. Livro V – salmos 107.18,20; 115.17; 116.3,8,15; 141.8.

eles descem diretamente para a cova,
onde a sua formosura se consome; a sepultura é o lugar em que habitam.

Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte,
pois ele me tomará para si (Sl 49.14-15).

Em outro lugar, o salmista declara: “Não permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16.10); “na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança” (Sl 17.15). Apesar de lutar seriamente com a prosperidade dos ímpios nesta vida, o salmista chega a uma conclusão positiva:

Todavia, estou sempre contigo,
tu me seguras pela minha mão direita.
Tu me guias com o teu conselho
e depois me recebes na glória (Sl 73.23-24).

Assim, a antecipação da redenção do túmulo supera a consciência da inevitabilidade da morte. O salmista está plenamente consciente de sua necessidade de libertação total do último grande inimigo e atesta sua expectativa de libertação.

A aliança de Deus com Noé

Apenas o salmo 29 alude à aliança de Deus com Noé, mencionando explicitamente o dilúvio.¹⁰ Mas essa referência singular estabelece dramaticamente um quadro tanto de medo do julgamento divino para os ímpios como de inabalável confiança para os justos, como aconteceu no dilúvio de Noé.¹¹

¹⁰ O termo *mabbul* é encontrado somente aqui e no registro do dilúvio de Noé em Gênesis 6–11. Na pontuação dos massoretas, é “o” dilúvio, não “um” dilúvio. Cf. Joseph Addison Alexander, *The Psalms: Translated and Explained* (Grand Rapids: Zondervan, 1864), p. 128: “O Deus cuja voz agora produz esses efeitos é o Deus que se assentou entronizado no dilúvio, e esse mesmo Deus ainda reina sobre a natureza e os elementos e é capaz de controlá-los para sempre”. Diz Artur Weiser, *The Psalms: A Commentary* (Londres: SCM Press, 1959), p. 265: “Assim como fez nos dias em que a grande inundação das águas vieram sobre a terra e todos os homens morreram, assim também hoje o Senhor permanece entronizado em sublime soberania como o vencedor dos poderes do caos – e, como Rei, continuará a fazê-lo por toda a eternidade”.

¹¹ Os primeiros tratamentos dos paralelos propostos entre o salmo 29 e os materiais canaanita e ugarítico podem ser encontrados em Harold Louis Ginsberg, “A Phoenician Hymn in the Psalter” (artigo apresentado no Atti del XIX Congresso Internazionale degli Orientalisti, Roma, 1935), p. 472-76; Theodor Gaster, “Psalm 29”, *Jewish Quarterly Review* 37 (1946), p. 55-65. Apesar de afirmar a origem cananeia do salmo 29, Ginsberg conclui per-

Uma violenta tempestade prepara o palco onde a “voz de Yahweh” fala através de repetidas trovoadas. Sete vezes mais, *kol Yahweh* (קֹל יְהוָה), a “voz de Yahweh”, fala pelo trovão. Sua voz quebra os cedros, faz tremer o deserto e desnuda os bosques (Sl 29.5-9). De maneira climática, o salmista lembra aquele evento momentâneo de destruição do dilúvio, caracterizado na Septuaginta (LXX) como “o cataclismo” (τὸν κατακλυσμὸν – Sl 29.10). Por uma distinção de formas verbais, o salmo declara: “Yahweh *sentou-se* [entronizado] no dilúvio [יָשָׁב], e *continua a sentar-se* [entronizado] [יָשָׁב] para sempre”.¹² O termo para “dilúvio” (מַבּוּל) ocorre apenas aqui no Antigo Testamento e também repetidamente na narrativa do dilúvio de Noé (Gn 6–11). Como a “tempestade de todas as tempestades” de Noé aterrorizou o coração dos ímpios, assim as

guntando apropriadamente a “questão mais óbvia”, que é “como no mundo” (!) um salmo cananeu “encontrou seu caminho na liturgia israelita” (Ginsberg, “Phoenician Hymn”, p. 475). Ele hesita em suas várias respostas hipotéticas para sua própria pergunta. Hans-Joachim Kraus, *Psalms 1–59: A Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1988), p. 346, apoia a “probabilidade” de que um hino cananeu a Baal tenha sido transmitido a Israel sem revisão radical. Veja *ibid.*, p. 347, para mais bibliografia que promove essa visão. Para um tratamento completo da possibilidade de paralelos entre materiais ugaríticos e o salmo 29, veja Yitzhak Avishur, *Studies in Hebrew and Ugaritic Psalms* (Jerusalém: Magnes Press, 1994). Depois de uma análise detalhada dos textos relevantes e da literatura secundária, suas conclusões são de que “não há justificativa para assumir que os salmos cananeus são encontrados na Bíblia... Da mesma forma, concluímos que o salmo 29 não é um salmo cananeu (em contraste com a visão predominante dos estudiosos)”, *ibid.* 7. Ele rejeita especificamente as alegações de Ginsberg a respeito dos elementos pagãos no salmo 29 (*ibid.*, p. 44), bem como suas afirmações de que o louvor à voz de Deus no salmo 29 foi adaptado do louvor à voz do deus da tempestade sírio (*ibid.*, p. 45) e que os topônimos *Libano* e *Siriom* “não podem servir como prova conclusiva” da proveniência cananeia do salmo (*ibid.*, p. 47). Após mais de 70 páginas de análise detalhada do salmo 29 em termos de sua possível relação com materiais cananeus, Avishur conclui que, apesar das afinidades, o salmo 29 difere da literatura ugarítica em que (1) algumas palavras de fundamental importância no salmo 29 não ocorrem no conhecido vocabulário ugarítico ou fenício; (2) raízes correspondentes aos conceitos teológicos centrais aparecem em ugarítico, “mas não nas mesmas formas ou usos como no salmo 29”; e (3) os padrões estilísticos e as formas literárias do salmo 29 são “muito mais complexos e bem desenvolvidos do que aqueles que aparecem na literatura ugarítica”. *Ibid.*, p. 110. A “glorificação da voz de Yahweh (trovão)” (Ginsberg, “Phoenician Hymn”, p. 472) é muito mais bem entendida como se originando em conexão com a manifestação do senhorio de Yahweh sobre o dilúvio, como indicado no próprio salmo (Sl 29.10), do que imagens pagãs dos rugidos de Baal.

¹² Para uma distinção dos tempos no texto hebraico, veja Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary on Books I and II of the Psalms* (Londres: Inter-Varsity Press, 1973), p. 127. S. R. Driver, *A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew* (Oxford: Clarendon Press, 1892), p. 90-91, discute o uso do imperfeito com *waw* consecutivo, no qual “a ação, ou seus resultados, continuam no presente do autor”. Yahweh “sentou-se” no dilúvio e “continua a sentar-se” como Rei para sempre. Assim diz John Goldingay, *Psalms, Volume 1: Psalms 1–41* (Grand Rapids: Baker, 2006), p. 420s.: “O salmo afirma que houve tal momento [quando Yahweh afirmou sua soberania] e que teve consequências permanentes. Essa afirmação de autoridade duraria, então, ‘para sempre’”.

tempestades desde então continuam a aterrorizar o coração dos incrédulos. Ao mesmo tempo, o trovão que aterroriza o pecador impenitente em sua exibição do poder irrestrito do Todo-Poderoso pode oferecer conforto ao crente. De acordo com um comentarista:

O salmo 29 tem sido frequentemente usado como salmo para o primeiro domingo após a epifania, quando o foco está no batismo de Jesus. A escolha é uma interpretação profunda da ocasião. O cenário litúrgico liga a poderosa teofania do salmo com a epifania tranquila nas águas do Jordão. A voz do Senhor na tempestade está emparelhada com a voz do céu que diz: “Este é meu Filho”. A tempestade diz: “Este é o meu cosmos”; o batismo, “este é o meu Cristo”. Os dois estão inseparavelmente unidos. A cristologia não é adequada a menos que sua configuração na cosmologia seja mantida. A doxologia do Antigo Testamento é necessária ao evangelho.¹³

O salmo 29 conclui esse dramático testemunho do poder de Yahweh referindo-se à “calmaria após a tempestade”. Sua bênção final de “paz” lembra o arco-íris após o dilúvio. O Senhor pronuncia sua bênção de renovo:

O SENHOR dá força
ao seu povo,
o SENHOR abençoa com [abrangente] *shalom* ao seu povo (Sl 29.11).¹⁴

Assim, o salmista oferece seu testemunho contínuo do significado bíblico-teológico do dilúvio de Noé. Deus sempre reina como Rei sobre cada tempestade e *tsunami* que varre a face desta terra. A aliança de Deus com Noé assegura tanto a devastação para os ímpios quanto a bênção envolvente para os justos.

A aliança de Deus com Abraão e os patriarcas

Assim como na narrativa do Gênesis, também nos salmos a aliança com Abraão e seus descendentes começa com a escolha soberana de Deus. Dentre

¹³ James Luther Mays, *Psalms, Interpretation, A Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Louisville: John Knox Press, 1994), p. 138.

¹⁴ Cf. Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 1:373: “Ele... abençoa com paz, enquanto as tempestades de sua ira irrompem sobre seus inimigos. Quão expressiva é *shalom* como a palavra final deste salmo em particular! Ela abarca o salmo como um arco-íris. A abertura do salmo nos mostra os céus abertos e o trono de Deus no meio dos cânticos angelicais de louvor, e o encerramento do salmo nos mostra seu povo na terra, vitorioso e abençoado com a paz... em meio à voz de ira de Yahweh, que abala todas as coisas. *Gloria in excelsis* é o seu início, e *pax in terris*, sua conclusão”.

todos os adoradores de ídolos do outro lado do rio, Abraão é a única pessoa divinamente escolhida (Gn 12.1; Js 24.2-3). Ele é servo de Deus, e sua descendência são os “seus escolhidos” (Sl 105.6). Com Abraão e sua semente, Deus tomou a iniciativa de “cortar uma aliança” (Sl 105.9-10). Esse solene compromisso de vida e morte do Todo-Poderoso com seus “escolhidos” abrange “mil gerações” (Sl 105.8). Consequentemente, essa aliança estende-se de Abraão ao longo de 500 anos, passando por Moisés, que também é identificado como o seu “escolhido” (Sl 106.23). O termo também abrange a nação como um todo:

E conduziu com alegria o seu povo e,
com jubiloso canto, os seus escolhidos (Sl 105.43).

Louvai ao SENHOR, porque o SENHOR é bom;
cantai louvores ao seu nome, porque é agradável.
Pois o SENHOR escolheu para si a Jacó
e a Israel, para sua possessão (Sl 135.3-4).

Eventualmente, Davi surge como o “escolhido” por Deus para ser o rei de Israel, e o Monte Sião é designado como sua morada “escolhida”. O Senhor do pacto declara:

Fiz aliança com o meu escolhido
e jurei a Davi, meu servo:
Para sempre estabelecerei a tua posteridade
e firmarei o teu trono de geração em geração (Sl 89.3-4).

Pois o SENHOR escolheu a Sião,
preferiu-a por sua morada:
Este é para sempre o lugar do meu repouso;
aqui habitarei, pois o preferi (Sl 132.13-14).

Por sua vez, o salmista oferece um apelo pessoal para que ele também possa experimentar a graça divina de inclusão entre os “escolhidos” de Deus:

Lembra-te de mim, SENHOR, segundo a tua bondade para com o teu povo;
visita-me com a tua salvação,
para que eu veja a prosperidade dos teus escolhidos,
e me alegre com a alegria do teu povo,
e me regozije com a tua herança (Sl 106.4-5).

À medida que várias pessoas leem os salmos com fé, elas, por sua vez, podem juntar-se a esse apelo.

Traduzido apropriadamente como o “eleito” de Deus pela Septuaginta, essa escolha pactual de Abraão se torna a base para a promessa tríplice de terra, semente e bênção para o patriarca e seus descendentes (Gn 12.1-3). Essas três principais promessas da aliança reaparecem continuamente nos salmos. Para Abraão, Isaque, Jacó e a nação de Israel a promessa da terra permanece segura (Sl 105.8-11). Sete vezes em um salmo, “herdar a terra” prometida a Abraão torna-se o foco de bênção para o povo da aliança do Senhor (Sl 37.3,9,11,22,27,29,34). A promessa de Deus para os fracos e ameaçados é que ele os abençoará “na terra” (Sl 41.2).

Em termos da promessa de Deus a Abraão em relação à “semente”, o foco geracional dos salmos permeia a esperança do futuro. O salmista compõe seu poema para ter certeza de que a geração atual dirá à “próxima geração” a obra do Senhor ao estabelecer Jerusalém como a cidade do grande Rei (Sl 48.12-13). Ao antecipar seu ensaio dos “poderosos atos de Deus” ao longo dos séculos, o salmista espera que sua mensagem alcance pelo menos três ou possivelmente quatro gerações:

Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos.
O que ouvimos e aprendemos,
o que nos contaram nossos pais,
não o encobriremos a seus filhos;
contaremos à vindoura geração
os louvores do SENHOR,
e o seu poder, e as maravilhas que fez.
Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel,
e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos,
a fim de que a nova geração os conhecesse,
filhos que ainda hão de nascer se levantassem
e por sua vez os referissem aos seus descendentes;
para que pusessem em Deus a sua confiança
e não se esquecessem dos feitos de Deus,
mas lhe observassem os mandamentos (Sl 78.2-7).

Essa expectativa da semente culmina com a promessa dada ao Rei Messias em relação à sua prole:

Em vez de teus pais, serão teus filhos,
os quais farás príncipes por toda a terra (Sl 45.16).

O salmista, então, declara seu compromisso de estender essa mensagem a respeito do Messias prometido para as gerações vindouras:

O teu nome, eu o farei celebrado de geração a geração,
e, assim, os povos te louvarão para todo o sempre (Sl 45.17).

Em termos da bênção prometida a Abraão e por meio de Abraão, os vários salmistas pronunciam suas bênçãos em todo o livro.¹⁵ Uma fusão distintiva da bênção do pacto ocorre quando um salmista une a promessa da aliança do Senhor de que em Abraão todas as nações seriam abençoadas com a bênção sacerdotal da aliança mosaica. Primeiro o salmista cita as linhas iniciais da bênção araônica:

Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe,
e faça resplandecer sobre nós o rosto (Sl 67.1; cf. Nm 6.24-25).

Mas então ele amplia os destinatários da bênção de modo a alcançar, além de Israel, todas as nações:

Para que se conheça na terra
o teu caminho
e, em todas as nações,
a tua salvação (Sl 67.2).

Então, o salmista estende seu pronunciamento abençoador de uma maneira que antecipa a profunda ondulação da bênção do apóstolo Paulo, que se move de Israel para todas as nações e depois de volta para Israel (Rm 11.11-36). A bênção de Israel é pronunciada sobre as nações para que “todos os povos” possam louvar a Deus. Como consequência dessa bênção sobre as nações:

A terra deu o seu fruto,
e Deus, o nosso Deus, nos abençoa.
Abençoe-nos Deus,
e todos os confins da terra o temerão (Sl 67.6-7).

Quão glorioso é esse evangelho universal que primeiro abençoa Israel, depois todas as nações e depois Israel novamente! Aquele que compreende o

¹⁵ O termo para “abençoado” (בֵּרָכָה) ocorre 25 vezes no saltério em 25 salmos diferentes, cobrindo diversas circunstâncias.

comprimento, a largura, a profundidade e a altura dos grandes propósitos de Deus para todas as nações será compelido a romper em louvor doxológico, como fez o apóstolo Paulo:

Ó profundidade da riqueza,
tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!
Quão insondáveis são os seus juízos,
e quão inescrutáveis, os seus caminhos! (Rm 11.33).

A aliança de Deus com Moisés

Tanto a história como a lei constituem a Torá de Moisés, e tanto a história quanto a lei de Moisés desempenham um papel vital nas celebrações dos salmos. As obras milagrosas do Senhor na completa redenção de seu povo fornecem a espinha dorsal para a dimensão legal que percorre os salmos. Desde a peregrinação dos patriarcas, a descida ao Egito, as pragas, o êxodo, as perambulações pelo deserto, a conquista, os juízes, até o clímax final com Davi, a história da maravilhosa obra redentora de Yahweh exige o arrependimento do pecado, obediência à sua vontade revelada e esperança em uma consumação futura.¹⁶ Grandes passagens nas quais uma grande parte do salmo ensaia a história da redenção de Israel sob Moisés incluem:

O salmo 78 traça a história de uma “geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus” (Sl 78.8).

O salmo 105 lembra ao povo a fidelidade da aliança do Senhor com relação à palavra prometida a Abraão pela herança da terra.

O salmo 106, que inicia com a declaração “pecamos, como nossos pais”, fala das muitas vezes em que o povo da aliança se esqueceu de Deus e, finalmente, clama ao Senhor: “Salva-nos... e congrega-nos de entre as nações” (Sl 106.6,47).

Particularmente, o relacionamento pactual de Deus com Israel nos dias de Moisés serve como um tema central dos salmistas:

¹⁶ Quanto ao papel dos materiais narrativos nos salmos, Wenham, *Tórah*, p. 119, diz: “Essas narrativas do passado não são meramente historiográficas, escritas para registrar eventos; seu propósito é educar o usuário dos salmos em teologia e ética”.

Salmo 66.6,9. “Converteu o mar em terra seca; atravessaram o rio a pé”. Da mesma maneira, ele “preserva com vida a nossa alma e não permite que nos resvalém os pés”.

Salmo 68.1,21. “Levanta-se Deus; dispersam-se os seus inimigos”, citando as palavras de Moisés que eram ditas todas as vezes em que a arca se movia pelo deserto (Nm 10.35). Da mesma maneira, “sim, Deus parte a cabeça dos seus inimigos”.

Salmo 74.13,22. “Tu, com o teu poder, dividiste o mar”. De igual modo, “levanta-te, ó Deus, pleiteia a tua própria causa”.

Salmo 77.16,10. “Viram-te as águas... e temeram, até os abismos se abalaram”. Por isso, em tempos de aflição, “disse eu: isto é a minha aflição; mudou-se a destra do Altíssimo”.

Salmo 114.1,3,7-8. “Quando saiu Israel do Egito... o mar viu isso e fugiu”. Então, “estremece, ó terra, na presença do Senhor... o qual converteu a rocha em lençol de água e o seixo, em manancial”.

Salmo 135.8-9,14. “Foi ele quem feriu os primogênitos no Egito, tanto dos homens como das alimárias; quem, no meio de ti, ó Egito, operou sinais e prodígios contra Faraó e todos os seus servos”. Por isso, “o SENHOR julga ao seu povo e se compadece dos seus servos”.

Salmo 136.1,16,23,25. “Rendei graças ao SENHOR... àquele que conduziu o seu povo pelo deserto... a quem se lembrou de nós em nosso abatimento... e dá alimento a toda carne”.

Essa “atualização” nos salmos de eventos anteriores nos dias de Moisés, conforme registrados na Torá, não tem meramente o resultado de trazer à lembrança essas ocorrências das intervenções salvadoras de Deus. Ao celebrá-los no culto de Israel, sua realidade mais uma vez ganha vida como consequência da fé regenerada de seu povo.

Além dos lembretes dos poderosos atos de redenção de Deus na história, a revisão ativa nos salmos das dimensões legais da Torá de Moisés também tem um impacto vital na vida do povo de Deus. A colocação dos três salmos da Torá (Sl 1; 19; 119) no Livro I e no Livro V indica o papel em andamento da “lei”, do “ensino”, da “instrução” do Senhor na adoração e na vida do povo de Deus:

- O salmo 1 introduz a lei como um dos dois pilares principais da vida do povo de Deus.
- O salmo 19 observa o papel da lei ao revelar o caminho do Senhor juntamente com a revelação embutida na criação.
- O salmo 119 exalta a lei em suas várias aplicações à vida.

Essa inclusão da lei nos salmos abrange os aspectos cerimoniais, bem como os aspectos morais da lei do SENHOR DA ALIANÇA. Algumas ilustrações podem ser suficientes:

A bênção sacerdotal

Regularmente, são feitos apelos nos salmos à bênção sacerdotal prescrita para Arão e seus descendentes: “O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz” (Nm 6.24-26). Essa bênção sacerdotal se torna a base da bênção da aliança sobre o povo de Deus ao longo dos 500 anos da formação do saltério, alcançando quase mil anos além dos dias de Moisés. Ela é ritualmente pronunciada pelo menos dez vezes no livro de Salmos.¹⁷ Um clímax é alcançado no salmo 80, quando a frase do meio da bênção aparece como a linha média de um refrão que cresce com o uso crescente do nome divino. No cenário mosaico original, a repetição tripla do nome de Yahweh era a maneira pela qual o sacerdote formalmente “porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei” (Nm 6.27). Assim, no dia da devastação nacional, o salmista elabora essa fórmula pela tripla repetição de seu refrão:

Restaura-nos, ó Deus;
faze resplandecer o teu rosto,
e seremos salvos (Sl 80.3,7,19).

Uma forma mais elaborada do nome divino aparece cada vez que o refrão é repetido, de modo que a bênção move-se de *Elohim* (Sl 80.3), para *Elohim dos Exércitos* (Sl 80.7) e *Yahweh Elohim dos Exércitos* (Sl 80.19). Dessa forma climática, o “nome” de Deus é “estabelecido” em seu povo enquanto este sofre com a devastadora invasão internacional.

A coletânea de salmos identificados em seus títulos como “salmos de romagem” (Sl 120–134) faz uso extensivo da bênção araônica. “O SENHOR

¹⁷ As passagens são as seguintes: salmos 4.6; 31.16; 37.6; 67.1; 80.1,3,7,19; 94.1; 104.15; 118.27; 119.135; 139.12. Cf. também o papel de quatro palavras-chave da bênção araônica nos salmos de romagem, como tratado no capítulo 9 deste volume.

abençoe”, “guarde”, “seja gracioso” e dê “paz” permeiam esses salmos particulares, os quais derivam da bênção dos sacerdotes de Israel. Pode-se imaginar a crescente antecipação dessas bênçãos enquanto o peregrino se aproximava de Jerusalém.

O papel dos sacrifícios

A princípio, parece que os salmistas são bastante ambivalentes em relação ao papel apropriado dos sacrifícios. Por um lado, o salmista relata uma atitude negativa:

Sacrifícios e ofertas
 não quiseste...
holocaustos e ofertas pelo pecado
 não requeres (Sl 40.6).

Novamente, Deus declara através do salmista:

De tua casa
 não aceitarei novilhos,
nem bodes,
 dos teus apriscos (Sl 50.9).

Em seguida, o mesmo salmo afirma:

O que me oferece sacrifício de ações de graças,
 esse me glorificará;
e ao que prepara o seu caminho,
 dar-lhe-ei que veja a salvação de Deus (Sl 50.23).

Há algum tempo, críticos bíblicos negativos aproveitariam este aparente ponto de tensão para estabelecer uma contradição nas Escrituras ou uma rivalidade entre profeta e sacerdote no Antigo Testamento. Porém algumas considerações recentes indicam que o salmista deseja encorajar um coração puro nos verdadeiros adoradores sem minimizar a oferta de sacrifícios de acordo com a lei de Moisés.

Festivais cúlticos

O salmista também reconhece o significado contínuo das festas cúlticas como prescritas na lei mosaica:

Tocai a trombeta na Festa da Lua Nova,
na lua cheia, dia da nossa festa.
É preceito para Israel,
é prescrição do Deus de Jacó (Sl 81.3-4).

Mesmo em Israel no período do exílio e pós-exílio, as leis cúlticas eram vistas pelos salmistas como diretivas do Senhor:

Jerusalém, que estás construída como cidade...
... para onde sobem as tribos...
como convém a Israel (Sl 122.3-4).

Assim, para os salmistas, os regulamentos cúlticos de Moisés continuam a desempenhar um papel proeminente no conceito de adoração. Apesar de terem negado a atividade formal do culto durante o exílio devido ao seu deslocamento da Terra Prometida e à devastação do templo, eles continuaram a ter em alta consideração as especificações das leis mosaicas de culto. Por ordens do soberano Senhor, a sua negação do acesso ao culto preparou o caminho para um melhor modo de adoração e assegurou o significado contínuo de todos os salmos.

A lei moral

Mais importante para o salmista é a lei moral, particularmente como resumida nos dez mandamentos.¹⁸ Em um salmo, o oitavo, o sétimo e o nono mandamentos são mencionados especificamente:

Mas ao ímpio diz Deus:
De que te serve
repetires os meus preceitos
e teres nos lábios a minha aliança,

uma vez que aborreces a disciplina
e rejeitas as minhas palavras?

Se vês um ladrão,
tu te comprazes nele [oitavo mandamento]
e aos adúlteros te associas [sétimo mandamento].

¹⁸ Wenham, *Tôrâh*, 98-110, fornece uma visão geral muito útil de cada um dos dez mandamentos, conforme aparecem nos salmos.

Soltas a boca para o mal,
e a tua língua trama enganos.
Sentas-te para falar contra teu irmão
e difamas o filho de tua mãe [nono mandamento].

Tens feito estas coisas, e eu me calei;
pensavas que eu era teu igual;

mas eu te arguirei
e porei tudo à tua vista (Sl 50.16-21).

Em outro exemplo, o salmista lembra especificamente o foco central do decálogo como revelado no Sinai:

Não haja no meio de ti deus alheio,
nem te prostres ante deus estranho.
Eu sou o SENHOR, teu Deus,
que te tirei da terra do Egito (Sl 81.9-10; cf. Êx 20.1-3).

O Senhor pede ao seu povo que atente para as suas palavras:

Ouve, povo meu, quero exortar-te.
Ó Israel, se me escutasses!

Mas o meu povo não me quis escutar a voz,
e Israel não me atendeu.

Assim, deixei-o andar na teimosia do seu coração;
siga os seus próprios conselhos.

Ah! Se o meu povo me escutasse,
se Israel andasse nos meus caminhos!

Eu, de pronto, lhe abateria o inimigo
e deitaria mão contra os seus adversários (Sl 81.8,11-14).

Assim, os vários salmistas reconhecem a lei pactual de Moisés em todas as suas diferentes dimensões e sua relevância contínua para a vida do povo de Deus. O fato de a aliança com Davi ter representado o clímax das alianças no Antigo Testamento não minimizou de modo algum o papel atual do pacto

mosaico da lei. Contudo, ao mesmo tempo, o papel-chave da aliança davídica nunca deve ser esquecido por seu lugar singular no livro de Salmos.

A aliança de Deus com Davi

O clímax desse “coral factual” no livro de Salmos, em termos da progressão da revelação redentora, enfoca a aliança davídica com as duas promessas específicas do Senhor a respeito de *dinastia* e *morada*. Ambas as promessas estão encapsuladas na palavra-chave *casa* (בֵּית) à medida que ela se repete em sua formulação original da aliança. Por um lado, Deus promete que construirá uma “casa” para Davi, referindo-se à “dinastia” perpétua que estabelecerá para Davi e seus descendentes (2Sm 7.11). Por outro lado, o filho de Davi edificará uma “casa” para o Senhor, referindo-se ao permanente “lugar de morada” do Senhor no monte Sião, em Jerusalém (2Sm 7.13). *Dinastia* perpétua e *morada* permanente resumem o núcleo essencial da aliança do Senhor com Davi. O SENHOR DA ALIANÇA declara que o “filho” de Davi que governará eternamente para Deus no trono de Davi será também “filho” de Deus, e Deus será seu “pai” (2Sm 7.14).

Esses dois temas abrangentes da aliança davídica desempenham um papel importante em todo o livro de Salmos.¹⁹ Davi, como o ungido de Deus, o rei messiânico, é constantemente assaltado pelos “ímpios”, os “inimigos” de seu reino justo. Mas a dinastia de Davi será preservada do extermínio pela morte nas mãos de seus inimigos, embora a ameaça permaneça perpetuamente presente. Ao mesmo tempo, a morada escolhida do Senhor no monte Sião em Jerusalém será estabelecida como a localidade permanente a partir da qual ele vai governar seu povo, bem como todas as nações do mundo. O significado de um “lugar” divinamente designado do qual Deus e seu Messias governariam remonta ao tempo de Moisés, com suas muitas referências específicas ao “lugar” que o Senhor escolherá como morada para seu nome (Dt 12.4-7, 11, 14, 18, 21, 26; 14.23-25; 15.20; 16.2, 6-7, 11, 15-16; 17.8, 10; 18.6; 26.2, 9; 31.11). Mas agora, consumadamente nos salmos, o trono do Senhor será fundido com o trono messiânico de Davi nesse único “lugar” da escolha de Deus.²⁰ Deus habita no Monte Sião (Sl 9.11; 132.13-14); ao mesmo tempo, seu trono está no céu (Sl 11.4;

¹⁹ Jamie A. Grant, “The Psalms and the King”, in *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.) (Downers Grove: InterVarsity Press, 2005), p. 102, subestimam a justificação de seu artigo quando afirmam que “há um sentido em que [o rei davídico] sutilmente domina o livro de Salmos”.

²⁰ A sugestão de McCann, *Theological Introduction*, p. 146, de que a centralidade de Jerusalém nos salmos pode ser substituída pela centralidade de Jesus na profissão cristã obscurece a distinção bem preservada nas Escrituras entre a “pessoa” do Messias e o “lugar” de sua entronização. Ambos os elementos são essenciais para a aliança davídica e sua realização consumada em Cristo e no monte celestial de Sião (Gl 4.26; Hb 12.22).

103.19; 123.1). No entanto, de acordo com um autor, “esses dois conceitos... não são mutuamente excludentes”.²¹ O salmo 11.4 sublinha essas duas moradas de Deus, declarando ambas em uma única frase: “O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR seu trono”. Por meio dessa dupla morada, “Deus rompe os limites do espaço”.²² Deus, em toda a sua plenitude, é entronizado no templo do monte Sião, em Jerusalém, e Deus, em toda a sua plenitude, está entronizado no céu, no meio das glórias de sua morada celestial.

O salmo 2 entrelaça esses dois temas de *dinastia* e *morada* de uma forma que antecipa muito o que segue no saltério. Neste segundo salmo, os “ímpios” não se restringem a “inimigos” pessoais de Davi. Em vez disso, são as “nações” e os “povos” que se colocam contra o SENHOR DA ALIANÇA e seu Cristo. Eles são inimigos muito reais que representam ameaças muito reais. Mas o Senhor despreza esses determinados e poderosos inimigos, colocando seu Messias no seu trono no monte Sião. Como admoestação final às nações, elas são instruídas a “adorar o SENHOR” com temor e alegria. A expressão traduzida como “adorar o SENHOR” (עֲבֹדֵהוּ אֱלֹהֵינוּ) é distintiva em seu uso da raiz verbal para “ser servo, escravo” e transmite a ideia de “assumir a posição de servo de Yahweh”. Um autor diz:

“Servir” significa orientar toda a vida e existência a um mestre soberano – literalmente, ser o “servo” ou “escravo” de um rei. O termo sempre ocorre no saltério em relação a uma figura real, seja humana ou divina.²³

Simultaneamente, eles devem “beijar o Filho” em honra e confiança (Sl 2.11-12). Somente então podem esperar a “bênção” da aliança do Senhor. Pois esse *status* “abençoado” é reservado para aqueles que se deleitam na Torá do Senhor (Sl 1) e adoram o Filho do Senhor (Sl 2).²⁴

Muito mais poderia ser dito desses dois temas – *dinastia* e *morada* – com seu papel permeando todo o livro de Salmos. Mas o lugar central dessas realidades, como prometido na aliança davídica, se tornará cada vez mais aparente à medida que o presente estudo progride.

²¹ Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1986), p. 76.

²² *Ibid.*, citando J. Maier (nenhuma informação bibliográfica foi fornecida). Citando mais adiante Maier, Kraus aprova o conceito de que esta ideia repousa sobre uma compreensão “mitológica” do espaço. Mas os conceitos mitológicos, por sua própria natureza, negam a realidade das referências bíblicas à morada de Deus. As representações “figurativas” da morada de Deus no céu podem ser um modo apropriado de entender as concepções bíblicas, mas não “mitológicas”.

²³ McCann, *Theological Introduction*, p. 65.

²⁴ Kraus, *Theology*, p. 180-185, fornece um tratamento completo do Salmo 2, particularmente ao encontrar a plena realização nas Escrituras da nova aliança.

4

O FLUIR DO LIVRO



Existe algo como um “fluir do livro” dos salmos? É possível traçar um desenvolvimento organizado de pensamento progressivo do início ao fim? Muito desânimo tem sido acumulado em qualquer esforço para analisar o saltério em termos de um desenvolvimento intencional de ordem e tema. Típica é a perspectiva de Franz Delitzsch:

Entre os pais da igreja, Gregório de Nissa tentou mostrar que o saltério, em seus cinco livros, apresenta uma progressão, como por cinco passos para a perfeição moral... e até os tempos mais recentes foram feitas tentativas para traçar nos cinco livros uma gradação de pensamentos principais que influenciam e percorrem toda a coletânea. *Tememos que, nessa direção, a investigação tenha colocado diante de si um fim inatingível.*¹

Estudos mais recentes dos salmos chegaram a sugerir que talvez o “ceticismo de sempre trazer ordem significativa para o saltério como um todo” tenha fomentado a moderna abordagem da crítica da forma aos salmos.² Em vez de

¹ Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 1:19 (ênfase acrescentada).

² Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 1-2. Os comentários iniciais de Wilson indicam uma nova direção nos estudos do saltério. Em vez de se concentrarem na forma literária de salmos individuais e depois agrupá-los em categorias de gênero, como “salmos reais”, “salmos de lamentação”, “salmos de ação de graças” à la Hermann Gunkel, ou “salmos de entronização” à la Sigmund Mowin-

buscar significado nos salmos no contexto do saltério como um todo, a unidade e o significado têm sido buscados na relação de vários gêneros de salmos com sua circunstância cultural.³

Significativamente, o próprio Delitzsch prossegue em sua frase seguinte, ao reconhecimento de que a coletânea do saltério “carrega a impressão de uma mente ordenadora”.⁴ Posteriormente, ele observa:

Há, no todo, um progresso inconfundível desde os primeiros até os últimos; e podemos dizer... que o verdadeiro cerne dos salmos davídicos e, de maneira geral, de hinos mais antigos estão contidos nos salmos 1–41 [Livro I], que principalmente os hinos do período médio são encontrados nos salmos 42–89 [Livros II e III] e que a grande massa de hinos tardios e posteriores deve ser procurada nos salmos 90–150 [Livros IV e V].⁵

Numerosas coletâneas ou agrupamentos adicionais podem ser observados entre os salmos, além dos cinco livros, como já foi observado anteriormente. Esses agrupamentos deliberados com forma, substância ou autor semelhantes atestam um arranjo intencional dos salmos em mais de um ponto durante a

ckel, a tendência é agora se concentrar na “forma final”, a “forma canônica”, do livro de Salmos como ele aparece em sua totalidade. Essa tendência é útil sob duas perspectivas: (1) liberta a igreja de ser obrigada a seguir um processo (que, às vezes, mas nem sempre, é útil) de categorização e classificação de cada salmo de acordo com seu gênero e *Sitz im Leben*; e (2) abre a porta para considerar cuidadosamente uma área em que a “crítica canônica” pode encontrar sua função mais legítima. Quando a crítica canônica é aplicada ao Pentateuco ou ao livro de Isaías, ela geralmente acaba produzindo o que pode ser chamado de teologia “vamos fingir”. Ou seja, o estudioso da Bíblia é convidado a “fingir” que Moisés escreveu o Pentateuco e que Isaías *ben* Amós escreveu todos os 66 capítulos de sua profecia, embora (como um crítico bíblico moderno) não acredite que eles realmente fizeram isso, e depois analisar a teologia que toma forma como consequência. O resultado é uma teologia em que não se pode genuinamente crer ou confiar, uma vez que faz do Pentateuco uma falsidade mosaica e faz de Isaías nada melhor que os ídolos mudos que ele criticou por não poderem prever o futuro. Mas, porque o livro de Salmos realmente se desenvolveu ao longo de um período de 500 anos com muitas fases editoriais, estudar os salmos em sua “forma final”, em seu “*status* canônico”, poderia revelar-se uma abordagem muito enriquecedora. Ao mesmo tempo, a integridade dos vários salmos deve ser mantida. Às vezes é proposto que muitos salmos começaram como “cúlticos” e depois foram “davidizados” para que esses salmos assumissem uma forma mais útil para o indivíduo em sua leitura pessoal dos salmos. Mas, se Davi realmente não deu origem a esses salmos, então a perspectiva de uma teologia “vamos fingir” se injetou mais uma vez.

³ John Goldingay, *Psalms, Volume 1: Psalms 1–41* (Grand Rapids: Baker, 2006), p. 36, conclui que “o saltério como um todo não possui uma estrutura que nos ajude a entender seu conteúdo”. Ele olha, em vez disso, para a “abordagem crítica mais tradicional” de procurar entender os salmos em termos dos vários tipos que recorrem com frequência. *Ibid.*, p. 37.

⁴ Delitzsch, *Psalms* (Eerdmans), 1:19.

⁵ Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms* (Londres: Hodder & Stoughton, 1894), 1:23.

história de 500 anos da criação e coleta dos vários salmos.⁶ Esses agrupamentos, que também manifestam uma progressão em todo o âmbito do saltério, serão agora considerados mais plenamente como ocorrem dentro da estrutura dos cinco livros tradicionais dos salmos.⁷ Em termos dos temas mais amplos possíveis, esses cinco livros podem ser categorizados da seguinte forma:

Livro I	Confrontação
Livro II	Comunicação
Livro III	Devastação
Livro IV	Amadurecimento
Livro V	Consumação

Os vários elementos estruturais e teológicos desses cinco livros do saltério serão agora explorados no restante deste volume.

⁶ Uma direção significativa para a exploração da estrutura intencional dentro do saltério como um todo foi fornecida por Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*. Wilson procurou por pistas da estrutura geral do saltério, concentrando-se nos títulos dos salmos, seu gênero e seus indicadores de autoria, bem como os salmos localizados nas “costuras” dos cinco livros do saltério. Um grande esforço para fazer a exegese dos vários salmos em termos das estruturas maiores do livro é encontrado nos comentários de Hossfeld e Zenger (veja bibliografia selecionada no final deste volume). Em seu breve artigo, John H. Walton, “Psalms: A Cantata about the Davidic Covenant”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 34 (março de 1991), p. 21-31, explorou a estrutura do saltério concentrando-se mais diretamente no conteúdo dos salmos. Sua proposta de que o conteúdo do salmo deve funcionar como uma chave fundamental na descoberta da estrutura do saltério, juntamente com seu foco na aliança davídica, forneceu uma visão significativa da formação geral dos salmos. Seu esforço para encontrar traços específicos na história de Davi lado a lado com o desenvolvimento do saltério promoveu tensas conexões entre o registro bíblico da vida de Davi e as várias porções dos salmos. Em todo caso, as estruturas do saltério devem ser buscadas na substância do saltério, não meramente na análise de títulos, autores e gêneros.

⁷ Nancy L. deClaissé-Walford, *Reading from the Beginning: The Shaping of the Hebrew Psalter* (Ann Arbor, MI: UMI Dissertation Services, 1996), oferece uma série de *insights* em sua análise do saltério. Sua metodologia, no entanto, tem um fator limitador, pois se concentra no primeiro e último salmo de cada livro do saltério para determinar o fluxo do livro como um todo. No entanto, os desenvolvimentos nos cinco livros não podem ser devidamente determinados sem a análise da substância maior de cada livro.

5

LIVRO I (SL 1-41) – CONFRONTAÇÃO



○ Senhor Deus Todo-Poderoso governa eternamente sobre o céu e a terra. Mas o “mistério da iniquidade” surgiu para desafiar sua soberania entre a humanidade. Em resposta a esse desafio, por meio da aliança e da promessa, Deus se comprometeu a redimir uma inumerável multidão de cada tribo, raça, língua e povo para ser sua. O instrumento pelo qual essa redenção será realizada é um “herói salvador singular” que, na plenitude dos tempos, entrará em um conflito mortal com o próprio Satanás (Gn 3.15). Como consequência, o confronto caracterizará toda a história humana até a consumação.

Nos dias do reinado de Israel, esse confronto se manifestou através da luta do rei messiânico de Israel para estabelecer seu reino de justiça e paz. Davi, filho de Jessé, foi o homem escolhido por Deus para cumprir esse papel redentor. Como cabeça da linhagem que culminaria no redentor real, ele devia entrar em um conflito mortal com os muitos inimigos de seu reino messiânico. Particularmente, como procurou estabelecer pela primeira vez esse reino de justiça, misericórdia e paz, ele experimentaria confronto constante com seus muitos inimigos. O Livro I dos Salmos reflete essa estrutura de início do confronto.

Essa investigação do Livro I incidirá sobre os principais elementos que estruturam o livro. Quatro elementos em particular serão considerados: (1) o papel fundamental dos salmos 1 e 2 para todo o saltério; (2) a primeira coletânea de salmos davídicos; (3) o significado estrutural do salmo 18 messiânico e o salmo 19 da Torá; e (4) a contribuição dos salmos acrósticos para a estrutura do Livro I.

O papel fundamental dos salmos 1 e 2

O papel introdutório desses dois salmos já foi discutido, mas seu significado em todo o saltério merece mais consideração. Tomados em conjunto, esses dois salmos definem a substância de essencialmente tudo que se seguirá ao longo do restante dos salmos. O primeiro salmo declara o caráter crítico da lei; o segundo salmo apresenta o Filho designado pelo Senhor que, em última análise, estenderá o reino messiânico até os confins da terra. Torá e Messias, lei e evangelho – ambos são igualmente essenciais para o cumprimento das alianças e para o avanço do reino de Yahweh.

Não só como salmos que introduzem todo o livro de Salmos, mas também como introdução a um elemento significativo na estrutura do saltério, esses dois salmos se unem em uma relação simbiótica.¹ Posteriormente, a junção de um salmo da Torá e um messiânico fornece estrutura interna dentro dos dois maiores livros do saltério. No Livro I propriamente dito (Sl 3–41), o salmo messiânico 18 é unido com o salmo 19 da Torá no ponto principal de transição do livro. Materiais sobre Torá e Messias são tratados de forma diferente no Livro I antes e depois desses dois salmos de transição, como será visto mais tarde. De forma semelhante, o salmo 118 messiânico, em conjunto com o Salmo 119 da Torá, no Livro V (Sl 107–150), fornece a estrutura para o livro maior e conclusivo do saltério. Grupos de salmos significativamente diferentes aparecem antes e depois desses dois salmos fundamentais no Livro V. Nesse contexto, o papel único do salmo 1 da Torá e do salmo 2 messiânico merece consideração especial.

Salmo 1

O posicionamento do salmo 1 como a principal introdução a todo o saltério faz uma declaração clara sobre a substância do material que se seguirá. Como se observou,

O livro de salmos resultante deve ser tratado como a própria Torá. O leitor deve meditar sobre tudo que se segue como instrução de Deus e procurar viver pelo seu ensinamento tanto quanto pelo ensino do Pentateuco.²

¹ Cf. Jamie A. Grant, *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004). A tese principal de Grant é que os salmos 1–2; 18–21 e 118–119 representam três agrupamentos de salmos da Torá com salmos messiânicos baseados na teologia do senhorio de Deuteronômio 17.14–20, que fornece o foco da identidade do saltério como um todo. Grant diz: “A colocação dos salmos de realza ao lado dos salmos da Torá foi um ato editorial deliberado através do qual os redatores do saltério pretendiam refletir a teologia da lei deuteronômica do Rei no livro de Salmos”. *Ibid.*, p. 2.

² *Ibid.*, p. 53

Longe de ser simplesmente uma coletânea de reflexões subjetivas feitas por vários indivíduos piedosos, cada parte do saltério deve ser vista como ensino, como revelação divina destinada a funcionar como as instruções do Senhor sobre o que acreditar e como viver. Quer seja instrução, louvor, lamento, ação de graças ou confissão, todo o livro e todas as suas partes devem ser reverenciadas como ensinamento inspirado de Yahweh, que é o significado essencial do termo Torá.³ Contudo, os salmos 1, 19 e 119 são distintamente dedicados ao tema da Torá.

Mais especificamente, o salmo 1 identifica dois grupos de pessoas com base em sua relação com a lei de Deus. Os ímpios desprezam a Torá de Deus, enquanto os justos se deleitam em sua lei. Os justos são como uma árvore plantada junto a corrente de águas, produzindo frutos por toda a vida. Contrariamente, os ímpios são como a palha que o vento dispersa em todos os seus empreendimentos terrenos. No fim, os ímpios perecerão e serão excluídos da assembleia do povo de Deus. Os justos, porém, serão defendidos pelo Senhor, que os conhece e ama. Esse contraste entre o ímpio e o justo aparece em cada um dos cinco livros do saltério. A raiz básica para ímpio (רָשָׁע) ocorre cerca de 90 vezes nos salmos, com aproximadamente metade desses casos aparecendo no Livro I. Da mesma forma, a raiz básica para justo (צַדִּיק) ocorre cerca de 50 vezes nos salmos, com aproximadamente metade desses casos no Livro I. Muito claramente, a concentração no conflito entre os justos e os ímpios nos salmos está localizada no Livro I. Contudo, o contraste entre os dois tipos de pessoas em relação à lei de Deus continua em todo o saltério.

O salmo 19, como o segundo salmo da Torá, fala apenas de maneira positiva sobre a atitude das pessoas em relação à Torá de Yahweh. Esse salmo emprega seis frases diferentes para a *lei* do Senhor em três versículos. A distribuição desses variados termos para a *Torá* através do saltério pode ser resumida da seguinte forma:

³ Proporcionar uma definição precisa para a Torá nos salmos é uma tarefa difícil. A “meditação” (הִתְחַלְּוּת) sobre a Torá, recomendada pelo salmo 1, inclui a ideia de “murmurar”, “refletir”, “vocalizar”, o que pressupõe conceito sólido ou conteúdo de palavras como oposto à meditação mística. O termo implica um corpo escrito de material que pode ser memorizado, recitado e meditado. Hans-Joachim Kraus, *Psalms 1-59: A Commentary* (Minneapolis: Augsburg, 1988), p. 116, diz que o “centro” da Torá “é e continua a ser a lei de Deus transmitida por Moisés... Torá nesse sentido é a autoritativamente válida ‘Sagrada Escritura’”. Mas que Escritura? O Pentateuco? O livro de Deuteronômio? Todos os escritos canônicos até o tempo da composição do salmo que usam o termo? Se este é o caso, então a Torá referida por Davi em seus salmos seria bastante diferente da Torá do autor do salmo 119. Cf. Grant, *King as Exemplar*, p. 253-273, para uma extensa discussão de identidades opcionais da Torá.

- *Torá/lei de Yahweh*: salmos 1, 19, 37, 40, 78, 89, 94, 105, 119
- *Testemunho/estatuto de Yahweh*: salmos 19, 25, 78, 81, 93, 99, 119, 122, 132
- *Preceitos de Yahweh*: salmos 19, 103, 111, 119
- *Mandamentos de Yahweh*: salmos 19, 78, 89, 112, 119
- *Temor de Yahweh*: salmos 19, 34, 111, 119
- *Julgamento/ordenança de Yahweh*: salmos 19, 81, 89, 119, 147

Quase 20 salmos separados contêm pelo menos uma dessas representações da Torá de Yahweh.⁴ Mas, como a lista acima demonstra, somente os salmos 19 e 119 empregam todos os seis desses termos da lei. Esse fator enfatiza a proximidade da relação entre esses dois salmos.

O salmo 119, como o terceiro e culminante salmo da Torá, reforça o contraste de atitudes entre abraçar e repudiar a lei de Deus. Considerando todas as várias designações para os ímpios (“inimigos”, “malfeitores”, “opressores”, “arrogantes”, “adversários”, “infíéis”, etc.), 16 das 22 estrofes do salmo 119 contrastam o estilo de vida do justo com o do ímpio.

De qualquer forma, o papel do salmo 1 como um salmo inicial para a totalidade do saltério está claramente estabelecido por esse uso extensivo da terminologia da Torá em todo o livro. A Torá, o ensino, a instrução do Senhor devem ser vistos como um fator-chave na compreensão dos salmos.

Salmo 2

O salmo 2 enfatiza quatro temas principais derivados da aliança davídica que também permeiam o saltério, estabelecendo o papel fundamental desse salmo introdutório. Esses quatro temas são: (1) o reinado de Yahweh sobre todas as nações; (2) o local de seu governo no monte Sião de Jerusalém; (3) o estabelecimento permanente da dinastia davídica; e (4) a fusão do trono de Yahweh com o trono de Davi. Esses quatro temas que permeiam este salmo serão introduzidos apenas brevemente neste ponto.

O reinado de Yahweh sobre todas as nações

De acordo com o salmo 2, as nações e os reis da terra se rebelam contra o senhorio de Yahweh, mas somente em vão (Sl 2.1). Entronizado no céu, Yahweh zomba primeiro e então os aterroriza em sua ira (Sl 2.4-5).

⁴ James Luther Mays, *The Lord Reigns: A Theological Handbook to the Psalms* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1994), p. 153n12, lista 14 salmos que dão expressão à teologia da Torá, além dos salmos 1, 19 e 119: salmos 18, 25, 33, 78, 89, 93, 94, 99, 103, 105, 111, 112, 147, 148. Os salmos que empregam terminologia da Torá não mencionados por Mays incluem os salmos 34, 37, 40, 81, 122, 132.

Esse tema do reinado de Yahweh sobre as nações permeia os salmos. Um exemplo de cada um dos cinco livros pode servir para estabelecer o ponto:

- “O SENHOR é rei eterno: da sua terra somem-se as nações” (Sl 10.16 – Livro I).
- “Pois o SENHOR Altíssimo é tremendo, é o grande rei de toda a terra” (Sl 47.2 – Livro II).
- “O pardal encontrou casa... eu, os teus altares, SENHOR dos Exércitos, Rei meu e Deus meu!” (Sl 84.3 – Livro III).
- “Porque o SENHOR é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses” (Sl 95.3 – Livro IV).
- “Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei... O teu reino é o de todos os séculos, e o teu domínio subsiste por todas as gerações” (Sl 145.1,13 – Livro V).

Esses exemplos de salmos retirados de cada um dos cinco livros do saltério se unem para declarar Yahweh como o rei soberano sobre tudo. Começando com a afirmação do governo de Yahweh sobre as nações no salmo 2, o saltério declara regularmente que ele é o Senhor sobre todos.

O local de seu reinado, no Monte Sião de Jerusalém

Claramente, certas passagens nos salmos referem-se ao céu como o lugar da entronização do Senhor.⁵ No salmo 2, o salmista declara que Yahweh “habita nos céus” (Sl 2.4). Contudo, nesse mesmo salmo de abertura, o próprio Senhor se refere ao “meu santo monte Sião” (Sl 2.6). Em todo o saltério, Sião é identificado como o local do reinado de Yahweh.⁶ Essa aparente dicotomia não cria nenhum problema para as Escrituras. Um fator essencial da aliança davídica era que a descendência de Davi edificaria uma “casa” para o Senhor, onde ele moraria no meio de seu povo, antecipando a construção do templo de Salomão (2Sm 7.13). Quando Salomão dedica seu templo, ele se refere ao lugar da morada de Deus como estando em Sião, embora governe do céu. Salomão pleiteia que o Senhor, aquele que o céu dos céus não pode conter, ouvirá do céu as orações dirigidas a esse “lugar”, onde habita o seu nome (1Rs 8.27-30). Não é simplesmente uma questão de “morada do nome”, uma vez que a “glória” do Senhor já havia enchido o templo antes da oração de Salomão.

⁵ Eis alguns textos que estabelecem o reinado de Yahweh no céu: Sl 11.4; 20.6; 33.13; 53.2; 57.3; 76.8; 89.2; 102.19; 113.4-5; 138.6; 144.5,7; 150.1.

⁶ Eis alguns exemplos de cada um dos cinco livros do saltério: Sl 9.11; 48.2; 76.2; 99.2; 132.13.

mão, indicando a presença permanente do Senhor no Lugar Santíssimo no Monte Sião (1Rs 8.10-11).

Assim, o salmo 2 antecipa um tema significativo que se estende por todo o saltério, referindo-se a Sião como morada do Senhor; ao mesmo tempo em que reconhece que seu trono também está simultaneamente no céu. Parte integrante dos elementos básicos da aliança davídica conforme desenvolvida no saltério é que o Senhor reside no meio do seu povo. No entanto, ele nunca abandona seu governo soberano das alturas exaltadas do céu.

O estabelecimento permanente de Davi e sua dinastia

Já se observou que todas as várias alianças feitas pelo Senhor manifestam seu significado contínuo nos salmos, mas o clímax de todas elas em sua proeminência em todo o saltério é a aliança do Senhor com Davi, a aliança do reino. O salmo 2 coloca a centralidade dessa aliança à frente com o “decreto de Yahweh” dirigido a Davi: “Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei” (Sl 2.7, veja 2Sm 7.14). Cada livro posterior do saltério repete ou amplifica esse compromisso do Senhor para manter Davi e sua dinastia, com uma exceção significativa do Livro IV:

- Livro I: “É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com o seu ungido, com Davi e sua posteridade, para sempre” (Sl 18.50). “Agora, sei que o SENHOR salva o seu ungido” (Sl 20.6). “Na tua força, SENHOR, o rei se alegra!” (Sl 21.1).
- Livro II: “Em vez de teus pais, serão teus filhos, os quais farás príncipes por toda a terra” (Sl 45.16). “Dias sobre dias acrescentas ao rei; duram os seus anos gerações após gerações. Permaneça para sempre diante de Deus” (Sl 61.6-7). “Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado” (Sl 72.17).
- Livro III: “Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redes das ovelhas; tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó... E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas” (Sl 78.70-72). “Fiz aliança com o meu escolhido e jurei a Davi, meu servo: para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração” (Sl 89.3-4; cf. v.20,29,35-36,49).
- Livro V: “Disse o SENHOR ao meu senhor: assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Sl 110.1). “Por amor de Davi, teu servo, não desprezes o rosto do teu ungido... Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono” (Sl 132.10-11; cf. v.17).

Por sua repetição específica das palavras do Senhor em sua aliança com Davi, o salmo 2 estabelece as bases para essa reafirmação contínua e expansiva das expectativas em relação à manutenção da linha davídica pelo período de 500 anos de história do saltério. A ausência de qualquer referência direta à monarquia davídica no Livro IV pode ser devida ao seu exílio, quando o povo não tinha um rei ungido. Como consequência das devastações do exílio, a esperança de Israel teve que passar por um processo de amadurecimento sério. Embora a promessa a Davi nunca tenha desaparecido, como se vê nos salmos 101, 110 e 132, as pessoas sem um rei messiânico no trono tiveram que se concentrar no reinado de Yahweh sobre todo o mundo no tempo e no espaço (Sl 90; 92-100).

A fusão do trono de Yahweh com o trono de Davi

O salmo 2 abre o saltério com a imagem dessa fusão já em vigor. O rei messiânico é instalado por Yahweh “em Sião”, que o próprio Senhor descreve como “meu santo monte” (Sl 2.6). Essa declaração do saltério traz à expressão o pleno significado da determinação de Davi para trazer a arca da aliança para Jerusalém, onde seu próprio trono era localizado (2Sm 6.12-19). Por essa ação, Davi estava insistindo que o trono de Yahweh fosse fundido com seu próprio trono. Ele esperava ver realizada essa intenção através das gerações e encontrou sua realização dramática na inauguração de Salomão como rei em lugar de Davi. No momento crítico de transição, “Salomão assentou-se no trono do SENHOR, rei, em lugar de Davi, seu pai” (1Cr 29.23). O trono do Messias é efetivamente fundido com o trono de Yahweh. As perfeições dessa fusão aparecem nas muitas passagens nos salmos em que Sião, o lugar da entronização de Davi, é apresentado como o lugar de entronização de Yahweh, mesmo enquanto o senhorio de Yahweh continua a ser reconhecido como residente no céu. Muitas das referências ao lugar de morada de Deus no céu são acompanhadas de referências ao seu lugar de morada em Sião (cf. Sl 11.4; 20.2,6; 53.2,6; 57.1,3; 76.2,8; 102.16,19; 110.1-2; 138.2,6), que tem o efeito de fundir o reinado de Yahweh com o reinado de Davi. Pois o Messias davídico governa para Deus.⁷

Como os temas principais do salmo 2 encontram extensa e contínua elaboração no restante do saltério, esse salmo de abertura pode ser visto como

⁷ Cf. Gary N. Knoppers, *I Chronicles 10-29: A New Translation with Introduction and Commentary*, Anchor Bible (Nova York: Doubleday, 2004), p. 673: “O mais extraordinário é que o cronista associa o reino ou reinado de Davi ao reino ou reinado de Deus em nada menos que quatro ocasiões distintas (1Cr 17.14; 28.5; 29.11; 2Cr 13.8)”. Knoppers cita Jafé para mostrar que o cronista “equipara monarquia com teocracia – a monarquia israelita é o reinado de Yahweh sobre Israel”.

fundamental para todo o livro. Com o salmo 1 da Torá, o salmo 2 messiânico fornece uma introdução apropriada a todo o saltério.

A primeira coletânea de salmos davídicos (Sl 3–41)*⁸

Assim, o saltério abre com os salmos 1 e 2 servindo como pilares que marcam a entrada para o templo do saltério. A lei de Deus e o Messias de Deus fornecem uma dupla fonte de bênção para o povo de Deus ao entrarem nesse templo. Dois grupos de pessoas com uma fé e um estilo de vida radicalmente diferentes respondem diferentemente à Torá de Yahweh e ao Messias de Yahweh. Yahweh e seu Messias entram em conflito inevitável com os perversos, os injustos, os ímpios que se opõem ao governo de Deus. O Livro I do saltério apresenta a primeira coletânea de salmos que traçam o desenvolvimento desse conflito.⁹ Alguns indivíduos e nações se puseram contra Yahweh e seu Messias, enquanto outros, com gratidão, serviam a ambos.

Todos os salmos do Livro I propriamente dito (Sl 3–41*) são atribuídos a Davi como autor em seus títulos, com apenas duas exceções, o que mostra a intensidade do envolvimento pessoal de Davi nesse confronto cósmico.¹⁰

⁸ Assim como em outros capítulos, o asterisco (*) após uma lista de salmos indica que os títulos daquela coletânea podem não atribuir especificamente todos os salmos particulares à mesma pessoa.

⁹ Nancy L. deClaisse-Walford, *Reading from the Beginning: The Shaping of the Hebrew Psalter* (Ann Arbor, MI: UMI Dissertation Services, 1996), p. 144, diz que o salmo 2 em particular e os salmos reais em geral “abordam as perguntas da comunidade pós-exílica” sobre a perda de um rei. Dessa perspectiva, presume-se que o salmo 2 tenha tomado sua forma atual após o exílio. Muito pelo contrário, o salmo 2, originário de Davi e mantendo sua integridade davídica, definiu a história das expectativas de Israel desde os dias de Davi até a aparição do Cristo na pessoa de Jesus. O apóstolo Pedro fortalece significativamente esse argumento quando afirma a autoria de Davi do salmo 2 (At 4.25-29). Por enquanto, a experiência de oposição de Jesus por parte das potências nacionais deve ser vista como correspondente à experiência idêntica de Davi como a figura messiânica do Antigo Testamento. Em vez de desacreditar seu caráter messiânico, a oposição a Jesus, superada por sua ressurreição, ajuda a identificá-lo como a realização consumada do messianismo do Antigo Testamento. Um exemplo semelhante que destaca a autoria davídica de certos salmos é a citação do Novo Testamento do salmo 16. O apelo de Pedro ao túmulo de Davi como prova de que Davi não poderia ser o “Santo” que nunca poderia ver a corrupção (Sl 16.10) seria totalmente irrelevante para a questão da ressurreição de Jesus se Davi não fosse o autor do salmo citado (At 2.25-32). Mas, como o túmulo de Davi como autor do salmo 16 está “aqui até hoje” (talvez acompanhado por Pedro com um gesto direcional apropriado), ele como autor do salmo 16 não poderia ter falado de si mesmo. Em vez disso, ele precisava estar falando do consumado Messias, que agora está estabelecido como o ressurreto Cristo Jesus.

¹⁰ Os dois únicos salmos do Livro I, além dos “pilares introdutórios” (Sl 1–2) que não são especificamente atribuídos a Davi em seus títulos, são os salmos 10 e 33. O salmo 10 completa o poema acróstico iniciado no salmo 9, o que explica a ausência de um título. Os dois são tratados como um salmo na LXX. O salmo 33 é um quase-acróstico, com 22 versos, mas não dispostos em ordem alfabética. Este salmo se refere à comunidade do povo

Salmos adicionais na coletânea do saltério sem o indicador “de Davi” em seus títulos também foram compostos por Davi, como visto pelo testemunho direto do Novo Testamento. Ao reagir às ameaças dos líderes judeus perante os discípulos reunidos, Pedro reconhece que Deus falou “por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi” (At 4.25). Ele, então, cita o salmo 2, embora nenhum título exista para afirmar que Davi seja o autor. De modo semelhante, o escritor aos Hebreus indica que Deus falou “por Davi” sobre o “descanso” consumado no salmo 95 (veja Hb 4.7). Contudo, esse salmo não tem nenhum título que afirme que Davi foi seu autor.

Não podemos saber quantos mais dos salmos sem título em todo o saltério foram escritos por Davi. No entanto, claramente, Davi teve muito a ver com a composição dos salmos como consequência de suas experiências pessoais como rei messiânico. Dos 37 salmos atribuídos a Davi no Livro I, apenas cinco não têm pronome pessoal singular (Sl 12; 14; 15; 24; 29).

Mas por que essa única pessoa chamada Davi teve um papel tão grande a desempenhar na produção do saltério? Por que tantos de seus salmos estão escritos na primeira pessoa?

Seria uma explicação muito fácil dizer que, assim, o saltério pretende ajudar cada indivíduo ao longo dos tempos a articular suas orações pessoais diante de Deus. Em vez disso, os discursos de Davi em primeira pessoa a Deus nos salmos devem ser entendidos em termos do pacto climático da história redentora do Antigo Testamento que Deus fez com Davi. Essa aliança climática do reino foi feita especificamente com Davi como rei messiânico. Como indivíduo, ele recebeu as promessas de Deus na aliança sobre uma dinastia perpétua. Não é de admirar que ele exclamasse, em absoluto espanto:

Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui? Foi isso ainda pouco aos teus olhos, SENHOR Deus, de maneira que também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos distantes; e isto é instrução para todos os homens, ó SENHOR Deus (2Sm 7.18-19).

Esse papel distintivo de Davi como o Messias ungido de Deus explica a centralidade de sua pessoa nos salmos.¹¹ Esses salmos na primeira pessoa

de Deus expressando sua confiança coletiva no Senhor: “Nossa alma espera no SENHOR... confiamos no seu santo nome... de ti esperamos” (Sl 33.20-22).

¹¹ J. Clinton McCann, *A Theological Introduction to the Book of Psalms: The Psalms as Torah* (Nashville: Abingdon Press, 1993), p. 43, afirma que a escolha de um Messias é “simplesmente um meio pelo qual o Senhor exerce soberania”, o que tende a minimizar o significado do papel do Messias no saltério. Contudo, a fusão do governo de Deus com o governo do Messias serve como um fator crítico em todo o saltério.

descrevem as várias situações de vida enfrentadas por esse servo singular do Senhor. De fato, cada um desses salmos contém uma mensagem para o crente individual. Porém, para serem entendidos em seu significado mais pleno para o indivíduo, eles devem primeiro ser apreciados por seu papel em falar pelo servo ungido de Deus, o rei messiânico. Em seguida, um princípio que acontece regularmente no saltério ficará claro em seu significado: *da maneira como ele funciona com o rei messiânico, assim também funciona com cada membro do reino messiânico*.

O primeiro salmo no Livro I propriamente dito (Sl 3) dá uma clara expressão a esse princípio. Em toda a substância desse salmo, Davi fala na primeira pessoa como lida com a situação trágica em que seu próprio filho Absalão está organizando uma aliança com sua própria nação contra ele.

A conclusão do salmo aponta para a profunda preocupação de Davi pelo povo de Deus, ainda que o desafio seja dirigido a si próprio. Pois, assim como acontece com o rei messiânico, também acontece com seu povo.

Levanta-te, SENHOR!
Salva-me, Deus meu!

...e sobre o teu povo, a tua bênção (Sl 3.7-8).

Em uma ocasião posterior, o povo de Deus declara sua solidariedade por seu rei messiânico: “Celebraremos com júbilo a tua vitória” (Sl 20.5). Novamente, a súplica do rei messiânico conclui:

Guarda-me a alma e livra-me;

...Ó Deus, redime a Israel de todas as suas tribulações (Sl 25.20,22).

Mais uma vez, depois de uma oração intensa pela sua libertação pessoal, o rei messiânico conclui:

O SENHOR é a força do seu povo,
o refúgio salvador do seu ungido.
Salva o teu povo e abençoa a tua herança;
apascenta-o e exalta-o para sempre (Sl 28.8-9).

Mesmo após seu forte apelo pela misericórdia de Deus ao confessar seu grande pecado de adultério com Bate-Seba, Davi culmina sua petição pedindo a bênção de Deus sobre a nação:

Faze bem a Sião,
segundo a tua boa vontade;
edifica os muros de Jerusalém.
Então, te agradarás
dos sacrifícios de justiça,
dos holocaustos e das ofertas queimadas;
e sobre o teu altar se oferecerão novinhos (Sl 51.18-19).

Do exemplo de Davi como rei messiânico, o povo de Deus em todas as eras pode aprender uma lição valiosa sobre a forma mais aceitável de orar em tempos de grande sofrimento pessoal. Sempre que o crente, hoje, sente necessidade da intervenção especial do Senhor, que se concentre no bem-estar de todo o povo de Deus como o enquadramento adequado para a busca de livramento pessoal. Mesmo a questão extremamente pessoal de receber o perdão pelos pecados pode ser mais bem formulada no contexto de uma consideração da bênção que pode vir sobre todo o povo de Deus enquanto o indivíduo experimenta o perdão.

Assim, o grande número de salmos no Livro I que aparece na primeira pessoa de modo algum aponta para uma perspectiva egocêntrica em que Davi pensa apenas em seus próprios problemas pessoais. Em vez disso, a centralidade davídica nesses salmos repousa firmemente na realidade de que, como acontece com o rei ungido, assim também acontece com a totalidade do povo escolhido de Deus.

A grande coletânea introdutória de salmos atribuída a Davi no Livro I (Sl 3-41*) também é digna de nota devido ao elevado número de referências aos “ímpios”, “inimigos” ou “adversários”. Nada menos do que 30 dos 41 salmos que constituem o Livro I fazem referência específica a esses inimigos do salmista. Dos outros 11 salmos, três implicam a presença de inimigos (Sl 15; 16; 20) e cinco referem-se à morte (Sl 16; 23; 30; 33; 39), que, mesmo sob a antiga aliança, pode ser considerada como o último grande inimigo (1Co 15.26). Um elemento unificador dessa antiga coletânea de salmos pode ser identificado como a luta constante de Davi contra seus inimigos para estabelecer o reino messiânico de justiça e paz. Com base nisso, ele expressa sua confiança na vitória final sobre todos os seus inimigos pela intervenção do SENHOR DA ALIANÇA. Esses temas centrais de constante confrontação e vitória final refletem a luta interminável da “semente da mulher” contra a “semente de Satanás”, que caracteriza toda a história redentora.

O papel de Davi nesses salmos como o rei ungido de Deus lutando para estabelecer o reino messiânico de justiça, misericórdia e paz pode ser ilustrado por uma consideração mais aprofundada do salmo 3. O título deste salmo

refere-se ao tempo em que Davi fugiu de seu filho Absalão. Assim, pode-se perguntar: por que um salmo relacionado a esse incidente particular deve ser o primeiro nesta coletânea em que muitos salmos lidam com a luta de Davi contra seus inimigos?

A resposta a essa pergunta pode ser que o conflito de Davi com seu filho deve ter sido a mais agonizante de todas as suas lutas. Ele poderia suportar ataques de inimigos fora dos limites de sua nação. Ele podia aceitar a dor dos inimigos dentro de sua comunidade. Mas seu próprio filho? Um filho que destronou seu pai? Um filho que organiza uma tropa que procura tirar a vida de seu próprio pai?

Nesse contexto, Davi primeiro apela ao cuidado antigo do Senhor, como demonstrado ao primeiro patriarca no momento do estabelecimento formal de sua aliança com Abraão. Deus revelou-se a Abraão como seu “escudo” e seu “galardão” (Gn 15.1). O mesmo Senhor fez uma aliança com Davi e agora serve de “escudo” ao redor dele (Sl 3.3). Davi, então, lembra ao Senhor o foco das duas promessas de sua própria aliança: uma dinastia para si mesmo e uma morada para Deus no meio de seu povo. “[Tu] és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça”, aludindo à promessa de seu reinado (Sl 3.3). O Messias ameaçado clama ao Senhor, que lhe responde “do seu santo monte”, o local da morada de Deus entre o seu povo (Sl 3.4). Por causa da habitação do Senhor estabelecida em seu meio, o rei pode descansar em paz, mesmo que dezenas de milhares se levantem contra ele (Sl 3.6). No final, ele expressa sua confiança de que a libertação vem não apenas para si, mas também para o seu povo, para que possa antecipar com confiança a bênção do Senhor descansando sobre o seu povo (Sl 3.8).

De uma nova perspectiva da aliança, o crente deve aprender a fazer suas próprias orações em primeira pessoa da mesma maneira que Davi. As petições devem, em última instância, visar ao bem de todo o povo de Deus. Caso contrário, as orações podem degenerar em desejos egoístas, preocupados apenas com vantagem pessoal. Seguindo o exemplo de Davi ao máximo, a bênção do Senhor, sem dúvida, virá.

O papel estrutural dos salmos 18 e 19 no Livro I

Dentro do Livro I, os salmos 18 e 19 possuem um papel-chave na estrutura da primeira coletânea de salmos davídicos. Esses dois salmos apresentam a união de um salmo messiânico com um salmo da Torá. Nesse sentido, eles espelham os dois primeiros salmos do saltério, os salmos 1 e 2: um salmo da Torá e um salmo messiânico.

O título do salmo 18 indica que Davi escreveu esse salmo “no dia em que o SENHOR o livrou de todos os seus inimigos e das mãos de Saul”. Representa

com pouca modificação o salmo registrado em 2Samuel 22, que tem essencialmente o mesmo título (2Sm 22.1). Esse capítulo em Samuel é colocado imediatamente antes de um registro poético das “últimas palavras de Davi” (2Sm 23.1-7). No entanto, mesmo que essas “últimas palavras” estejam apenas falando poeticamente das “últimas” palavras de Davi, é mais provável que o poema em 2Samuel 22/Salmos 18 não tenha sido composto no momento em que cada e todo inimigo de Davi foi derrotado. A própria ordem que enumera primeiro a derrota de “todos os seus inimigos”, seguida pela derrota de Saul no título, sugere que esse poema pode ter sido composto pouco depois que Saul caiu no campo de batalha e todo o Israel se reuniu em Hebrom para ungir Davi como Rei sobre um império unido (2Sm 5.1-3). Davi, naquele momento, com 30 anos de idade (2Sm 5.4), tinha muito mais inimigos a enfrentar. Como diz o texto bíblico nesse mesmo contexto: “Ouvindo, pois, os filisteus que Davi fora ungido rei sobre Israel, subiram todos para prender a Davi; ouvindo-o, desceu Davi à fortaleza” (2Sm 5.17). Pouco tempo depois, as Escrituras relatam que estava “habitando o rei Davi em sua própria casa, tendo-lhe o SENHOR dado descanso de *todos os seus inimigos* em redor” (2Sm 7.1; cf. o título do Sl 18). Esse foi o tempo em que o Senhor formalmente instituiu sua aliança com Davi e sua descendência (2Sm 7.11b,16, cf. Sl 18.50).

A colocação deste poema no Livro I do saltério, conjugado com o salmo 19 como o segundo salmo da Torá, sugere um arranjo intencional de materiais no Livro I que tem uma relação direta com a mensagem desses dois salmos fundamentais. Ao comparar os dois agrupamentos formados por essa disposição dentro do Livro I (Sl 3-17 e Sl 18-41), podem ser notados vários fatores que sugerem uma ordenação intencional desses dois agrupamentos em relação aos salmos 18 e 19. Várias considerações reforçam a importância desse elemento-chave na estrutura do Livro I.

Terminologia messiânico-real antes e depois dos salmos 18/19

O salmo 2 como pilar do saltério refere-se explicitamente ao “Rei” messiânico, o “Ungido” do Senhor, o “Filho” de Yahweh (Sl 2.6,2,7,12). Essa terminologia messiânico-real não aparece novamente nos salmos 3-17.¹² Mas o salmo 18 conclui:

¹² O salmo 16.10 declara que o “Santo” do Senhor, o *hasid* (חַסִּיד), não verá corrupção. Essa pessoa é posteriormente identificada tanto pelo apóstolo Pedro como pelo apóstolo Paulo como o “Messias” de Deus, que não pode experimentar a corrupção (At 2.24-32; 13.34-37). No entanto, o salmo 16.10 não aplica a terminologia específica de “rei”, “ungido” ou “Filho” à pessoa nesta passagem.

É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei
e usa de benignidade para com o seu *ungido*,
com Davi e sua *posteridade*, para sempre (Sl 18.50).

Uma vez que o estabelecimento sólido de Davi como rei messiânico pela derrota de todos os seus inimigos e de Saul foi anunciado no salmo 18, o salmista faz um uso significativo dessa terminologia messiânico-real:

Agora, sei que o SENHOR salva o seu *ungido* (Sl 20.6).

Ó SENHOR, dá vitória ao *rei* (Sl 20.9).

Na tua força, SENHOR, o *rei* se alegra! (Sl 21.1).

O *rei* confia no SENHOR (Sl 21.7).

O SENHOR é... o refúgio salvador do seu *ungido* (Sl 28.8).

Nem uma só vez se faz uso dessa terminologia messiânico-real antes da declaração do salmo 18 de que Davi foi estabelecido como rei, exceto no salmo 2. No entanto, imediatamente depois que o salmo 18 relata a derrota de “todos os inimigos [de Davi] e... Saul”, o saltério apresenta vários salmos que se referem a Davi como “rei” e “ungido”. Assim, existe uma diferença reconhecível no uso da terminologia messiânico-real antes e depois do salmo 18.

Cinco salmos reais imediatamente depois dos salmos 18/19

Não só o aparecimento dessa terminologia messiânica logo após os salmos 18 e 19, mas o agrupamento de cinco salmos reais imediatamente após esse ajuntamento Torá-messiânico fornece um papel estrutural para os salmos 18/19. Os salmos 20–24 contêm dois salmos que apresentam o reinado do Messias (Sl 20–21) e dois salmos que celebram o reinado de Yahweh (Sl 23–24), com o salmo 22 retratando vividamente esses dois reinados.¹³ Os seguintes aspectos desse agrupamento de salmos reais podem ser observados.

¹³ Patrick D. Miller, “Kingship, Tora Obedience and Prayer”, in *Neue Wege der Psalmenforschung*, Klaus Seybold e Erich Zenger (orgs.) (Freiburg: Herder, 1995), p. 127-141, argumenta a favor da união dos salmos 15–24. Cf. Grant, *King as Exemplar*, p. 73-74. Embora esta hipótese tenha algum mérito, sua estrutura indecisa dos principais salmos 18 e 19 enfraquece seu argumento.

As orações do povo pelo seu rei messiânico no salmo 20, o primeiro salmo dessa coletânea de cinco salmos reais, ressoam com uma nota de “vitória” para o rei ungido do Senhor, ecoando as “vitórias” do salmo 18.50:

Celebraremos com júbilo
a tua vitória...
satisfaça o SENHOR a todos os teus votos.
Agora, sei que o SENHOR salva o seu ungido;
ele lhe responderá do seu santo céu (Sl 20.5-6).

O salmo 21, o próximo salmo real dessa coletânea, continua esse tema das vitórias do rei messiânico:

Na tua força, Senhor,
o rei se alegra!
E como exulta
com a tua salvação!

...Grande lhe é a glória
da tua salvação;
de esplendor e majestade
o sobrevestiste (Sl 21.1,5).

Nenhum salmo na primeira coletânea do Livro I propriamente dito (Sl 3-17) apresenta Davi como o “ungido”, o “rei” que conquistou grandes “vitórias”, mas esses dois salmos que se seguem imediatamente após a transição dos salmos 18 e 19 falam claramente de Davi, o rei messiânico e suas vitórias como tinham sido introduzidas no versículo final do salmo 18.

Essa coletânea de cinco salmos reais também apresenta Yahweh em seu papel distintivo como rei (Sl 23-24). De forma geral, os leitores do salmo 23 estavam inteiramente acostumados com as imagens personalizadas do Senhor como seu terno pastor, de modo que falharam em reconhecer o *status* real de Yahweh nesse salmo. No entanto, o conceito de Deus como rei-pastor remonta a quase mil anos antes de Davi. Jacó, o patriarca, antecipa o reinado de Yahweh quando fala do “Deus que me tem pastoreado todos os meus dias” (Gn 48.15-16). Em seu pronunciamento profético a respeito da tribo de José, Jacó fala do “Poderoso de Jacó”, o “Pastor, a Pedra de Israel” (Gn 49.24). Então, culminando ao ponto de Davi ser ungido rei sobre todo o Israel, as tribos anteriormente leais a Saul lembraram a nomeação deste homem pelo Senhor para ser seu rei-pastor:

O SENHOR te disse: “Tu apascentarás o meu povo de Israel e serás chefe sobre Israel” (2Sm 5.2).

Essa mesma imagem é subsequentemente aplicada a Yahweh em sua exaltação como rei sobre seu povo em um momento em que a nação estava precisando desesperadamente da intervenção do Senhor:

Dá ouvidos, ó pastor de Israel,
tu que conduzes a José como um rebanho;
tu que estás entronizado acima dos querubins,
mostra o teu esplendor (Sl 80.1).

Assim, a imagem no salmo 23, de Yahweh como pastor de Davi, inevitavelmente recorda o reinado do Senhor. O salmo 23 pode ser visto como parte integrante dessa coletânea de cinco salmos reais que seguem a declaração de que Davi está sendo estabelecido em seu reinado de acordo com o fundamental salmo 18.¹⁴

O próximo salmo dessa coletânea, salmo 24, repetidamente reconhece o papel de Yahweh como rei:

Levantai, ó portas, as vossas cabeças;
levantai-vos, ó portais eternos,
para que entre o Rei da Glória.

Quem é o Rei da Glória?
O SENHOR, forte e poderoso,
o SENHOR, poderoso nas batalhas (Sl 24.7-8).

Mais cinco vezes, os versículos finais desse salmo anunciam o “Rei da Glória” (Sl 24.7-10). Duas vezes o salmista propõe a pergunta retórica sobre a identidade desse “Rei da Glória”, a segunda vez ainda mais enfaticamente: “Quem é esse Rei da Glória?” (v. 10). Justamente como o salmista responde antifonalmente, Yahweh é este Rei da Glória.

¹⁴ Veja o comentário de John H. Stek sobre o salmo 23 em “Psalms”, in *The NIV Study Bible* (Londres: Hodder & Stoughton, 1985). Stek desenvolve muito bem a identidade do “pastor” de Davi como Yahweh, seu “Rei Pastor”. Stek descreve o salmo 23 como uma “declaração de confiança alegre no Senhor como o bom Rei Pastor”. *Ibid.*, p. 790. Ele explica o termo “pastor” no salmo 23 como uma “metáfora amplamente utilizada para reis no antigo Oriente Próximo e também em Israel... Aqui o rei Davi reconhece que o Senhor é seu Rei-Pastor... O Rei-Pastor celestial recebe Davi à sua mesa como seu rei vassalo”. *Ibid.*, p. 790-1.

Essa coletânea de salmos reais, que segue logo após o salmo messiânico 18 (juntamente com o salmo 19 da Torá), sustenta o papel transitório desses dois salmos. Eles marcam um ponto de transição claro no Livro I. A terminologia messiânica, bem como uma coletânea de salmos messiânicos e de reinado divino, segue esse marcador comum no primeiro livro do saltério.

O salmo 22, como foco dessa coletânea de cinco salmos reais, desempenha um papel significativo na união desses dois reinos. Ele funciona significativamente como um salmo intermediário que une o reinado do Messias e o reinado de Yahweh. As primeiras palavras do salmo 22 levantam uma pergunta sem resposta quando Davi, o rei messiânico, clama, em agonia confusa: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Sl 22.1). O salmista sofre nas mãos de touros brutais, leões, cães e chifres de bois (Sl 22.12-13,20-21). A Escritura emprega regularmente essa imagem de touros poderosos, leões e chifres de bois para indicar poderes internacionais. Esse conglomerado de inimigos internacionais indica que é o rei, o ungido do Senhor, que é o sujeito do sofrimento em suas mãos. Pois essas forças internacionais não iriam atacar o “israelita comum”. O próprio rei é o sujeito de seu ataque. Todos os seus ossos se desconjuntaram. Sua língua se agarra ao céu de sua boca. Ele está no pó da morte. As pessoas olham e se regozijam sobre ele. Dividem as suas vestes entre elas e lançam sortes para dividi-las (Sl 22.14-15,17-18). Essa descrição vívida antecipa claramente os sofrimentos do rei messiânico (cf. Mt 27.35,46; Mc 15.34 e Jo 19.34).

Já a segunda parte deste salmo intermediário fala nos termos mais gloriosos do reinado de Yahweh. Seu governo é universal e perpétuo:

Lembrar-se-ão do SENHOR

e a ele se converterão os confins da terra;

perante ele se prostrarão

todas as famílias das nações.

Pois do SENHOR é o reino,

é ele quem governa as nações.

A posteridade o servirá;

falar-se-á do Senhor à geração vindoura.

Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer,

contarão que foi ele quem o fez (Sl 22.27-28,30-31).

As impressionantes previsões sobre os sofrimentos de Cristo na primeira parte do salmo 22 tendem a “restringir os olhos” dos crentes de absorver completamente as glórias da porção final deste salmo. Porém, vista no contexto

desses cinco salmos reais, torna-se claro que a primeira parte deste salmo intermediário (Sl 22.1-21) se refere ao reinado do Messias, como apresentada nos salmos 20 e 21. Então a segunda porção deste mesmo salmo (Sl 22.22-31) retrata o reinado de Yahweh sobre as nações, em antecipação aos salmos 23 e 24, que celebram o reinado do Senhor. Antes do salmo 18, a terminologia do reinado messiânico não estava presente, exceto no salmo 2. Mas, depois do pronunciamento sobre o reinado de Davi, no salmo 18, esse agrupamento de cinco salmos reais aparece com grande proeminência.¹⁵ A introdução dessa impressionante coletânea de salmos reais nesse ponto destaca fortemente o papel transicional do salmo 18, juntamente com o salmo 19, no Livro I.

Os termos para a Lei antes e depois do salmo da Torá 19

Uma terceira evidência para o papel central dos salmos 18 e 19 no Livro I pode ser vista por uma comparação do uso dos vários termos para a lei de Deus. Exceto pela única referência aos “juízos” do Senhor que estão longe dos ímpios (Sl 10.5), os termos múltiplos usados para indicar a Torá de Yahweh, sua lei e seus testemunhos, preceitos, mandamentos e ordenanças como introduzidos no salmo da Torá 19 não aparecem na primeira seção do Livro I (Sl 3–17). Mas os vários termos da Torá aparecem várias vezes na segunda seção do Livro I (Sl 18–41). Cinco das seis designações específicas para a Torá no salmo 19 ocorrem depois da primeira seção do Livro I (Sl 3–17):

Porque todos os seus *juízos* me estão presentes,
e não afastei de mim os seus *preceitos* (Sl 18.22).

Todas as veredas do SENHOR são misericórdia e verdade
para os que guardam a sua aliança e os seus *testemunhos* (Sl 25.10).
Eu vos ensinarei o *temor do SENHOR* (Sl 34.11).

No coração, tem ele a *lei* do seu Deus (Sl 37.31).

Dentro do meu coração, está a tua *lei* (Sl 40.8).

Embora esses termos estejam ausentes dos salmos 3–17, além da única referência aos juízos de Deus como distantes dos ímpios (Sl 10.5b), eles apa-

¹⁵ Outros grupos de salmos reais podem ser encontrados em cada um dos quatro primeiros livros dos salmos: salmos 45–48 (Livro II); salmos 75–76 (Livro III); salmos 92–100 (Livro IV). Não está claro por que uma coletânea de salmos especificamente reais está ausente do livro V. Será que os salmos de *hallelu-yah* desempenham esse papel no livro V? Veja a discussão dessa possibilidade quando tratarmos do Livro V.

recem com certa regularidade nos salmos 18-41, uma vez que os salmos 18 e 19, fundamentais, introduzem pela primeira vez o uso múltiplo desses termos.

“Ensino” antes e depois dos salmos 18/19

Uma quarta evidência do papel central dos salmos 18 e 19 aparece quando as referências ao “ensino” nas seções antes e depois desses dois salmos são comparadas. Não há menção específica a “ensinar” o caminho nos salmos 3-17, embora dois salmos se refiram a “conduzir” ou “dar a conhecer” o caminho da vida a seu povo.¹⁶ Mas, seguindo o salmo 19 da Torá, várias referências a “ensinar” vêm à tona na segunda seção do Livro I (Sl 18-41):

Faze-me, SENHOR, *conhecer* os teus caminhos,
ensina-me as tuas veredas.
Guia-me na tua verdade
e *ensina-me* (Sl 25.4-5).

Ensina-me, SENHOR, o teu caminho
e guia-me por vereda plana,
por causa dos que me espreitam (Sl 27.11).

Instruir-te-ei e te *ensinarei*
o caminho que deves seguir;
e, sob as minhas vistas, te darei conselho (Sl 32.8).

Vinde, filhos, e escutai-me;
eu vos *ensinarei* o temor do SENHOR (Sl 34.11).

O ensino e a instrução do Senhor pertencem à essência da Torá. O “ensino” do Senhor sempre é apropriado. No entanto, essa tutela divina é mais prontamente promovida no tempo após o Senhor ter dado a Davi algum alívio pela derrota de todos os seus inimigos, como indicado no título do salmo de transição 18, unido ao salmo da Torá 19. Assim, muito apropriadamente, o salmo 25, que vem logo após o agrupamento de cinco salmos reais (Sl 20-24), responde ao salmo 19 da Torá por uma dezena de referências à instrução do Senhor: “faze-me conhecer”, “ensina-me”, “guia-me”, “ele aponta o caminho”, “guia”, “ensina”, “ele instruirá”, “ele dará a conhecer” (Sl 25.4-5, 8-9, 12, 14). Uma vez mais, o caráter de transição dos salmos 18 e 19 é indicado.

¹⁶ O salmo 5.8 declara: “Guia-me na tua justiça... endireita diante de mim o teu caminho.” O salmo 16.11 declara: “Tu me farás ver os caminhos da vida”. Porém, os termos básicos para a palavra “ensinar” (יָדַעַתְּ יָדַעַתְּ) estão ausentes nessas passagens.

Referências à confissão de pecado

Um segundo impacto da Torá do Senhor, além de “ensinar” o caminho, é a convicção do pecado e consequente confissão. Nenhuma confissão explícita de pecado pelo salmista é registrada nos salmos 3–17,¹⁷ mas o salmo 25 responde ao salmo 19 da Torá com nada menos que quatro reconhecimentos explícitos de pecado pessoal:

Não te lembres dos meus pecados da mocidade, nem das minhas transgressões (Sl 25.7).

O SENHOR... aponta o caminho aos pecadores (Sl 25.8).

Perdoa a minha iniquidade, que é grande (Sl 25.11).

Perdoa todos os meus pecados (Sl 25.18).

Uma vez que a delicada questão de confessar o pecado pessoal foi abordada pelo salmo 25 em sua resposta ao salmo 19 da Torá, uma série de salmos de confissão de pecado aparece nessa segunda grande porção do Livro I. Entre estes, está a clássica confissão de Davi no salmo 32:

Bem-aventurado aquele
cuja iniquidade é perdoada,
cujo pecado é coberto.

Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões;
e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado (Sl 32.1,5).

Uma coletânea adicional de quatro salmos de confissão de pecado conclui essa segunda e última seção do Livro I (Sl 38.3–4,18; 39.8,11; 40.12; 41.4). No entanto, antes do salmo 19 da Torá, nenhuma confissão explícita de pecado aparece.

Assim, a Torá, o “ensino” do Senhor, realiza duas coisas: (1) “ensina” o caminho do Senhor; e (2) convence do pecado. Embora essencialmente ausentes nos salmos 3–17, ambos os elementos são manifestamente proeminentes no salmo 25, uma vez que ele responde diretamente ao salmo 19 da Torá. Além

¹⁷ No salmo 6.1, o salmista insiste: “Não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor”, o que poderia implicar culpa. Mas o salmo fica aquém de uma verdadeira confissão de pecado.

do salmo 25, vários salmos incluem “ensino” e confissão, apoiando o papel transicional do salmo 19 da Torá.

Referências a Yahweh como a “Rocha” da estabilidade

Uma evidência final para o papel transicional dos salmos 18 e 19 pode ser vista nas referências a Yahweh como a “Rocha” de seu povo. As linhas iniciais do salmo 18 aplicam, pela primeira vez nos salmos, essa antiga imagem poética de uma “Rocha”, representando a estabilidade divina que reside no SENHOR DA ALIANÇA de Davi:

O SENHOR é a minha rocha (סֵלָעַ) ... o meu Deus (אֱלֹהִים), o meu rochedo (צִיָּרִי)
(Sl 18.2).

Não foi durante os tempos em que Davi perambulou como um vagabundo no deserto, ou viveu como um fugitivo em uma caverna, ou definiu como um cativo nas mãos dos filisteus que essa imagem de estabilidade poderia ser empregada significativamente em seu sentido mais pleno. Mas agora que Deus livrou Davi de “todos os seus inimigos e... Saul”, o Senhor é retratado como “a Rocha”, a Rocha da estabilidade em que repousa o reinado messiânico. A esse respeito, os salmos 18 e 19 podem ser vistos mais uma vez como um ponto primário de transição no Livro I.

Essa antiga imagem da estabilidade inabalável do Senhor remonta ao pronunciamento profético do patriarca Jacó sobre seu filho José, que era favorecido. A “Rocha” de Israel estabilizou o arco de José diante de todos os seus adversários (Gn 49.24). A canção final de Moisés também elogia a fidelidade inabalável de Deus como “a Rocha” cujos caminhos são sempre justos, um Deus que não falha (Dt 32.4). Israel errou muito quando a nação rejeitou “a Rocha”, seu Salvador (Dt 32.15). Abandonaram a “Rocha” que os gerou (Dt 32.18). De modo nenhum poderiam perder uma batalha, a menos que sua “Rocha” os abandonasse (Dt 32.30), pois a “rocha” de outras nações não pode se comparar à “Rocha” de Israel (Dt 32.31). Novamente, a mãe de Samuel, Ana, antecipa o papel de seu filho quando chega a hora de Deus dar força ao seu rei e exaltar o poder do seu ungido (1Sm 2.10c). Com essa perspectiva futura diante dela, ela se deleita em declarar: “Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus” (1Sm 2.2).

Assim, quando Davi abre o salmo 18, declarando que Deus é sua “Rocha”, ele se baseia em uma imagem comprovada da fidelidade imutável de Deus. Não uma só vez, mas várias vezes neste salmo, ele declara que o Senhor é sua “Rocha”:

O SENHOR é a minha rocha...
o meu Deus, o meu rochedo.
E quem é rochedo, senão o nosso Deus?

Bendita seja a minha rocha! (Sl 18.2,31,46).

Não é de surpreender que Davi volte a essa antiga imagem em sua composição poética final, registrada em 2Samuel, para capturar o conceito de estabilidade de um governo real baseado na justiça:

Disse o Deus de Israel,
a Rocha de Israel a mim me falou:
Aquele que domina com justiça sobre os homens,
que domina no temor de Deus,
é como a luz da manhã, quando sai o sol,
como manhã sem nuvens, cujo esplendor, depois da chuva,
faz brotar da terra a erva (2Sm 23.3-4).

Nunca se usou essa imagem no saltério antes do salmo 18. Mas então, na parte do Livro I que começa com o salmo 18 (Sl 18–41), essa imagem é usada várias vezes:

SENHOR, rocha minha e redentor meu! (Sl 19.14).

A ti clamo, ó SENHOR; rocha minha (Sl 28.1).

Livra-me depressa; sê o meu castelo forte (Sl 31.2).

Tu és a minha rocha e a minha fortaleza (Sl 31.3).

Além disso, a imagem de Deus colocando seu servo messiânico sobre uma “rocha” como um lugar de segurança e estabilidade ocorre em dois outros salmos nessa coletânea:

Elevar-me-á sobre uma rocha (Sl 27.5).

Colocou-me os pés sobre uma rocha (Sl 40.2).

O uso repetido dessa forte imagem de Yahweh como uma Rocha para o seu ungido, começando com o salmo fundamental 18, corresponde à situação de Davi depois que Deus derrotou “todos os seus inimigos e... Saul”, como expresso no título do salmo 18. Essa organização distintiva da imagem de uma “Rocha” sugere fortemente um fluxo deliberado na estrutura do saltério.

A mensagem do livro se move da luta de Davi para estabelecer seu reinado messiânico até a fundação de uma morada permanente em Jerusalém e um reino perpétuo de acordo com a aliança de Deus com Davi.

Esses vários indicadores apoiam o conceito de que a junção do salmo messiânico 18 com o salmo 19 da Torá foi intencionalmente planejada para servir como marcador estrutural que indica o desenvolvimento dentro do Livro I. As contendas para estabelecer e manter o trono messiânico de Davi continuarão. De acordo com a narrativa de 2Samuel, o estabelecimento de Davi como rei sobre todo o Israel depois da morte de Saul só serviu para provocar o inimigo antigo da nação a esforços ainda maiores para derrubar o Messias e seu reino. Davi quase perdeu a vida em uma batalha contra os filisteus que ocorreu muito mais tarde em sua carreira como rei. Esse incidente levou seus homens a fazer um juramento: “Nunca mais sairás conosco à peleja, para que não apagues a lâmpada de Israel” (2Sm 21.17). Porém, as duas seções do Livro I preveem uma mudança definitiva de circunstância para o rei de Israel, com o salmo messiânico 18 emparelhado com o salmo da Torá 19, servindo como ponto de transição.

O papel estrutural dos salmos acrósticos no Livro I

(Sl 9/10;¹⁸ 25; 34; 37)

Os acrósticos alfabéticos no saltério fornecem outro indicador importante da estrutura intencional dentro do saltério, particularmente no Livro

¹⁸ Os salmos 9 e 10 são tratados como um único salmo na LXX, datada provavelmente em algum momento no século 3º ou 2º a.C. O texto massorético separa os dois salmos. Um manuscrito de Qumran com uma proposta de datação de 50-68 d.C. também atesta essa separação por uma linha em branco que precede o primeiro verso do Salmo 10. Cf. James Charleworth *et al.*, *Miscellaneous Texts from the Judean Desert XXXVIII* (Oxford: Clarendon Press, 2007), p. 143, 148. A ausência de um título para o salmo 10 sustenta a unidade original dos dois capítulos, como atestado pela LXX. Vale ressaltar também o fato de que o salmo 10 abre com a próxima letra do acróstico alfabético depois que as primeiras onze letras foram usadas no salmo 9. Além disso, a conclusão do salmo 10 com o uso sequencial das últimas quatro letras do alfabético acróstico sustenta fortemente a unidade dos dois salmos. As circunstâncias que cercam a divisão em dois salmos estão enterradas nas sombras escuras do passado. Geralmente, os salmos 9 e 10 são considerados como um acróstico “quebrado”, uma vez que seis letras do alfabeto hebraico estão faltando no salmo 10. No entanto, a conexão na substância entre a seção não alfabética (Sl 10.2-11) e a conclusão alfabética (Sl 10.12-18) sugere que nada “se perdeu” do salmo. Em termos de fluxo de pensamento, o versículo inicial do salmo 10 começa com um grito de angústia (Sl 10.1). Os seguintes versos não alfabéticos definem o motivo da angústia, que surgiu porque um opressor embosca, assassina, espreita e persegue (Sl 10.2-11). Então, na conclusão alfabética, o salmista pede ao Senhor que intervenha em favor dos pobres e dos desamparados, afirmando que o Deus que “vê” chamará esse opressor para prestar contas, contrariamente à sua declaração impetuosa de que Deus “não vê” e não o chamará para prestar contas (Sl 10.11,13-14). Os versículos finais do salmo 10 concluem com um eco claro da substância do salmo 9. Yáhweh é Rei (Sl 9.4,7,8,11,19,20, cf. Sl 10.16); e “[meros] humanos” devem reconhecer esse fato (Sl 9.20; 10.18). O padrão de pensamento progride de forma ordenada em seções alfabéticas e não alfabéticas, apoiando fortemente a ideia de um poema unificado em vez de um poema “quebrado”.

I.¹⁹ Esses salmos acrósticos são distintivos em sua forma poética, em que versos subsequentes, mas não sempre consecutivos, começam com uma palavra cuja primeira letra segue a ordem do alfabeto hebraico. Várias irregularidades aparecem que não são consistentes com o padrão exato do alfabeto. Às vezes, uma letra é omitida; outras vezes, mais do que um verso abre com a mesma letra. Ocasionalmente, um verso adicional não em ordem alfabética conclui o poema. No entanto, o padrão acróstico é facilmente reconhecível.

Este primeiro livro do saltério (Sl 1–41) contém quatro dos oito salmos acrósticos. Os quatro acrósticos restantes ocorrem no Livro V, o maior dos livros do saltério, com 44 salmos (Sl 107–150).

Esses salmos acrósticos funcionam de várias maneiras. Sendo cuidadosamente espaçados, eles dividem esses dois maiores livros do saltério em seções menores. Muitas vezes eles fornecem uma estrutura para os livros. Como mencionado anteriormente, o salmo acróstico 25 responde ao salmo 19 da Torá, contendo não menos do que dez referências à função de “ensino” da Torá. Os salmos acrósticos 34 e 37 delimitam quatro salmos do sofredor inocente (Sl 34–37). Esses quatro salmos são seguidos imediatamente por quatro salmos do sofredor culpado (Sl 38–41). Como consequência, um pastor que está ciente da função em comum dos salmos acrósticos 34 e 37 poderia ser significativamente ajudado no aconselhamento de pessoas que lutam com inocência ou culpa em resposta ao seu sofrimento.

Um elemento adicional impressionante dos poemas acrósticos do Livro I é sua relação com os salmos da criação. Apenas três salmos no Livro I mencionam a criação do mundo pelo Senhor. No entanto, em cada caso, o salmo da criação precede imediatamente um salmo acróstico:

- O salmo criacional 8 precede o salmo acróstico 9/10
- O salmo criacional 24 precede o salmo acróstico 25
- O salmo criacional 33 precede o salmo acróstico 34

Pode-se supor que esse arranjo ocorre como um fenômeno puramente aleatório. Mas parece muito mais provável que o(s) editor(es) do saltério dispôs deliberadamente cada um dos salmos de criação antes de um salmo acróstico.

A razão para esse arranjo é difícil de determinar. Será que os salmos que descrevem a criatividade do Senhor na sua formação do *mundo* encontram um reflexo na criatividade do Senhor na formação da *palavra*?

¹⁹ Para uma exploração mais profunda da função estrutural dos quatro salmos acrósticos no Livro I, veja o artigo deste autor, “The Alphabetic Acrostic in Book I of the Psalms: An Overlooked Element of Psalter Structure”, *Journal for the Study of the Old Testament*, vol. 40, 2 (2015).

Outra questão de significado estrutural é o “quase acróstico”. Esses salmos contêm 22 versos de acordo com as 22 letras do alfabeto hebraico. Mas os versículos não dão qualquer indício de querer seguir uma ordem alfabética.

Mais uma vez, a razão para esse arranjo não é evidente. No entanto, a natureza intencional desse fenômeno recebe apoio pela formação do mais longo poema acróstico das Escrituras – o livro de Lamentações. Os quatro primeiros capítulos de Lamentações estão claramente de acordo com o padrão acróstico clássico, com 22 versos dispostos em ordem alfabética nos capítulos 1, 2 e 4 e 66 versos dispostos em ordem alfabética no capítulo 3. O capítulo 5 de Lamentações tem 22 versos, sem uma sugestão de arranjo alfabético. A estrutura acróstica dos quatro primeiros capítulos mostra claramente que o número de 22 versos no capítulo 5 é inteiramente intencional como um reflexo da forma acróstica.

Três exemplos de salmos quase-acrósticos aparecem no saltério: salmos 33, 38 e 103. Em termos de sua colocação no Livro I, salmos 33 e 38 “agrupam o conjunto” dos salmos acrósticos 34 e 37. Mais uma vez, a razão para esse arranjo é difícil de discernir. No entanto, seu posicionamento claramente parece ser intencional.

Apesar das perguntas não respondidas em torno dos salmos acrósticos do Livro I, dois fatores parecem ser completamente claros. Em primeiro lugar, parece evidente que os salmos acrósticos foram deliberadamente posicionados como fatores estruturais nessa coletânea. Eles dividem o segundo maior livro do saltério (Livro I) em segmentos menores. Em segundo lugar, sua forma parece claramente destinada a ajudar na memorização desses salmos em particular. Pela memorização desses quatro salmos (Sl 9/10; 25; 34; 37) mantendo uma consciência de seu posicionamento no saltério, o estudante do saltério tem acesso imediato a muitos salmos adicionais. Ele sabe que os salmos 8, 24 e 33 são salmos criacionais que precedem os salmos acrósticos 9/10, 25 e 34. Ele sabe que os salmos 34–37 são salmos do sofredor inocente, enquanto os salmos 38–41 são salmos do culpado. Ele sabe que os salmos 33 e 38, quase-acrósticos, “agrupam o conjunto” formado pelos salmos 34 e 37. Ao apreciar a colocação dos quatro salmos acrósticos do Livro I, ele tem acesso imediato a nada menos do que 14 dos 41 salmos do Livro I, ou um terço do número total dos salmos no livro.²⁰

Em conclusão, o reconhecimento do papel estrutural dos salmos acrósticos no saltério pode servir como uma grande bênção para a igreja de Jesus Cristo hoje. Talvez uma nova geração de crentes responda ao desafio de memorizar os salmos acrósticos na linguagem da Escritura inspirada como

²⁰ O posicionamento estrutural dos quatro salmos acrósticos no Livro V é ainda mais evidente, e será discutido no tratamento do Livro V.

forma de compreender algo da ordem estrutural do saltério. O resultado da memorização desses salmos acrósticos seria o acesso instantâneo a uma porção significativa de uma “abreviação inspirada” de toda a Bíblia. Martinho Lutero resumiu essa perspectiva sobre os salmos. Suas palavras merecem ser citadas na íntegra:

O saltério deve ser um livro precioso e amado, se por nenhuma outra razão, por esta: ele promete a morte e a ressurreição de Cristo tão claramente – e retrata seu reino e a condição e natureza de toda a cristandade – que poderia muito bem ser chamado de uma pequena Bíblia. Nele é compreendido da forma mais linda e breve tudo que está na Bíblia inteira. É realmente um bom enquiridão ou manual. Na verdade, tenho a noção de que o Espírito Santo quis assumir a responsabilidade de compilar uma pequena Bíblia e um livro de exemplos de toda a cristandade para todos os santos, de modo que quem não pudesse ler a Bíblia inteira tivesse aqui, de qualquer maneira, quase um todo resumido, compilado em um pequeno livro.²¹

Se Lutero está correto em sua declaração de que toda a Bíblia está contida nos salmos, que bênção seria para o indivíduo, bem como para o povo de Deus como um todo, se um esforço sério fosse feito para memorizar uma seleção estratégica de salmos, incluindo os oito salmos acrósticos cuidadosamente posicionados.

Conclusão do Livro I

O Livro I conclui com um salmo personalizado do Messias, em que ele sofre a traição de um amigo próximo:

Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava,
que comia do meu pão,
levantou contra mim o calcanhar
(Sl 41.9; cf. Mt 26.23; Lc 22.21; Jo 13.18).

Muito embora todo este salmo não possa ser diretamente aplicado a Jesus Cristo como o Ungido, particularmente em sua confissão de pecado (Sl 41.4), a antecipação básica da traição do Messias de Deus por um amigo íntimo que se transformou em seu arqui-inimigo é claramente um tema messiânico que

²¹ Martinho Lutero, *Luther's Works* (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1960), 35:254. De maneira similar, João Calvino descreve o livro de Salmos como “uma anatomia de todas as partes da alma”. *Commentary on the Book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 1993), 1:xxxvii.

retoma a luta de vida e morte entre a semente singular e salvadora da mulher e o próprio Satanás, o maior inimigo do povo de Deus (Gn 3.15).²²

À medida que o saltério progride, essa animosidade entre as duas sementes é vista de várias perspectivas. Em um ponto, a *comunicação* com o inimigo inclui um convite para participar da adoração do SENHOR DA ALIANÇA (Livro II). Em outro ponto, o povo do Senhor experimenta devastação nas mãos de inimigos internacionais (Livro III). Ainda mais, o povo do Senhor amadurece enquanto se concentra no reinado de Yáhweh, apesar do deslocamento imposto por seus inimigos (Livro IV). Finalmente, o povo de Deus experimenta a consumação enquanto grita “*Hallelu-YAH*” quando a vitória final é alcançada sobre todos os seus inimigos (Livro V).

²² Cf. O. Palmer Robertson, *The Christ of the Covenants* (Phillipsburg NJ: Presbyterian and Reformed, 1980), p. 99-103.

6

LIVRO II (SL 42-72) – COMUNICAÇÃO



Confrontação com os inimigos é o tema dominante do Livro I. Davi, o ungido do Senhor, vivenciou uma luta interminável com os oponentes de seu reino. Embora um salmo distintamente messiânico (Sl 18) e um segundo salmo da Torá (Sl 19) formem uma transição no Livro I, na qual se declara que o Senhor tinha libertado Davi “de todos os seus inimigos e de Saul”, a luta continua.

O Livro II consiste de 31 salmos (Sl 42–72), que são divididos essencialmente em um terço e dois terços entre uma coletânea de salmos dos “filhos de Corá” (Sl 42–49*),¹ seguida por um único salmo de Asafe (Sl 50) e uma segunda coletânea dos salmos de Davi (Sl 51–71*), seguida por um único salmo de Salomão (Sl 72). Os salmos dos filhos de Corá estabelecem um novo tom na abertura do Livro II. Uma progressão de perspectiva ocorre claramente sobre a situação predominante no Livro I. Os altos e baixos constantes na luta para realizar o reino de justiça e paz de Yahweh continuarão. No entanto, imediatamente após o(s) salmo(s) introdutório(s) 42/43 e o salmo 44, quatro salmos celebram o reinado de Elohim e seu Messias sobre as nações (Sl 45–48).² Após

¹ Novamente, ao longo deste volume, o asterisco (*) indica um agrupamento de salmos nos quais os títulos dessa coletânea particular podem não indicar especificamente o autor predominante em todos os casos.

² *Elohim*, o nome comum para Deus, prevalece sobre *Yahweh*, o nome da aliança de Deus, em todo o Livro II. *Yahweh* ocorre 32 vezes no Livro II, enquanto *Elohim* ocorre 198 vezes. Em contraste mais claro, *Yahweh* aparece 278 vezes e *Elohim*, 48 vezes no Livro I. Para elevar a

os dois salmos seguintes apresentarem uma convocação formal ao mundo e ao povo de Deus (Sl 49–50), é apresentada a segunda coletânea de salmos davídicos (Sl 51–71*).³ Essa segunda coletânea de salmos atribuída a Davi manifesta uma atitude diferente da perspectiva predominante no Livro I em relação às nações e aos povos do mundo. Embora continuem como inimigas mortais de Davi, o salmista se expressa repetidamente às nações de uma maneira que indica um desejo de se *comunicar* mais diretamente com elas. Dentro dessa segunda coletânea davídica é encontrado um grupo especial de salmos que especificam sete diferentes inimigos do ungido de Deus (Sl 54–60). Em seguida, um “diálogo entre os reis” é relatado (Sl 61–68), incluindo quatro salmos que representam o clamor do rei messiânico (Sl 61–64), seguido por quatro salmos que respondem afirmando o imperturbável reinado do divino Rei (Sl 65–68). Três salmos seguem esse diálogo de realeza e descrevem as lutas contínuas do rei messiânico até mesmo na velhice de Davi (Sl 69–71). Incluído nestes salmos finais do Livro II está um salmo distintivo (Sl 69), porções separadas das quais são citadas por três autores diferentes do Novo Testamento. O Livro II conclui com uma descrição da extensão gloriosa do reino do Messias, tanto geográfica quanto temporalmente (Sl 72). Com este esboço básico dos materiais do Livro II em mente, a substância estrutural e teológica do livro pode agora ser considerada.

Sete salmos dos filhos de Corá (Sl 42/43–49*)

Sete salmos atribuídos aos “filhos de Corá”, incluindo um único salmo sem título, servem como uma coletânea especial que abre o Livro II. A introdução de um autor diferente no início de um novo livro no saltério sugere um arranjo intencional feito pelo editor. A ausência de designação do autor no título de um salmo imediatamente após um salmo anterior que inclui uma indicação de autoria no título muitas vezes significa que os dois salmos devem ser considerados em conjunto, provavelmente compostos pelo mesmo autor.⁴ Este princí-

consciência do leitor sobre este fator significativo no Livro II em seu contraste com o Livro I, o termo *Elohim* será empregado com frequência quando esse nome comum para Deus aparecer no Livro II. O leitor pode, então, tomar conhecimento, entre outras coisas, de vários lugares onde se poderia ter admitido que *Yahweh* seria empregado por causa da estreita conexão do contexto com a aliança, e, não obstante, *Elohim*, o nome comum para Deus, é usado. Para mais informações sobre o uso de *Yahweh* e *Elohim* no saltério, veja Bruce K. Waltke e James M. Houston, *The Psalms as Christian Worship* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), 101n58.

³ Três dos salmos desta coletânea não possuem a cláusula *Le David* no título (Sl 66; 67; 71). Mas esses salmos certamente foram escritos “por Davi”.

⁴ Veja Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 173-7. Os casos mais convincentes deste fenômeno apresentados por Wilson são os salmos 9 e 10; 32 e 33; 42 e 43; 70 e 71.

pio é mais claramente ilustrado nos salmos 42 e 43, os salmos de abertura do Livro II, em que um refrão liga os dois salmos consecutivos juntos:

Por que estás abatida, ó minha alma?
 Por que te perturbas dentro de mim?
 Espera em Deus,
 pois ainda o louvarei,
 a ele, meu auxílio e Deus meu (Sl 42.5,11; Sl 43.5).

Salmos introdutórios de esperança apesar da angústia (Sl 42/43–44)

O Livro II abre com salmos de expressões individuais e coletivas de esperança, apesar de um profundo sentimento de angústia. Nos dois primeiros salmos, que devem ser considerados como um, o escritor luta com tristeza em sua alma por causa de seu sentimento de rejeição por Elohim devido à sua incapacidade de conduzir o povo de Deus em procissão à “casa de Elohim” com “gritos de alegria e louvor, entre a multidão em festa” (Sl 42.4). Essa exclusão externa da morada estabelecida de seu Elohim leva o salmista a um estado de luto interior. Como o refrão indica:

Por que te olvidaste de mim?
 Por que hei de andar eu lamentando
 sob a opressão dos meus inimigos? (Sl 42.9).

Por que me rejeitas?
 Por que hei de andar eu lamentando
 sob a opressão dos meus inimigos? (Sl 43.2).

Esses dois salmos de abertura (ou salmo) do Livro II fornecem uma imagem realista de uma consequência significativa da luta perpétua contra o inimigo do povo de Deus que todo cristão deve enfrentar. A luta continuará, não apenas fora, mas também dentro. Nesse sentido, a leitura tradicional dos salmos a partir de uma perspectiva personalizada é totalmente apropriada.

No entanto, esses salmos iniciais do Livro II exigem mais. O salmista é excluído da casa de Deus. Ele está sendo abusado por uma nação, um *goy* (גוי), e pede livramento “de uma nação que não tem misericórdia” (לֹא-רַחֲמִים – Sl 43.1). A referência pode ser à nação apóstata do norte de Israel, que, em uma ocasião, “tomou reféns [do Sul] e voltou para Samaria” (2Rs 14.14c).⁵ Essa nação opressiva,

⁵ O mesmo termo *goy* (גוי) é aplicado desdenhosamente ao reino de Judá em Isaías 1.4.

seja ela qual for, recusa-se a permitir que seus judeus cativos participem dos festivais anuais realizados em Jerusalém. O inimigo introduzido neste segundo livro de Salmos não é um adversário individual, mas um inimigo nacional.

Apesar da luta contínua dentro e fora, o salmista “fala consigo mesmo” e aconselha-se a manter sua esperança em Deus com a tripla repetição de um refrão:

Por que estás abatida,
ó minha alma?
Por que te perturbas
dentro de mim?
Espera em Deus,
pois ainda o louvarei,
a ele, meu auxílio e Deus meu (Sl 42.5; cf. v.11; Sl 43.5).

Um outro ponto de esperança, apesar da angústia, encontra expressão no salmo 44, mas desta vez em um contexto coletivo. Deus rejeitou e humilhou seu povo. Ele o espalhou “entre as nações” (Sl 44.11; cf. v.14). No entanto, ele permanece como seu Rei e “ordena a vitória de Jacó” (Sl 44.4). As palavras finais desse salmo antecipam a elevação e a redenção do povo por Deus por causa de seu amor infalível (Sl 44.26). Portanto, esses salmos introdutórios expressam esperança no contexto de uma luta contínua para estabelecer o reino do Messias de justiça e paz em resposta à oposição de outras nações, bem como às lutas profundamente pessoais.

O reinado de Elohim e seu Messias (Sl 45–48)

Seguindo estes três salmos que introduzem um dilema pessoal e nacional, quatro salmos celebram o reinado de Elohim e seu Messias sobre as nações (Sl 45–48). De uma forma surpreendente e dramática, uma canção de casamento real aborda o rei messiânico como o próprio Deus em seu trono, cavalcando vitoriosamente em favor da verdade, humildade e justiça:

O teu trono, ó Deus,
é para todo o sempre;
cetro de equidade
é o cetro do teu reino.
Amas a justiça
e odeias a iniquidade;
por isso, Deus, o teu Deus,
te ungiu com o óleo de alegria,

como a nenhum dos teus companheiros (Sl 45.6-7).⁶

Como pode o Messias, de repente, ser apresentado como Deus neste salmo? Que precedente se preparou para esse surpreendente anúncio, particularmente tendo em vista o compromisso inabalável com o monoteísmo na fé do Antigo Testamento?

O precedente surge naturalmente do foco da aliança de Deus com Davi, que serve como um fator fundamental para o livro de Salmos em seu papel na história redentora. A aliança de Deus com Davi apontava especificamente para o esperado Messias: “Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2Sm 7.14). Como foi indicado anteriormente, o salmo 2, com sua declaração a respeito do Messias como Filho de Deus sentado à mão direita do Todo-Poderoso, serve como uma das duas principais colunas que fornecem entrada no templo do saltério (Sl 2.7). Nessa perspectiva, a identificação do Messias como

⁶ Para uma visão geral dos vários tratamentos desta passagem surpreendente, veja, entre outros, John Goldingay, *Psalms, Volume 2: Psalms 42–89* (Grand Rapids: Baker, 2007), 53n6. Peter C. Craigie, *Psalms 1–50*, World Biblical Commentary 19 (Waco, TX: Word Books, 1983), p. 336, rejeita várias propostas populares (como “seu trono divino” e “seu trono é de Deus”) por motivos sintáticos e estabelece o singular “Deus te entronizou” de Mitchell Dahood, embora reconhecendo que essa interpretação é “não sem dificuldade”. A única interpretação que não tem nenhuma dificuldade gramatical encontra antigo apoio na Septuaginta, que trata adequadamente Elohim como um vocativo e identifica claramente o rei messiânico como Elohim: “O teu trono, ó Elohim, é para todo o sempre”. Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1986), afirma claramente que o salmo 45.7 deve ser entendido como “uma referência à divindade do governante... Como ‘Filho de Deus’, ele é verdadeiramente Deus. Seu reino é, em última instância, idêntico ao reino de Deus”. Contrariamente, Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible* (Londres: SCM Press, 1992), fala da “linguagem mitopoética dos salmos 45 e 72”. No entanto, a persistência deste conceito do reino universal de um Messias divino nunca é diminuída, nem mesmo em suas manifestações da nova aliança. Hebreus 1.8-9 fala de Jesus como o Filho que é o Deus-Messias do salmo 45. Esse “Filho” é o “herdeiro de todas as coisas”, por meio do qual Deus criou o universo (Hb 1.2). Ele é “o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” e está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3). Ele é identificado especificamente em Hebreus como o Jesus histórico (Hb 4.14; 5.8). Claramente, essas palavras se destinam a ser consideradas mais do que uma maneira mitologicamente poética de falar. Kidner diz: “O hebraico resiste a qualquer amolecimento aqui, e é o Novo Testamento, não as novas versões, que faz justiça quando se usa para provar a superioridade do Filho de Deus sobre os próprios anjos (Hb 1.8). Esse paradoxo é consistente com a encarnação, mas místico em qualquer outro contexto”. Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary on Books I and II of the Psalms* (Londres: Inter-Varsity Press, 1973), p. 172. A NIV – New International Version (versão de 2011) – interpreta corretamente o texto bíblico do salmo 45.6 em seu discurso ao Messias da seguinte maneira: “O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre”. Mas a explicação na nota de rodapé (não em versões anteriores da NIV) apresenta uma modificação desnecessária da clara afirmação da divindade do Messias vindouro, como confirmado pelos comentários de Hebreus 1.8-9. A nota diz: “Aqui o rei é tratado como representante de Deus”.

Deus pode ser vista como uma extensão natural da promessa feita a Davi em relação a seu sucessor messiânico como Filho de Deus.⁷ Apesar dos muitos esforços para diminuir a simples designação do rei messiânico como *Elohim*, a frase é bastante específica. A referência imediatamente seguinte a “*Elohim*, teu *Elohim*” (Sl 45.7) apoia firmemente essa compreensão. A frase “*Elohim*, teu *Elohim*” claramente distingue Elohim (Deus) que unge o rei messiânico (v.7c) de *Elohim* (aquele que está sendo ungido), cujo trono “é para todo sempre” (v.6). De uma perspectiva histórico-redentora, Davi trazer a arca para o Monte Sião indica sua intenção de ter o trono de Deus unido ao seu próprio trono messiânico. O governo de Deus seria unido ao seu próprio reinado e ao de seus sucessores.

Neste contexto, a exaltação da aliança do Senhor Todo-Poderoso acima das nações nos três salmos que seguem o salmo 45 é totalmente compreensível. Elohim habita em seu lugar santo, na cidade de Elohim, servindo ele mesmo como a fortaleza do seu povo (Sl 46.4-5). Desse ponto de vista exaltado, ele levanta sua voz, os reinos caem e a terra se dissolve (Sl 46.6). Elohim será exaltado entre as nações e em toda a terra (Sl 46.10). Esse grande Rei sobre toda a terra subjuga as nações debaixo dos pés do seu povo, porque ele reina sobre as nações, sentado no seu trono sagrado (Sl 47.2-3,8). Os nobres das nações se juntam como povo do Deus de Abraão, porque os reis da terra pertencem a Elohim (Sl 47.9). O Monte Sião serve como a cidade do grande Rei e, assim, a próxima geração deve ouvir de suas majestosas torres, muralhas e cidadelas (Sl 48.12-13).

Obviamente, esses três salmos foram agrupados para celebrar a soberania do SENHOR DA ALIANÇA como o grande Rei sobre as nações. Claramente, uma progressão pode ser vista no movimento da luta pessoal de Davi com seus vários inimigos para estabelecer seu reinado no Livro I (Sl 3-41). Agora, o povo de Elohim luta com inimigos corporativos, o que deve terminar em vitória, pois Elohim e seu Messias reinam conjuntamente do Monte Sião (Sl 45-48).

Dois salmos com uma convocação (Sl 49-50)

Depois do estabelecimento de Deus e seu Messias como Rei (Sl 45-48), dois salmos interpõem-se (Sl 49-50) antes que uma segunda coletânea estendida dos salmos de Davi seja apresentada (Sl 51-71*). Como esses dois salmos contribuem para um desdobramento progressivo da mensagem do livro?

Ambos os salmos (Sl 49-50) abrem com uma “convocação” formal para

⁷ Observe a conclusão alcançada pelos adversários de Jesus em resposta à sua designação de Deus como “meu Pai”. Eles tentaram com mais força matá-lo porque ele estava chamando Deus de seu próprio Pai, “tornando-se igual a Deus” (Jo 5.18).

seus destinatários. O salmo 49 começa com uma introdução abrangente dirigida a “todos os povos” e “todos os moradores da terra” para “escutar isto” (Sl 49.1). Adequadamente após os três salmos anteriores, que estabelecem Elohim como Rei sobre as nações, este salmo se dirige aos povos do mundo com “palavras de sabedoria” que “darão entendimento” por meio de uma “parábola” e um “enigma” (49.3-4). Mais especificamente, o salmista dirige-se tanto a “plebeus como os de fina estirpe, todos juntamente, ricos e pobres”, estabelecendo um contexto apropriado para o julgamento imparcial de Deus (Sl 49.2).

Então, qual é o conselho que esse homem instruído de sabedoria oferece ao povo deste mundo? Em estilo e conteúdo semelhantes à sabedoria do livro de Eclesiastes, o salmista instrui-os sobre a frustração total de perseguir riquezas e até mesmo a própria sabedoria:

Porquanto vê-se morrerem os sábios
e perecerem tanto o estulto como o inepto,
os quais deixam a outros as suas riquezas.

A morte é o seu pastor;
eles descem diretamente para a cova
a sepultura é o lugar em que habitam (Sl 49.10,14; cf. Ec 2.13-16).

Novamente, de uma forma semelhante ao livro de Eclesiastes, o salmista não faz nenhum apelo ao nome sagrado de *Yahweh*, o SENHOR DA ALIANÇA de Israel. Em vez disso, usando *Elohim* como uma designação mais ampla para a divindade, ele declara:

Mas Elohim remirá a minha alma do poder da morte,
pois ele me tomará para si (Sl 49.15).

Mas, em contraste mais nítido:

O homem, revestido de honrarias, mas sem entendimento,
é, antes, como os animais, que perecem (Sl 49.20).

[Pois] tal proceder é estultícia deles (Sl 49.13).

O salmo 50 está diretamente relacionado com o salmo 49, visto que também fornece formalmente uma convocação. Mas desta vez não é o salmista quem emite um apelo dirigido aos povos do mundo em geral, como no salmo

49. Desta vez, o poderoso Deus, o próprio SENHOR DA ALIANÇA, fala e invoca os céus acima, assim como toda a terra (Sl 50.1,4). Depois do modo antecipado por Moisés muitos séculos antes, Deus chama o céu e a terra como suas testemunhas (Dt 4.26; 30.19; 31.28). Eles devem testemunhar que ele vai “julgar o seu povo” (Sl 50.4). No salmo 49, as nações foram reunidas para julgamento. Mas agora o Rei das nações, exercendo sua legítima prerrogativa como juiz, convoca seu próprio povo diante de si (Sl 50.6). Essas pessoas “cortaram um pacto” com ele pelo sacrifício (Sl 50.5). O Elohim deles não precisa de touros, cabras, gado e aves. Ele não lhes diria se estivesse com fome (Sl 50.9-13). Ele apenas os instrui: “Oferece a Deus sacrifício de ações de graças”, “cumpre os teus votos” e “invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás” (Sl 50.14-15). Todos os problemas enfrentados por seu povo, como descrito nos salmos anteriores – problemas tanto individuais como nacionais –, serão resolvidos corretamente pelo fiel SENHOR DA ALIANÇA.

Mas ainda permanecendo entre o povo da aliança de Deus estão os ímpios, que “repetem minhas leis” e “têm nos lábios a minha aliança” (Sl 50.16). Eles odeiam a instrução de Deus, juntam-se ao ladrão, associam-se com os adúlteros, caluniam o filho de sua própria mãe (Sl 50.17-20). Embora permaneçam dentro da comunidade da aliança, Deus mesmo os acusará diante da vista deles. A menos que mudem seus caminhos, ele os despedaçará sem haver quem os livre (Sl 50.21-22).

Assim, esses dois salmos (Sl 49–50), vindos após o estabelecimento de Deus como Rei em Sião sobre as nações (Sl 45–48), emitem duas convocações de base ampla. A primeira convocação é dirigida aos povos de todas as nações do mundo em expressões que elas podem facilmente entender (Sl 49). Em seguida, uma segunda convocação, dirigida ao povo do SENHOR DA ALIANÇA, em palavras familiares que eles podem compreender corretamente (Sl 50). Tendo oferecido essas admoestações, o salmista volta-se para a segunda coletânea dos salmos de Davi.⁸

⁸ Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*, p. 163, coloca grande ênfase no papel dos títulos dos salmos em explicar os elementos estruturais desta seção particular. Tendo notado o papel principal da mudança na autoria nos pontos de transição entre os quatro primeiros livros, ele deve lidar com uma sequência de mudança rápida dentro do Livro II, de “filhos de Corá” para “Asafe” para “Davi” em três consecutivos salmos (Sl 49–51). Neste ponto, ele introduz o papel de anotações de gênero nos títulos, de modo que o termo *salmo* nesses três salmos “suaviza a transição e une as coletâneas num conjunto”. Uma conexão muito mais forte pode ser estabelecida considerando a substância desses salmos. Pela referência comum à “convocação”, primeiro aos povos da terra (Sl 49) e depois ao povo de Deus (Sl 50), esses dois salmos são unidos. Então Davi, o rei, é chamado a prestar contas (Sl 51) como uma aplicação da invocação do salmo 50. Depois, Doegue, o edomita, é chamado a prestar contas (Sl 52) como uma aplicação da invocação do salmo 49. O resultado estrutural é um arranjo quíástico de convocações gerais seguido por respostas

A segunda coletânea de salmos davídicos (SI 51-71')

Esta segunda coletânea constitui dois terços do Livro II e consiste de 18 salmos atribuídos a Davi pelo título, com mais três salmos que não incluem essa identificação. Como mencionado anteriormente, os três salmos sem a identificação davídica em seus títulos são muito provavelmente também “de Davi”.

Respostas às convocações (SI 51-52)

Os dois primeiros salmos desta coletânea relacionam-se quiasticamente com as duas convocações que acabam de ser emitidas nos salmos 49 e 50. Essa colocação de salmos completos em arranjo quiástico pode ser representada como mostrado na figura 6.1.⁹

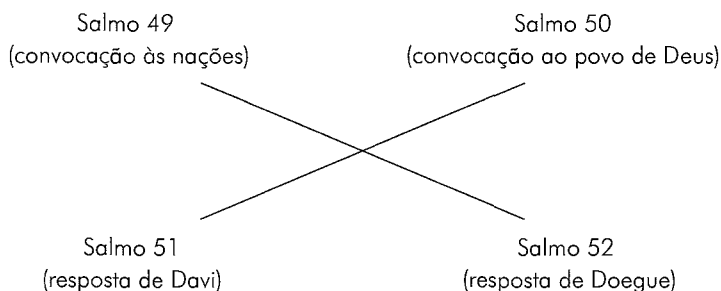


Figura 6.1. Respostas às convocações (SI 51-52)

O salmo 50 convocou o próprio povo de Deus e, correspondentemente, no salmo 51, Davi, o rei, é o primeiro indivíduo a responder a essa convocação. O salmo 49 convocou as nações e, correspondentemente, no salmo 52, Doegue, o edomita é apresentado como o primeiro réu a responder a essa convocação.

Essa relação proposta entre convocações e respondentes pode parecer inventada, em vez de inerente ao arranjo desses salmos, particularmente tendo em vista o fato de que os títulos desses quatro salmos sucessivos se relacionam com três pessoas diferentes: os filhos de Corá (SI 49), Asafe (SI 50), e Davi (SI

correspondentes. Nesse caso, a substância dos salmos revela um critério mais confiável para determinar a estrutura do que os títulos. O editor do saltério não teve problemas em passar por três autores diferentes em três (ou quatro) salmos consecutivos, uma vez que o conteúdo desses salmos os unia. Aqui o trabalho deliberado de um editor posterior se torna evidente.

⁹ A letra grega *chi* (escrita como *x*) é usada para especificar um arranjo literário no qual pensamentos ou palavras se entrecruzam para formar um paralelismo. Neste caso, o salmo 49 corresponde ao salmo 52 e o salmo 50 corresponde ao salmo 51 em um paralelismo quiástico *a-b-b-a*.

51–52). No entanto, as conexões substantivas entre as convocações e os respondentes apoiam fortemente a autenticidade das conexões propostas:

O salmo 51 apresenta o ensaio familiar da confissão de Davi, que cometeu adultério com Bate-Seba. Deus havia declarado que ele próprio julgaria seu povo (Sl 50.4). Mais especificamente, ele notou uma violação particular de sua lei, entre outras: “aos adúlteros te associas” (Sl 50.18b). Agora, mais apropriadamente, o próprio rei deve ser o primeiro a submeter-se ao escrutínio do julgamento divino (Sl 51).¹⁰ Os dois salmos são conectados por mais uma substância comum. Ambos os salmos reconhecem oficialmente que Deus não se deleita em sacrifícios e holocaustos (Sl 50.8-13; 51.16). Além disso, ambos indicam que Elohim aceitará ofertas de ação de graças e um espírito quebrantado (Sl 50.14,23; 51.17).

O salmo 52 designa Doegue, o edomita, como o primeiro a responder à convocação das nações, no salmo 49. Novamente, frases semelhantes ligam os dois salmos. O salmo 49.6 define os ímpios como aqueles que “confiam nos seus bens” e “na sua muita riqueza se gloriam”, e salmo 52.1,7 descreve Doegue como aquele que “se gloria” e que “confiava na abundância dos seus próprios bens”. O saltério está repleto desse tipo de conexão por meio de frases em comum.

Quem entre os povos de outras nações poderia ser mais desprezível do que Doegue, o edomita? Espiando os sacerdotes consagrados de Deus, enquanto conversam com Davi, ele os acusa diante do rei Saul de ajudar a Davi (1Sm 21.7; 22.9-10). Quando Saul ordena a matança dos sacerdotes, os guarda-costas pessoais do rei cometem um ato flagrante de insubordinação militar, recusando-se a obedecer ao seu soberano (1Sm 22.17). No entanto, Doegue, o edomita, não só espalha o sangue de 85 sacerdotes com suas vestes brancas sem mancha, como também impõe a interdição de sua cidade de Nobe, matando implacavelmente com sua espada homens, mulheres, crianças, bebês, jumentos e ovelhas (1Sm 22.18-19). Pelo extremismo desses atos de profanação, assume a forma do inimigo final do povo de Deus. Ele representa o próprio Satanás em seu zelo para destruir a semente sagrada de Deus. Quão

¹⁰ Jamie A. Grant, *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), p. 205, sublinha a responsabilidade do rei no contexto de Deuteronômio 17.14-20. O rei não deve adquirir um grande número de cavalos, evitando manifestar, assim, sua confiança no poder militar, não em Yahweh. Ele não deve se casar com muitas mulheres estrangeiras, o que implicaria “uma lei para o rei e outra para o povo”. Ele não deve coletar enormes quantidades de prata e ouro, pois muita riqueza “separaria o rei de seus companheiros”. O rei tem a obrigação de observar a Torá de Yahweh, como todos os outros israelitas. Ele está “sujeito às estipulações da aliança, como todos os outros israelitas”. Assim, no salmo 51, o rei é o primeiro a dar conta de seu comportamento errado.

apropriado, então, que ele fosse o primeiro a responder ao chamado de Deus às nações, para prestar contas por todas as suas ações.

A substituição de *Elohim* por *Yahweh* no Livro II

Antes de examinar mais detalhadamente esta segunda coletânea de salmos davídicos, pode ser vantajoso considerar mais de perto o uso distintivo da designação principal de Deus no Livro II. É bastante surpreendente a substituição do nome pactual de Deus (*Yahweh*), que é o nome mais proeminente de Deus no Livro I, pelo nome geral de Deus (*Elohim*) no Livro II. Vários casos em que uma comparação específica é possível estabelecem a probabilidade de uma substituição deliberada dos nomes divinos.

Quatro comparações específicas do uso dos dois nomes

1. O salmo de confissão no Livro II (Sl 51) usa *Elohim* em detrimento de *Yahweh*, enquanto o salmo de confissão que o acompanha no Livro I (Sl 32) usa exclusivamente *Yahweh*.
2. Os dois salmos que descrevem o “tolo ateuista” são virtualmente idênticos em sua formulação. No entanto, o salmo 53 do Livro II substitui o *Yahweh* do salmo 14 do Livro I por *Elohim* quatro vezes.
3. O salmo 70 do Livro II, composto por apenas cinco versículos, é praticamente idêntico ao salmo 40.13-17 do Livro I. No entanto, o salmo 70 usa *Elohim* três vezes, duas das quais estão localizadas em lugares em que *Yahweh* aparece na frase do salmo 40.¹¹
4. O salmo 71 do Livro II é basicamente idêntico ao salmo 31.1-4 do Livro I. Ambos os salmos começam com *Yahweh* (Sl 71.1; 31.1). Mas, no restante dos dois salmos, o salmo 71 usa *Elohim* nove vezes e *Yahweh dos Exércitos* duas vezes, enquanto o salmo 31 usa *Yahweh* nove vezes e *Elohim* duas vezes.

Esses pontos específicos de comparação tornam bastante claro que o editor/organizador do Livro II favoreceu o uso do nome geral de Deus sobre o nome revelado do SENHOR DA ALIANÇA de Israel. Essa preferência não significa que o editor do Livro II tenha alguma aversão ao nome de Deus, como se vê em seu frequente uso de *Yahweh*. Porém, o padrão de uso indica que houve uma preferência por *Elohim* sobre *Yahweh* em muitos casos. Uma comparação

¹¹ Em uma alteração bastante distinta, o salmo 40, que favorece *Yahweh*, muda para *Elohim* em sua frase final, “não te detenhas, ó *Elohim* meu!” (Sl 40.17c). Ao mesmo tempo, o salmo 70, que favorece *Elohim*, muda para *Yahweh* em sua frase final, de forma idêntica: “*Yahweh*, não te detenhas!” (Sl 70.5c).

geral dos usos desses dois nomes para Deus nos Livros I e II traz a mesma conclusão.

Uma comparação geral do uso dos dois nomes

Além desses quatro casos em que podem ser feitas comparações específicas com relação ao uso relativo de *Yahweh* e *Elohim* nos dois primeiros livros do saltério, uma comparação mais geral torna bastante evidente que, embora o Livro I (Sl 1–41) fortemente favoreça *Yahweh* (278 usos de *Yahweh* para 48 usos de *Elohim*), o Livro II (Sl 42–72), com igual força, favorece *Elohim* (197 usos de *Elohim* para 32 usos de *Yahweh*).¹² Mas qual é a razão para essa distinção?

A razão dessa distinção: interação com nações estrangeiras

Pode-se propor que duas coletâneas de salmos davídicos podem ter circulado de forma independente por um tempo antes de serem fundidas. Pode-se sugerir que uma versão dos salmos foi para o reino do norte de Israel no momento da divisão do império de Salomão. Uma relutância em usar o nome *Yahweh* no norte poderia ser proposta como uma explicação para sua relativa ausência. Mas a concentração óbvia em Davi e em Sião em toda a maior parte do Livro II desmente essa proposta.

Ou pode-se sugerir que uma hesitação em pronunciar o nome sagrado de *Yahweh* no judaísmo posterior explique o fenômeno. Mas o nome de aliança *Yahweh* prevalece fortemente nos últimos dois livros do saltério, Livros IV e V. A cronologia é suficiente para explicar a ordem sequencial dos cinco livros dos salmos. No entanto, é bastante claro que a maioria dos salmos exílicos e pós-exílicos aparece nos Livros IV e V.¹³

¹² Estes dados foram retirados de Leslie McFall, “The Evidence for a Logical Arrangement of the Psalter”, *Westminster Theological Journal* 62, 2 (2000), p. 229. Muito notável é o fato de que o Livro I favorece *Yahweh* sobre *Elohim* por 85% a 15%, enquanto o Livro II favorece *Elohim* sobre *Yahweh* por 86% a 14%. Os dados para o uso desses dois grandes nomes divinos nos livros restantes do saltério são os seguintes: Livro IIIA (Sl 73–83), *Yahweh* 13, *Elohim* 45; Livro IIIB (Sl 84–89), *Yahweh* 31, *Elohim* 16; totais no Livro III (Sl 73–89), *Yahweh* 44, *Elohim* 61; Livro IV (Sl 90–106), *Yahweh* 105, *Elohim* 19; Livro V (Sl 107–150), *Yahweh* 236, *Elohim* 28. Os usos de *Elohim* para um deus que não o Deus de Israel são excluídos dessas contas.

¹³ Frank-Lothar Hossfeld e Eric Zenger, *Psalms 2: A Commentary on Psalms 51–100* (Mineápolis: Fortress Press, 2005), p. 5, propõe que a preferência por *Elohim* “presume uma gravitação ao monoteísmo em que o nome genérico pode se tornar um nome próprio”. Essa preferência é explicada pelo fato de que o uso de *Elohim* “ênfatiza a distância e a transcendência de Deus; a distância, escuridão e mistério de Deus são acentuados”. Além da ideia altamente questionável de que a fé de Israel tinha evoluído apenas ao ponto de uma “gravitação para o monoteísmo” em seu período pré-exílico, o retrato de *Elohim* nesses salmos como “remoto, escuro, misterioso” dificilmente se ajusta à apresentação de Deus nos próprios salmos em questão. Uma seleção aleatória de frases que

Uma explicação muito mais provável para a diferença no uso dos nomes *Yahweh* e *Elohim* tem a ver com a perspectiva diferente dos dois livros. O mais impressionante sobre o conteúdo dessa segunda coletânea de salmos davídicos dentro do Livro II é o número de salmos que se referem a “povos”, “nações”, “estrangeiros” ou “toda a humanidade”.¹⁴ Doze dos 21 salmos nesta coletânea (Sl 51-71*) referem-se especificamente a povos não israelitas. Essa proporção contrasta significativamente com os salmos davídicos do Livro I (Sl 3-41*). Nessa primeira coletânea, apenas seis dos 39 salmos referem-se claramente a povos não israelitas (Sl 7; 9; 10; 18; 22; 33).¹⁵ Um levantamento do papel das “nações” nessa segunda coletânea de salmos davídicos confirma o significado desse fator no Livro II:

Salmo 52. O título refere-se a “Doegue, o edomita”, um estrangeiro para o povo de Deus. O salmo descreve esse inimigo de Davi como aquele que “confiava na abundância dos seus próprios bens”, o que corresponde à identidade dos “povos” que “vivem neste mundo” e “confiam em sua riqueza” (Sl 52.7; Sl 49.6).

Salmo 56. O título alude ao tempo em que os filisteus se apoderaram de Davi. O salmista implora: “Derriba os povos, ó Deus” (Sl 56.7).

Salmo 57. Embora o título se refira a uma situação doméstica em que Davi fugiu de Saul, o salmista exclama:

Render-te-ei graças
entre os povos;
cantar-te-ei louvores
entre as nações (Sl 57.9).

expressam os sentimentos mais profundos do salmista descreve uma relação bastante íntima com Elohim: “A minha alma tem sede de Elohim, do Elohim vivo” (Sl 42.2); “quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na Casa de Elohim; confio na misericórdia de Elohim para todo o sempre” (Sl 52.8); “somente em Elohim, ó minha alma, espera silenciosa” (Sl 62.1); “a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja... à sombra das tuas asas, eu canto jubiloso” (Sl 63.1,7); “ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa” (Sl 65.4).

¹⁴ Hossfeld e Zenger, *Psalms* 2, p. 5, concordam com essa explicação em sua observação final sobre a preferência por *Elohim*: “Finalmente, há uma preferência por falar de *Elohim* quando a universalidade de Deus deve ser sublinhada... Nos salmos, essa linguagem parece mais adequada quando as nações devem ser incluídas na oração”.

¹⁵ Outros salmos que podem se referir a povos ou nações não israelitas são o salmo 11, pela menção aos “filhos dos homens” (Sl 11.4), e o salmo 17, com o uso da expressão bastante incomum “homens mundanos” (Sl 17.14).

Sublinhando esta ênfase, o refrão deste salmo antecipa a exaltação mundial de Deus:

Sê exaltado, ó Deus,
acima dos céus
e em toda a terra
esplenda a tua glória (Sl 57.5,11).

Salmo 58. A pergunta inicial sobre o julgamento justo é colocada diante dos “juízes” dos “filhos dos homens [*adam*]”. A resposta final na conclusão do salmo é: “Há um Deus, com efeito, que julga na terra” (Sl 58.1,11).

Salmo 59. O salmista ora para que o “Deus de Israel” se levante para punir “todas as nações” (Sl 59.5). Em claro paralelismo de expressão com a afirmação fundamental do salmo 2, é declarado que Yahweh “rirá” deles, que “zombará de todas as nações” (Sl 59.8; cf.: Sl 2.4, em que os mesmos dois verbos são usados).

O título deste salmo refere-se a um momento distintivo na vida de Davi, quando “Saul enviou homens para vigiarem a casa de Davi para matá-lo”, o que parece indicar que o salmo está lidando com inimigos domésticos, não estrangeiros. No entanto, o paralelo de expressões com o salmo 2, no qual os inimigos são as “nações” e os “povos”, bem como a súplica para que Deus puna “todas as nações” (Sl 59.5), torna evidente que a experiência de Davi com Saul está inserida num contexto que antecipa o conflito com outros povos também.

Salmo 60. O título refere-se ao tempo em que Davi lutou contra Aram Naharaim e Aram Zobá e contra os edomitas. Obviamente, o título descreve o conflito com os estrangeiros. A confirmação é encontrada no corpo do salmo, que se refere à vitória sobre Moabe, Edom e Filístia (Sl 60.7-9).

Salmo 61. O salmista declara que invoca a Deus “desde os confins da terra” (Sl 61.2). A frase sugere que ele está em terras distantes, longe da tenda de Deus em que ele deseja morar (Sl 61.4).

Salmo 64. Apesar das espadas ameaçadoras e das flechas dos ímpios, o salmista está confiante de que “todos os homens” temerão e proclamarão as obras de Deus (Sl 64.9).

Salmo 65. Deus é a “esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos” (Sl 65.5). Ele acalmou o rugir dos mares, simbolizando “tumulto

das gentes” (Sl 65.7). “Os que habitam nos confins da terra” terão medo (Sl 65.8). Essa descrição da revolta das nações contra Deus em termos do rugir das águas encontra expressão consumada no livro do Apocalipse, onde as “águas” são identificadas como “povos, multidões, nações e línguas” (Ap 17.15; cf. 17.1).

Salmos 66-67. Esses dois salmos inter-relacionados surgem como um hino de louvor universal. “Toda a terra” é convocada a salmodiar com alegria a Deus e a inclinar-se diante dele (Sl 66.1,4). Pois “Ele, em seu poder, governa eternamente” (מִשְׁלַּ בְּגִבּוֹרָתוֹ עוֹלָם) e os seus olhos vigiam as nações (Sl 66.7). Assim, os povos devem louvar nosso Deus (Sl 66.8). O salmista pronuncia a bênção araônica (Sl 67.1, veja Nm 6.22-27), para que

se conheça na terra o teu [de Deus] caminho
e, em todas as nações, a tua salvação (Sl 67.2).

O refrão do salmo 67 ressalta esse universalismo do louvor de Deus:

Louvem-te os povos, ó Deus;
louvem-te os povos todos (Sl 67.3,5).

Uma das principais consequências desse louvor universal é que “todos os confins da terra o temerão” (Sl 67.7).

Esse quadro expansivo de louvor universal nestes dois salmos (Sl 66-67) antecipa o salmo culminante do Livro II, no qual Salomão descreve o governo do reino do Messias se estendendo desde o rio até os confins da terra (Sl 72.8). Estes dois salmos (Sl 66-67) não têm a cláusula “de Davi” no título. No entanto, eles se encaixam bastante apropriadamente nesta coletânea de salmos davídicos do Livro II.

Salmo 68. Esse salmo inicia ensaiando as palavras usadas por Moisés cada vez que a nação de Israel partia em sua marcha pelo deserto: “Levanta-se Deus; dispersam-se os seus inimigos; de sua presença fogem os que o aborrecem” (Sl 68.1; Nm 10.35). Claramente, são as nações não israelitas que devem sofrer resistência: “Reis de exércitos fogem e fogem... o Todo-Poderoso ali dispersa os reis” (Sl 68.12,14). Seguindo um retrato vívido do povo de Deus cruzando o deserto e subindo o Monte Sião, o salmista declara:

[Por causa da força divina] oriunda do teu templo em Jerusalém.
Os reis te oferecerão presentes.

Reprime a fera
dos canaviais,
a multidão dos fortes como touros

Dispersa os povos que se comprazem na guerra (Sl 68.29-30).

O salmista, então, observa nações específicas que se submeterão ao governo de Deus, incluindo o Egito e Etiópia. Como consequência, os “reinos da terra” são exortados a cantar louvores ao Senhor (Sl 68.31-32).

Essa grande proporção de referências aos “povos” e “nações” na coletânea davídica do Livro II contrasta mais fortemente com a proporção muito menor do Livro I, em que apenas seis dos 39 salmos na coletânea davídica (Sl 3–41*) mencionam claramente os povos de outras nações.¹⁶ Basta dizer que a evidência aponta para uma escolha deliberada de salmos davídicos específicos a serem incluídos no Livro II. A permeação desses salmos com referências aos “povos” corresponde de perto ao conjunto de salmos “reais” no início do Livro II, no qual Deus e seu Messias são estabelecidos como Rei entre as nações (Sl 45–48). Uma comparação da primeira coletânea de cinco salmos reais no Livro I (Sl 20–24) revela uma diferença significativa com essa segunda coletânea de salmos reais no Livro II (Sl 45–48). Na primeira coletânea, a luta com a oposição a Yahweh e o reinado do Messias é muito mais evidente. O Rei Messias está em uma posição de oração pela vitória sobre seus inimigos (Sl 20–21). Ele é um Messias que sofre a agonia da rejeição divina e humana, lutando com o poder de cães, leões e bois selvagens (Sl 22.1–21). Yahweh é o Rei-Pastor de seu rebanho que o pastoreia com ternura (Sl 23.1). Ele é, de fato, aquele que fez a terra e tudo que nela há. No entanto, como Rei da Glória, ele está entrando agora pelas portas eternas, depois de voltar da batalha (Sl 24.1–10). Avanços significativos podem ser vistos nessa segunda coletânea de salmos reais que aparecem no Livro II (Sl 45–48). O Rei Messias é agora declarado ser Elohim em seu trono, com nações caindo debaixo de seus pés (Sl 45.5–6). Deus é exaltado entre as nações (Sl 46.10). Ele é o “grande Rei de toda a terra”, reinando entre as nações (Sl 47.2,8). O monte Sião é a cidade do grande Rei, que faz as nações tremerem e fugirem com terror (Sl 48.2,5–6).

Esse uso do nome mais geral para Deus no Livro II pode ser comparado a um uso semelhante no livro de Eclesiastes. O autor desse livro faz uso exclusivo de *Elohim* como o nome mais geral para Deus. A mensagem total de Ecle-

¹⁶ Novamente, estes são os salmos 7,9,10,18,22,33.

siaestes confirma esse conceito de uma palavra de sabedoria de Deus projetada para se comunicar com as nações e povos do mundo.¹⁷

A postura do salmista em relação aos seus “inimigos” no Livro II

Se no Livro II o salmista está fazendo alguma tentativa de se comunicar com “as nações”, como ele se dirige a elas? O que exatamente ele espera em termos de suas respostas? Como sua perspectiva se compara à atitude expressa em relação aos “inimigos” no Livro I?

No Livro I, um relacionamento “eles e nós”

No Livro I, os “inimigos” são quase totalmente referidos na terceira pessoa.¹⁸ É essencialmente uma relação “eles e nós” entre Israel ou o rei Davi e seus inimigos. O relacionamento contraditório surge fortemente quando o salmista revela seus sentimentos mais profundos nos 14 salmos que registram suas orações em relação a seus inimigos:

Feres nos queixos a todos os meus inimigos
e aos ímpios quebras os dentes (Sl 3.7).

Declara-os culpados...
Rejeita-os por causa de suas muitas transgressões (Sl 5.10).

Por sobre eles remonta-te às alturas.
O SENHOR julga os povos (Sl 7.7-8).

Infunde-lhes, SENHOR, o medo;
saibam as nações que não passam de mortais (Sl 9.20).

Quebranta o braço do perverso e do malvado;
esquadrinha-lhes a maldade (Sl 10.15).

Defronta-os, arrasa-os (Sl 17.13).

¹⁷ Paulo, o apóstolo das nações, emprega a mesma abordagem ao falar com pessoas fora da comunidade da aliança. Cf. a ausência total de qualquer referência à história redentora de Israel ao abordar os adoradores de ídolos tanto em Listra da Ásia como em Atenas da Europa (At 14.11-18; 17.22-31).

¹⁸ Duas exceções aparentes em que o inimigo pode ser abordado na segunda pessoa são salmos 4.2-5 e 6.8. O salmo 37.27 é uma terceira possibilidade, mas pode ser mais bem entendido como uma exortação ao povo de Deus para que eles “habitem na terra”, como no salmo 37.34.

Paga-lhes

segundo as suas obras,
segundo a malícia dos seus atos...
retribui-lhes
o que merecem (Sl 28.4).

Envergonhados sejam os perversos,
emudecidos na morte (Sl 31.17b).

Contende, SENHOR, com os que contendem comigo;
peleja contra os que contra mim pelejam (Sl 35.1).

Sejam à uma envergonhados e cobertos de vexame
os que me demandam a vida;
tornem atrás e cubram-se de ignomínia
os que se comprazem no meu mal (Sl 40.14).

Muitas outras passagens do Livro I podem ser citadas para demonstrar a atitude e a expectativa do salmista em relação aos seus inimigos, tanto individuais quanto nacionais.¹⁹ É difícil, senão impossível, encontrar uma única passagem na qual alguma forma de bênção possa ser estendida a um inimigo.

No Livro II, um compromisso de comunicar

No Livro II (Sl 42–72), o tom da fala do salmista às “nações” que são inimigas é bastante diferente. O conteúdo de sua mensagem, bem como suas expectativas, introduz um tom diferente da atitude totalmente penetrante do salmista no Livro I. Seria possível considerar primeiro a parte não davídica do Livro II (principalmente Sl 42–50) e depois os salmos davídicos (essencialmente Sl 51–71*). Mas as semelhanças dos dois agrupamentos são extensas ao ponto em que todo o Livro II pode ser tratado como uma unidade, o que em si é uma questão de importância na observação do “fluir” do saltério. O editor não teve dificuldade em encontrar salmos dos filhos de Corá e salmos de Davi que fossem bastante compatíveis entre si para constituir a substância do Livro II.

Apesar da contínua luta de vida e morte contra inimigos ímpios, várias características dessa interação com inimigos nacionais caracterizam esse novo compromisso de comunicação.

¹⁹ Cf. Sl 5.4,6; 9.3,5-6,15; 11.6; 16.4; 18.26-27,37-40,42; 21.9-10; 25.3; 28.4-5; 31.17; 33.10; 34.16; 35.3-6,8,26; 36.12; 37.2,9-10,13,17,20,22,28,34,36,38. Tratamentos prolongados são encontrados nos salmos 18, 35 e 37.

O salmista comunica-se diretamente com seus “inimigos”

O salmista, no Livro II, regularmente se comunica diretamente com seus “inimigos”, empregando a segunda pessoa, que é uma forma de tratamento raramente usada para os inimigos no Livro I:

Batei palmas, todos os povos;
celebrai a Deus com vozes de júbilo (Sl 47.1; cf. v.6).

Povos todos, escutai isto;
dai ouvidos, moradores todos da terra (Sl 49.1).

Por que te glorias na maldade, ó homem poderoso?
Pois a bondade de Deus dura para sempre.
A tua língua urde planos de destruição;
é qual navalha afiada,
ó praticadora de enganos! (Sl 52.1-2).

Falais verdadeiramente justiça, ó juízes?
Julgais com retidão os filhos dos homens?
Longe disso; antes, no íntimo engendrais iniquidades
e distribuíis na terra a violência de vossas mãos (Sl 58.1-2).

No Livro II, advertência e convite encorajador são direcionados pessoalmente aos inimigos do salmista. Esse modo de discurso distintivo é ainda mais marcante, pois fala com as nações e seus governantes, não apenas com os indivíduos.

O salmista compromete-se a cantar os louvores de Elohim às nações

O salmista, no Livro II, declara a firmeza, a determinação de seu coração e alma:

Render-te-ei graças entre os povos;
cantar-te-ei louvores entre as nações.
Pois a tua misericórdia se eleva até aos céus (Sl 57.9-10).

O salmista está sob compulsão. Isso deve ser feito. Ele deve louvar Elohim entre as nações. Todos os povos devem ouvir sobre a grandeza do amor de Elohim, que atinge os céus. No entanto, no mesmo salmo, ele reconhece plenamente que está no meio de “leões, ávidos de devorar os filhos dos homens; lanças e flechas são os seus dentes, espada afiada, a sua língua” (Sl 57.4). Essas pessoas armaram uma rede para os seus pés e abriram uma cova em seu

caminho (Sl 57.6). Mas sua oração é que a glória de Elohim seja “sobre toda a terra” (Sl 57.11). Ele claramente manifesta seu desejo de que a glória de Elohim seja espalhada por todo o mundo.

O salmista lembra às nações que Elohim vai derrotá-las novamente, como no passado

Sem um único caso em que o salmista se dirige a Elohim pelo nome da aliança, *Yahweh*, o salmo 44 declara que os pais de Israel lhes disseram sobre o modo como Elohim expulsou as nações e as plantou. Ele afirma que não confia em seu arco ou espada. Em vez disso, é Elohim quem dá ao povo a vitória sobre seus inimigos. Atualmente sofreram a derrota. Mas o salmista invoca Elohim: “Levanta-te para socorrer-nos e resgata-nos por amor da tua benignidade.” (Sl 44.1-2,6-7,9,26). Pode ser que, usando o nome mais geral de Deus (*Elohim*), o salmista procure comunicar essa mensagem do passado e a derrota futura de seus inimigos simultaneamente aos inimigos e a seu próprio povo?

Ao longo dos salmos 45–48, o salmista declara que Elohim e seu Messias triunfam sobre as nações. Portanto, as nações vão louvar Elohim para sempre (Sl 45.17). Ele fará cessar as guerras até os confins da terra e será exaltado entre as nações (Sl 46.9-10). As nações devem bater palmas e celebrar a Elohim com gritos de júbilo, já que o grande Rei sobre toda a terra subjugou nações sob seus pés (Sl 47.1-3). Estremeceram as nações quando os reis se atreveram a unir forças para atacar o monte Sião. Então, o seu louvor se estende até os confins da terra (Sl 48.6,4,10).

Na coletânea davídica desta seção, o salmista chama Elohim para “derrubar os povos” em sua ira (Sl 56.7). Ele confia que, quando Elohim vingar o justo, a “humanidade” (𐤇𐤓𐤁) dirá: “Há um Elohim, com efeito, que julga na terra” (Sl 58.11). No que parece ser um eco deliberado da atitude de *Yahweh* em relação às nações rebeldes, como expressa no programático salmo 2, o salmista indica que Elohim “punirá todas as nações”, ele “rirá” e “zombará de todas as nações” (Sl 59.5,8).²⁰ Elohim os consumirá na sua ira e será conhecido “que reina Elohim em Jacó, até aos confins da terra” (Sl 59.13). O Elohim conquistador (não *Yahweh*) declara que Moabe é a sua bacia de lavar e atira sua sandália sobre Edom. Assim, o povo de Elohim ganhará a vitória sobre seus inimigos (Sl 60.8,12). As nações seriam sábias em ouvir e entender essa mensagem.

Elohim fornece a perspectiva da redenção para toda a sua criação

Todos os povos do mundo fariam bem em ouvir essa palavra. É uma boa palavra para as nações entenderem. Ninguém pode redimir a vida de outro,

²⁰ As palavras para “rir” e “zombar” (𐤇𐤓𐤁, 𐤏𐤓𐤁) são idênticas às expressões no salmo 2.4.

mas Elohim redimirá da sepultura a vida daqueles que confiam nele. Todos podem ver que homens sábios morrem e deixam sua riqueza para outros. Pois um homem que tem riquezas, mas sem entendimento, é como os animais que perecem (Sl 49.1,7,15,10,20).

Elohim é “a esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos”. Ele aplaca o tumulto das gentes. Para aqueles que vivem longe, ele os faz exultar de júbilo por causa do cuidado com a terra e as águas, enriquecendo abundantemente o solo (Sl 65.5,7-9). Essa palavra de esperança para as nações, enraizada na graça comum da bondade de Elohim, é uma mensagem distintiva encontrada no Livro II dos salmos.

Os reis da terra trarão presentes ao monte de Elohim

A “fera dos canaviais”, “a multidão dos fortes como touros e dos povos com novilhos”, deve ser repreendida, humilhada e dispersa. Mas então seus reis trarão presentes, barras de prata, ao templo de Elohim em Jerusalém (Sl 68.28-30, veja Sl 68.18). Quão surpreendente é essa antecipação da subjugação das nações em todo o mundo sob o rei Messias! Os homens sábios ainda o procuram.

As nações responderão com satisfação à advertência para louvar Elohim

De acordo com o salmista, os reis da terra pertencem a Elohim. Então eles e suas nações devem espontaneamente bater palmas e celebrá-lo com gritos de alegria (Sl 47.1,9). Toda a humanidade temerá e proclamará as obras de Elohim (Sl 64.9). Os reinos da terra cantarão louvores àquele que anda sobre os céus e treveja com sua poderosa voz (Sl 68.32-33).

Na nossa revisão desses elementos distintivos do Livro II (Sl 42-72), torna-se evidente que o editor/organizador do saltério ultrapassou o estágio de realização redentora encontrado no Livro I (Sl 3-41). No Livro I, Davi luta contra muitos inimigos quando tentam impedir todos os seus esforços para estabelecer o reino messiânico de justiça, misericórdia, amor e paz. Mas agora ele está fazendo todos os esforços para se *comunicar* com eles. Na verdade, não se pode dizer que, nas apresentações do Livro II, o reino mundial de Elohim e seu Messias foi realizado na sua forma final. A luta em curso é claramente vista no número de salmos relacionados a momentos concretos na vida de Davi antes que o Senhor tenha derrotado todos os seus inimigos e Saul (veja o título do Sl 18), incluindo os salmos 51,52,54,56,57,59,60 e 63.²¹ Mas a posição dis-

²¹ Estes vários salmos relacionados a incidentes específicos na vida de Davi que aparecem no Livro II podem indicar uma segunda coletânea fixa de salmos davidicos que foram unidos ao Livro I com pouco ou nenhum rearranjo editorial. Ou eles podem indicar que

tintiva no Livro II em relação às nações deve ser reconhecida adequadamente. Em grande medida, o Rei e seu reino vieram.

Nesse ponto, na análise do Livro II, foram observados os seguintes elementos:

- salmos 42/43 e 44: salmos introdutórios de esperança, apesar da angústia
- salmos 45–48: o reinado de Elohim e seu Messias
- salmos 49–52: dois salmos com convocações e a indicação dos convocados

O próximo agrupamento do Livro II abre com o ateísmo revisitado (SI 53), que é seguido pela identificação de sete inimigos específicos (SI 54–60).

Ateísmo revisitado (SI 53)

Este salmo pode ser percebido como a introdução formal ao próximo agrupamento desta segunda coletânea davídica. Geralmente se reconhece que o Salmo 53 é praticamente uma reprodução exata do salmo 14. Mas por quê? Qual seria a razão para duplicar o mesmo pensamento com esses detalhes?

O uso diferente da palavra para Deus fornece a pista para responder a esta pergunta. Ambos os salmos começam dizendo: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus”. Mas o salmo 53 mantém o uso do termo *Elohim*, nunca apresentando o termo *Yahweh*, o nome pactual de Deus, como o salmo 14. Mesmo quando fala em “invocar a Deus” e sobre a restauração da sorte de seu povo, Israel, o salmo 53 continua com *Elohim* em contraposição ao salmo 14. Por quê?

Esse uso distintivo de *Elohim* reforça o compromisso do Livro II de se *comunicar* com os povos não israelitas. O salmo 53 não é apenas uma repetição desnecessária de um salmo anterior. Em vez disso, serve como um título para o próximo agrupamento dessa segunda coletânea de salmos davídicos, abordando os ateus deste mundo. Na linguagem que o mundo pode entender facilmente, ele fala com a humanidade, mesmo que simultaneamente se comunique com o próprio povo de Deus.

A diferença mais substancial entre esses discursos gêmeos aos ateus aparece no julgamento contrastante pronunciado sobre eles. Ambos os grupos de ateus serão tomados “de grande pavor” (SI 14.5a; 53.5a). Mas os “obreiros da iniquidade” do salmo 14 são simplesmente informados de que Yahweh é o

o editor/compilador não estava interessado principalmente em um arranjo cronológico, mas colocou esses salmos davídicos específicos no Livro II devido à sua adequação como indicadores de uma intenção de se comunicar mais diretamente com os povos do mundo, conforme indicado na discussão anterior.

refúgio dos humildes (Sl 14.6). Não obstante, no salmo 53, Elohim dispersará os ossos e envergonhará aqueles que ele rejeita (Sl 53.5b).

Sete inimigos específicos (Sl 54–60)

Tendo estabelecido sua introdução formal para esta seção com o salmo 53, a coletânea apresenta sete inimigos diferentes de Davi em sete salmos sucessivos (Sl 54–60). Cada um desses sete salmos conclui com uma nota de triunfo confiante:

Salmo 54. Os zifeus da própria tribo de Judá o traíram. Mas “meus olhos se encham com a ruína dos meus inimigos” (Sl 54.7).

Salmo 55. O amigo mais próximo, não citado pelo nome, o trai (Sl 55.12-14). Mas “homens sanguinários e fraudulentos não chegarão à metade dos seus dias; eu, todavia, confiarei em ti” (Sl 55.23).

Salmo 56. Os filisteus o prendem em Gate. Mas “da morte me livraste a alma, sim, livraste da queda os meus pés, para que eu ande na presença de Deus, na luz da vida” (Sl 56.13).

Salmo 57. Saul força Davi a fugir para uma caverna. Mas “sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória” (Sl 57.11).

Salmo 58. Juízes julgam injustamente. Mas “na verdade, há recompensa para o justo; há um Deus, com efeito, que julga na terra” (Sl 58.11).

Salmo 59. Os homens de Saul vêm matar Davi em sua própria casa. Mas “a ti, força minha, cantarei louvores, porque Deus é meu alto refúgio, é o Deus da minha misericórdia” (Sl 59.17).

Salmo 60. Inimigos vêm de terras distantes. Mas “em Deus faremos proezas, porque ele mesmo calca aos pés os nossos adversários” (Sl 60.12).

No entanto, a questão pode ser legitimamente feita: por que esse segundo agrupamento de salmos davídicos inclui tantos salmos que se referem a circunstâncias específicas que ocorreram antes que Davi fosse estabelecido como rei? Se o salmo 18, no Livro I, fornece um ponto de transição no qual Davi foi libertado de todos os seus inimigos e de Saul, por que agora, no Livro II, o saltério nos leva novamente aos dias anteriores à derrota de todos esses inimigos?

Em resposta a essas questões, primeiro deve ser reconhecido que o editor desses salmos, obviamente, não pretendia organizar os salmos davídicos em uma ordem estritamente cronológica. Como se verá mais adiante, duas coletâneas de salmos davídicos também ocorrem no Livro V, em que o contexto é predominantemente exílico e pós-exílico. No entanto, esses salmos davídicos posteriores são apropriados para o tempo do exílio e restauração da nação. O padrão que emerge no saltério é uma distribuição de salmos davídicos adequados ao propósito específico do editor. O arranjo básico do saltério claramente não é cronológico, mas de desenvolvimento. Essa coletânea particular de salmos davídicos no Livro II se ajusta ao ponto de progressão em que uma mensagem pode ser comunicada às nações no que diz respeito ao estabelecimento do reino davídico e à derrota final de todo inimigo que esse reino possa enfrentar. Parentes de sua própria tribo, um amigo mais próximo, filisteus vizinhos, o rei Saul, governantes da terra, assassinos, inimigos de terras distantes – um catálogo de inimigos que poucas pessoas já enfrentaram. Mas uma lição pode ser aprendida até mesmo por todos os inimigos potenciais do rei messiânico: seu Deus derrotará a todos.²²

Diálogo entre dois reis (Sl 61–68)

A próxima seção dessa segunda coletânea davídica descreve um “diálogo entre os dois reis”. No processo desse diálogo, quatro salmos representam o clamor do rei messiânico (Sl 61–64). Depois, quatro salmos respondem afirmando o reinado tranquilo do Rei divino (Sl 65–68).

Primeiro, o rei messiânico clama a Deus que intervenha em seu favor enquanto luta para estabelecer o reino de justiça e paz de Deus (Sl 61-64):

Salmo 61. Um Davi banido clama a Elohim “dos confins da terra” com o anseio de habitar na tenda de Deus (Sl 61.2). Ele ora pelo “aumento dos dias de vida do rei” em muitas gerações, pedindo que ele seja entronizado na presença de Elohim para sempre (Sl 61.6-7). Portanto sua oração enfoca ambos os elementos da aliança davídica: a *dinastia* (entre gerações) e a *habitação* (na tenda de Deus).

²² Em vez de ver os títulos desses salmos que incluem circunstâncias históricas específicas como referências históricas autênticas, Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Londres: SCM Press, 1979), p. 521, propõe que esses salmos eram primeiro cultuais, mas depois foram “historicizados”, colocados dentro da história específica de Davi. Sua conclusão é que esse processo tornou esses salmos facilmente aplicáveis ao homem comum. Essa teoria, porém, paga o preço de perder a integridade essencial para a comunicação efetiva da verdade.

Salmo 62. Por quatro vezes, Davi em perigo repete o fato de que sua esperança se baseia apenas em Elohim. Seus opositores “só pensam em derribá-lo da sua dignidade” (Sl 62.4), mas somente Deus é a “Rocha” de sua salvação (Sl 62.2,6, veja Sl 62.7).

Salmo 63. Banido para o deserto de Judá, Davi tem sede de Elohim. Todo o seu ser o anseia como uma terra seca e árida, onde não há água. Ele, porém, lembra-se de que viu o poder e a glória de Elohim em seu santuário. Então ele pode cantar na sombra de suas asas. O rei se alegrará em Deus (Sl 63.11).

Salmo 64. Davi pede que Elohim ouça sua queixa, para proteger sua vida da ameaça de seus inimigos, pois estes “afiam a língua como espada e apontam, quais flechas, palavras amargas” (Sl 64.3). Deus, porém, em um ato soberano de justiça retributiva, “desfere contra eles uma seta... a própria língua se voltará contra eles” (Sl 64.7-8). Uma afirmação ampla declara que toda a humanidade (כָּל־בְּרִיָּה) proclamará as obras de Elohim. Como consequência, todos os retos de coração o louvarão (Sl 64.9-10).

Então o diálogo entre os dois reis registra uma resposta que afirma o reinado tranquilo do Rei divino (Sl 65–68). Como Rei do mundo, ele tem a capacidade total para suprir as necessidades do rei messiânico:

Salmo 65. Este salmo declara a bênção daqueles que foram escolhidos para viver nas cortes, na casa e no templo de Elohim (Sl 65.4). Elohim é a “esperança de todos os confins da terra”, que aplacou “o tumulto das gentes” (Sl 65.5,7). Mesmo aqueles que vivem longe, que surgem pela manhã e à noite desaparecem, temem suas maravilhas e respondem com canções de alegria (Sl 65.8).

Salmo 66. Este salmo amplia a perspectiva do domínio do Deus de Israel, invocando “toda a terra” para gritar de alegria a Elohim (Sl 66.1). “Toda a terra” deve se curvar diante dele (Sl 66.4). Seus olhos observam as nações (Sl 66.7). Todos os povos do mundo são convocados para louvar “nosso Elohim” (Sl 66.8). Na verdade, é o Deus de Israel que as nações vão louvar, embora ele não seja identificado pelo nome da aliança, *Yahweh*.

Salmo 67. Este salmo introduz a magnífica “ondulação” que antecipa a história redentora do apóstolo Paulo em Romanos 11. Os louvores de Deus saem de Israel para as nações e voltam das nações para Israel. O salmista começa por pronunciar a antiga bênção sacerdotal de Israel:

Seja Deus gracioso para conosco,
e nos abençoe,
e faça resplandecer sobre nós o rosto (Sl 67.1; cf. Nm 6.24).

Mas então ele explica o propósito dessa bênção de Elohim sobre seu povo:

Para que se conheça na terra o teu caminho
e, em todas as nações, a tua salvação (Sl 67.2).

Depois, ele antecipa as consequências esperadas desse conhecimento de Deus:

Louvem-te os povos, ó Elohim;
louvem-te os povos todos.

Alegrem-se e exultem as gentes,
pois julgas os povos com equidade
e guias na terra as nações.

Louvem-te os povos, ó Elohim;
louvem-te os povos todos (Sl 67.3-5).

Mas, no final, a bênção vem de modo completo sobre Israel mais uma vez:

A terra deu o seu fruto,
e Elohim, o nosso Elohim, nos abençoa.
Abençoe-nos Elohim,
e todos os confins da terra o temerão (Sl 67.6-7).

Bastante notável é a inserção de *Elohim*, o nome geral de Deus, na antiga bênção araônica. Pois a bênção sacerdotal original envolvia a tripla repetição do nome da aliança de *Yahweh*. “Assim”, diz o *Yahweh*, “eu porei o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei” (Nm 6.27). Como, então, essa bênção única pode vir sobre as pessoas quando o nome pronunciado sobre elas como fonte de sua bênção é *Elohim*, em vez de *Yahweh*? Certamente, é inconcebível que o Deus de Israel entregue qualquer aspecto de sua distinção em um mar comunitário de conceitos de deus. Mas é perfeitamente concebível que o único Deus da criação e da redenção possa expandir o objeto de sua bênção para abraçar os povos de todas as nações.

Salmo 68. Após a recapitulação da bênção sacerdotal sobre o povo de Deus, que remonta a sua origem ao tempo das andanças de Israel no deserto (Sl 67.1, veja Nm 6.22-27), este próximo salmo reage à procissão do povo de Deus em todo o mundo pelo deserto para a Terra Prometida, ao ser conduzido em triunfo pelo seu Deus e Rei.²³ A terra tremeu diante do Deus do Sinai (Sl 68.8). Reis e exércitos fugiram precipitadamente de diante dele (Sl 68.12). As dezenas de milhares de carros de Elohim vieram do Sinai ao monte Sião, onde ele escolheu reinar (Sl 68.16-17). Com os cantores adiante e os tocadores indo atrás, “meu Deus, o Rei” corteja no seu santuário (Sl 68.24-25). Os reis das nações lhe trarão presentes; os “touros” das nações serão repreendidos (Sl 68.29-30). Os reinos da terra cantarão louvores a Elohim (Sl 68.32). Elohim é tremendo em seu santuário; Elohim de Israel dá poder e força ao seu povo (Sl 68.35).

Este grupo de quarto salmos afirma o reinado divino tranquilo com sua dimensão fortemente universalista que destaca a perspectiva ampliada do Livro II, quando comparado com o Livro I. Claramente, *comunicação* em um nível diferente está ocorrendo. Não que os dois livros tenham mensagens conflitantes entre si. Mas a ênfase universalista do Livro II representa uma comunicação com as nações do mundo além da perspectiva encontrada no Livro I. Em grande parte do palavreado usado no Livro II, o uso do nome pactual *yahweh* teria sido totalmente apropriado, até pedindo para ser usado. No entanto, com uma forte coerência, essa coletânea insiste em usar o nome geral *elohim*. A razão mais provável para esse uso do nome mais geral de Deus é o grande interesse do salmista em se comunicar com as nações do mundo, mesmo quando fortalece a fé de seu próprio povo.

Lutas contínuas (Sl 69-71)

Três salmos seguem o diálogo da realeza e descrevem as lutas contínuas do rei messiânico mesmo em sua velhice (Sl 69-71). Embora Deus tenha marchado à frente de seu povo para fora do Egito, ao Sinai, pelo deserto, através da conquista e até as glórias do monte Sião, o porta-voz representativo do povo de Deus deve suportar severas humilhações antes de sua exaltação final.

²³ Que as procissões eram regularmente realizadas com a arca da aliança conduzindo pelo caminho para o templo permanece sem provas por falta de evidências. A maior probabilidade é que o salmo 68 esteja “atualizando” o antigo momento histórico, em vez de descrevendo um evento cültico regular. Para uma discussão completa como suporte do conceito de um cortejo cültico, veja Craig C. Broyles, “The Psalms and Cult Symbolism: The Case of the Cherubim-Ark”, In *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.) (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), p. 139-56.

Então, os salmos 69–71 relatam os problemas do representante de Israel, o rei messiânico do povo.²⁴ Mesmo em sua velhice, a luta continua:

Não me rejeites
na minha velhice;
quando me faltarem as forças,
não me desampares (Sl 71.9).

Tu me tens ensinado, ó Deus,
desde a minha mocidade;
e até agora
tenho anunciado as tuas maravilhas.

Não me desampares, pois, ó Deus,
até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado
à presente geração a tua força
e às vindouras o teu poder (Sl 71.17-18).

Nesta tríade de salmos que antecipam a conclusão triunfante do Livro II, o salmo 69 se destaca como um “salmo de foco messiânico” que retrata os sofrimentos do Messias de Deus. Três autores diferentes do Novo Testamento citam quatro passagens diferentes deste único salmo. Primeiro, João, em seu Evangelho, volta-se para este salmo para explicar o zelo de Jesus na purificação do templo:

Tornei-me estranho a meus irmãos
e desconhecido aos filhos de minha mãe.
Pois o zelo da tua casa me consumiu,
e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim
(Sl 69.8-9; cf. Jo 2.17).

Então, no final da vida de Jesus, João apela a este mesmo salmo para vivificar a antecipação profética dos sofrimentos do rei messiânico:

O opróbrio partiu-me o coração,
e desfaleci;

²⁴ Os salmos 69 e 70 desta tríade de salmos são especificamente atribuídos a Davi. O salmo 71 cita uma extensa seção do salmo 31, um salmo davídico anterior, o que sugere fortemente que Davi também compôs o salmo 71.

esperei por piedade,
mas debalde;
por consoladores,
e não os achei.

Por alimento
me deram fel
e na minha sede
me deram a beber vinagre (Sl 69.20-21; cf. Jo 19.28-30).

Ao explicar o juízo justo de Deus que caiu sobre o traidor Judas e sobre o Israel incrédulo, Lucas e Paulo citam seções do salmo 69. De acordo com Lucas, o apóstolo Pedro achou a explicação para a trágica morte de Judas profeticamente antecipada no julgamento pronunciado sobre os perseguidores do Messias do Senhor, no Salmo 69:

Fique deserta
a sua morada,
e não haja
quem habite as suas tendas.
Pois perseguem
a quem tu feriste
e acrescentam dores
àquele a quem golpeaste (Sl 69.25-26; cf. At 1.20).

De acordo com a análise do apóstolo Paulo em Romanos 11, como nos dias do Antigo Testamento, também “no tempo presente” há “um remanescente de acordo com a eleição da graça”. Mas o “descanso” foi endurecido judicialmente em sua incredulidade pecaminosa, “como está escrito”:

Sua mesa torne-se-lhes diante deles
em laço,
e a prosperidade, em armadilha.
Obscureçam-se-lhes os olhos,
para que não vejam;
e faz que sempre
lhes vacile o dorso (Sl 69.22-23; cf. Rm 11.9-10).

Pode-se perguntar: o que levou João, Lucas e Paulo a este mesmo salmo em apoio a quatro aspectos diferentes da história redentora, que incluem a

purificação do templo, a crucificação de Jesus, o julgamento de Judas e o endurecimento de Israel?

A resposta a essa questão pode ser, em parte, o papel específico do salmo 69 no arranjo do saltério. No Livro II, o rei messiânico continua a lutar contra seus adversários para estabelecer o reino de justiça e paz de Deus, apesar do progresso que foi feito. Chegando imediatamente após o “diálogo entre os reis”, o salmo 69 descreve vividamente os adversários do Messias, mas conclui com as afirmações confiantes de que o Senhor “ouve os necessitados” para que o céu e a terra possam louvá-lo (Sl 69.33-34). A posição deste salmo imediatamente após o “diálogo” entre o grito de ajuda do rei messiânico e a afirmação do reinado tranquilo de Deus (Sl 61-68) pode fornecer uma resposta parcial à proeminência deste salmo no campo de ação dos escritores do Novo Testamento.

Outras descrições das humilhações registradas nestes três salmos de luta contínua que concluem o Livro II antecipam as agonias de Jesus registradas pelos escritores dos Evangelhos no Novo Testamento:

Praza-te, ó Deus, em livrar-me;
dá-te pressa, ó SENHOR, em socorrer-me.

Sejam envergonhados e cobertos de vexame
os que me demandam a vida;
tornem atrás e cubram-se de ignomínia
os que se comprazem no meu mal (Sl 70.1-2).

Pois falam contra mim os meus inimigos;
e os que me espreitam a alma consultam reunidos, dizendo:
Deus o desamparou;
persegui-o e predeei-o,
pois não há quem o livre (Sl 71.10-11; cf. Mt 27.43).

Desses salmos situados praticamente no final do Livro II, torna-se bastante óbvio que a luta pelo estabelecimento do rei messiânico e seu reino não está completamente acabada. Uma situação que pode ser descrita em termos de *já* e *ainda não* prevalece. Sim, o Senhor estabeleceu seu Messias em uma posição de domínio sobre as nações. No entanto, os desafios à sua posição continuam.

Imagens triunfantes do reinado do Messias (Sl 72)

Tendo descrito esses sofrimentos como necessários para o estabelecimento final do reinado do Messias, o salmista conclui o Livro II com um salmo de

Salomão que comemora os triunfos do domínio real do Messias (Sl 72).²⁵ Esse “salmo de foco messiânico” marca o fim do Livro II com uma representação sem precedentes da extensão do reino do Messias ao longo de todo o espaço e tempo. Elohim dota o rei, o filho real, com sua justiça (Sl 72.1). Esse rei messiânico salvará os filhos dos necessitados (Sl 72.4). Ele durará tanto quanto o sol e a lua (Sl 72.5). Ele governará de mar a mar e do rio até os confins da terra (Sl 72.8). Todos os reis se curvarão a ele e todas as nações o servirão (Sl 72.11). Seu nome durará para sempre e continuará enquanto houver o sol (Sl 72.17).

Os últimos 2 mil anos de história desde o tempo de Jesus Cristo tornam claro que essas palavras exaltadas não devem ser analisadas como “mitopoéticas” por natureza. Cada continente deste mundo em que vivemos teve a oportunidade única de ouvir e crer no evangelho. Essa divulgação das boas-novas sobre Cristo nunca cessou, de modo que hoje cada continente recebeu o evangelho do Salvador. Quão triste é ver alguns países e até continentes que uma vez possuíam o tesouro inestimável do Messias e seu reino agora desprezando a luz do evangelho que os tornou excelentes. Como isso faz com que uma pessoa estremeça quando considera o julgamento inevitável que será maior que o que caiu sobre Sodoma e Gomorra. Ao mesmo tempo, quão glorioso é ver novas nações, povos, tribos e continentes apressando-se a reivindicar por si mesmos a herança no reino de Cristo, que os outros desprezaram.

Esse glorioso salmo sobre o governo universal e eterno do Messias conclui com um eco das primeiras bênçãos do livro de Salmos: bem-aventurado o homem que tem “o seu prazer na lei do SENHOR” (Sl 1.2), e “bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (Sl 2.12). O Livro II dos Salmos conclui com bênçãos semelhantes:

Nele sejam abençoados todos os homens,
e as nações lhe chamem bem-aventurado (Sl 72.17).

Com essa bênção climática, o Livro II ecoa a bênção original de Abraão, o patriarca solitário. Nele, todos os povos da terra seriam abençoados, e as nações que o abençoaram também seriam abençoadas por Deus (Gn 12.2-3). Com esta conclusão ao salmo 72, o salmista indica que Deus tem sido fiel às suas promessas do pacto. Abraão tornou-se o pai de muitas nações. Através da

²⁵ Hossfeld e Zenger, *Psalms* 2, 2n2, interpretam o *le Solomon* no título do salmo 72 como “para Salomão” em vez de “de Salomão”, propondo que Davi compôs esse salmo “para” seu filho. Essa proposta caberia na atribuição do grupo imediatamente anterior, salmos 51-70, a Davi como autor. Mas se o *le David* significar “de Davi” nessas instâncias anteriores, parece muito provável que o *le Solomon* signifique “de Salomão”, como acontece no caso do salmo 127.

sua semente real, todos os povos da terra recebem a maior bênção de Deus, como prometido a Davi.

O editor/organizador dos salmos deixa intacta a afirmação de que, uma vez concluída uma coletânea inicial dos salmos de Davi, agora reunidos nos Livros I e II, “findam as orações de Davi, filho de Jessé” (Sl 72.20). Essa frase pode ser claramente vista como um indicador da tradição antiga em vista dos fatos de que (1) esse salmo particular é atribuído por seu título especificamente a Salomão, em vez de Davi, muito embora o subscrito deste salmo declare “findam as orações de Davi, filho de Jessé”; e (2) a coletânea de orações de Davi não está de forma alguma terminada, como a terceira e a quarta importantes coletâneas de salmos davídicos no Livro V deixam bem claro. No entanto, a antiga tradição dos salmos davídicos permanece intacta.

Conclusão do Livro II: importância contínua das experiências de Davi

Um papel canônico para os salmos de Davi na vida do cristão atualmente, vivendo sob a nova aliança, deve basear-se no princípio de que as experiências de Davi servem adequadamente como protótipos para as experiências de todos os crentes em Cristo. O apóstolo Paulo nos mostrou o caminho para ver nossa conexão com o doce salmista de Israel. Citando a lei, bem como os profetas anteriores e posteriores, ele ressalta a verdade consumadora de que “nós” somos “o templo do Deus vivo” que Davi queria construir. Deus nos construiu em uma casa própria onde ele habita para sempre (2Co 6.16-18, cf. Lv 26.12; 2Sm 7.14; Is 52.11; Jr 32.38; Ez 37.27). Como consequência da fusão do trono de Deus com o trono do Messias, uma dinastia perpétua para o reino de Deus foi estabelecida. Através das maravilhas expansivas da realização da nova aliança, todo crente em Jesus, o Cristo-Messias, participa da bênção final da adoção de Deus. Na compreensão esclarecida de Paulo sobre a aliança climática de Deus com Davi, sua nova aplicação da aliança diz o seguinte: “Serei *vosso* [plural] Pai, e *vós* [plural] sereis para mim filhos e filhas [!], diz o Senhor Todo-Poderoso” (2Co 6.18; cf. 2Sm 7.14). Ao modificar corajosamente o texto-chave dessa aliança climática, Paulo aplica a promessa de Davi a cada nova geração. Todas as pessoas que confiam no Rei Messias Jesus são declaradas, pela aliança eterna de Deus, como seus filhos e filhas. Com base na perspectiva de Paulo, a palavra de Deus nos diz explicitamente que estamos completamente justificados ao aplicar as várias verdades dos salmos às experiências de todos os crentes da nova aliança. Na verdade, nem todo crente poderá sofrer a intensidade do julgamento e do triunfo, como Davi. É quase certo que nenhuma pessoa desde Davi, com uma exceção, sofreu as profundezas das agonias e as alturas da alegria desse homem em particular,

pois ele era um indivíduo único, levantado especificamente como o “homem segundo o coração de Deus” para exibir em toda a sua plenitude a vida gloriosa da pessoa que é um com o Deus Todo-Poderoso. Da mesma forma, Jesus Cristo, como o grande Filho de Davi, experimentou, por sua vez, as realidades descritas nos salmos de maneira única e aumentada.

Portanto a suposição subjacente à celebração desses salmos por numerosos indivíduos e comunidades de adoração ao longo dos últimos 3 mil anos é que essa experiência de um homem de Deus é para todos nós. A história da comunidade de adoração provou que é verdade. Seja em momentos de celebração alegre ou de agonias dolorosas, pela aprovação de Deus, a experiência de Davi é também nossa experiência. Tanto individual como coletivamente, o registro de sua experiência é para nós. Ainda mais, para uma transferência apropriada ocorrer, cada nova geração deve pensar em termos da aliança. Devemos dizer isso à próxima geração, e que eles, por sua vez, possam transmitir aos seus filhos esse maravilhoso testemunho das obras de Deus.

7

LIVRO III (SL 73–89) – DEVASTAÇÃO



Livro III, composto de 17 salmos, introduz uma perspectiva um tanto diferente da vida do povo redimido de Deus. O foco não está mais na pessoa de Davi e sua luta constante na busca pelo estabelecimento de seu trono, apesar dos ataques incessantes de seus inimigos. Em um contraste significativo com o Livro I e o Livro II, alguns poucos salmos do Livro III são individualistas.¹ Este livro lida muito mais extensivamente com a comunidade do povo de Deus e sua *devastação* por forças internacionais.

O mais impressionante no Livro III é esse tema da derrota do povo de Deus nas mãos de inimigos invasores internacionais. Embora a vitória às vezes seja registrada, a mensagem predominante é a atordoante derrota do povo de Deus diante das poderosas forças das nações estrangeiras. O livro conclui dramaticamente com o trono e a coroa do rei davídico lançados no pó (Sl 89.38-39,44).

Este livro é dividido em duas partes não proporcionais, de acordo com a atribuição da autoria nos títulos. Os salmos 73–83 são atribuídos a Asafe, e

¹ A perspectiva do “eu” no Livro III ocorre apenas nos salmos 73, 77, 84, 86 (o único salmo indicado como sendo “de Davi” neste livro) e 88 (um indivíduo enfrentando a morte). Onze dos outros 12 salmos são essencialmente coletivos em seu modo de expressão. O salmo 89 fala extensivamente do Messias na terceira pessoa do singular. Apenas na conclusão a queixa do salmista é expressa na primeira pessoa do singular (Sl 89.46-51).

os salmos 84–89² são, em grande parte, atribuídos aos filhos de Corá. Essa divisão no Livro III de basicamente os dois primeiros terços atribuídos a Asafe seguidos por um terço atribuído aos filhos de Corá inverte as proporções do Livro II, que atribui aproximadamente o primeiro terço aos filhos de Corá (Sl 42–49*), seguido por dois terços de Davi (Sl 51–71*).

Uma distinção no uso dominante dos nomes para Deus reforça essa divisão no Livro III. No segmento de “Asafe” (Sl 73–83), *Elohim* prevalece sobre *Yahweh* na proporção de três para um (*Elohim* 47, *Yahweh* 13). No segmento dos “filhos de Corá” (Sl 84–89*), *Yahweh* prevalece sobre *Elohim* na proporção de dois para um (*Yahweh* 31, *Elohim* 16). A preferência por *Yahweh*, em vez de *Elohim*, nesta coletânea dos salmos dos “filhos de Corá” contrasta com o uso dominante de *Elohim* nos grupos anteriores dos “filhos de Corá”, no Livro II (Sl 42–49*). É difícil determinar o motivo dessa mudança no uso proporcional dos nomes de Deus nas duas coletâneas dos “filhos de Corá”, exceto ao se observar a preocupação especial do Livro II em se *comunicar* com os povos não israelitas usando o nome mais geral de Deus. Na conclusão da *devastação* descrita no Livro III, lança-se de maneira dramática a coroa e o trono da linhagem davídica ao pó da terra e nota-se que não outro, senão o Senhor, o Deus da aliança davídica, foi quem trouxe essa devastação (Sl 89.18,39,44-46).

A identidade precisa de “Asafe” e dos “filhos de Corá” não pode ser definitivamente determinada, embora seus nomes apareçam no livro de Crônicas entre o agrupamento genealógico de pessoas responsáveis pela música sagrada do tabernáculo e do templo.³ Essas pessoas mencionadas nos títulos do Livro III não podem ser identificadas com os contemporâneos de Davi e Salomão, uma vez que a maioria desses salmos está relacionada com o tempo da invasão de Israel por nações estrangeiras, que ocorreu cerca de 300 a 400 anos depois de Davi. A afirmação de que os “filhos de Corá” eram uma “corporação hereditária de funcionários do templo” é uma suposição adequada.⁴

² Assim como anteriormente, o asterisco (*) anexado a uma lista de salmos indica que os salmos daquela coletânea podem não se referir todos ao mesmo autor em seus títulos.

³ De acordo com Crônicas, Asafe foi um dos três principais músicos de Davi, juntamente com Hemã e Jedutum. Os filhos desses três homens foram oficialmente nomeados como músicos do templo por Davi. Os filhos permaneceram sob a supervisão de seus pais, enquanto os três pais estavam diretamente sob a supervisão de Davi (1Cr 25.1,6). Esse arranjo original de responsabilidade de um tronco familiar para a música do templo explica o aparecimento desses mesmos nomes em conexão com salmos que se originaram décadas, mesmo séculos, depois de Davi. Os “filhos de Corá” eram uma parte do tronco familiar responsável pela música sacra do tabernáculo e do templo (1Cr 6.22,31-32).

⁴ Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary on Books I and II of the Psalms* (Londres: Inter-Varsity Press, 1973), p. 6.

O conteúdo do Livro III pode ser resumido da seguinte maneira: (1) dois salmos introduzem o foco do livro sobre a angústia e a devastação do povo de Deus, um que vê o problema do ponto de vista de um indivíduo (Sl 73) e outro que o vê de uma perspectiva comunitária (Sl 74); (2) dois salmos afirmam o reinado de Deus sobre os reis terrenos, apesar da devastação que eles podem trazer (Sl 75–76); (3) sete salmos relatam a devastação e a libertação dos reinos do sul e do norte de Israel, com foco centralizado no “Filho” do salmo 80 (Sl 77–83); (4) os salmos iniciais dos filhos de Corá nesse livro oferecem uma mudança de tom impressionante com uma perspectiva positiva (Sl 84–87*); (5) o livro conclui com sofrimento individual e coletivo diante da devastação, oferecendo poucas esperanças de libertação (Sl 88–89).

Salmos introdutórios do Livro III (Sl 73–74)

Como indicado anteriormente, os dois primeiros salmos do Livro III apresentam o sofrimento e a devastação do povo de Deus. De maneira bastante semelhante aos salmos introdutórios do Livro II, o primeiro salmo no Livro III vê o problema a partir da perspectiva de um indivíduo (Sl 73; cf. Sl 42/43), enquanto o segundo salmo apresenta o problema de uma perspectiva comunitária (Sl 74; cf. Sl 44).

O salmo 73 abre o Livro III com um salmo individualista que luta com o *shalom*, a vida pacífica e próspera dos ímpios. Nos versículos iniciais desse salmo, os “arrogantes” (הוֹלָלִים) e os “perversos” (רָשָׁעִים) estão em paralelismo contra “Israel” e aqueles que são “puros de coração” (Sl 73.3,1). Pode ser que essas descrições contrastem dois grupos dentro da própria nação de Israel. No entanto, o mesmo paralelismo envolvendo o “arrogante” e o “perverso” se repete no salmo 75.4, em que são mais precisamente identificados como inimigos estrangeiros que “levantam suas forças” contra o céu. Considerando o tema predominante no Livro III, a invasão de forças estrangeiras na terra do povo do Senhor, esses inimigos do salmo 73 poderiam se orgulhar de serem conquistadores do mundo que “contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra” (Sl 73.9). Esses arrogantes do salmo 73 podem ser identificados com as tropas ocupantes de uma nação que conquistou Israel. Tendo se estabelecido na terra, desfrutaram de todas as vantagens que negam às pessoas residentes.

Mas Deus os destruirá em seu tempo. Como diz o salmista, “como ao sonho, quando se acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles” (Sl 73.20).

O salmo 74, o segundo salmo introdutório do Livro III, fala mais claramente dos invasores estrangeiros que vieram com a devastação na terra. O agrupamento por títulos, como indicado anteriormente, obviamente tem al-

gum significado na estrutura do Livro III. Mas muito mais significativo para entender a estrutura dessa porção do saltério é o papel permeável dos invasores estrangeiros. Muito alarmante é o registro da esmagadora derrota do reino de Judá, no sul, e do reino de Israel, no norte, embora as vitórias ocasionais também sejam registradas. Toda a nação está sendo levada para o exílio.

Esse segundo salmo do Livro III descreve vividamente a devastação do santuário de Sião por um exército invasor. As imagens de homens que empunham seus machados, esmagam painéis esculpidos, lançam fogo no santuário de Deus e contaminam sua morada intensificam o impacto da descrição poética (Sl 74.5-7).

Quando essa destruição ocorreu? A que invasão o salmo se refere? Obviamente, o salmista escreve muito além das circunstâncias da vida de Davi, que teria sido o período de tempo principal da maioria dos salmos nos Livros I e II. Aparentemente, esse salmo se refere à invasão da Babilônia, no século 6º a.C., que teria saltado ao longo do tempo até um período cerca de 400 anos após Davi. Embora geralmente relacionado com a destruição final de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 a.C., o salmo 74 pode se referir à invasão babilônica dez anos antes, em 596 a.C. A narrativa bíblica informa que, durante o breve reinado de três meses de Joaquim, de 18 anos de idade, neto de Josias, os oficiais de Nabucodonosor sitiaram Jerusalém. Quando o temido rei babilônico chegou, Joaquim entregou a cidade. Então Nabucodonosor removeu “todos os tesouros da Casa do SENHOR... e cortou em pedaços todos os utensílios de ouro que fizera Salomão, rei de Israel, para o templo do SENHOR” (2Rs 24.10,12-13). Como o jovem rei da Judeia rendeu-se de bom grado, a probabilidade é que os principais edifícios da cidade tenham ficado intactos, embora o templo tivesse sido saqueado. Nada na narrativa de Reis sugere a destruição de Jerusalém no momento dessa ocupação da cidade. Essa perspectiva narrada no livro de Reis está em conformidade com a imagem do salmo 74, que se concentra no caos trazido para o templo de Deus. A substância do salmo apresenta uma imagem de algo menor do que a devastação total realizada em 586 a.C., dez anos depois. A oração do salmista retrata a residência permanente de pessoas israelitas proeminentes, mesmo após a invasão:

Não entregues à rapina
a vida de tua rola,
nem te esqueças perpetuamente
da vida dos teus aflitos (Sl 74.19).

A destruição mais arrasadora da cidade de Jerusalém e do templo é relatada vividamente no salmo 79. Este último salmo conecta a profanação do

templo com a redução de Jerusalém a escombros (Sl 79.1). A imagem de uma destruição total da cidade no salmo 79 está em conformidade com o registro no livro de Reis. Porque o rei Zedequias não se rendeu a Nabucodonosor, o cerco continuou por 18 meses. Muito provavelmente em vingança por essa resistência obstinada e toda a inconveniência que causou ao seu exército, Nabucodonosor queimou o templo, o palácio real “e todas as casas de Jerusalém; também entregou às chamas todos os edifícios importantes” (2Rs 25.1-2,9). Essa descrição se adapta bem à imagem da destruição que alcançou a cidade de Jerusalém no salmo 79.⁵

O reinado de Deus sobre os reis terrenos (Sl 75–76)

O salmo 75 serve como uma resposta ao protesto pleiteado pela libertação da opressão das forças invasoras, como descrito no salmo 74.⁶ Deus, por si só, escolhe o “tempo determinado” para julgar os ímpios (Sl 75.2). Em seu tempo, as pessoas malignas da terra beberão a escória do cálice de Deus para o juízo (Sl 75.8). As nações perversas do mundo são avisadas para não “levantarem” seus chifres, simbolizando a afirmação do poder militar, econômico e político:

Digo aos soberbos:

não sejais arrogantes;

e aos ímpios:

não levanteis a vossa força.

⁵ A escolha do cenário histórico dos salmos 74 e 79 foi principalmente entre a destruição de Jerusalém pela Babilônia, em 586 a.C., e a profanação do templo por Antíoco IV, em 168 a.C. De modo interessante, João Calvino expressa abertura para qualquer uma das opções: “Há alguma plausibilidade em ambas as opiniões”. João Calvino, *Commentary on the Book of Psalms*, vol. 2 (Grand Rapids: Baker, 1993), p. 159. Cf. também sua discussão do salmo 79. *Ibid.*, vol. 2, p. 281. Pouca ou nenhuma discussão considerou a destruição de Jerusalém em 596 a.C. como opção para a definição do salmo 74. Hans-Joachim Kraus, *Psalms 60–150: A Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1989), p. 97, rejeita a datação nos dias de Antíoco para o salmo 74 e cautelosamente favorece o cenário do século 6º a.C. em detrimento do cenário do século 2º a.C. A favor da datação do salmo 74 em conexão com a invasão em 596 a.C. estão os seguintes elementos: (1) ausência de qualquer referência à destruição da cidade e à devastação do templo no salmo 74, o que está em conformidade com o relato de 2Reis 24.12 sobre a rendição antecipada da cidade pelo jovem rei Joaquim; e (2) destruição muito mais completa descrita no salmo 79, em que a própria cidade está devastada, o que favorece a data de 586 a.C. para o salmo 79. Salmos 79.1,3 e 2Reis 25.9 concordam em descrever essa devastação da cidade, não simplesmente do templo, conforme relatado no salmo 74 e implícito em 2Reis 24.12-13. Note as repetidas antecipações da queima da cidade nas profecias de Jeremias durante os últimos dias do reinado do rei Zedequias (Jr 37.8,10; 38.18). Colocados na balança, parece mais provável que os salmos 74 e 79 se refiram a dois eventos diferentes, não a uma reação à mesma circunstância histórica.

⁶ A referência a Asafe no título é um termo genérico que inclui os descendentes de Asafe.

Não levanteis altivamente a vossa força,
nem faleis com insolência contra a Rocha (Sl 75.4-5).

Os chifres levantados dos arrogantes serão cortados, pois ninguém além de Deus tem autoridade para exaltar um homem (Sl 75.10,6, cf. Zc 1.18-21).

O salmo 76 quase certamente descreve a humilhação de Senaqueribe, rei da Assíria, como consequência da visita do anjo do Senhor fora dos portões de Jerusalém, em 701 a.C (cf. Is 36-37). Essa compreensão do cenário histórico para o salmo 76 é pelo menos tão antiga quanto a tradução da Septuaginta, que acrescenta ao título do salmo a frase “sobre o assírio” (πρὸς τὸν Ἀσσύριον).⁷ A descrição do exército derrotado é bastante vívida:

Despojados foram os de ânimo forte; jazem a dormir o seu sono,
e nenhum dos valentes pode valer-se das próprias mãos.
Ante a tua repreensão, ó Deus de Jacó,
paralisaram carros e cavalos (Sl 76.5-6).

O salmo termina com uma declaração de que Deus “quebranta o orgulho dos príncipes; é tremendo aos reis da terra” (Sl 76.12).

Assim, o salmista não renuncia à supremacia do reinado de Deus sobre as nações. Apesar dos tempos difíceis que vieram por causa da invasão de nações estrangeiras, Deus permanece como o supremo governante deste mundo.

Sete salmos de devastação e libertação com o foco centralizado no “Filho” do salmo 80 (Sl 77-83)

Esta coletânea especial de sete salmos sublinha o tema da devastação da nação, relatando a destruição do reino do sul pela Babilônia, em 586 a.C (Sl 79) e a destruição do reino do norte pela Assíria, em 722 a.C (Sl 80). Ao mesmo tempo, duas figuras messiânicas emergem como possíveis libertadores dessas duas entidades nacionais do povo de Deus. Um filho de Davi e um filho de José servirão como libertador de Israel (Sl 78.65-66,70-72; cf. Sl 89.35-37; 80.1-2,15,17).

O salmo 77 começa com um *Eu*, referindo-se a uma angústia individual. No entanto, o distúrbio desse indivíduo surge do perigo criado pelos inimigos estrangeiros. Como ele indica, “entre os povos, tens feito notório o teu poder” (Sl 77.14). Então, de forma dramática, ele lembra a milagrosa intervenção de

⁷ Derek Kidner, *Psalms 73-150: A Commentary on Books III-V of the Psalms* (Londres: Inter-Varsity Press, 1975), p. 274, diz que “nenhum evento poderia ser mais fortemente sugerido do que a eliminação do exército assírio de Senaqueribe pelo anjo do Senhor (Is 37.36)”.

Deus no êxodo, quando ele libertou Israel da tirania do Egito (Sl 77.16-20), fornecendo indícios adicionais de que está preocupado com uma situação muito maior do que seus próprios problemas pessoais. Em vez disso, ele enfrenta um desafio à segurança nacional. Então este salmo se encaixa no fluxo de inimigos estrangeiros, anteriormente retratados nos salmos 74-76.

O salmo 77 apresenta referências à tribo de José e seus descendentes, que circulam por esse grupo de salmos que formam o foco central do Livro III (Sl 77-83). O salmista indica que, por seu poderoso braço, Deus redimiu seu povo, “os filhos de Jacó e de José” (Sl 77.15). Nesta seção do meio do Livro III, os grupos tribais do norte e do sul de Israel experimentam devastação e libertação.

A frase final do salmo 77 apresenta uma imagem de ternura pastoral no meio da turbulência estrangeira: “O teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão” (Sl 77.20). Uma vez introduzida, essa imagem emocionante se repete nos próximos três salmos como forma de acalmar traumas nacionais. Deus levou as pessoas como ovelhas pelo deserto (Sl 78.52); Davi as guardou como o rei escolhido de Deus (Sl 78.72); nós somos “ovelhas do teu pasto” (Sl 79.13); como o “pastor de Israel”, tu “conduzes a José como um rebanho” (Sl 80.1). Essa extensão de uma frase comum em vários salmos representa uma técnica típica de arranjo organizacional que reaparece ao longo do saltério.

O salmo 78, após uma análise minuciosa da fidelidade de Deus na redenção, apesar das repetidas falhas da nação, concentra-se na natureza climática da aliança de Deus com Davi. Essa concentração na aliança davídica é totalmente compreensível. Pois o juramento do Senhor a Davi serve como a aliança máxima promulgada de acordo com as disposições do Antigo Testamento. Esclarecedor em termos do contexto bíblico-teológico mais amplo dos salmos como um todo é o fato de que 400 a 500 anos após a vida de Davi os salmos continuam sua interação com o Senhor sob os auspícios da aliança de Deus com Davi. Jerusalém como habitação permanente do Senhor e o governo dos descendentes de Davi em união com o domínio de Deus continuam como os grandes temas que unem o saltério. Nenhum indicador pode ser encontrado sugerindo o fim das promessas davídicas, mesmo depois da devastação do seu reino. Nenhum avanço se desenvolve nos propósitos redentores de Deus além das disposições da aliança davídica, além das promessas preditivas da nova aliança.

Após extensas observações introdutórias (Sl 78.1-8), o salmista surpreende o leitor com sua repentina descrição do fracasso dos homens de Efraim, que “bateram em retirada no dia do combate” (Sl 78.9; cf. Os 7.1,11,16). No clímax de um longo ensaio da libertação de Deus do Egito, no deserto, através da conquista e por meio da opressão sob o regime implacável dos filisteus, o salmista lembra como o SENHOR DA ALIANÇA “rejeitou a tenda de José” e “não

elegeu a tribo de Efraim”. Em vez disso, ele “escolheu a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava” (Sl 78.67-68). Ele “escolheu Davi, seu servo... para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança” (Sl 78.70-71). Então Davi os pastoreou “consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas” (Sl 78.72). No contexto mais amplo do Livro III, esse salmo sublinha o fato de que, apesar de todos os constrangimentos causados pela série de invasões por exércitos conquistadores internacionais, a dinastia de Davi e a habitação de Deus em Sião permanecem seguras como consequência das intervenções pessoais do SENHOR DA ALIANÇA.

O salmo 79 volta ao tema das invasões estrangeiras na terra do SENHOR DA ALIANÇA. Desta vez, indo bem mais além das devastações descritas no salmo 74, as nações “invadiram a tua herança, profanaram o teu santo templo, reduziram Jerusalém a um montão de ruínas” (Sl 79.1). Na realização literal das maldições da aliança abraâmica, esses invasores cruéis “deram os cadáveres dos teus servos por cibo às aves dos céus e a carne dos teus santos, às feras da terra. Derramaram como água o sangue deles ao redor de Jerusalém, e não houve quem lhes desse sepultura” (Sl 79.2-3; cf. Gn 15.10-11; Jr 14.16; 34.20). Por essas imagens sóbrias, o salmista dá vida à destruição final de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C.

Até agora, no Livro III, os ataques estrangeiros incluíram uma invasão anterior de Jerusalém pela Babilônia, em 596 a.C (Sl 74), a invasão de Judá pela Assíria, em 701 a.C (Sl 76), a conquista de Israel pelos filisteus, em cerca de 1060 a.C (Sl 78.60-64), e a destruição de Jerusalém pela Babilônia, em 586 a.C (Sl 79). Entre esses devastadores juízos existem relatos regulares da fidelidade de Deus em libertar seu povo dessas aflições chocantes. Claramente, esse acúmulo de devastações por forças estrangeiras vai além de qualquer conflito com os “inimigos” descritos nos Livros I e II. Um arranjo deliberado do saltério parece bastante evidente.

No centro dessa estrutura de salmos que relatam devastações nacionais no Livro III, está uma coletânea especial de salmos que fazem alusão à destruição e libertação das tribos do norte, designadas como “José” e seus descendentes. Como salmo central dessa coletânea de sete salmos, o salmo 80 interage com a destruição do reino do norte de Israel pela Síria, em 722 a.C.⁸ Esse é o salmo central dessa coletânea especial que frequentemente alude ao papel de “José” ou “Efraim” como símbolo dos descendentes de Raquel, a esposa amada de

⁸ Como observado anteriormente, a Septuaginta reconhece explicitamente essa configuração histórica para o salmo 80, inserindo em seu título “sobre o assírio”. Kidner, *Psalms 73-150*, 289, observa que esse indicador de circunstância “parece uma inferência válida do salmo”.

Jacó.⁹ Além disso, o salmo 80 está estrategicamente localizado no centro do Livro III. Mais ainda, de acordo com o relato dos escribas judeus, uma contagem cuidadosa das letras coloca esse salmo no ponto central de todo o saltério.¹⁰ No início, o salmo parece estar sozinho em seu tratamento distintivo da queda de Samaria, a capital do reino do norte de Israel, como indicado pelas referências de abertura a “José” e “Efraim”. Esse salmo parece ser isolado por um mar de referências à Judeia, a Jerusalém, a Sião, ao templo de Jerusalém e à dinastia de Davi. Mas o reaparecimento das palavras-chave “José” e “Efraim” em salmos estreitamente adjacentes revela mais um grupo deliberado no saltério. Exceto por uma única referência à experiência histórica da pessoa de José, no Livro V (Sl 105.16-22), todas as outras menções a “José” no saltério referem-se à comunidade tribal e estão agrupadas ao salmo 80, no centro do Livro III (Sl 77.15; 78.67; 80.1; 81.5). Da mesma forma, três referências a “Efraim” aparecem neste mesmo grupo de salmos (Sl 78.9,67; 80.2). As únicas outras menções a “Efraim” no saltério ocorrem quando o salmista delinea as reivindicações territoriais do Senhor (Sl 60.7, ecoado no Sl 108.8).

Esse agrupamento de referências nos salmos aos descendentes tribais da amada esposa de Jacó, Raquel (José e Benjamim, juntamente com os filhos de José, Efraim e Manassés), abre com uma alusão combinada à redenção de Deus dos “descendentes de Jacó e José”, o que prepara o palco para um rastreamento das experiências dos dois grupos (Sl 77.15). Esse lembrete da redenção do Egito, tanto para “Jacó” quanto para “José”, traz encorajamento no momento atual de angústia, quando o Senhor parece ter rejeitado seu povo para sempre (Sl 77.2,9-10).

“José” e seus descendentes reaparecem no salmo imediatamente seguinte (Sl 78), que enfatiza Deus rejeitando José e escolhendo a linhagem de Davi. Deus não escolheu as tendas de José ou a tribo de Efraim, mas escolheu a

⁹ O arranjo de uma coletânea especial de salmos em torno de um salmo central ocorre mais de uma vez no saltério. Os salmos 20–24 representam uma coletânea de cinco salmos “reais”, com dois salmos sobre o rei messiânico (Sl 20–21) e dois salmos sobre o Rei divino (Sl 23–24) e um salmo central que combina uma apresentação de ambos os reinados (Sl 22). Os salmos 111–117 são a primeira coletânea de salmos de *Hallelu-YAH* no Livro V, com três salmos antes e três salmos após o salmo central, 114. Uma coletânea ainda maior pode ser vista nos salmos de romagem, numerando 15 salmos (Sl 120–134), com sete salmos antes e sete salmos após o Salmo 127, atribuído a Salomão. Cf. O argumento no final do capítulo 9, sobre a possibilidade de agrupamentos de “pirâmide poética” no saltério.

¹⁰ O salmo 80 é, de fato, o centro do saltério pela medição da quantidade de letras. Christian D. Ginsburg, *Introduction to the Masoretic-Critical Edition of the Hebrew Bible* (Londres: Trinitarian Bible Society, 1897), p. 69, observa que, de acordo com o Talmude, os antigos eram chamados de “escribas [i.e., *soferim* ou contadores] porque contavam todas as letras na Sagrada Escritura”. O texto tradicional hebraico enfatiza o *ayin* de מֵיָּעַר no salmo 80.14 para indicar que é “a letra do meio no saltério”.

tribo de Judá, o “monte Sião, que ele amava” (Sl 78.9,67-68). Em vez de Saul, da tribo de Benjamim, das tribos de Raquel, Deus escolheu Davi, da tribo de Judá, das tribos de Lia, para ser seu rei messiânico. Esse salmo culmina com a imagem de Davi como a figura messiânica real que “apascentou” o povo de Deus com integridade de coração e habilidade de mãos (Sl 78.72).

Os dois salmos seguintes (Sl 79–80) descrevem, por sua vez, a devastação de Jerusalém pelos babilônios (Sl 79) e a devastação de Samaria pelos assírios (Sl 80). Em resposta à destruição do reino do norte, a esperança concentra-se em um único indivíduo, um “filho” que Deus fortaleceu para si mesmo (Sl 80.17). Esse “filho” funciona de forma paralela ao papel do “filho” messiânico prometido a Davi (2Sm 7.14). Esse único filho é chamado de “homem da destra de Deus” (*ish yemino*), o “filho do homem” (*ben adam*) que Deus levantou para si mesmo (Sl 80.17). A frase dupla envolve um jogo de palavras com o nome *ben-yamin*, o filho mais novo, preferido entre as tribos de Raquel, cujo nome significa “filho da mão direita” (veja Sl 80.2,17). A única esperança do reino do norte reside nessa figura poderosamente fortalecida, o “homem da mão direita de Deus”, o “filho do homem” que Deus fortaleceu para si mesmo para ser o libertador (Sl 80.15,17).

Esse “filho do homem”, esse “homem da mão direita de Deus” como libertador dos descendentes de José, encarna o papel de liderança atribuído a José, de Raquel, ao lado de Judá, de Lia. Essa posição de proeminência para um descendente de José só pode ser entendida no contexto das antigas bênçãos proféticas de Moisés sobre as várias tribos de Israel. Jacó declarou que o cetro, o governo sobre o povo de Deus, nunca se afastaria de Judá “até que venha a quem ele pertence” (Gn 49.10). No entanto, na mais tardia bênção profética de Moisés sobre as várias tribos, José é designado como “o príncipe entre seus irmãos... Ele tem a imponência do primogênito do seu touro, e as suas pontas são como as de um boi selvagem; com elas rechaçará todos os povos até às extremidades da terra” (Dt 33.16-17). Posteriormente, o livro de 1Crônicas confirma essa prioridade para José e seus descendentes ao declarar sobre os direitos de Rúben: “Deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel... Judá, na verdade, foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o príncipe; porém o direito da primogenitura foi de José” (1Cr 5.1-2).

O livro de Salmos nunca resolve completamente essa tensão criada por duas tribos com descendentes na posição de liderança entre o povo de Deus. O Senhor rejeita a Siló, a Efraim e a Saul, o descendente de Benjamim, das tribos de Raquel, a favor de Jerusalém, Judá e Davi, das tribos de Lia (Sl 78.9,67). No entanto, uma posição de prioridade permanece para a tribo de José também. De José, Efraim, Benjamim e Manassés, o Senhor Deus Todo-Poderoso levantará para si mesmo um “homem da mão direita”, um “filho do

homem” (Sl 80.1-2,15,17). A frase que descreve esse “salvador” é claramente baseada no nome “Ben-jamim”, que significa “filho da mão direita”.

O foco desse salmo aparece nos múltiplos jogos de palavras encontrados no salmo 80.15,17. Três frases diferentes são empregadas como equivalentes a “videira”, que se refere à nação de Israel que Deus trouxe do Egito, no verso 14: (1) o “filho” (*ben*) que para ti fortaleceste (Sl 80.15b); (2) o “homem da sua mão direita” (*ish yemino*; Sl 80.17a); e (3) o “filho do homem” (*ben adam*) que fortaleceste para ti (Sl 80.17b). Podem ser feitas várias observações sobre essas expressões. Primeiro, como indicado anteriormente, as palavras claramente envolvem um jogo de palavras com o nome *Benjamim* (*ben-yamin*, “filho da mão direita”). Esse nome é introduzido na abertura do salmo (Sl 80.2), e ambos os elementos do nome (“filho” e “mão direita”) reaparecem nesses versos finais. Além disso, a frase “fortaleceste para ti” capta o significado da “mão direita”, que é a posição de força. Em segundo lugar, a pessoa descrita nessas frases representa um único indivíduo e a comunidade de Israel. Ele incorpora em si mesmo a comunidade, visto que as frases definidoras substituem a “videira” do versículo 14, que se refere a Israel como uma comunidade. Ao mesmo tempo, ele é um indivíduo na medida em que a passagem aponta para uma pessoa em particular que funciona como salvador para Israel, e o Israel devastado não pode ser seu próprio salvador. Em terceiro lugar, o jogo de palavras com o nome de *Benjamim* nesses versículos-chave milita contra o conceito de um Messias davídico. Todo o contexto do salmo fala dos descendentes de Raquel (José, Efraim, Benjamim e Manassés), não dos descendentes de Lia (Judá e Davi). Em quarto lugar, esse indivíduo é uma figura messiânica da tribo de José e de seu filho Efraim, um “Messias *ben* José” ou “*ben* Efraim”. Esse herói salvador singular, descendente de José/Efraim, é aquele que restaurará seus devastados. Ele providenciará os meios pelos quais o rosto de Deus brilhará para abençoá-los mais uma vez (Sl 80.3,7,19). Ele será seu salvador (Sl 80.19). Ele é a fonte da tradição antiga no judaísmo de um “Messias *ben* José” ou “*ben* Efraim”.¹¹

¹¹ O Targum aramaico explica o termo “filho” no salmo 80.16 [ing. v.15] como “rei ungido”. Cf. David M. Stec, *The Targum of Psalms* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2004), p. 157. Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms*, vol. 2 (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 388, observa que o Targum interpreta o versículo 16b como “Rei Messias”. Para obter informações básicas sobre esse “Messias *ben* José” ou “Efraim”, veja Moses Bittenwieser, “Messias”, in *The Jewish Encyclopedia*, vol. 8 (Nova York: Funk e Wagnalls, 1906), p. 511-2. O artigo refere-se a “uma figura messiânica peculiar à literatura apocalíptica rabínica – a do Messias *ben* José”. Na literatura *midrash*, “Messias b. José aparecerá antes da vinda do Messias b. Davi; ele reunirá os filhos de Israel ao redor de si, marchará para Jerusalém e, lá, depois de superar os poderes hostis, restabelecerá o culto no templo e estabelecerá seu próprio domínio”. Mas então certos exércitos farão guerra contra o Messias b. José e

Do ponto de vista da nova aliança, essa tradição de dois “salvadores” de duas linhas tribais diferentes encontra sua resolução em um único Salvador que combina em si mesmo os principais elementos de ambas as tradições. Pois o Redentor final do povo de Deus é tão rico em significado que nenhuma figura pode abranger todas as facetas de sua pessoa e obra. Por um lado, a imagem de um rei da linhagem davídica retrata a soberania perpétua do Redentor designado por Deus. Por outro lado, o descendente de José que desce à cova, desce para o Egito e desce para um calabouço e ascende à direita do faraó e até a posição de senhorio sobre as nações enriquece a imagem do Redentor. Então Jesus é filho de Davi, sentado no seu trono eterno. Além disso, Jesus deliberadamente escolhe para si o título de “filho do homem” e preenche a expressão com imagens de ambas as realidades, o sofrimento através da rejeição e a glória ao retornar nas nuvens (Mt 17.22-23; 24.30-31).

Esse agrupamento de salmos no centro do Livro III, tendo começado com uma lembrança da libertação do Egito para os descendentes de “Jacó e José” (Sl 77.15), retorna a uma celebração da antiga libertação do Egito para “Jacó e José”:

É preceito
para Israel,
é prescrição
do Deus de Jacó.
Ele o ordenou,
como lei, a José,
ao sair contra a terra do Egito (Sl 81.4-5).

Obviamente, a sequência temporal não funciona como o princípio organizador do salmista no Livro III. Ele saltou de 596 a.C. para 701 a.C., para 1060 a.C., para 586 a.C. e para 722 a.C. No entanto, todas essas várias referências a invasão e conquista por exércitos estrangeiros unem esta seção do saltério. O “até quando” do salmista que ocorre repetidamente ao longo desta seção (Sl 74.9-10; 79.5; 80.4; 82.2; 89.46) é intensificado quando contrastado com

o matarão. De acordo com um grupo, seu cadáver será escondido pelos anjos até o Messias b. Davi vir e o ressuscitar. Cf. também Gerald J. Blidstein, “Messias”, in *Encyclopedia Judaica*, vol. 11 (Jerusalém: Keter Publishing House, 1972), p. 1410-2, que comenta sobre a tradição judaica em relação a um Messias filho de José “cuja vinda precede a do Messias, filho de Davi, e que morrerá em combate contra os inimigos de Deus e de Israel”. É bastante claro que, nas tradições do judaísmo, uma segunda figura messiânica da linha de José era paralela e não era a mesma coisa que o Messias vindo da linhagem de Davi. Para uma discussão adicional de um Messias ben José, veja D. C. Mitchell, “The Fourth Deliverer: A Josephite Messiah in 4QTestimonia”, *Biblica* 86, 4 (2005): p. 545-53.

a perspectiva de um dos primeiros “pilares” do livro de Salmos, com a representação do Messias subjugando nações ímpias como estas com uma vara de ferro (Sl 2.9).

O salmo 81 oferece a perspectiva de uma recapitulação aprimorada das libertações da nação do Egito e do deserto por uma libertação semelhante dos inimigos contemporâneos dos israelitas. Após a repetição de devastações nos salmos 74,77,79 e 80, o salmista declara ousadamente que seu povo pode ser salvo de todos esses exércitos opressores. “Se o meu povo me escutasse... Eu, de pronto, lhe abateria o inimigo” (Sl 81.13-14, cf. v. 8b,11). Em vez de água no deserto, eles gozariam de “mel que escorre da rocha” (Sl 81.16, veja a promessa de Dt 32.13c) e experimentariam uma libertação maior do que o êxodo do exílio antigo do Egito.

De acordo com o salmo 82, Deus, o Juiz, julga os juízes das nações. Na sua qualidade de governantes ou príncipes que exercem o juízo sobre o seu povo, esses juízes humanos podem até ser designados como “deuses” (Sl 82.1,6), mas o Deus Altíssimo se levantará para julgar toda a terra, porque todas as nações são sua possessão (Sl 82.8).

Muito fascinante é a aplicação que Jesus faz deste salmo diante da controvérsia em relação à sua própria identidade. Seus inimigos estavam preparados para matá-lo porque ele afirmou ser o Filho de Deus. Em vez de apelar para qualquer uma das Escrituras messiânicas disponíveis, Jesus cita esta passagem do salmo 82 em um clássico “argumento do menor para o maior” (*argumentum a minori ad maius*). A Escritura designa “juízes” como “deuses” e “filhos do Altíssimo” porque cumprem uma função de Deus quando fazem um julgamento (Sl 82.1,6). Jesus baseia sua própria identidade como o Filho de Deus nesta passagem dos salmos:

Não está escrito na vossa lei: “Eu disse: sois deuses” [Sl 82.6]? Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis; mas, se faço, e não me credes, crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai (Jo 10.34-38).

Jesus refere-se à “Escritura”, usando uma forma singular para ressaltar sua unidade, como “vossa Lei”. Como resultado, seus oponentes não podem facilmente desprezar suas palavras. A Escritura designa juízes como “deuses” e “filhos do Altíssimo” (Sl 82.6). Por que, então, eles se opõem quando ele se representa como o Filho de Deus, mesmo quando realiza obras de Deus muito

mais dramáticas do que a tomada de uma decisão judicial por juízes terrenos? Ele poderia ter apelado para o salmo 45, em que o Messias é especificamente chamado de “Deus”. Ele poderia ter se referido à profecia de Isaías sobre o Rebento de Jessé, que é designado “Deus Poderoso” (Is 9.7). Mas, em vez disso, ele lida gentilmente com seus adversários, buscando levá-los à fé em si mesmos, apelando para uma Escritura que possa levá-los a pensar e a seguir sua conclusão “do menor ao maior”. A crença na menor verdade deve clarear o caminho para a crença na verdade maior.

Foi corretamente proposto que as citações do Antigo Testamento encontradas no Novo Testamento são devidamente compreendidas no contexto maior das origens das citações. As passagens do “servo do Senhor” em Isaías, quando citadas no Novo Testamento, devem ser entendidas no contexto mais completo da mensagem total dos “cânticos do servo” de Isaías.¹² Até em desenvolvimentos mais recentes nos estudos dos salmos, raramente foi feito esforço para se interpretar um salmo particular em seu contexto mais amplo, devido ao pressuposto de que cada salmo estava isolado, sem conexões com salmos adjacentes. Mas, tendo em vista o surgimento de conexões contextuais mais amplas em estudos mais recentes do saltério, pode ser que essa citação de Jesus do salmo 82 seja entendida no contexto dessa coletânea de sete salmos com foco no salmo 80? No salmo 82, os juízes da terra são designados como “deuses” e até “filhos de Deus” (Sl 82.1,6). No salmo 80, o Messias sofredor *ben José* é chamado de “filho”, referindo-se à sua posição como Filho de Deus. Então, quando Jesus cita o salmo 82 em face de seus inimigos que pretendem matá-lo porque declarou ser o Filho de Deus, ele estava apelando não apenas à filiação dos juízes de acordo com o salmo 82, mas também à filiação única do Messias *ben José* no salmo 80? Talvez Jesus pretenda apelar para uma das passagens messiânicas mais destacadas do Antigo Testamento, uma passagem que apresenta o Messias como o “Filho” sofredor de Deus, identificando-se deliberadamente como o “filho” do salmo 80.15,17, o sofredor, mas, em última instância, o Messias *ben José*.¹³

¹² Cf. uma aplicação célebre deste argumento em C. H. Dodd, *According to the Scriptures: The Sub-Scripture of New Testament Theology* (Londres: Nisbet & Co., 1952), p. 88-96.

¹³ Cf. a discussão sobre a interpretação messiânica do salmo 80 no Talmude por Samson H. Levey, *The Messiah: An Aramaic Interpretation: The Messianic Exegesis of the Targum* (Cincinnati: Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion, 1974), p. 119-20, 142-4. Levey observa que o Targum interpreta “Filho”, no salmo 80.16 [ing. v.15], diretamente como “Rei Messias”. Ele comenta: “À primeira vista, isso pode parecer uma incongruência, não só para o Targum, mas para o messianismo judaico em geral, já que parece que o Targum crê que o Messias é o filho de Deus”, o que ele considera “muito antropomórfico e cristológico para ser aceitável na exegese judaica”. *Ibid.*, p. 119. Ele continua: “Embora pareça cristológico, quase como se tivesse sido injetado por um exegeta cristão, provavelmente é judaico em seu

O salmo 83, o último dos salmos de Asafe nesta coletânea, descreve uma coalizão agressiva de não menos do que dez inimigos que circundam o povo de Deus. Essas nações têm a intenção de aniquilar, de modo que o nome de Israel não seja mais lembrado (Sl 83.4). Obviamente, o “inimigo”, nesse caso, não é um indivíduo, e a ira do inimigo não é dirigida contra uma única pessoa, como é comum no caso do Livro I. Em vez disso, países inteiros se unem contra toda a nação do povo de Deus. A longa lista de conspiradores inclui os filisteus e Tiro, a oeste, e Edom, Moabe e Assíria, para o leste e norte, bem como Amaleque, para o sul. Essa impressionante série de inimigos sugere uma imagem de “agressão perene do mundo contra Deus e seu povo”.¹⁴ Contudo, o clímax dessa lista é “Assíria”, que tem o efeito de conectar o salmo 83 mais especificamente com o salmo central 80 e a devastação de Samaria pela Assíria. Além disso, o apelo às libertações anteriores de Midiã, Sísera, Jabim, Orebe e Zeebe, e Zeba e Zalmuna pelos juízes de Israel (Sl 83.9-12) também localiza esse salmo no reino do norte, incluindo o território da meia tribo de Manassés, na Transjordânia. O final previsto nessa libertação não é apenas a destruição de todos esses inimigos nacionais e estrangeiros, mas “que busquem o teu nome, SENHOR”, o que claramente manifesta a graça de Deus às nações rebeldes (Sl 83.16).

Assim, o editor/organizador do livro de Salmos parece ter agrupado deliberadamente sete salmos no centro do Livro III sobre as experiências redentoras de José e “Jacó” (Sl 77-83). Essas duas figuras patriarcais representam o reino do norte de Israel e o reino do sul de Judá. Esse agrupamento de salmos entrelaça a experiência de vida dos dois reinos: a libertação original do Egito, a devastação por nações estrangeiras, a elevação de uma singular figura messiânica para cada um e a esperança de uma segunda libertação consumada. Esta coletânea representa mais um elemento de estrutura dentro do saltério, um elemento não tão evidente quanto outras estruturas. Mas os sete salmos (Sl 77-83) contêm evidências substanciais de terem sido agrupados por um edi-

núcleo” *Ibid.*, p. 120 (ênfase acrescentada). Levey explica: “A presente passagem no Targum representa [...] um caso de interpretação messiânica que parece fora de lugar, tanto teológica como exegeticamente, e ainda foi preservada intacta, sem modificação ou exclusão”, *Ibid.* Ele propõe que o targumim oficial “decorre dos tempos macabeus, quando a esperança de uma restauração do reinado davídico constituiria traição para a dinastia asmoniana”, *Ibid.*, p. 142. Seus comentários falam muito sobre o caráter inescapável do testemunho da Escritura sobre a verdadeira identidade do Messias do Senhor, que finalmente foi provado ser Jesus. Na sua conclusão em relação ao Messias no targumim, Levey afirma: “Ele será da linhagem davídica, embora possa ter um predecessor não davídico, o Messias efraimita, que morrerá em batalha”, *Ibid.* De fato, Jesus, como “Messias efraimita”, morreu em batalha com poderes satânicos. Mas, sendo da “linhagem davídica”, ele continua a governar como o Messias ressurreto.

¹⁴ Kidner, *Psalms 73-150*, p. 300.

tor com a intenção específica de relacionar a devastação de ambos os reinos, bem como a libertação pelas suas respectivas figuras messiânicas.

Uma mudança de tom nos salmos dos filhos de Corá (Sl 84–87')

Após uma repetição dos ataques de vários inimigos ao longo dos tempos, esta coletânea de salmos atribuída aos “filhos de Corá” introduz uma mudança significativa de tom. Agora o retorno das bênçãos de Yahweh é ressaltado. A renovada proeminência de *Yahweh* como o nome preferido de Deus proporciona um foco fundamental para esses salmos de encorajamento.

Paz e bênção em meio à guerra perpétua (Sl 84–85)

Nesse contexto de guerra perpétua contra inimigos estrangeiros, o salmista busca a promessa de paz no único lugar onde pode ser encontrada: na intimidade da presença imediata do próprio Yahweh. Na habitação de Yahweh, nos átrios do Senhor, a paz pode ser encontrada. Alcançando o pico da dicção poética, o salmo 84 declara:

Quão amáveis são os teus tabernáculos,
SENHOR dos Exércitos!
A minha alma suspira e desfalece
pelos átrios do SENHOR;
o meu coração e a minha carne exultam
pelo Deus vivo!

O pardal encontrou casa,
e a andorinha, ninho para si,
onde acolha os seus filhotes;
eu, os teus altares,
SENHOR dos Exércitos,
Rei meu e Deus meu! (Sl 84.1-3).

Que pitoresca imagem de paz em meio ao conflito mortal! Em nenhum outro lugar, senão no altar de Deus, a andorinha encontra um local pacífico para construir um ninho para seus filhotes. Para este salmista, a vida consiste em nada mais do que colocar o coração em peregrinação até aparecer diante de Deus em Sião. Pois Deus olhará com favor para o seu Salvador, seu Ungido (Sl 84.7,9). Mais uma vez, a chave para uma apreciação plena da passagem reside em sua relação com a aliança davídica. Somente quando o Senhor vê a face do seu ungido, as pessoas podem experimentar a paz que elas buscam, encontrada na morada permanente de Yahweh, no templo de Jerusalém.

Essa perspectiva de desfrutar da paz prometida no meio do conflito estrangeiro dá o tom do salmo 85 também. O Senhor restaurou a sorte de Jacó no passado, perdoadando a iniquidade do povo, cobrindo todos os seus pecados e afastando sua ira feroz (Sl 85.1-3). Agora o salmista implora que, pela sua graça, o Senhor os restaure novamente. O amor e a fidelidade do pacto, a justiça e a paz, se beijarão. O Senhor certamente dará o que é bom (Sl 85.12).

Um salmo individual de Davi (Sl 86)

Nesse contexto extenso de salmos coletivos que caracterizam praticamente todo o Livro III, o salmo 86 destaca-se por seu caráter individual. Apenas o salmo 86, dos 17 salmos do Livro III, é designado como uma oração “de Davi”. Esse salmo se assemelha bastante aos muitos salmos individuais na coletânea extensa de salmos davídicos encontrados nos Livros I e II. No entanto, seu conteúdo específico ajusta-se perfeitamente à mensagem geral do Livro III. Este salmo particular (Sl 86) está entre apenas oito dos 73 salmos atribuídos a Davi que falam da conquista das nações pelo Senhor. Neste salmo, Davi declara triunfalmente: “Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome” (Sl 86.9). Então, o salmo 86 enquadra-se bem no contexto do Livro III, em que muitos dos outros salmos desse livro referem-se especificamente às ameaças das nações invasoras do mundo.

Libertação dos inimigos estrangeiros (Sl 87)

No salmo 87, essa libertação de inimigos estrangeiros assume uma mudança distintiva, pois, nesse salmo, alguns inimigos anteriormente catalogados no Livro III são superados não por força de armas, mas por conversão. Raabe, representando o Egito, e também Babilônia, Filístia, Tiro e Etiópia, “nasceram em Sião”. Para tornar esse ponto surpreendente mais enfático, a mesma verdade é repetida três vezes em três versos consecutivos: “lá [em Sião], nasceram”, “nasceram nela”, “nasceu lá” (v.4-6). Você acredita nisso? Os inimigos perpétuos de Israel transformaram-se em cidadãos nativos de Sião. Que maneira de conquistar um adversário!

Salmos finais de aflição (Sl 88-89)

Embora nunca tenha expressado a ideia de abandono absoluto pelo Senhor, o Livro III representa regularmente a *devastação* como condição atual do povo de Deus. Ele está no processo de ir para o exílio. Nesse contexto, os dois salmos finais do Livro III dão expressão à angústia provocada por essa devastação, primeiro a partir da perspectiva de um indivíduo (Sl 88) e depois do ponto de vista da comunidade (Sl 89).

Aflicção individual, com uma pequena esperança (Sl 88)

Como um dos poucos salmos individuais no Livro III, o salmo 88 trata amplamente do espectro da morte. Como talvez o único salmo que não expressa nenhuma esperança explícita de superar o inimigo ameaçador, o salmo 88 traz uma nota sombria:

Dia e noite clamo diante de ti (Sl 88.1).

A minha vida já se abeira da morte (Sl 88.3).

Sou contado com os que baixam à cova (Sl 88.4).

Sou... atirado entre os mortos (Sl 88.5).

Sou... como os feridos de morte que jazem na sepultura (Sl 88.5).

Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos (Sl 88.6).

Sobre mim pesa a tua ira (Sl 88.7).

Tu me abates com todas as tuas ondas (Sl 88.7).

O salmista antecipa seu futuro como um confronto com a morte, o túmulo, a destruição, o lugar das trevas, a terra do esquecimento (Sl 88.10-12). Ele esteve perto da morte desde a sua juventude, sofreu os terrores de Deus, está desesperado, a ira de Deus varreu sobre ele, os terrores de Deus destruíram-no, seus amados foram tirados dele (Sl 88.15-18a). Em vez de terminar com uma nota positiva, a última frase do salmo declara que “os meus conhecidos são trevas” (Sl 88.18b). Naturalmente, um salmo que trata tão especificamente da morte deve ser individual em sua abordagem, pois a morte é um espectro que cada pessoa deve enfrentar sozinha.¹⁵

¹⁵ Walter Brueggemann, *The Message of the Psalms: A Theological Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1984), p. 80, oferece uma nota útil sobre a aparente desesperança neste salmo: “Este salmo não é um salmo de depressão muda. Ainda é discurso... No fundo do poço, Israel ainda sabe que tem a ver com o Senhor. Não pode ser de outra forma”. Brueggemann, em seguida, refere-se a *Sophie's Choice*, de William Styron. Um personagem chamado Stingo percorre seu caminho triste em um ônibus de Washington para Nova York para enterrar seus dois amigos próximos. Uma mulher negra ao lado dele cita o salmo 88. Essas palavras do salmista trazem consolo quando palavras fáceis não poderiam oferecer conforto. Brueggemann diz: “O salmo 88 é uma marca de realismo para a fé bíblica. Tem seu uso pastoral,

Ao mesmo tempo, o salmo 88 deve ser lido no contexto de sua clara conexão com o salmo 89. No mesmo tom em que o salmo 88 reflete sobre o caráter fugaz da vida, o salmo 89 declara:

Lembra-te de como é breve a minha existência!
Pois criarias em vão todos os filhos dos homens!

Que homem há, que viva e não veja a morte?
Ou que livre a sua alma das garras do sepulcro? (Sl 89.47-48).

Apesar dessas circunstâncias preocupantes, a esperança de um rei messiânico da linhagem de Davi ainda bate forte no coração do salmista. Embora abafado pelo contexto histórico do exílio, o salmo 89 repetidamente dá uma forte expressão de esperança baseada na promessa da aliança feita a Davi.

Aflição comunitária, com esperança abafada (Sl 89)

O salmo 89, como o salmo final do Livro III, parece ter uma nota amaldiçoada, mas messiânica, apesar das circunstâncias excessivamente angustiantes. Esse salmo conclui o Livro III com reflexões sobre a aliança climática do Antigo Testamento que Deus fez com Davi, concentrando-se na promessa da aliança de Deus sobre a *dinastia* messiânica eterna de Davi e a *morada* permanente de Deus. Três vezes, o salmo final do Livro III reafirma que a linhagem de Davi será estabelecida para sempre e que seu trono, unido ao trono de Deus, durará por todas as gerações, enquanto o sol, a lua e os céus persistirem (Sl 89.4,29,36). Como indicado anteriormente, a palavra *casa* no registro original da aliança de Deus com Davi sublinha as duas principais promessas da aliança davídica. Primeiro, o SENHOR DA ALIANÇA estabelecerá uma “casa” para Davi, referindo-se à sua dinastia perpétua (2Sm 7.11b). Simultaneamente, o filho de Davi construirá uma “casa” permanente, uma morada para o Nome de Deus (2Sm 7.13). Pois o próprio Deus estabelecerá seu trono permanente na terra, do qual governará seu povo e todas as nações do mundo.

No entanto, no momento presente, Deus indignou-se contra seu ungido, renunciou à sua aliança, contaminou a coroa de Davi no pó e lançou o seu trono na terra (Sl 89.38-45). O 89º salmo e, portanto, o Livro III, conclui com um grito na primeira pessoa ao Senhor para que ele se lembre de como seu ungido foi zombado em cada passo por todas as nações (Sl 89.50-51).

porque há situações em que é fácil evitar conversas de resolução fácil e barata. Aqui estão palavras que não devem ser usadas com frequência, mas sim diante de experiências limitadas, quando as palavras devem ser honestas e não pretensiosas demais”, *Ibid.*, p. 81.

Mas quem é esse único ungido do Senhor, esse *eu* que reivindica para si mesmo as promessas da aliança feitas a gerações anteriores a Davi? Ele é um dos últimos reis de Judá, ou um dos filhos ou neto de Josias? Ele poderia ser o jovem rei Joaquim, abatido como um exilado cativo na Babilônia? Ou o salmista pretendia que esse *eu* singular representasse todo o remanescente dos crentes?

Muito provavelmente, essa voz representa o grito de um dos descendentes de Davi, que sofreu a vergonha e a privação do exílio. Do ponto de vista da nova aliança, Mateus, em seu evangelho, traça a genealogia de Jesus desde o tempo do exílio de Judá através de Jeconias (Joaquim), Salatiel e Zorobabel. Esse mesmo Zorobabel teve um papel de liderança para aqueles que retornaram do exílio para a terra. A genealogia de Zorobabel levou finalmente a José, o marido de Maria, de quem nasceu Jesus, chamado Cristo (Mt 1.12-16). Então, apesar de todas as agonias e contratempos nacionais descritos de forma tão vívida no Livro III, a promessa da aliança de Deus a Davi finalmente encontra sua realização em Jesus Cristo.

O fracasso da fé

Mas como essa tragédia contínua do Livro III pode ser entendida? Como as nações de Israel e Judá podem ser levadas ao exílio por nações estrangeiras? Como a “casa”, o templo do Senhor, está tão devastada, e a coroa da “casa” de Davi será lançada ao pó? Como esses dois focos da aliança davídica parecem acabar com um fracasso absoluto?

O “espaço negativo” do Livro III responde a estas questões mais difíceis do fracasso da fé por parte do povo da aliança de Yahweh. A confiança em Yahweh, que poderia ter funcionado como instrumento de sua libertação, parece ter fracassado. Esse fato torna-se evidente quando o uso dos vários termos para “fé” ou “confiança”, conforme aparecem no Livro III, é comparado com seu uso no restante do saltério. Dos cinco termos que expressam confiança no Senhor nos salmos, poucas ocorrências no Livro III indicam que o povo de Deus confiou nele para sua vitória sobre esses invasores. Um resumo do uso desses termos para “confiança” confirma esse ponto:

1. O termo básico para “confiança” no Senhor (נִשְׁתָּכֵן) ocorre perto de 50 vezes nos Salmos, quase a metade delas no Livro I. O estabelecimento do reinado de Davi sobre a incessante oposição de numerosos inimigos exigiu sua constante confiança somente em Yahweh. Em contraste com o Livro I, o termo ocorre apenas três vezes no Livro III, e apenas duas dessas ocorrências falam positivamente de confiança: “Feliz o homem que em ti confia” (Sl 84.12); e “teu servo que em ti confia.” (Sl 86.2). No terceiro caso, a negativa é afirmada: “Não creram em Deus, nem confiaram na sua salvação” (Sl 78.22).

2. A palavra que significa “confiar”, “esperar” no Senhor (נָצַח) pode ter se originado do conceito de “torcer, esticar e, então, de tensão da resistência”.¹⁶ Em tempos de estresse, a fé de uma pessoa é esticada até o limite. Ela está no ponto de ruptura. Sua esperança de libertação da angústia é forçada ao seu limite final, como o fio estendido da teia de uma aranha. O termo ocorre 17 vezes no saltério e é encontrado dez vezes na segunda parte do Livro I (Sl 18-41). O conceito aparece duas vezes em um único verso: “*Espera pelo SENHOR, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo SENHOR*” (Sl 27.14). Somente por essa confiança ininterrupta a forte oposição ao estabelecimento do reino messiânico é superada. No entanto, o termo não ocorre uma única vez no Livro III.

3. O “temor do SENHOR” (יִרְאַת יְהוָה) “é uma expressão comum no saltério (27 vezes)”.¹⁷ No entanto, a frase aparece apenas quatro vezes no Livro III: “Tu és terrível” e “tragam presentes todos os que o rodeiam, àquele que deve ser temido” (Sl 76.7,11); “próxima está a sua salvação dos que o temem” (Sl 85.9); “dispõe-me o coração para só temer o teu nome” (Sl 86.11).

4. A ideia de “buscar refúgio” no Senhor (סָמָךְ) ocorre 25 vezes nos salmos, e 15 desses casos aparecem no Livro I. O salmo 2 conclui declarando a bem-aventurança da pessoa que “busca refúgio” no Messias de Yahweh (Sl 2.12), que ressalta a natureza fundamental dessa confiança em todo o saltério. Uma imagem repetida de busca de refúgio “à sombra” ou “nas asas [de Yahweh]” comunica uma sensação de relacionamento íntimo com o Todo-Poderoso. Em uma passagem, esse conforto embaixo das asas de Yahweh aparece paralelamente à “habitação na tenda [do Senhor]”, o que indica que o local dessa intimidade é encontrado no Santo dos Santos, onde as asas dos querubins estão sobre a arca, simbolizando a presença de Deus no seu trono (Sl 61.4). Esse imediatismo de acesso ao Todo-Poderoso está disponível tanto para “grandes como pequenos” (Sl 36.7, veja Sl 57.1). No entanto, apesar da necessidade desesperada, por parte da nação, de consolo e conforto na presença do Senhor durante um tempo de invasão repetida por exércitos estrangeiros, este termo está totalmente ausente do Livro III.

5. “Crer” no Senhor (אָמַן) ocorre na forma de múltiplos *améns* que concluem cada um dos quatro primeiros livros do saltério. O termo aparece seis vezes no corpo do Livro III, mas nunca em sentido positivo. Quatro vezes o termo denuncia a incredulidade do povo: “cujo espírito não foi fiel a Deus” (Sl 78.8);

¹⁶ Francis Brown, *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon* (Peabody, MA: Hendrickson, 1979), p. 875.

¹⁷ Gordon J. Wenham, *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically* (Grand Rapids: Baker Academic, 2012), p. 151.

“não creram em Deus” (Sl 78.22); “não creram nas suas maravilhas” (Sl 78.32); “não foram fiéis à sua aliança” (Sl 78.37). Em contraste, Yáhweh é declarado “firme” com Davi (Sl 89.28), e seu trono está “firme” no céu (Sl 89.37).

Essas cinco palavras para “confiança”, totalizam, no Livro III, seis usos positivos em comparação com cinco usos negativos. Dois dos cinco termos-chave para “confiança” nunca aparecem no Livro III, e um terceiro nunca aparece em sentido positivo. Conforme o esperado, a escassez de referências à confiança no Senhor no Livro III corresponde à devastação que veio sobre a nação, como descrito neste livro do saltério. Se não confiam no Senhor, as pessoas não podem esperar ser libertas de seus inimigos. O Livro III é inconfundível pela apresentação desses inimigos estrangeiros ameaçadores, bem como pela escassez de referências à resposta de fé pela nação. Cada nova geração faria bem em lembrar-se desse fato quando está preocupada com seus próprios desafios.

Conclusão do Livro III

Assim, o Livro III dos Salmos fornece uma perspectiva totalmente diferente sobre o significado contínuo dos dois principais elementos da aliança do Senhor com Davi. Em vez de antecipar o estabelecimento da dinastia davídica que virá somente através das intensas lutas pessoais de Davi (Livro I), ou de apresentar o reinado de Deus e seu Messias como um fato consumado, embora constantemente sob ataque (Livro II), o Livro III dos Salmos levanta o espectro sombrio dos exércitos estrangeiros que devastaram a dinastia de Davi e a habitação do Senhor no templo em Jerusalém. Esse terceiro livro do saltério termina com a circunstância angustiante em que os inimigos do Senhor têm “vilipendiado os passos do teu ungido” (Sl 89.51).

No entanto, não se deve concluir que a aliança davídica falhou. Este salmo final do Livro III (Sl 89) repetidamente reitera as disposições enfocadas pela aliança davídica em antecipação da vinda do Messias, descendente de Davi. A *dinastia* eterna de Davi e a *habitação* eterna de seu trono são claramente sublinhadas neste último poema do Livro III:

Fiz aliança
com o meu escolhido
e jurei
a Davi, meu servo:
Para sempre
estabelecerei a tua posteridade
e firmarei o teu trono
de geração em geração (Sl 89.3-4; cf. Sl 89.17b-37).

No entanto, este salmo final do Livro III conclui com uma nota negativa. Yahweh rompeu todos os muros de Jerusalém e profanou a coroa do rei no pó (Sl 89.39-40). Ele pôs fim ao seu esplendor e lançou o seu trono na terra (Sl 89.44). Assim termina o Livro III. Se há alguma esperança para a continuação do povo da aliança, deve ser encontrada nos dois livros finais do saltério.¹⁸

¹⁸ Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 213, negligencia o significado da repetição das promessas a Davi em todo o salmo 89 quando afirma: “Na conclusão do terceiro livro [...] a impressão deixada é de recordação da aliança, mas uma aliança que fracassou. A aliança davídica introduzida no salmo 2 não deu em nada e a combinação de três livros conclui com o grito angustiado dos descendentes davídicos”. Um grito angustiado, de fato, é compatível com as agonias do exílio. No entanto, a palavra da aliança do Senhor com Davi será finalmente realizada, como afirmado especificamente nos salmos messiânicos 110, 118 e 132, bem como em todos os salmos que celebram a restauração de Sião, nos Livros IV e V.

8

LIVRO IV (SL 90–106) – AMADURECIMENTO



tom do Livro IV no saltério é claramente diferente da mensagem anterior, no Livro III. Em vez da repetição da devastação da nação nas mãos de inimigos estrangeiros, este livro representa uma perspectiva mais madura da “habitação permanente” e da “dinastia perpétua” prometidas na aliança davídica. O Livro IV concentra-se na realidade de que o próprio Deus é a habitação de seu povo e que Yahweh é seu Rei. O exílio não destruiu toda a esperança de uma reintegração do prometido reino messiânico de Davi, como numerosos salmos e seus agrupamentos nos Livros IV e V indicam claramente. Mas agora surge uma perspectiva mais madura – uma perspectiva que foi promovida ao se esticar a fé do povo através da experiência do exílio.

Foi proposto que a intenção dos dois últimos livros dos salmos seja “redirecionar as esperanças do leitor para longe de um reino davídico terreno, para o reinado de Yahweh”.¹ Embora possa ser afirmado que esses dois últimos livros pretendem ressaltar o reinado de Yahweh, essa ênfase nunca se separa de uma intenção simultânea de fomentar o ressurgimento da esperança no reino do Messias davídico. De fato, os fiéis devem ser direcionados “a confiar

¹ Cf. Gerald Henry Wilson, “King, Messiah, and the Reign of God: Revisiting the Royal Psalms and the Shape of the Psalter”, in *The Book of Psalms: Composition and Reception*, Peter W. Flint e Patrick D. Miller Jr (orgs.) (Leiden: Brill, 2005), p. 392.

em Yahweh como rei, em vez de em príncipes humanos frágeis e fracos”,² como mostram especialmente os salmos 145 e 146, no Livro V. Mas sua fé deve abraçar seriamente a promessa de um Messias humano da linhagem de Davi para reinar perpetuamente, bem como a certeza de uma habitação permanente para o Senhor no meio do seu povo, como sublinhado nos salmos 101, 110, 118 e 132.³

Em vez de colocar toda a esperança em que a promessa da aliança quanto à perpetuidade da dinastia davídica será cumprida, a fé dos salmistas atingiu um nível de maturidade mais elevado. Em vez de destruir a fé, o exílio da nação para longe de Jerusalém e o estado vazio do trono davídico produziram uma compreensão mais forte da certeza da fusão do trono de Deus com o trono de Davi e, ao mesmo tempo, da dor, da luta interminável que acontecerá na plena realização dessa fusão.⁴ Uma confiança maior deve ser colocada no reinado eterno de Yahweh, que será fiel à sua promessa de aliança a Davi.⁵ O Livro III concluiu com o povo da aliança de Deus e o seu rei sofrendo as agonias do exílio, com a habitação de Yahweh completamente devastada. No entanto, de uma forma que não pode ser explicada humanamente, o exílio da nação nas mãos de inimigos estrangeiros tornou-se o “campo de provas” da fé do povo na certeza de que Yahweh intervirá. Por privação de realza, sacerdócio, templo e sacrifício, a fé do povo de Deus experimentou o amadurecimento através do “crescimento forçado”. Vários elementos distintivos ressaltam essa ênfase nos salmos do Livro IV, como a discussão subsequente indicará.

O Livro IV consiste nos seguintes agrupamentos básicos: (1) dois salmos introdutórios, que apresentam a perspectiva de prosperidade e vida longa (Sl 90–91); (2) uma coletânea especial de nove salmos que declaram

² *Ibid.*, p. 393.

³ O esforço de Wilson para ignorar as garantias da promessa davídica, conforme registrado no salmo 132 (*ibid.*, p. 396-398), falha em reconhecer a constante ênfase nos salmos e em outras partes da Escritura sobre a fusão do trono de Davi com o trono de Deus. Seu tratamento depreciativo da promessa messiânica no salmo 110 (*ibid.*, p. 398-400) o envolve em um esforço trabalhoso para evitar o foco impulsor do texto.

⁴ Cf. Jamie A. Grant, *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), p. 34: “Não há necessidade de colocar confiança nas soberanias concorrentes de Yahweh e seu ‘ungido’, antes, de acordo com os salmos reais, o reinado deles é um reinado compartilhado”.

⁵ Este ponto é destacado fortemente nos comentários de M. A. Vincent, “The Shape of the Psalter: An Eschatological Dimension?”, in *New Heaven and New Earth: Prophecy and the Millennium: Essays in Honour of Anthony Gelston*, P. J. Harland e C. T. R. Hayward (orgs.) (Leiden: Brill, 1999), p. 77: “O rei humano pode ter sido levado por causa da repetida pecaminosidade dele e de seu povo, mas Deus permanece entronizado no céu [...] Visto que Deus é rei, suas promessas ainda serão cumpridas e ele mesmo, ou seu representante (o futuro rei messiânico), virá”.

que “Yahweh é rei” (Sl 92–100); (3) três salmos que reafirmam o significado contínuo do reinado davídico (Sl 101–103); e (4) a primeira tríade dos salmos de *hallelu-yah*, incluindo dois salmos finais de lembrança histórica (Sl 104–106).

Dois salmos introdutórios: a perspectiva de prosperidade e vida longa (Sl 90–91)

Com o contraste mais acentuado com as turbulências dos Livros I, II e III, o quarto livro de Salmos antecipa uma longa vida de prosperidade para o povo de Deus. Os salmos introdutórios deste livro ressaltam esse tema. O salmo 90 registra a oração do salmista com sua expectativa em relação à duração dos dias e à plenitude da vida:

Sacia-nos de manhã
com a tua benignidade,
para que cantemos de júbilo e nos alegremos
todos os nossos dias.
Alegra-nos
por tantos dias quantos nos tens afligido,
por tantos anos quantos suportamos a adversidade.

Confirma sobre nós as obras das nossas mãos,
sim, confirma a obra das nossas mãos (Sl 90.14-17).

Seguindo este tema, o Senhor declara em relação ao seu servo: “Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação” (Sl 91.16). Essa promessa de bênção de longa vida também conclui o terceiro salmo sucessivo que abre o Livro IV:

O justo florescerá como a palmeira,

Plantados na Casa do SENHOR...
Na velhice darão ainda frutos,
serão cheios de seiva e de verdor (Sl 92.12-14).

Essa imagem de prosperidade e longa vida retrata uma circunstância radicalmente diferente da luta interminável pela sobrevivência apresentada no Livro I. Neste ponto do saltério, a perspectiva de vida para o povo de Deus amadurece significativamente. Mesmo no exílio, eles antecipam as contínuas bênçãos de Deus.

O papel distintivo do salmo 90

O salmo 90, primeiro salmo do Livro IV, foi descrito como o “coração ou centro de toda a coletânea” do livro de Salmos.⁶ De fato, ao considerar sua posição em relação aos Livros I, II e III, esse salmo desempenha um papel fundamental. No Livro I (Sl 1–41), Davi, o rei ungido de Israel, luta contra seus inimigos para estabelecer o governo benéfico de Deus na terra. O Livro II (Sl 42–72) testifica o estabelecimento desse reino messiânico por seu rei ungido, mas sempre em um contexto de luta contínua contra inimigos. O Livro III (Sl 73–89) testemunha a derrota desse reino messiânico nas mãos de inimigos estrangeiros, concluindo com o rei ungido de Israel sendo arrastado para o exílio.

Mas agora o Livro IV, começando dramaticamente com o salmo 90, celebra o próprio Senhor como a morada eterna de seu povo (Sl 90.1). Mesmo de volta ao tempo de Moisés, o homem de Deus, identificado no título deste salmo como seu autor, Deus continuou a ser a habitação segura de seu povo:⁷

Senhor, tu tens sido o nosso refúgio,
de geração em geração.
Antes que os montes nascessem
e se formassem a terra e o mundo,
de eternidade a eternidade, tu és Deus (Sl 90.1-2).

De acordo com a análise de um autor, “o foco do saltério até este ponto foi o reinado de Davi e seus descendentes. Moisés representa um tempo diferente na história do antigo Israel. A atribuição do salmo a Moisés centra a atenção do leitor/ouvinte de volta a um tempo antes dos juízes, antes do assentamento na Palestina”.⁸ Naquele tempo, o próprio Yahweh foi declarado Rei entre o seu povo (Dt 33.5). Esse mesmo autor passa a explorar as muitas conexões entre o salmo 90 e o Cântico de Moisés, conforme registrado em Deuteronômio

⁶ Joseph Addison Alexander, *The Psalms: Translated and Explained* (Grand Rapids: Zondervan, 1864), p. 378.

⁷ O termo “habitação” (*maon*, מִצְוֶה) é usado regularmente para a habitação de Yahweh. Primeiro aparece na oração de Moisés em antecipação à entrega do dízimo do terceiro ano depois de as pessoas entrarem na terra. O israelita deve orar desta maneira: “Olhe para baixo do céu, sua morada santa, e abençoe seu povo, Israel e a terra”. Para o céu, como habitação de Yahweh, veja também 2Crônicas 30.27; Salmos 68.5; Jeremias 25.30; Zacarias 2.13. Para o templo em Jerusalém como habitação de Yahweh, veja 1Samuel 2.29; 2Crônicas 36.15; Salmos 26.8. Para o próprio Yahweh como habitação de seu povo, veja Salmos 71.3; 90.1; 91.9.

⁸ Nancy L. deClaissé-Walford, *Reading from the Beginning: The Shaping of the Hebrew Psalter* (Ann Arbor, MI: UMI Dissertation Services, 1996), p. 147.

32, e com a bênção poética de Moisés sobre as tribos de Israel em Deuteronômio 33, imediatamente antes da sua morte:⁹

- (1) Somente no título do salmo 90 e no título de Deuteronômio 33, Moisés é descrito como o “homem de Deus”.
- (2) O salmo 90.2 descreve a obra criativa de Yahweh como “nacer” e “formar”, enquanto Deuteronômio 32.18 descreve a obra criativa de Deus como “gerar” e “dar à luz” a Israel com as mesmas duas palavras.
- (3) O salmo 90.13 pede ao Senhor que “tenha compaixão” dos seus “servos”; e Deuteronômio 32.36 diz que o Senhor “se compadecerá” dos seus “servos”.

Uma conexão adicional entre o salmo 90 e a pessoa de Moisés pode ser vista em uma conexão bastante surpreendente com outra circunstância na vida de Moisés. Em Êxodo 32, Moisés intercede pelo povo pedindo que o Senhor o poupe, apesar da corrupção pecaminosa associada ao incidente do bezerro de ouro. Moisés clama ao Senhor: “Torna-te (*shuv*, שׁוּב) do furor da tua ira e arrepende-te (*hinaham*, הִנָּחַם)” (Êx 32.12b). As súplicas sinceras embutidas nestes verbos são repetidas nos verbos idênticos do salmo 90, mas desta vez com a forma mais enfática do imperativo: “Volta-te SENHOR [*shuvah*, שׁוּבָה]... Tem compaixão [*hinaham*, הִנָּחַם] dos teus servos” (Sl 90.13). Apenas nessas duas passagens na Escritura, e em nenhuma outra, Yahweh é incitado a “tornar” ou “se arrepender”.¹⁰

Esses paralelos de expressão entre o salmo 90 e os momentos críticos na vida de Moisés apoiam a origem mosaica do salmo 90. As conexões também ressaltam a deliberação da colocação do salmo 90 como o salmo de abertura do Livro IV, logo após o salmo 89 ter concluído com o banimento da nação da Terra Prometida. Agora, o povo foi exilado de suas terras mais uma vez, assim como foi obrigado a habitar fora da terra durante sua permanência no Egito e sua andança pelo deserto sob a liderança de Moisés. Muito significativamente, após essa alusão de abertura a Moisés no salmo 90, todas as referências no saltério a Moisés estão agrupadas no Livro IV, com uma única exceção.¹¹

⁹ *Ibid.*, p. 148-53.

¹⁰ David Noel Freedman, “Who Asks (or Tells) God to Repent?”, *Bible Review* 1,4 (1985), p. 56-9.

¹¹ O Livro III menciona Moisés uma vez em um salmo de recordação histórica (Sl 77.20). Nesse salmo, um indivíduo angustiado clama por Elohím. Essa pessoa determina que se lembrará das maravilhosas obras de Yahweh. Ela, então, se lembra das intervenções milagrosas do êxodo (Sl 77.16-19) e conclui revendo o modo como Deus conduziu o povo como um rebanho “pela mão de Moisés e Arão” (Sl 77.20). As referências a Moisés no livro IV são encontradas nos salmos 90.1 [Título]; 99.6; 103.7; 105.26; 106.16,23,32. Ge-

Apesar do exílio dos israelitas da Terra Prometida, o Senhor foi e continua a ser seu lugar de morada permanente, sua “Rocha” de estabilidade por todas as gerações. Mesmo antes do tempo de Moisés, antes mesmo que as montanhas nascessem, o SENHOR DA ALIANÇA sempre foi *Deus*! A morte pode varrer cada nova geração. As pessoas podem terminar seus anos com um gemido porque são consumidas pela ira de Deus. Até a totalidade da nação pode ser levada ao cativeiro. Contudo, na misericórdia do Senhor, elas podem encontrar satisfação plena no amor infalível de Deus, podem cantar de alegria todos os dias, e as obras de suas mãos podem ser estabelecidas permanentemente (Sl 90.14-17). Portanto, esse salmo funciona como uma transição entre as devastações do povo de Deus nas mãos de uma série de inimigos estrangeiros e a expectativa perpétua de viver na intimidade da comunhão com o Senhor.

O próximo salmo (Sl 91) mostra o mesmo tom: “no esconderijo do Altíssimo”, “à sombra do Onipotente”, “cobrir-te-á” com suas penas, “sob suas asas, estarás seguro”. Aquele que confia no único Deus verdadeiro encontra seu refúgio na íntima presença do próprio Senhor no Lugar Santíssimo do seu santuário (Sl 91.1-4).

***Yahweh Malak* (“o Senhor é Rei”): uma coletânea especial do Livro IV (Sl 92–100)**

Uma frase distintiva em uma coletânea especial de salmos no Livro IV reforça o reinado em curso de *Yahweh Malak* (“o SENHOR é Rei”) (Sl 93.1; 96.10; 97.1; 99.1).¹² Essa expressão específica ocorre como uma frase

rald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 187-8, observa a referência a Moisés no salmo 90 como o primeiro salmo do Livro IV e a tripla referência a Moisés no salmo 106 como o salmo final no Livro IV. Ele sugere que os paralelos temáticos, juntamente com certos agrupamentos de louvor, apoiam fortemente a “edição proposital” dessa seção.

¹² Esta frase em particular tem sido objeto de intensa discussão e debate. Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1986), p. 86-91, fornece uma ampla visão geral dos vários entendimentos desta frase-chave, incluindo perspectivas históricas, escatológicas e cúlitas. Kraus oferece uma crítica efetiva da teoria de Sigmund Mowinkel de um “festival de entronização” anual, na qual se propõe que *Yahweh* “se tornou” Rei através da cerimônia de culto de Israel. Ele observa (1) que a sintaxe da frase não suporta a ideia de que *Yahweh* “se tornou” Rei; (2) que, ao contrário das tradições babilônicas, Israel não tinha nenhuma representação de Deus como ídolo que pudesse ser feita para participar de uma cerimônia de “entronização”; (3) que, contrariamente à experiência dos “deuses da natureza”, como Baal, o Senhor nunca perdeu o seu trono e, portanto, nunca precisou ser reintegrado como rei anualmente; (4) que nenhum deus rival existia na teologia de Israel sobre o qual o Senhor tinha que estabelecer seu reinado. *Ibid.*, p. 88. Em seu comentário sobre os salmos, Kraus elabora mais a gramática da frase. Ele olha primeiro para a ordem das palavras, observando que um pedido invertido (*Malak Yahweh*) descreveria, de fato, um “evento animado

independente e autônoma apenas no Livro IV dos salmos – e também em um salmo que celebra o momento histórico de Davi trazendo a arca de Deus para o Monte de Sião, como registrado no livro de Crônicas. Naquele momento crítico, quando o trono do Senhor se encontra no Monte Sião, em Jerusalém, este salmo exclama:

Alegrem-se os céus,
e a terra exulte;
diga-se entre as nações:
Reina o SENHOR (1Cr 16.31).

e agitado”, no qual uma pessoa é feita rei (veja 1Rs 1.11). Mas a ordem das palavras nestes salmos é *yahweh malak*, descrevendo “um estado [imutável] de ser” (1Rs 1.18). Hans-Joachim Kraus, *Psalms 60–150: A Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1989), p. 233. Kraus escreve sobre a afirmação do salmo 93.2: “Desde a antiguidade, está firme o teu trono; tu és desde a eternidade”: “O estado imutável e eterno de Yahweh como Rei está aqui enfaticamente declarado”. Kraus, *Psalms 60–150*, p. 234. Este estado imutável e eterno do reinado de Yahweh é apoiado pela frase imediatamente seguinte nos primeiros dois salmos de *Yahweh Malak*: “Firmou o mundo, / que não vacila” (Sl 93.1; 96.10). Essa frase repetida sublinha o fato de que Yahweh foi Rei desde a criação e que, como rei, ele sustentou o mundo em seu estado imóvel. Ao comentar essa frase, um autor observa: “A declaração, portanto, implica uma resposta à questão de quando a afirmação da autoridade de YHWH ocorreu. Ela era um aspecto da atividade de YHWH em levar o mundo a ser”. John Goldingay, *Psalms, Volume 3: Psalms 90–150* (Grand Rapids: Baker, 2008), p. 68. No entanto, após o descrito da proposta de Mowinkel, Kraus passa a oferecer a possibilidade de que, devido à posterior dependência de Israel da Assíria, “imediatamente antes do exílio foi introduzida em Judá uma celebração cültica da entronização de Deus, a qual [...] foi então aplicada a Yahweh”. Kraus, *Psalms 60–150*, p. 90. Kraus também propõe a teoria de que uma “entrada cültica de Yahweh” no templo poderia ter sido associada à procissão da arca no templo. *Ibid.*, p. 89. Pode-se notar que o salmo 47 declara: “Subiu Deus por entre aclamações, o SENHOR, ao som de trombeta” (Sl 47.5). Mas essa exclamação do salmista dificilmente é suficiente para estabelecer um ritual em que a arca da aliança era removida do Lugar Santíssimo e retornava novamente na procissão anual. No final, a perspectiva histórico-redentora é bastante suficiente para satisfazer todas as evidências da Escritura. Em um momento muito dramático da história redentora, Davi trouxe a arca para Jerusalém para que seu trono fosse unido ao trono de Deus. Esse evento precisou ocorrer apenas uma vez na história da nação, assim como a coroação de cada rei sucessivo em Israel ocorreu apenas uma vez. Do ponto de vista escatológico, a imagem sombria da ascensão da arca antecipa um único evento climático na história redentora, no qual o ressuscitado Cristo-Rei ascende à mão direita do Pai e se assenta para governar para sempre. Esse grande evento precisa ocorrer apenas uma vez na história do plano redentor de Deus. A partir do ponto de sua ascensão, o Cristo exaltado reina sem interrupção. Para uma discussão mais profunda da expressão *Yahweh Malak*, veja Hans-Joachim Kraus, *Psalms 1–59: A Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1988), p. 86-9, e a minuciosa discussão de Craig C. Broyles, “The Psalms and Cult Symbolism: The Case of the Cherubim Ark”, in *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.), (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), p. 139-56.

Parece, portanto, que essa dramática declaração do reinado do Senhor teve sua origem no momento em que Davi trouxe a arca da aliança a Jerusalém. Esse momento histórico-redentor teve um significado prévio para toda a história subsequente, pois, nesse ponto, o trono de Yahweh foi efetivamente unido ao trono de Davi. Foi, de fato, tão significativo quanto o momento do êxodo israelita do Egito e seu triunfo no Mar Vermelho. Pois então Moisés antecipou esse momento significativo na vida de Davi quando declarou, na conclusão de sua canção de triunfo no mar: “Yahweh reinará por todo o sempre” (יְהוָה לְעֹלָם רֵעַד – Êx 15.18). No momento em que a arca foi levada ao monte Sião, o governo de Yahweh como Rei foi afirmado de uma vez por todas.

Trazendo a arca: um momento crítico na história redentora do Livro IV (Sl 96, 105–106)

Introdução: Crônicas, Salmos, e o transporte da arca

Uma relação especial entre os salmos e os livros de Crônicas é a base dessa ênfase no surgimento da arca.¹³ A relação estreita entre esses dois livros é compreensível, já que a composição das Crônicas e a composição/formação final do saltério podem ter ocorrido aproximadamente no mesmo período. Referências em Crônicas à adoração com música e cânticos, ausentes dos livros de Reis, ligam-se diretamente ao uso do livro de salmos no culto. Ao menos dez passagens em Crônicas registram incidentes envolvendo cultos que se assemelham ao livro de Salmos, conforme indicado no excurso anexado a este capítulo. Essa interação extensa ajuda a explicar a integração total ao saltério do salmo registrado em Crônicas que celebra o transporte da arca para Jerusalém. Quatro questões decorrentes dessa relação entre as Crônicas e os salmos merecem maior exploração.

A disseminação de todo o salmo de 1Crônicas 16 pelo Livro IV

De particular importância para o Livro IV é a disseminação, em sua totalidade deste salmo histórico, conforme registrado em 1Crônicas 16, comemorando a importante realização de Davi, trazendo a arca para Jerusalém. O impacto total desse evento no saltério será apreciado somente quando se reconhecer que três salmos diferentes do Livro IV se combinam para refletir a totalidade desse salmo comemorativo:

- Salmo 96.1-13 reflete 1Crônicas 16.23-33 (11 versículos)
- Salmo 105.1-15 reflete 1Crônicas 16.8-22 (15 versículos)
- Salmo 106.1,47-48 reflete 1Crônicas 16.34-36 (3 versículos)

¹³ Para uma elaboração mais profunda da relação entre Crônicas e salmos, veja o excurso ao fim deste capítulo.

A disseminação deste salmo em sua totalidade, celebrando o estabelecimento de Yahweh como Rei juntamente com Davi no Monte Sião, ressalta a fusão do reinado de Deus com o governo do Messias. Do ponto de vista do Livro IV, o reinado de Yahweh não deve ser compreendido como algo a ser realizado em algum momento no futuro. Em vez disso, Deus deve agora ser adorado como Rei não só entre seu povo, mas também em todas as nações do mundo. Claramente, os dois últimos livros do saltério, relacionados principalmente com o tempo de exílio e restauração, quando o povo de Deus não tinha rei, pretendem sublinhar o fato de que o Senhor é rei entre seu povo.¹⁴

Yahweh Malak como foco dos salmos 92-100

A declaração distintiva *yahweh malak* fornece o foco dessa coletânea especial de nove salmos no Livro IV (Sl 92-100). O salmo 96 está localizado no centro desses nove salmos, o que, de forma muito significativa, forma um paralelo, em sua totalidade, com a segunda metade do salmo celebrando o fato de Davi ter trazido a arca para Jerusalém (Sl 96.1-13; cf. 1Cr 16.23-33).¹⁵ Essa coletânea especial no Livro IV do saltério contém não apenas as únicas outras ocorrências da frase *Yahweh Malak* na Escritura além de 1Crônicas 16, mas também uma segunda frase distintiva que aparece apenas nos três salmos centrais dessa coletânea especial, bem como no salmo do cronista (Sl 95-97; 1Cr 16). A frase “*acima de todos os deuses*” (עַל-כָּל-אֱלֹהִים) pode parecer ser uma frase comum nas Escrituras. Mas, na medida em que esta obra foi capaz de determinar, essas palavras precisas ocorrem apenas no poema que celebra o transporte da arca e nos três salmos centrais dessa coletânea especial:

- Yahweh deve ser temido “*acima de todos os deuses*” (1Cr 16.25).
- Yahweh é o grande Rei “*acima de todos os deuses*” (Sl 95.3).
- Yahweh deve ser temido “*acima de todos os deuses*” (Sl 96.4).
- Yahweh é sobremodo elevado “*acima de todos os deuses*” (Sl 97.9).

¹⁴ Muito interessante é o fato de que “rei” nunca é aplicado diretamente a Davi ou a seus descendentes nos Livros IV e V do saltério, embora a referência seja feita duas vezes ao descendente de Davi como o “ungido”, que é essencialmente o equivalente ao “rei” (Sl 132.10,17).

¹⁵ David M. Howard Jr., *The Structure of Psalms 93-100*, Willian Henry Propp (org.), *Biblical and Judaic Studies* 5 (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997), p. 141-55, lida extensivamente com a interconectividade do salmo 96 com os outros salmos desse grupo. Mas ele não observa que o salmo 96 reflete completamente o salmo que celebra o transporte da arca para Jerusalém em 1Crônicas 16. No entanto, a razão básica de que esses salmos se concentram no tema de *Yahweh Malak* é o significado histórico-redentor do transporte da arca. O reinado de Yahweh nessa coletânea especial do saltério pode ser plenamente compreendido apenas em termos da ascensão da arca para o Monte Sião.

Como consequência dessa repetição distintiva, os salmos 95, 96 e 97 formam uma tríade central nessa coletânea de nove salmos, com o salmo 96 posicionado como seu “epicentro”.

A inclusão dos salmos 92 e 100 nessa coletânea

A presença de um agrupamento deliberado dos salmos *Yahweh Malak* no Livro IV é evidenciada pela ocorrência dessa frase primeiro no salmo 93, depois novamente nos salmos 96 e 97 e, finalmente, no salmo 99. A frase não aparece em outro lugar no saltério, fato que indica claramente que essa coletânea especial se estende pelo menos do salmo 93 até o salmo 99. No entanto, uma comparação dos salmos 92 e 100 com os salmos 90 e 91, que abrem o Livro IV, mostra a intenção do organizador/editor final do saltério de incluir os salmos 92 e 100 nas extremidades desse agrupamento dos salmos *Yahweh Malak*. Embora a frase-chave não apareça nesses dois salmos, o foco no louvor e no culto os liga à coletânea *Yahweh Malak*. O título do salmo 92 destaca-se em distinção aos salmos 90 e 91, os dois salmos introdutórios do livro. O salmo 90 simplesmente diz: “Oração de Moisés, homem de Deus”. O salmo 91 não tem título. Em substância, esse salmo expressa uma calma resultante da intimidade do relacionamento de uma pessoa com *Elion*, o Altíssimo.

Em contraste com o título do salmo de abertura do Livro IV, o título do salmo 92 fornece instruções distintas para o emprego desse salmo em um contexto de louvor e culto. É um *mizmor*, uma “canção de louvor”, um termo que ocorre no título de 57 salmos; *shir*, o próximo termo nesse título, significa simplesmente “canção”, um termo empregado principalmente para expressar piedade comunitária, em vez de individual.

A terceira parte do título do salmo 92 confirma fortemente seu contexto de louvor e culto. Uma frase única declara que esse salmo particular é “para o dia de sábado”. Quando essa frase é considerada no contexto das práticas semanais de culto de Israel, é claro que o editor/autor desse salmo imaginou seu uso regularmente, talvez mesmo durante a assembleia semanal da nação para o culto.

O contexto de culto para o salmo 92, refletido em seu título, é fortemente confirmado pela substância de seus versos iniciais:

Bom é render graças ao SENHOR
e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo,
anunciar de manhã
a tua misericórdia
e, durante as noites,
a tua fidelidade,

com instrumentos de dez cordas,
com saltério
e com a solenidade
da harpa.
Pois me alegraste, SENHOR,
com os teus feitos;
exultarei
nas obras das tuas mãos (Sl 92.1-4).

Esses versículos de abertura incluem numerosos elementos diretamente associados ao culto: louvar o Senhor, fazer música, proclamar seu amor e fidelidade, fazer uso de instrumentos musicais, regozijar-se nas obras do Senhor e cantar de alegria. Esses indicadores situam o salmo 92 especificamente no contexto das ofertas regulares de louvor e culto de Israel, que servem de contexto principal do grupo *Yahweh Malak*. Em contraste, os salmos 90 e 91 não têm esses mesmos indicadores específicos de um contexto de culto. O salmo 100, com seu foco pontual no louvor e no culto, fecha adequadamente essa coletânea especial.

Esses apontadores claros de culto ligam fortemente os salmos 92 e 100 aos salmos 93-99, em que os mesmos elementos de culto listados no salmo 92 são repetidamente mencionados. No contexto da afirmação distintiva de que “o SENHOR é Rei” (*Yahweh Malak* – Sl 93.1; 96.10; 97.1; 99.1), o salmista convoca o povo do Senhor, assim como toda a terra habitada, para cantar de alegria, para se apresentar com ação de graças, exaltá-lo com música e cântico (Sl 95.1-2; 96.12-13; 98.4-6,8-9; 100.2,4); cantar ao Senhor um novo cântico (Sl 96.1; 98.1); adorar ao Senhor (Sl 95.6; 96.9; 97.7; 99.5,9; 100.2); declarar a sua glória e louvá-lo (Sl 96.3,7-8; 99.3; 100.4); e alegrar-se diante dele (Sl 96.11-12; 97.1,8,12; 100.1). Possivelmente, nenhum outro agrupamento de salmos tão direta e consistentemente convoca o povo de Deus para cultuá-lo, louvá-lo e agradecer-lhe como seu Rei soberano.¹⁶

¹⁶ A declaração do reinado de Yahweh sobre as nações ao longo dessa coletânea é feita diretamente diante do domínio dos impérios assírio e babilônico sobre o povo de Deus. Os salmos 93 e 94 lidam com o desafio à soberania de Yahweh representada por esses poderosos inimigos. Essas potências estrangeiras são os “mares/rios” que levantaram a voz e suas ondas (Sl 93.3), de acordo com o emprego regular do “mar furioso” como uma imagem de nações revoltadas na Escritura (Sl 46.1-4,7; Is 8.5-8; 17.12-13; Jr 6.23; 46.7-8; Ap 17.1,15). Porém, Yahweh nas alturas é poderoso, mais poderoso do que o bramido das grandes águas e do que os poderosos vagalhões do mar (Sl 93.4). Seu poder é exibido em seus “estatutos”, que permanecem firmes, governando sua “casa” em santidade para todo o sempre (Sl 93.5). Diz Ernst Wilhelm Hengstenberg, *Commentary on the Psalms* (Edimburgo: T & T Clark, 1854), 3:151: “Não há dúvida de que o mar se nota aqui [em Sl 93.3-4]

Esse tema unificador nos salmos 92–100 com sua frase-chave, *Yahweh Malak*, separa esses salmos como um agrupamento distintivo.¹⁷ O salmo 96 serve como centro da coletânea, sendo constituído inteiramente por um paralelo prolongado com o histórico da celebração de Israel ao trazer a arca para Jerusalém e confirmar a união do trono de Yahweh com o trono de Davi (1Cr 16.23-33). A posição do Senhor como Rei que deve ser adorado, portanto, serve como fator unificador dessa coletânea especial. Como observado anteriormente, os salmos 95 e 97 flanqueiam o salmo 96, tendo a distinção de serem as únicas outras passagens nas Escrituras, com o salmo 96 e 1Crônicas 16, que contêm a frase particular “acima de todos os deuses” (Sl 95.3; 96.4; 97.9). Nas extremidades desta coletânea estão os salmos 92 e 100, nenhum dos quais contém a fórmula *Yahweh Malak*, mas ambos são chamados de “um salmo” e concentram-se em louvar, agradecer e cultuar ao Senhor.

A relação de 1Crônicas 16 com os salmos 105–106

Os dois salmos em adição ao salmo 96 que completam o reflexo do poema em 1Crônicas 16 são os salmos 105 e 106. Reconstruir a história da relação desses três salmos no Livro IV com 1Crônicas 16 é realmente desafiador. Até certo ponto, a questão está fora do alcance da certeza atual. No entanto, várias observações devem ser consideradas.

Primeiro, o salmo encontrado em 1Crônicas 16 celebrando o transporte da arca para Jerusalém dá todas as provas de ser uma construção unificada.¹⁸ O salmo naturalmente se move de uma convocação geral para ação de graças (1Cr

como símbolo do poder terreno”. A aplicação de Mowinckel deste salmo a uma entronização anual (cúltica) de Yahweh é fortemente rejeitada por Kraus, *Psalms 60–150*, p. 234. Kraus observa que essa ideia “é rejeitada no contexto do salmo 93 com a afirmação: ‘Desde a antiguidade, está firme o teu trono; tu és desde a eternidade.’ O estado eterno e imutável do rei Yahweh está aqui enfaticamente sublinhado”. A conclusão de Kraus sobre a relação do salmo 93 com a antiga luta mitológica contra o caos não é clara. Por um lado, ele afirma: “Eventos mitológicos desse tipo [como nos textos ugaríticos de Ras Shamra, na Síria antiga] estão no fundo das concepções que aparecem no salmo 93”. *Ibid.*, p. 235. Por outro lado, ele declara na mesma página: “As descrições míticas da luta contra o caos são totalmente descartadas. Nisso reside a peculiaridade do salmo 93”.

¹⁷ Howard, *Structure of Psalms 93–100*, p. 170, observa as muitas conexões entre os salmos 92 e 91. Ao mesmo tempo, ele observa que o salmo 92, “no entanto, funciona bem na antecipação do tema predominante dos salmos seguintes [...] O salmo 92 lança um olhar de volta aos salmos 90–91, mas também olha adiante, para os salmos posteriores”. *Ibid.*, p. 171. Em todas essas observações, ele está correto. No entanto, estruturalmente, ele agrupa o salmo 92 com os salmos de abertura do Livro IV, em vez de com a coletânea *Yahweh Malak*.

¹⁸ Gary N. Knoppers, *1 Chronicles 10–29: A New Translation with Introduction and Commentary*, Anchor Bible (Nova York: Doubleday, 2004), p. 644, cita vários autores recentes que, em seu julgamento, mostram que a poesia de 1 Crônicas 16.8-36 “não é uma colagem de partes desconexas, mas uma composição hábil e artisticamente organizada”.

16.8-13) para uma repetição da fidelidade do Senhor em sua aliança (1Cr 16.14-22) e uma convocação a todos os povos e a toda a criação cósmica para louvar ao Senhor, tendo como clímax uma conclusão doxológica (1Cr 16.23-36).

Em segundo lugar, a tradição israelita, comunicada oralmente ou de outra forma, provou sua capacidade de reter materiais poéticos em sua integridade durante muitos séculos, como se vê na preservação do Cântico de Moisés e do Cântico de Débora, ambos apresentando indicadores autênticos de antiguidade. Essa observação pode ser aplicada igualmente ao cântico do transporte da arca, seja ou não este salmo atribuído especificamente a Davi.¹⁹

Em terceiro lugar, os autores/editor(es) posteriores de salmos frequentemente retratam salmos em diferentes configurações, adequadas a circunstâncias posteriores, como no uso do salmo 14 pelo salmo 53, uso do salmo 40 pelo salmo 70, o uso do salmo 31 pelo salmo 71, o uso dos salmos 57 e 60 pelo salmo 108, e o uso dos salmos 113 e 115 pelo salmo 135. No caso do salmo que celebrava o aparecimento da arca em 1Crônicas 16, pode parecer estranho, em primeiro lugar, que a ordem das seções como elas aparecem no saltério não corresponde à ordem encontrada no salmo em si. O salmo 96.1-13 corresponde à segunda seção de 1Crônicas 16 (v. 23-31); o salmo 105.1-15 corresponde à primeira seção de 1Crônicas 16 (v. 8-22); e os versos de abertura e conclusão do salmo 106 (v. 1, 47-48) correspondem aos versos finais do

¹⁹ As palavras que introduzem o poema de 1 Crônicas 16 podem ou não justificar a conclusão de que Davi compôs o salmo por ocasião do transporte da arca. A NVI traduz as palavras: “Foi naquele dia que pela primeira vez Davi encarregou a Asafe e seus parentes de louvar ao Senhor com salmos de gratidão” (1Cr 16.7). A versão em inglês ESV fornece uma tradução mais precisa: “Então, naquele dia, Davi ordenou primeiramente que a ação de graças fosse cantada ao Senhor por Asafe e seus irmãos”. Kidner, *Psalms 73-150*, p. 347, declara que a frase “não afirma que estas fossem, necessariamente, as próprias palavras que foram cantadas na ocasião”, mas, na nota anexa, ele acrescenta: “Elas podem ter sido”. A proposta mais antiga de Hengstenberg, *Psalms*, 3:270, de que o salmo de 1 Crônicas 16 pretende fornecer apenas uma amostra do tipo de salmos realizados nos cultos de Israel, ignora a unidade da peça poética, bem como a divisão significativa da totalidade do salmo de 1 Crônicas em três unidades coerentes nos salmos 96, 105 e 106. É muito mais fácil imaginar esses três salmos do saltério como derivados de um salmo mestre do que três unidades diferentes do saltério reconstituídas em um salmo coerente do Cronista. Além disso, a resposta das pessoas na conclusão do salmo, conforme relatado em 1 Crônicas, representa uma reação a uma poesia fixa em vez de uma resposta litúrgica a uma amostra desunificada: “E todo o povo disse: Amém! E louvou ao SENHOR” (1Cr 16.36b). Tanto Knoppers, *1 Chronicles 10-29*, p. 651 e Ralph W. Klein, *1 Chronicles: A Commentary*, Hermeneia (Mineápolis: Augsburg Fortress, 2006), p. 368, concordam que a intenção do relatório do cronista é descrever a resposta do povo ao salmo que acabamos de apresentar. Mas eles também concordam que o cronista modificou a conclusão litúrgica do salmo 106 para ajustá-lo ao relatório histórico de 1 Crônicas, e não vice-versa. Embora seja discutível, parece mais provável que a história se torne liturgia do que a liturgia seja transformada em história.

poema de 1Crônicas 16 (v.34-36). No entanto, o conteúdo desses três salmos torna o motivo da sua colocação bastante simples. O salmo 96 centra-se na declaração *Yahweh Malak*, com a seção paralela de 1Crônicas contendo a frase crítica. O salmo 105, como um salmo de recordações históricas, gravita naturalmente sobre a história de Israel como se encontra na parte inicial de 1Crônicas 16. O salmo 106 conclui o Livro IV com uma doxologia paralela à conclusão de 1Crônicas 16, que se concentra na frase crítica “congrega-nos de entre as nações” (1Cr 16.35; Sl 106.47). Essa frase final do salmo 106 fornece uma grande ligação literária através da “costura” do Livro IV na abertura do Livro V, com referência àqueles que ele “congregou de entre as terras” (Sl 107.3). Tendo em vista essas considerações, vemos que a posição precisa das três partes diversas de 1Crônicas em três salmos não consecutivos do Livro IV indica um arranjo editorial cuidadoso.

Em quarto lugar, uma nova consideração da relação de 1Crônicas 16 com esses salmos merece atenção. De acordo com 1Crônicas 15, esse transporte da arca foi um momento muito significativo na história de Israel, exigindo grandes preparativos. Depois de estabelecer construções para si mesmo em Jerusalém, Davi preparou um lugar para receber a arca, incluindo o lançamento de uma tenda apropriada (1Cr 15.1). A “equipe de engenharia” de Davi, muito provavelmente, teria sido envolvida na determinação da localização precisa da tenda, o que pode ter incluído um nivelamento do local onde eventualmente seria o lugar em que o templo proposto por Davi seria construído. Então o rei deixou claro ao público que somente os levitas levariam a arca (1Cr 15.2). Ele reuniu toda a nação em Jerusalém (1Cr 15.3), o que implicaria o envio de corredores algumas semanas ou, possivelmente, meses antes do evento agendado. Essa ótima ocasião seria lembrada por gerações vindouras. O evento poderia ser comparado à coroação de um novo rei, representando uma nova dinastia em Israel. Uma grande “cobertura da mídia” estaria envolvida. Além disso, Davi reuniu 962 descendentes do sacerdócio de Israel de seis clãs diferentes, juntamente com os líderes especificados (1Cr 15.4-10). Ele nomeou líderes sacerdotais para supervisionar a consagração de todas essas pessoas para a tarefa específica de trazer a arca (1Cr 15.11-15). Ele designou líderes levíticos para nomear cantores e acompanhantes instrumentais para realizar canções de alegria (1Cr 15.16-24). Um levita específico com habilidades musicais especializadas foi selecionado como regente sobre a multiplicidade de coros (1Cr 15.22).

Após essa extensa preparação, a arca foi finalmente levada a Jerusalém. Davi, os anciãos e os comandantes de milhares viajaram para a casa de Obed-Edom em Quiriate-Jearim para liderar a procissão com alegria e sacrifícios. Uma viagem de ida e volta de 25 a 30 quilômetros teria levado o dia inteiro para chegar à celebração (1Cr 15.25-26). Vários corais seguiram a procissão ao longo

do caminho (1Cr 15.27). Foram preparadas vestes especiais de linho fino para Davi, os levitas que carregavam a arca e todos os cantores (1Cr 15.27).

Obviamente, essa extensa preparação não foi feita durante a noite. Meses de planejamento, prática e preparação podem ter sido facilmente envolvidos. Numerosos ensaios de coros e instrumentistas teriam que ocorrer.

Essa elaborada preparação para o transporte da arca teria proporcionado tempo suficiente para Davi, assim como para outros músicos israelitas, compor salmos apropriados para essa ocasião dramática. É quase impensável que Davi não tenha composto um salmo adequado para essa grande festa. O salmo gravado em 1Crônicas 16, muito provavelmente, é de sua autoria.²⁰

De qualquer forma, parece muito provável que o salmo de 1Crônicas 16 tenha sido prontamente reconhecido em várias gerações subsequentes como o poema associado ao surgimento da arca no monte de Sião. Esse salmo proporcionaria o importante quadro histórico redentor para a coletânea de salmos *Yahweh Malak*. Não só a ocorrência dessa frase distintiva que aparece apenas nesses textos, mas o quadro histórico maior do salmo lembraria regularmente às pessoas o reinado do Senhor. Do salmo 92 ao salmo 100, a nação é encorajada a cantar e celebrar por uma grande razão: o Senhor reina. Ele sempre foi o Rei, ele atualmente é o Rei e ele sempre será o Rei.

À luz desses vários fatores, torna-se evidente que o grande foco do Livro IV é o reinado bem estabelecido de Yahweh sobre Israel e as nações. O povo de Deus alcançou claramente uma perspectiva amadurecida a respeito do senhorio de Yahweh sobre todos os povos do mundo. Sua soberania deve ser celebrada no culto, pois ele é o Rei desde a criação, ele atualmente é o Rei e ele continuará como Rei até a consumação.

Frases adicionais que descrevem o reinado do Senhor na coletânea *Yahweh Malak* do Livro IV

Além da repetição da dramática declaração *Yahweh Malak* no Livro IV, o Senhor é descrito por várias frases reais nessa coletânea específica de salmos como “o grande Rei” (Sl 95.3), “o SENHOR, que é rei.” (Sl 98.6b), “és rei poderoso” (Sl 99.4). Uma nova confiança no reinado permanente do Senhor foi estabelecida. O povo de Deus pode cantar de alegria para o Senhor, que

²⁰ Embora regularmente rejeitada, a proposta de Peter R. Ackroyd, *I & II Chronicles, Ezra, Nehemiah*, Torch Bible Paperbacks (Londres: SCM Press, 1973), deve ser considerada de maneira mais aprofundada. Ackroyd observa que o salmo em 1Crônicas 16 “nos fornece um salmo adicional comparável a outros encontrados fora do saltério (por exemplo, Êx 15.1-18, Jz 5; 1Sm 2.1-10)”. *Ibid.*, p. 64-65. A implicação de sua observação é que o salmo em 1Crônicas 16 também pode ser considerado como um salmo que talvez tenha circulado de forma totalmente independente do saltério como agora o conhecemos.

é o grande Rei acima de todos os deuses, porque ele segura em suas mãos as profundezas da terra, os montes, o mar e a terra seca (Sl 95.1-5). Toda a terra pode gritar de alegria diante do Senhor, o Rei (Sl 98.4-6). O Senhor está entronizado; Ele é exaltado por todas as nações, pois como Rei é poderoso e estabeleceu a justiça em toda a terra (Sl 99.1-4). Na verdade, os inimigos permanecem em oposição a Deus e ao seu povo. Os perversos derramam palavras arrogantes. Eles esmagam o povo de Deus e matam a viúva e o órfão. No entanto, a confiança do salmista permanece inabalável no Senhor como sua fortaleza e sua Rocha. Ele os retribuirá por seus pecados e os destruirá por sua iniquidade (Sl 94.4-6,22-23).

Resumo sobre as coletâneas de salmos que celebram o reinado de Deus em todo o saltério

Como se observou, coletâneas de salmos que celebram o reinado de Deus aparecem nos primeiros livros do saltério. De fato, até cinco grupos diferentes de salmos podem ser vistos como apresentando Deus como Rei, com pelo menos uma coletânea ocorrendo em cada um dos quatro primeiros livros do saltério. Nessas coletâneas especiais, o reinado do Senhor é regularmente acompanhado do reinado do Messias. No Livro I, o agrupamento é encontrado nos salmos 20–24. Como indicado anteriormente, dois salmos representam Davi como rei (Sl 20–21), seguidos de dois salmos que apresentam Yahweh como Rei (Sl 23–24), com um salmo intermediário que desenvolve ambos os reinados (Sl 22). No Livro II, o agrupamento do reinado aparece nos salmos 45–48. Nesse caso, o reinado do Messias é declarado primeiro (Sl 45), seguido de três salmos que apresentam Elohim como Rei sobre as nações (Sl 46–48). Os salmos 65–68 representam outro grupo de salmos reais, desta vez na segunda coletânea davídica, como se encontra no Livro II. Somente um uso da palavra “rei” é encontrado nessa coletânea. Mas os vários salmos afirmam que Deus “apacou... o tumulto das gentes” (Sl 65.7); “ele, em seu poder, governa eternamente; os seus olhos vigiam as nações” (Sl 66.7); ele “julga os povos com equidade e guia na terra as nações” (Sl 67.4). O salmo final nessa coletânea culmina com a procissão de “meu Deus e Rei” para “o monte que Deus escolheu para sua habitação” (Sl 68.24,16). Esse salmo faz alusão ao reinado messiânico com referência ao “mais novo, Benjamim, que os precede” (provavelmente se referindo ao reinado inicial de Saul) e aos “príncipes de Judá” (possivelmente se referindo à sucessão de monarcas davídicos) (Sl 68.27).²¹

²¹ A referência aos “príncipes de Zebulom e Naftali” pode fazer alusão à ocasião em que essas duas tribos se distinguiram, sob a liderança de Débora e Baraque: “Zebulom é povo que expôs a sua vida à morte, como também Naftali, nas alturas do campo” (Jz 5.18). Para uma

No Livro III, embora não usem a palavra “rei”, dois salmos retratam Deus e o Messias em seus papéis reais (Sl 75–76). Somente Deus pode exaltar um homem, e o Messias de Deus está comprometido em “abater as forças dos ímpios” (Sl 75.7,10). Do céu, Deus, que está sobre todos, pronuncia juízo sobre os reis da terra (Sl 76.8,12). Já no Livro III, o salmista apresentou a nação do povo de Deus como destruída por um exército estrangeiro (Sl 74). Mas só depois de estabelecer esse duplo reinado de Deus e do Messias, no Livro III, o salmista mergulha tanto os reinos do norte como do sul na escuridão da derrota e do exílio nas mãos dos inimigos invasores (Sl 79,80,89).

Porém agora, no Livro IV, os salmos *Yahweh Malak* oferecem uma perspectiva diferente sobre o reinado de Deus. Essa quinta coletânea de salmos reais descreve Yahweh como soberano permanentemente estabelecido sobre as nações. Seu reinado perpétuo deve fazer com que o céu e a terra, a natureza e as nações se regozijem.

Salmos 101–103': uma tríade de salmos que reafirmam o reinado davídico²²

Nenhuma menção específica a Davi ou ao reinado messiânico ocorre no corpo de qualquer salmo do Livro IV. A autoria é atribuída a Davi nos títulos dos salmos 101 e 103, e ele também é, muito provavelmente, o autor do Salmo 102. Mas, como o reino foi esmagado por exércitos invasores, a menção específica ao reinado davídico desaparece.

Essa ausência de referência específica a Davi ou à promessa de um rei messiânico no corpo do Livro IV levou alguns a concluir que o saltério está agora completo, com a perspectiva de cumprimento da aliança davídica.²³ Embora

discussão estimulante dessa passagem, veja Ernst Wilhelm Hengstenberg, *Commentary on the Psalms* (Edimburgo: T&T Clark, 1855), 2:358-60. Entre suas observações, ele diz: “Até mesmo o pequeno Benjamim, como governador sobre os pagãos, mostra a grandeza da graça de Deus: compare 1Samuel 9.21, em que Saul, ao ser nomeado rei, diz, com espanto: “Porventura, não sou benjamita, da menor das tribos de Israel?” *Ibid.*, p. 359.

²² Como em capítulos anteriores, o asterisco (*) indica um agrupamento de salmos em que nem todos os títulos atribuem sua autoria a Davi ou a algum outro indivíduo. Os salmos 101 e 103 têm a declaração “salmo de Davi” em seu título, enquanto o Salmo 102, descrito no título como a “oração do aflito que, desfalecido, derrama o seu queixume perante o SENHOR”, provavelmente é davídico em vista de ser um salmo na primeira pessoa após imediatamente um salmo na primeira pessoa que contém a declaração “de Davi” em seu título.

²³ DeClaissé-Walford, *Reading*, p. 157, conecta o reconhecimento do Senhor como soberano, no Salmo 90 do Livro IV, com Yahweh como Rei no salmo 2, enquanto busca eliminar toda a esperança da nação por um reinado davídico. A fim de minimizar o papel do Filho ungido que reina ao lado de Yahweh no salmo 2, tenta-se remover qualquer reverência de adoração pelo Filho no salmo 2, optando-se pela leitura supostamente sem apoio textual “beijando seus pés com temor” (Sl 2.11-12, de acordo com a RSV de 1952), em vez de “beijar o Filho”. J. Clinton McCann, *A Theological Introduction to the Book of Psalms: The*

não seja especificamente mencionado no corpo dos salmos do Livro IV, os três salmos que seguem imediatamente a coletânea dos salmos 92–100 *Yahweh Malak* reafirmam a importância contínua do reinado davídico.

O salmo 101, atribuído a Davi em seu título, fala na primeira pessoa do singular sobre a aspiração do rei de aderir ao padrão do Senhor em seu reinado. De acordo com um comentarista, “o Salmo 101, que segue os salmos ‘YHWH reina’ 93–100, diz respeito à tradução do governo real de YHWH para a do rei de Jerusalém”.²⁴ Na sua “casa”, o rei indica sua determinação de andar com “coração sincero” (Sl 101.2). Sob a sua direção real, nenhuma “coisa vil”, nenhuma ação de “homens sem fé”, “nenhum homem de coração perverso”, ninguém que “calunie seu vizinho em segredo” ou que tenha “olhos arrogantes e um coração orgulhoso”, ele vai suportar (Sl 101.3-5). Ninguém que “profira mentira” habitará em sua “casa”. Ele “destruirá todos os ímpios da terra” e “todas as manhãs” ele cortará “todo malfetor” da “cidade de Yahweh” (Sl 101.7-8). Somente o “fiel na terra” habitará com ele. Somente as pessoas que andam “em reto caminho” servirão como seus administradores (Sl 101.6). Essas características do governo messiânico destinam-se a refletir o reinado de Yahweh no domínio do rei messiânico. Torá e Messias se unem.

O salmo 102 expande este retrato do governo pelo rei davídico. Yahweh governa no céu, mas também em Sião, o lugar designado onde o reinado de Yahweh se funde com o de Davi (Sl 102.13,16,19). Esse salmo sublinha a importância da sucessão real, uma das principais características da aliança davídica. O salmista aspira à mesma extensão “por todas as gerações” do reinado de Yahweh para o reinado perpétuo da linhagem de Davi. A tradução inglesa comum do versículo final desse salmo pela palavra *crianças* obscurece a preocupação do salmista. O texto diz:

Os *filhos* dos teus servos
habitarão seguros,
e diante de ti se estabelecerá
a sua descendência (Sl 102.28).

O salmo 103 sublinha o perdão e a fidelidade da aliança de Yahweh ao seu povo. Embora estejam atualmente experimentando sua mão punitiva através do exílio por causa da violação da aliança, Yahweh perdoa graciosamente.

Psalms as Torah (Nashville: Abingdon Press, 1993), p. 156, também apoia a ideia de que o Livro IV elimina qualquer perspectiva de um reinado messiânico.

²⁴ Frank-Lothar Hossfeld e Eric Zenger, *Psalms 3: A Commentary on Psalms 101–150* (Mineápolis: Fortress Press, 2011), p. 96.

Ele é “é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno”. Ele “não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira”. Ele “não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades”. Pois “quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem” (Sl 103.8-12).

Mas a misericórdia do SENHOR [sua *hesed*] é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos, para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem (Sl 103.17-18).

Essa misericórdia de Yahweh, sua *hesed*, provê esperança de que as proviões da aliança davídica continuarão, apesar dos contratempos atuais provocados pelo exílio.

Os salmos 102 e 103 podem ser interpretados juntos como salmos em que o rei messiânico expressa seu desejo repetido para que o seu trono se funda na eternidade do trono de Yahweh. Esses dois salmos expressam fortemente a eternidade do domínio de Yahweh:

Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre,
e a memória do teu nome, de geração em geração.

Tu, porém, és sempre o mesmo,
e os teus anos jamais terão fim (Sl 102.12,27).

Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade,
sobre os que o temem,
e a sua justiça,
sobre os filhos dos filhos (Sl 103.17).

Ao mesmo tempo, o salmista, provavelmente Davi em seu reinado, luta com as limitações temporais de sua própria vida:

Porque os meus dias, como fumaça, se desvanecem,
e os meus ossos ardem como em fornalha.

Como a sombra que declina, assim os meus dias,
e eu me vou secando como a relva (Sl 102.3,11).

Quanto ao homem,
os seus dias são como a relva;

como a flor do campo, assim ele floresce;
pois, soprando nela o vento,
desaparece;
e não conhecerá, daí em diante,
o seu lugar (Sl 103.15-16).

A resolução dessa tensão só pode ser encontrada quando o trono do Messias é levado ao trono de Yahweh, e o Messias é reconhecido em toda a sua plenitude como Filho a Deus (2Sm 7.14). Em termos da nova realização da aliança, o escritor aos Hebreus faz essa conexão quando aplica a descrição da eternidade do trono de Yahweh ao domínio do Filho de Yahweh. Logo depois de se referir ao salmo 45, no qual o Messias é inequivocamente identificado como Elohim (Sl 45.6-7, cf. Hb 1.8-9), o autor de Hebreus aplica a afirmação do salmo 102 ao Filho:

No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra,
e os céus são obra das tuas mãos;
eles perecerão; tu, porém, permaneces;
sim, todos eles envelhecerão qual veste;
também, qual manto, os enrolarás,
e, como vestes, serão igualmente mudados;
tu, porém, és o mesmo,
e os teus anos jamais terão fim (Hb 1.10-12; cf.: Sl 102.25-27).

O anseio de Davi por uma fusão permanente de seu trono messiânico com o trono eterno de Yahweh encontra sua realização consumada na entronização de Jesus Cristo. De acordo com um comentarista, “o Deus de Sião e de Davi nunca morre; Davi e Sião, portanto, nunca podem morrer, pois ele inseparavelmente se conectou com eles”.²⁵

As funções reais do Senhor

Como um desenvolvimento adicional do reinado de Yahweh, os salmos do Livro IV sublinham uma série de funções reais do Senhor.

Ele é o Criador (Sl 90.2; 95.6; 100.3; 102.25; 104.5-9)

Embora a ideia da criação *ex nihilo* (do nada) não seja expressa em tantas palavras, o conceito está claramente presente nos Salmos. “Antes que os mon-

²⁵ Hengstenberg, *Psalms*, 3:222.

tes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2).

Ele é a Rocha (Sl 92.15; 94.22; 95.1)

Conforme indicado anteriormente, essa expressão antiga remonta à bênção profética de Jacó sobre os vários líderes tribais, conforme registrada em Gênesis 49. Sobre José, ele disse: “O seu arco, porém, permanece firme... pelo Pastor e pela Pedra de Israel” (Gn 49.24). Essa expressão profética combina a imagem de pastor/rei com a de rocha/estabilidade e representa o caráter inabalável do reinado de Deus.

Ele é o Juiz (Sl 94.2; 96.13; cf. Sl 7.6-17; 9.4-19)

Dois salmos no Livro I (Sl 7,9) e um conjunto de salmos no Livro IV (Sl 94–99) fornecem o desenvolvimento principal do conceito de que o reinado de Deus o estabelece como Juiz. Em ambos os agrupamentos, o papel de Deus como Rei sobre as nações desempenha um papel proeminente na sua função de Juiz. De acordo com o salmo 7:

Desperta-te em meu favor, segundo o juízo que designaste.
Reúnam-se ao redor de ti
os povos,
e por sobre eles
remonta-te às alturas.
O SENHOR julga os povos;
julga-me, SENHOR, segundo a minha retidão (Sl 7.6b-8a).

Claramente, Deus julgará o seu próprio povo. De fato, o salmista expõe-se deliberadamente aos justos julgamentos do Senhor. Ao mesmo tempo, o domínio de Deus sobre as nações pode ser equiparado ao seu exercício de julgamento sobre elas. Como Juiz justo, ele busca mentes e corações e não se restringe a considerar apenas as ações externas de uma pessoa. Uma parte vital de sua função real é acabar com a violência dos ímpios e estabelecer a segurança do justo (Sl 7.9). Ele é “justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias” (Sl 7.11).

Mais uma vez, o salmista declara:

No trono te assentas
e julgas retamente.
Repreendes as nações,
destróis o ímpio.

Mas o SENHOR permanece no seu trono eternamente,
trono que erigiu para julgar.
Ele mesmo julga o mundo
com justiça;
administra os povos
com retidão (Sl 9.4b-5a; 7-8).

Portanto, a função de Deus como um rei que julga não significa que ele simplesmente alcança uma decisão sobre a retidão ou a maldade do comportamento das pessoas. Em vez disso, ele impõe seus julgamentos recompensando os justos e destruindo os ímpios.

O posterior agrupamento de salmos que apresentam Deus como juiz estão intimamente ligados aos salmos *Yahweh Malak*. Neste caso, não só o seu povo se alegra com o seu papel de juiz, mas os céus, a terra, o mar, os campos e todas as árvores da floresta cantam de alegria. Então, qual é a ocasião desse regozijo universal? Dois salmos da coletânea *Yahweh Malak* concluem com uma formulação quase idêntica:

[regozijem-se] na presença do SENHOR,
porque vem,
vem julgar a terra;
julgará o mundo
com justiça
e os povos,
consoante a sua fidelidade (Sl 96.13; cf.: Sl 98.9).

Neste caso, a perspectiva da vinda do Senhor para julgar o mundo não inspira uma nota de terror. Na verdade, os ímpios receberão exatamente o que merecem. Mas a resposta dominante na terra será alegria no Senhor, pois ele chegou ao clímax de sua grande obra de redimir seu povo em justiça.

Ele é o Senhor gracioso que perdoa todos os pecados do seu povo (Sl 90.13-14; 103.3,8-10,12; 106.6,8,30-31,44-46)

Embora, como soberano Senhor, ele consuma pessoas por seus pecados, Deus ouve seu pedido pela manifestação de sua compaixão. Ele perdoa todos os pecados, não trata seu povo como seus pecados merecem e remove seus pecados assim como o ocidente dista do oriente. Embora os contemporâneos do salmista tenham pecado tão persistentemente quanto sua nação que se rebelou na peregrinação pelo deserto, o Senhor pode ser chamado para libertar, lembrar-se de sua aliança e salvar.

**Ele exerce seu cuidado providencial sobre todo o mundo
(Sl 104.10-30)**

Os animais do campo, os pássaros do ar, a lua e o sol, juntamente com toda a humanidade, dão glória ao Senhor, que sustenta a totalidade da sua criação.

Ele é o soberano SENHOR DA ALIANÇA que dirige toda a vida do seu povo (Sl 105-106)

Através de todas as suas diferentes experiências em todo o estágio da história redentora, o SENHOR DA ALIANÇA foi o guia de seu povo e seu apoio. Ele nunca os abandonou completamente.

Então, Deus é, de fato, um grande Rei em todo o seu domínio terreno. Todas as criaturas do mundo, todas as nações do mundo, toda a história do mundo permanecem sujeitas ao seu domínio gracioso e justo. Visto da perspectiva de um povo que sofre sob o banimento do exílio, essas afirmações de que Yahweh governa são calculadas para incutir grande esperança no coração de seu povo. A mesma aplicação desses salmos pode ser feita em todas as eras.

A primeira tríade de salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 104-106)

Pode-se presumir que a exclamação *Hallelu-YAH* ocorre bastante regularmente ao longo do Antigo Testamento, mas isso simplesmente não é o caso. De fato, o termo ocorre pela primeira vez nestes últimos três salmos do Livro IV (Sl 104-106) e, além deles, apenas no Livro V do saltério, bem como muito perto da conclusão do livro de Apocalipse, no Novo Testamento (Ap 19.1,3,4,6).

A ocorrência desse termo é bastante estilizada nessa tríade de salmos. O Salmo 104 termina com *Hallelu-YAH*, o salmo 105 termina com *Hallelu-YAH* e o salmo 106 começa e termina com *Hallelu-YAH*. A próxima ocorrência do termo é em uma tríade do Livro V. O salmo 111 começa com *Hallelu-YAH*, o salmo 112 começa com *Hallelu-YAH* e o salmo 113 começa e termina com *Hallelu-YAH*. A terceira tríade interconectada inverte esse arranjo e segue o padrão inicial, definido pelos salmos 104-106: o salmo 115 termina com *Hallelu-YAH*, o salmo 116 termina com *Hallelu-YAH* e o salmo 117 começa com *Hallelu Yahweh* e termina com *Hallelu-YAH*. Exceto pelo salmo 135, que cita porções de dois salmos anteriores de *Hallelu-YAH* (Sl 113,115), o único outro lugar onde esse termo ocorre nos salmos (assim como no Antigo Testamento) está no “*Hallelu-YAH* final” dos salmos 146-150. Obviamente, esse termo serve como um instrumento para levar a totalidade do saltério à sua conclusão. O significado especial dessa expressão entusiasta será explorado na discussão do Livro V, no capítulo 9.²⁶

²⁶ Um foco no papel estrutural dos salmos *hallelu-yah* no saltério pode ser encontrado no artigo deste autor intitulado “The Strategic Placement of the *Hallelu-YAH* Psalms within

Salmos contrastantes de recordação histórica (Sl 105–106)

Dois salmos de lembrança histórica, que recordam a direção soberana de Deus na vida de sua nação da aliança, concluem o Livro IV (Sl 105–106). Esses dois salmos estão ligados de várias maneiras: (1) ambos têm um chamado de abertura para que as pessoas “deem graças a Yahweh” (Sl 105.1; 106.1b); (2) ambos citam o salmo de Davi que comemora o transporte da arca para Jerusalém (Sl 105.1-15, citando 1Cr 16.8-22; Sl 106.1,47-48, citando 1Cr 16.34-36); (3) ambos foram incorporados na tríade de *Hallelu-YAH* que conclui o Livro IV e os três salmos terminam com *Hallelu-YAH* (Sl 104.35, verso final; Sl 105.45, verso final; e Sl 106.48, verso final).

No entanto, embora revisem a mesma história da atividade redentora de Yahweh, os salmos 105 e 106 são muito diferentes em sua perspectiva contrastante sobre a história de redenção de Israel. Em primeiro lugar (Sl 105), o salmista começa com uma extensa citação do salmo de Davi, comemorando o transporte da arca do Senhor para Sião como uma maneira de rever a fidelidade da aliança de Deus a Abraão, Isaque e Jacó (Sl 105.1-15, cf.: 1Cr 16.8-22). Essa revisão da história redentora é seguida por uma repetição da fidelidade pactual de Deus através das experiências de José, Moisés e os dias da conquista, sob Josué.

Em seguida (Sl 106), o salmista emprega o registro da infidelidade de Israel como meio de levar a nação a confessar sua pecaminosidade atual (Sl 106.6-46). Imediatamente após as observações introdutórias do salmista (Sl 106.1-5), o autor conecta abruptamente o pecado de sua própria época com o pecado do antigo Israel: “Pecamos, como nossos pais” (Sl 106.6). Este salmo conclui o Livro IV com as palavras finais da canção do rei Davi enquanto ele comemorava o transporte da arca da aliança a Jerusalém:

Salva-nos, Senhor, nosso Deus,
e congrega-nos de entre as nações,
para que demos graças ao teu santo nome
e nos gloriemos no teu louvor.
Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
de eternidade a eternidade;
e todo o povo diga: Amém!
Hallelu-YAH! (Sl 106.47-48; cf.: 1Cr 16.35-36).

Essa completa confissão de pecados unida a um apelo para “congregar-nos de entre as nações” conclui o Livro IV. Com essa conclusão, o salmo

106 prepara o caminho para temas de restauração do exílio, que surgirão no Livro V.

A esse respeito, deve-se lembrar que a arca da aliança não representava apenas o trono de Yahweh, do qual ele governava a terra. A superfície da arca funcionava como a cobertura da expiação, na qual o sumo sacerdote aspergia o sangue pelo perdão dos pecados da nação (Lv 16.14-17). Ao longo deste salmo final do Livro IV, o pecado é repetidamente confessado:

Pecamos, como nossos pais;
cometemos iniquidade, procedemos mal (Sl 106.6).

Cedo, porém, se esqueceram das suas obras
e não lhe aguardaram os desígnios (Sl 106.13).

Tiveram inveja de Moisés, no acampamento,
e de Arão, o santo do SENHOR (Sl 106.16).

Esqueceram-se de Deus, seu Salvador,
que, no Egito, fizera coisas portentosas (Sl 106.21).

não deram crédito à sua palavra;
antes, murmuraram em suas tendas
e não acudiram à voz do SENHOR (Sl 106.24-25).

Assim, com tais ações, o provocaram à ira;
e grassou peste entre eles (Sl 106.29).

Depois, o indignaram nas águas de Meribá...
pois foram rebeldes ao Espírito de Deus (Sl 106.32-33).

Imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios (Sl 106.37).

Muitas vezes os libertou,
mas eles o provocaram com os seus conselhos
e, por sua iniquidade, foram abatidos (Sl 106.43).

Após esse repetido reconhecimento de culpa, o salmista leva os adoradores ao canto familiar que conclui o antigo salmo de Davi quando celebrou o transporte da arca para Jerusalém:

Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
de eternidade a eternidade;
e todo o povo diga: Amém!
Hallelu-YAH! (Sl 106.48) [ou: ‘E louvou a Yahweh’ (1Cr 16.36)²⁷].

Pois a arca simbolizava potencial para a expiação de seus pecados no propiciatório de seu soberano Senhor e Rei.²⁸

Os dois salmos de recordação histórica (Sl 105–106) limitam a apresentação do domínio gracioso e soberano de Deus como Rei em todo o Livro IV. Ao citar o antigo salmo de Davi que celebra o transporte da arca de Yahweh, para que pudesse ser unido ao trono real de Davi em Jerusalém, em ambos os salmos dessa recordação histórica o salmista efetivamente chega ao clímax da história redentora com a união do trono de Deus com o trono de Davi. O grande reinado de Deus funde-se com o reinado do Messias, garantido pelo juramento de aliança do Senhor a Davi. Como consequência, o salmista pode se lembrar de que “muitas vezes os libertou... olhou-os, contudo, quando estavam angustiados... lembrou-se, a favor deles, de sua aliança e se compadeceu” (Sl 106.43-45).

Assim, a bênção pactual da salvação de todas as angústias continuou durante o curso da antiga história redentora da aliança pela graça soberana do rei Yahweh. Essas bênçãos da redenção continuam até hoje, quando o povo contemporâneo de Deus ora as palavras de Davi e do salmista:

Salva-nos, SENHOR, nosso Deus,
e congrega-nos de entre as nações,
para que demos graças ao teu santo nome
e nos gloriemos no teu louvor (Sl 106.47).

Conclusão do Livro IV

Um agrupamento de quatro salmos que concluem o Livro IV começam e terminam com louvor e ação de graças ao Senhor:

Bendize, ó minha alma, ao SENHOR,
e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome (Sl 103.1; cf.: v.20-22).

²⁷ As palavras finais de 1Crônicas 16.36 não dizem precisamente *Hallelu-YAH*. Em vez disso, lê-se *לְיְהוָה לְיִתְּנָהּ*, “Louvor a Yahweh”.

²⁸ Alguns propuseram que a composição do salmo 106 precede a composição de 1Crônicas 16.8-36 e que Crônicas está citando o salmo, em vez de vice-versa. Cf. a discussão dessa opção em Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter*, p. 77. Wilson conclui que a doxologia do salmo 106 é derivada da narrativa histórica de 1Crônicas 16. *Ibid.*, p. 185. Para uma discussão mais detalhada dessa questão complexa, veja a discussão do Salmo 96, acima.

Cantarei ao SENHOR enquanto eu viver;
cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida (Sl 104.33;
cf.: v.1,35b-c).

Rendei graças ao SENHOR, invocai o seu nome,
fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos (Sl 105.1; cf.: v.45b).

Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
de eternidade a eternidade;
e todo o povo diga: Amém!
Hallelu-YAH! (Sl 106.48; cf.: v.1).

Esta conclusão jubilosa foi antecipada ao longo do Livro IV pelas numerosas passagens que convocam o povo da aliança de Deus, as nações do mundo e toda a natureza a “cantar”, “fazer música” e “se alegrar” diante desse Senhor glorioso e gracioso:

Bom é render graças ao SENHOR
e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo...
Pois me alegraste, SENHOR, com os teus feitos;
exultarei nas obras das tuas mãos (Sl 92.1,4).

Vinde, cantemos ao SENHOR, com júbilo...
vitoriemo-lo com salmos (Sl 95.1a,2b).

Cantai ao SENHOR um cântico novo,
cantai ao SENHOR, todas as terras.
Cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome;
proclamai a sua salvação, dia após dia...

Alegrem-se os céus, e a terra exulte;
ruja o mar e a sua plenitude.

Folgue o campo e tudo o que nele há;
regozijem-se todas as árvores do bosque,
na presença do SENHOR, porque vem,
vem julgar a terra;
julgará o mundo com justiça
e os povos, consoante a sua fidelidade (Sl 96.1-2,11-13).

Numerosas outras passagens em várias seções dos salmos convocam toda a criação a cantar de alegria ao Senhor do céu e da terra,²⁹ mas o contexto edificante do Livro IV, no qual o Senhor está firmemente estabelecido como Rei entre as nações, oferece um tom especial de júbilo a muitas convocações para cantar. Que todo o povo de Deus, em todas as épocas, cante, pois *Yahweh Malak*.³⁰

Portanto uma perspectiva distinta sobre a soberania de Deus recebe uma ênfase no Livro IV. O principal impulso do reinado agora é centrado no eterno, não ameaçado e universal domínio de Yahweh. Ele governou como Rei, ele governa como Rei, ele governará como Rei. De eternidade a eternidade e em todo o tempo *Yahweh Malak*.

Esse senhorio não está de modo algum restrito ao governo de Deus em Israel. As nações, os povos do mundo, as famílias das nações são convocadas a atribuir glória a esse Deus verdadeiro (Sl 96.3,7,10). As ilhas distantes devem se alegrar porque reina (Sl 97.1). Ele é o Altíssimo de toda a terra (Sl 97.9). Todos os reis da terra reverberarão sua glória, e povos e reinos se reunirão para adorar ao SENHOR DA ALIANÇA (Sl 102.15,21). Esse reconhecimento amadurecido do reinado de Yahweh inspira o primeiro avanço de *Hallelu-YAH* irrestritos no saltério. Os três salmos finais do Livro IV concluem com *Hallelu-YAH*, com o último desses salmos começando e terminando com essa expressão extática de louvor comunitário (Sl 104.35; 105.45; 106.1,48).³¹

²⁹ Cf. Salmos 5.11; 7.17; 9.2,11; 13.6; 18.49; 21.13; 27.6; 30.4,12; 32.11; 33.1,3 (Livro I); Salmos 47.6-7; 51.14; 57.7,9; 59.16-17; 61.8; 63.7; 65.13; 66.2,4; 67.4; 68.4,32; 71.22-23 (Livro II); Salmos 75.9; 81.1; 87.7; 89.1,12 (Livro III); Salmos 90.14; 92.4; 95.1; 96.1-2,12-13; 98.1,8-9; 101.1; 104.12,33; 105.2 (Livro IV); Salmos 108.1,3; 119.172; 132.9,16; 135.3; 137.3-4; 138.1,5; 144.9; 145.7; 146.2; 147.1,7; 149.1,5 (Livro V). Pode-se notar que o Livro III, com sua representação de numerosos invasores conquistadores, oferece as menores ocasiões para cantar ao Senhor.

³⁰ Grant, *King as Exemplar*, p. 53, sugere que a localização do salmo 1, com sua ênfase na Torá como introdução ao saltério, transformou toda a obra para que ela fosse um “livro”, em vez de um “hinário”. Sua proposta negligencia a admoestação repetida para “cantar” em todos os cinco livros do saltério, conforme indicado na nota anterior. Nenhuma maneira melhor poderia ser concebida para efetuar a transformação através do ensino da Torá do que levando um povo a cantar a verdade. Nada simultaneamente envolve toda a pessoa, corpo e alma, como cantar. Como diz o velho ditado do judaísmo: “Uma pessoa é aquilo que ela canta”.

³¹ A NVI obscurece a precisão na expressão, traduzindo duas frases distintamente diferentes nos salmos 103.1,22 e 104.35 como “louvar ao Senhor”, obscurecendo, assim, o uso padronizado do *Hallelu-YAH*. Tanto a ESV como a Versão King James traduzem adequadamente “bendizer ao Senhor” e “louvar [ao Senhor]” (ou seja, *Hallelu-YAH*), mas a Escritura e os seus leitores teriam sido mais beneficiados se interpretassem *Hallelu-YAH* simplesmente como um *Hallelu-YAH* direto.

Excurso 1. Dez referências ao culto em Crônicas que estão relacionadas com o livro de Salmos

As seguintes passagens indicam o interesse especial no culto revelado nos livros de Crônicas. Essas passagens também demonstram a proximidade do relacionamento entre Crônicas e Salmos. Não seria difícil imaginar uma interação significativa entre os autores/editores dessas duas partes da Escritura em algum momento durante o período pós-exílico.

Este excurso não tenta investigar as muitas questões críticas literárias sobre a relação entre Crônicas e Salmos. Os materiais de ambas as fontes estão sendo tratados simplesmente como se apresentam. Esses comentários só pretendem estimular uma maior exploração da relação desses dois livros em termos de seus interesses mútuos com relação ao culto.

1. 1Crônicas 6.31-32 – O culto com cânticos instituído por Davi após o transporte da arca para a tenda em Jerusalém é relatado diretamente após o culto no templo sob a direção de Salomão. Serviam como líderes no culto pessoas como Coate e seus filhos Asafe, Hemã e Etã (1Cr 6.33,39,42). Os nomes dos três filhos aparecem nos títulos de vários salmos (Sl 73-83; 88; 89).

2. 1Crônicas 13.6-8 – Davi dirige cantando e celebrando “com harpa, liras, tamborins, címbalos e trombetas”, numa tentativa abortiva de trazer a arca para Jerusalém. Quatro dos cinco instrumentos mencionados em Crônicas aparecem repetidamente nos títulos de vários salmos.

3. 1Crônicas 15.11-16 – Davi ordena o transporte bem-sucedido da arca, acompanhado de cânticos e também de vários instrumentos musicais mencionados nos títulos dos salmos.

4. 1Crônicas 16.7-36 – Todo o cântico de Davi celebrando a chegada da arca em Jerusalém é reproduzido em três segmentos de três salmos diferentes do Livro IV (Sl 96;105;106).

5. 2Crônicas 5.11-14 – Quando a arca é transferida da tenda para o templo de Salomão, Asafe, Hemã, Jedutum e seus filhos tocam os mesmos instrumentos musicais e cantam as mesmas palavras escritas por Davi para celebrar a chegada da arca a Jerusalém: “Porque ele é bom; porque a sua misericórdia dura para sempre”. Essas palavras idênticas são reproduzidas no verso inicial do salmo final do Livro IV, bem como no verso de abertura do Livro V (Sl 106.1; 107.1).

6. 2Crônicas 6.40-42 – Salomão conclui sua oração de dedicação do templo, com referência específica às palavras de Moisés sempre que a arca da aliança conduzia o povo em sua perambulação pelo deserto: “Levanta-te”, até que os peregrinos de Deus encontrem um lugar de descanso (Nm 10.33-36). Essas mesmas palavras abrem o salmo 68 e encontram eco em um salmo de romagem quando se referem à escolha de Sião feita pelo Senhor: “Este é para

sempre o lugar do meu *repouso*; aqui habitarei, pois o preferi” (Sl 132.14). Este salmo continua com um eco claro das palavras finais de dedicação de Salomão:

Os teus sacerdotes, ó SENHOR Deus,
se revistam de salvação,
e os teus santos se alegrem
do bem (2Cr 6.41b).

Vestirei de salvação
os seus sacerdotes,
e de júbilo exultarão
os seus fiéis (Sl 132.16).

7. 2Crônicas 7.1-4 – Quando a glória do Senhor preenche o templo de Salomão no tempo de sua dedicação, todos os israelitas adoram e dão graças ao Senhor com as palavras usadas por Davi no transporte da arca: “Porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (2Cr 7.3, cf.: Sl 106.1b; 107.1, como mencionado acima).

8. 2Crônicas 20.18-22 – À medida que o exército de Josafá sai de Jerusalém em formação de batalha, os coatitas e os coraítas levantam-se e louvam ao Senhor com uma voz muito alta. Esses coraítas aparentemente estão relacionados genealogicamente aos “filhos de Corá” mencionados nos títulos de vários salmos (Sl 42-49; 84-88”).

9. 2Crônicas 29.25-30 – Na restauração do culto apropriado ao templo, Ezequias coloca os levitas no templo “com címbalos, alaúdes e harpas, segundo mandado de Davi”. Quando o holocausto começa, os cantores cantam e os trompetistas tocam “instrumentos de Davi, rei de Israel”, referindo-se aos mesmos instrumentos mencionados nos títulos de vários salmos.

10. 2Crônicas 30.21-22 – Na celebração da Páscoa renovada de Ezequias, os “sacerdotes louvaram ao SENHOR de dia em dia, com instrumentos que tocaram fortemente em honra ao SENHOR”.³² É bastante provável que muitas de suas músicas e instrumentos estejam de acordo com os salmos e as orientações fornecidas por Davi e registrados no saltério.

³² Cf. também Esdras 3.10-11, que estabelece o fundamento do templo restaurado nos dias de Esdras. Paralelos nos livros de Samuel e Reis quase não têm esses detalhes. Para uma discussão adicional dessas passagens, veja Gordon J. Wenham, *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically* (Grand Rapids: Baker Academic, 2012), p. 12-16.

9

LIVRO V (SL 107-150) – CONSUMAÇÃO



O livro de Salmos começa com *confrontação* (Livro I, Sl 1–41). Embora ungido por Deus para servir como rei messiânico de seu povo, Davi enfrenta numerosos inimigos, opositores do reino divino de justiça e paz. Ainda assim ele é assegurado de que o SENHOR DA ALIANÇA estabelecerá seu reino apesar de toda a oposição.

Embora Davi ainda tenha lutas contra seus inimigos, o saltério se move em direção a uma posição de *comunicação* com os povos de outras nações no Livro II (Sl 42–72). As nações devem reconhecer que sua derrota nas mãos de Deus e seu Ungido é inevitável. Elas devem se unir para louvar a Deus e trazer suas ofertas ao seu templo, em Jerusalém. O filho de Davi, Salomão, expressa sua confiança de que o reino messiânico se espalhará de mar a mar e do rio até os confins da terra. Esse reino durará tanto quanto o sol e a lua.

No entanto, por causa do pecado do povo de Deus e da falta de confiança nele, chegou a *devastação* do exílio (Livro III, Sl 73–89). As forças invasoras das nações estrangeiras destruíram o templo e a cidade. A coroa e o trono de seu Messias foram lançados no chão.

Por mais doloroso que o exílio possa ter sido, essa experiência serve como um catalisador para provocar o *amadurecimento* da perspectiva da nação nas promessas da aliança davídica (Livro IV, Sl 90–106). As promessas pactuais em relação à morada permanente de Deus e à dinastia perpétua de Davi devem se concentrar no próprio Deus, pois ele tem sido sua morada por todas as ge-

rações. A dinastia de Davi eventualmente será realizada apenas através da sua união perfeita com o governo de Deus.

Então, agora, o saltério está preparado para apresentar os louvores climáticos da *consumação* do reino (Livro V, Sl 107–150). Através de uma estrutura elaborada, o salmista apresenta o estado das pessoas por meio de um salmo introdutório (Sl 107); fornece uma coletânea breve, mas significativa, de salmos davídicos (Sl 108–110); apresenta um grupo inicial de salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 111–117); estrutura o Livro V agrupando um salmo messiânico com um salmo da Torá (Sl 118–119); apresenta 15 salmos de romagem contrabalançados que desencadeiam um foco final na morada de Deus em Sião (Sl 120–134); fornece três salmos de transição de recordação histórica (Sl 135–137) e oito salmos davídicos adequados a um cenário exílico (Sl 138–145); e conclui com um final apropriado de *Hallelu-YAH* (Sl 146–150) como o clímax do saltério como um todo. Com esse quadro em mente, podemos considerar os vários segmentos do Livro V.

Um salmo introdutório para o Livro V (Sl 107)

Por que, pode-se perguntar, o Livro V começa com um terceiro salmo consecutivo de recordação histórica (Sl 107)? Imediatamente após o Livro IV concluir com dois extensos salmos que recordam os principais eventos dos atos redentores de Deus em toda a história de Israel, por que agora um terceiro salmo da mesma natureza essencial pode abrir o quinto e último livro de Salmos?

Em primeiro lugar, o salmo 107 *não* é um salmo que recorda os poderosos acontecimentos da história redentora de Israel. Não se diz nada sobre o êxodo, o Sinai, as perambulações do deserto, a conquista ou o estabelecimento do reinado em Israel. Na verdade, mencionam-se as angústias de vagar em terrenos baldios do deserto e sentar como prisioneiros que sofrem em cadeias de ferro (Sl 107.4,10). Mas como indicadores específicos estão ausentes, essas dificuldades se encaixam tanto nas circunstâncias do exílio de Israel como na escravidão no Egito e na libertação do povo. Ainda mais, as referências adicionais àqueles que descem ao mar em navios e que se enrolam e cambaleiam como homens bêbados (Sl 107.23,27) dificilmente fazem uma repetição da circunstância histórica da permanência de Israel no Egito. A mesma conclusão pode ser alcançada em relação aos rios transformados em deserto por Deus, e mananciais em terra seca, representando uma reversão completa da experiência de Israel no deserto (Sl 107.33). Assim, as primeiras impressões não devem ser abraçadas com muita pressa ao se concluir que o salmo 107 é simplesmente mais uma repetição da experiência histórica de redenção de Israel.

Em segundo lugar, o salmo 107 serve como uma introdução à fase final do saltério, que se concentra na restauração climática do culto para o povo de

Deus na morada permanente de Yáhweh em Jerusalém. O salmo 107 começa por reiterar uma frase temática da procissão da arca para Jerusalém, que teve como efeito unir o trono de Yáhweh com o trono de Davi (1Cr 16.34,36b; Sl 107.1). Essa frase temática também liga o salmo final do Livro IV (Sl 106) com o salmo de abertura do Livro V (Sl 107), na medida em que ambos os salmos começam com o mesmo refrão:

Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom,
e a sua misericórdia dura para sempre (Sl 106.1; 107.1).¹

Pode-se presumir que essa frase seja um lugar-comum na Escritura, com o som do simples e memorável. Seria fácil imaginar o “israelita médio” repetindo este refrão de forma regular, mas a frase realmente possui um padrão de uso claramente definido na Escritura. Aparece várias vezes em Crônicas e no Livro V dos salmos, mas, em outros lugares, apenas uma vez em Esdras, uma vez em Jeremias e duas vezes no Livro IV dos Salmos (Ed 3.11; Jr 33.11; Sl 100.5; 106.1). Em todas as ocorrências nos livros de Crônicas, a frase está exclusivamente relacionada com o progresso no estabelecimento do templo em Jerusalém e com o culto naquela localidade, com uma única exceção.²

De acordo com o cronista, a frase teve sua origem no salmo que celebra o transporte da arca para Jerusalém:

Naquele dia, foi que Davi encarregou, pela primeira vez,
a Asafe e a seus irmãos de celebrarem com hinos o SENHOR...
Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom;
porque a sua misericórdia dura para sempre...
E todo o povo disse: Amém! E louvou ao SENHOR (1Cr 16.7,34,36b).³

Com as mesmas palavras, o cronista registra a canção de Israel no momento da transferência da arca por Salomão da tenda de Davi para o seu templo

¹ O termo *hesed* (חֶסֶד) abrange um espectro tão amplo dos relacionamentos graciosos de Yáhweh com seu povo que um único termo na língua portuguesa não pode representar completamente seu significado. Incluí o amor do Senhor, sua misericórdia, graça e fidelidade pactual. A palavra “misericórdia” está sendo usada por representar aproximadamente essa característica abrangente dos tratos do Senhor com seu povo, particularmente no que diz respeito à aliança de Deus.

² O texto de 2Crônicas 20.21 registra o momento dramático quando o rei Josafá nomeou músicos que precedem o seu exército em batalha para cantar com estas mesmas palavras: “Rendei graças ao SENHOR, porque a sua misericórdia dura para sempre”.

³ Para uma discussão da relação do salmo em 1Crônicas 16 com as várias partes do saltério, veja o estudo do salmo 96, no capítulo 8.

recém-construído, bem como quando o fogo desceu do céu, no final da oração dedicatória do templo de Salomão:

Porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre (2Cr 5.13; 7.3).

Mais uma vez, quando Salomão consagra o templo com sacrifícios, o cronista se refere ao tempo anterior em que Davi deu graças, dizendo: “Porque a sua misericórdia dura para sempre” (2Cr 7.6). Mais uma vez, após a restauração do exílio de Israel, essa canção-tema da consagração do templo se repete quando o fundamento do templo restaurado está sendo dedicado:

Porque a sua misericórdia dura para sempre sobre Israel (Ed 3.11).

Além disso, o salmo messiânico fundamental do Livro V que celebra o estabelecimento da pedra angular personalizada do templo do Senhor começa e termina com o mesmo refrão:

Porque a sua misericórdia dura para sempre (Sl 118.1,29).

Um uso antifonal desse refrão no culto ocorre 26 vezes em um salmo no Livro V (Sl 136). Reunidos no culto, os crentes declaram em resposta uns aos outros que, desde a criação até a redenção e a consumação, “ele é bom... sua misericórdia dura para sempre”.

O uso expansivo dessa frase que aparentemente se originou com o transporte da arca para Jerusalém sublinha a centralidade de uma característica fundamental da aliança davídica no saltério mais uma vez. O estabelecimento de uma “casa”, uma habitação permanente para o trono do senhor em Jerusalém, serve como uma das principais razões para a ação de graças da nação em seu culto.

Em terceiro lugar, a declaração de abertura no salmo 107 de que o Senhor “recolheu” seu povo das terras, do oriente ao ocidente, do norte e do sul (Sl 107.3), é mais bem entendida em seu completo contexto histórico-redentor. A conclusão do salmo anterior, que termina o Livro IV, pede ao Senhor, lembrando as palavras finais da canção da arca: “Salva-nos... e *congrega-nos* de entre as nações” (Sl 106.47; 1Cr 16.35). O conceito idêntico de “reunião” das nações que termina o Livro IV começa o Livro V.⁴ No entanto, enquanto essa

⁴ Jamie A. Grant, *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), p. 242, indica

“congregação das nações” no salmo 106 aparece como uma oração para a libertação ainda por vir, a perspectiva de “congregar”, no salmo 107, é bastante diferente. Essa “congregação” já ocorreu.⁵ O Livro V abre com a alegre declaração de que Deus “congregou” seus redimidos do oriente, ocidente, norte e sul (Sl 107.3). Uma restauração gloriosa ocorreu. O salmo, então, delinea as várias situações de angústia das quais o povo de Deus foi redimido.

Essa ideia de “congregar” as nações tem um rico significado bíblico-teológico para os profetas de Israel. Isaías, Jeremias e Ezequiel antecipam essa futura congregação do povo de Deus:

Naquele dia, recorrerão as nações à raiz de Jessé [o rei messiânico da linhagem de Davi] que está posta por estandarte dos povos... o Senhor... ajuntará os desterrados de Israel e os dispersos de Judá recolherá desde os quatro confins da terra (Is 11.10-12; cf.: Is 27.12-13; 56.6-8).

Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos e venho para *ajuntar* todas as nações e línguas; elas virão e contemplarão a minha glória... eles anunciarão entre as nações a minha glória. Trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por oferta ao SENHOR... Também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para levitas, diz o SENHOR (Is 66.18-21; cf.: Rm 15.15-16).

Eis que os trarei da terra do Norte
e os *congregarei* das extremidades da terra...
Ouvi a palavra do SENHOR, ó nações,
e anunciai nas terras longínquas do mar, e dizei:
Aquele que espalhou a Israel o *congregará*
e o guardará, como o pastor, ao seu rebanho.
Porque o SENHOR redimiu a Jacó
e o livrou da mão do que era mais forte do que ele.
(Jr 31.8,10-11).

Tirar-vos-ei dentre os povos e vos *congregarei* das terras
nas quais andais espalhados... Agradar-me-ei de vós como de aroma suave,

que o propósito do salmo 107 é “ligar o Livro V dentro do saltério como uma continuação do Livro IV”.

⁵ Frank-Lothar Hossfeld e Eric Zenger, *Psalms 3: A Commentary on Psalms 101-150* (Mineápolis: Fortress Press, 2011), p. 2: “Considerando que a perspectiva exílica tinha dominado o Livro IV dos salmos, o salmo 107 e os que se seguem apresentam o fim do exílio e o começo da/já iniciada/restauração de Sião/Israel”.

quando eu vos tirar dentre os povos e vos *congregar* das terras em que andais espalhados; e serei santificado em vós perante as nações (Ez 20.34-41).

A referência de abertura no Livro V ao fato de que o Senhor “congregou” seus povos redimidos do oriente e ocidente, do norte e do sul, deve ser entendida em termos dessa expectativa profética mais ampla da “congregação” do povo de Deus após o exílio. Em vários casos, esse “congregar” leva o povo a Jerusalém, a Sião, ao templo, ao lugar do sacrifício e do culto. Não apenas a nação de Israel, mas pessoas de outras nacionalidades estão incluídas entre os redimidos que Deus “congregará” para si mesmo. Assim como Jesus diz mais tarde, “ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las” (Jo 10.16). Em seu tempo, o Senhor congregará seu povo em sua terra, da qual foi exilado.

Assim, o salmo de abertura do Livro V prepara o cenário para a realização consumada da congregação do povo de Yahweh de todas as nações para a sua habitação permanente em Jerusalém. “Quem é sábio atente para essas coisas e considere as misericórdias do SENHOR” (Sl 107.43).

Elementos estruturais básicos do Livro V

Como no caso do Livro I, a união de um salmo distintamente messiânico com um salmo da Torá serve como um ponto fundamental na formação estrutural do Livro V. Esse padrão repetitivo do salmo da Torá com o salmo messiânico aparece três vezes em todo o saltério. Salmos 1 e 2, um salmo da Torá com um salmo messiânico, servem como dois pilares, demarcando a entrada no “templo do saltério”. Salmos 18 e 19, um salmo messiânico unido a um salmo da Torá, fornecem a divisão estrutural básica dos 41 salmos do Livro I (Sl 1–41). Agora, no livro final do saltério, um salmo messiânico climático unido a um salmo climático da Torá (Sl 118–119) fornecem a divisão estrutural básica dos 44 salmos do Livro V.

Como no Livro I, o Livro V contém quatro salmos acrósticos que fornecem elementos estruturais adicionais que dividem o maior livro do saltério em segmentos menores. Os salmos acrósticos 111 e 112 introduzem a primeira coletânea estruturada de salmos de *Hallelu-YAH* no Livro V (Sl 111–117). O salmo 119, o terceiro salmo da Torá do saltério, serve como o grande exemplo de acrósticos em ordem alfabética. Vinte e duas estrofes de oito versos seguem a ordem regular do alfabeto hebraico. O último acróstico do saltério (Sl 145) conclui adequadamente a coletânea final de oito salmos davídicos (Sl 138–145) logo antes de o saltério lançar seu *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150).

Em termos de estruturação adicional, duas coletâneas distintas precedem os salmos fundamentais 118/119 na primeira parte do Livro V (Sl 108–117)

e quatro coletâneas distintas seguem os salmos cruciais 118/119 na segunda parte do Livro V (Sl 120–150). À medida que esses vários segmentos são considerados de forma mais próxima, torna-se bastante claro que o quinto livro de salmos foi estruturado detalhadamente.

Duas coletâneas na primeira parte do Livro V (Sl 108–117)

Três salmos davídicos (Sl 108–110)

Esses três salmos formam a terceira coletânea de salmos davídicos no saltério, antes da primeira coletânea de salmos de *Hallelu-YAH* no Livro V (Sl 111–117). Conforme observado anteriormente, uma quarta e última coletânea de oito salmos davídicos está apropriadamente na penúltima posição do Livro V (Sl 138–145), antes do *Hallelu-YAH* final. Pode-se supor que esses salmos particulares de Davi simplesmente foram deixados de fora das coletâneas davídicas anteriores “sem querer” e foram “colocados” no último minuto por um editor que não conseguiu encontrar outra posição conveniente para eles. Mas parece muito mais provável que esses salmos específicos de Davi tenham sido cuidadosamente escolhidos por um artesão editorial habilidoso que determinou a forma final do saltério. Cada um desses três salmos ultrapassa o nível de revelação redentora encontrada nos salmos davídicos anteriores.

O salmo 108 consiste, em conjunto, de seções finais de dois salmos davídicos do Livro II (Sl 57, 60).⁶ Uma análise do material omitido dos salmos anteriores revela a distinção desse salmo recém-construído. Em ambos os casos, o salmo 108 omite a luta agonizante de Davi contra seus inimigos, apresentados na coletânea anterior. Uma parte da seção omitida do salmo 57 do Livro II é a seguinte:

Acha-se a minha alma entre leões,
ávidos de devorar os filhos dos homens;
lanças e flechas são os seus dentes,
espada afiada, a sua língua (Sl 57.4).

⁶ Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible* (Londres: SCM Press, 1992), p. 194, refere-se a “uma antiga geração de estudiosos franceses” que falou de um “estilo antológico” de salmódia tardia “para retrabalhar fragmentos de salmos mais antigos em novas composições que indicam a liberdade e a restrição com as quais os salmos foram adaptados a novas situações sem perder a sua autoridade”. A “reformulação” do salmo 108 mostra claramente essas duas características. Por um lado, o salmista (o próprio Davi ou um editor posterior que reorganiza o material davídico autêntico) mostra liberdade ao omitir certos aspectos dos dois salmos originais, ao mesmo tempo em que exhibe restrições na modificação das partes do texto original que ele manteve.

Da mesma forma, a parte citada do salmo 60 no salmo 108 omite a descrição inicial da luta de Davi com os castigos do Senhor sobre a nação:

Ó Deus, tu nos rejeitaste
e nos dispersaste...
Abalaste a terra,
fendeste-a...
Fizeste o teu povo
experimental reveses
e nos deste a beber vinho que atordoa (Sl 60.1-3).

Então o que a omissão dessas seções que descrevem tempos profundamente difíceis revela sobre o salmo 108? As omissões indicam que o povo de Deus fez progressos significativos para além do seu *status*, conforme descrito no Livro II. O salmista pinta uma imagem mais brilhante para a nação. Ele está preparado para louvar e cantar ao Senhor entre as nações (Sl 108.3). O reino do Messias está se movendo em direção a uma era de paz e prosperidade. As lutas anteriores certamente se repetirão, como se vê na súplica do salmista por libertação pela mão direita do Senhor (Sl 108.6; veja v.10-13). Uma série de salmos na coletânea final de salmos davídicos mostra essa necessidade de intervenção divina (veja Sl 140,142,143,144). Mesmo o salmo imediatamente seguinte mostra o clímax dos esforços arquí-inimigos para superar o representante do povo de Deus. No entanto, o fluir dos salmos no Livro V segue claramente para o triunfo final sobre todos os inimigos do reino do Messias.

O salmo 109 retrata vividamente o confronto de Davi com seu arquí-inimigo. De todas as seções imprecativas do saltério em que o salmista ora ou pronuncia maldições aos seus inimigos malignos, o salmo 109 é a mais extensa e a mais intensa. Contra essa pessoa, Davi pede um julgamento de reciprocidade:

Amou a maldição;
ela o apanhe;
não quis a bênção;
aparte-se dele (Sl 109.17).

A semente de Satanás entre a humanidade encontra sua realização consumada neste singular inimigo do Ungido.

O repúdio justamente merecido a essa pessoa encontra o supremo cumprimento no pronunciamento de juízo pelo apóstolo Pedro sobre Judas, o traidor amaldiçoado nas palavras deste salmo. O Novo Testamento cita apenas a frase relevante sobre a necessidade de um substituto para Judas entre os Doze: “e

tome outro o seu encargo” (Sl 109: 8; cf. At 1.20b), mas o contexto completo desse pronunciamento julgador fornece um quadro mais sombrio:

Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um acusador.
Quando o julgarem, seja condenado;
e, tida como pecado, a sua oração.
Os seus dias sejam poucos,
e tome outro o seu encargo.
Fiquem órfãos os seus filhos,
e viúva, a sua esposa (Sl 109.6-9).

Não só o próprio homem, mas a descendência desse homem é a representação simbólica das linhas geracionais da “semente de Satanás”, que se ocupará, em todas as épocas, com um golpe impressionante após o golpe contra a “semente da mulher”. É nesse contexto que Pedro indica claramente a necessidade de uma substituição apostólica: “Tome outro o seu encargo” (Sl 109.8; At 1.20b).

O salmo 110, atribuído a Davi pelo título do salmo e pelo argumento de Jesus (Mt 22.41-46), combina distintamente os ofícios de rei e sacerdote messiânicos. O “SENHOR” da aliança (*Yahweh*) faz duas declarações solenes ao “Senhor” de Davi (*Adonai*), e ambas devem ser levadas em consideração para se apreciar plenamente a imagem consumada do Messias do Senhor, que foi intencionalmente reservada para o livro final do saltério. Esse “Senhor” do rei Davi está entronizado ao lado de *Yahweh*, exercendo autoridade sobre o rei de Israel, o mais alto oficial da nação.

Quem é essa pessoa? O que, na compreensão de Davi da revelação redentora de *Yahweh*, poderia tê-lo preparado para retratar essa visão de uma pessoa que ocupa um cargo de soberano sobre o povo de Deus, muito acima de seu próprio cargo real?

A estrutura mais óbvia para a compreensão é encontrada no coração da promessa da aliança do Senhor a Davi. Seu maior sucessor no trono será o Filho de Deus (2Sm 7.14), que, por sua própria natureza, é igual a Deus (cf. Sl 45.6-7). Portanto não deve ser surpreendente encontrar o rei Davi referindo-se a uma pessoa real ungida por *Yahweh*, que é o seu “Senhor”. E ainda mais, este salmo refere-se ao Senhor fazendo um juramento soberano em relação a essa pessoa singular. Ele não só será rei, mas simultaneamente ocupará o sagrado ofício sacerdotal (Sl 110.4).

Então, qual o enquadramento para a compreensão da união desses ofícios de rei e sacerdote que Davi teve? Na experiência de Israel, um rei não podia ocupar o cargo de sacerdote, e um sacerdote não podia ocupar o cargo de rei.

Testemunhe a trágica experiência do bom rei Uzias, que ousou cruzar a linha que dividia esses dois ofícios (2Cr 26.16-21).

Mais uma vez, a palavra-chave da aliança prometida diretamente a Davi e seus descendentes oferece uma estrutura para compreender esse conceito desafiador. A essência da filiação, conforme previsto no coração da aliança davídica (2Sm 7.14), fornece a possibilidade de combinar esses dois ofícios em uma só pessoa. Como Filho de Deus, o descendente de Davi naturalmente herda o cargo de rei. Do mesmo modo, como Filho de Deus, o descendente de Davi possui acesso imediato a seu Pai, que é a essência do sacerdócio.

Não é para entendermos exatamente “como” ou “quanto” essas verdades redentoras foram compreendidas por Davi. Não cabe a nós determinar os limites para a obra iluminadora do Espírito Santo que inspirou as Escrituras. Porém sabemos que o salmo 110 foi escrito em algum ponto da história e que Davi recebeu o crédito de sua composição. Também sabemos que os ofícios de rei e sacerdote devem estar unidos em uma pessoa, de acordo com o salmo 110.

Além disso, sabemos que esse salmo foi incorporado, em algum ponto, ao Livro V do saltério, que tem sua plena realização no contexto das experiências exílicas e pós-exílicas de Israel. Essa conclusão não significa que o salmo foi, de fato, composto no final da história redentora de Israel, mas isso significa que esse salmo, nesse agrupamento de salmos, era adequado para o período de exílio e restauração.

Do ponto de vista de Davi, esse conceito de sacerdócio fora das ordens formais de Levi poderia ser muito encorajador para ele, nas vezes em que lhe foi negado o acesso às ordens reguladas de Levi no templo/tabernáculo em Jerusalém. Havia o potencial para outro sacerdócio, comparável à antiga ordem de Melquisedeque, que combinava o reinado e o sacerdócio. Em seu exílio, talvez durante os dias da rebelião de Absalão, Davi pode ter entendido algo desse outro modo de acesso à presença de Deus.

Ao mesmo tempo, esse salmo é adequado para o período exílico e pós-exílico de Israel. A expectativa messiânica desse salmo introduz um novo e diferente dia na história da redenção. Antecipando o retorno do exílio, as pessoas podem esperar um dia em que seu Rei será seu Sacerdote. Seu soberano será o seu Mediador.

Durante os dias do exílio, quando a nação não tinha rei, nem sacerdote e nem templo, um Rei/Sacerdote, o Filho de Deus Pai, poderia suprir todas as necessidades do povo. Durante os dias pós-exílicos, em que a nação lutou para restabelecer um sacerdócio e um templo funcional, mesmo na ausência imposta de um reino, um único indivíduo que combinasse ambos os ofícios proporcionaria a solução ideal para a situação desafiadora do povo. Na verda-

de, uma combinação semelhante de ofícios pode ser encontrada nas profecias pós-exílicas de Zacarias. Em um ato único de cerimonialismo simbólico, o sumo sacerdote de Israel, Josué, é coroado com uma coroa em camadas colocada em sua cabeça (Zc 6.11). Como explicação para esse evento sem paralelo na história de Israel, eis o que o Senhor dos Exércitos diz:

Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; ele... edificará o templo do SENHOR... assentar-se-á no seu trono... e será sacerdote no seu trono (Zc 6.12-13).

A palavra profética de Zacarias é intimamente paralela aos padrões de pensamento do salmo 110. O futuro ramo messiânico, o descendente real de Davi, se concentrará na construção do templo do Senhor. Embora o filho de Davi, Salomão, tenha construído o templo, esse descendente davídico construirá o templo de Deus. Enquanto ele governa do seu trono, ele também serve como sacerdote. A filiação a Deus Pai, como descrita em 2Samuel 7.14, encontra realização consumada nessa profecia pós-exílica de Zacarias.

Essa percepção da filiação messiânica a Deus como o conceito fundamental de uma conjunção de reinado e sacerdócio em uma única figura messiânica é, de fato, a base do argumento central do livro de Hebreus no Novo Testamento. Deus já falou por seu “Filho”. Esse “Filho” é o “herdeiro” real de todas as coisas e realizou a obra sacerdotal de “purificação pelos pecados”. Como consequência, ele “assentou-se à direita da Majestade, nas alturas”, de onde governa como rei messiânico e intercede como sacerdote messiânico (Hb 1.2-3). O escritor de Hebreus cita o salmo 2.7 e 2Samuel 7.14 como as duas primeiras de sete passagens das Escrituras usadas para sustentar sua grande tese (Hb 1.5). Como será imediatamente reconhecido, essas duas passagens confirmam a filiação a Deus como a identidade primária do Messias prometido, originalmente retratado na aliança davídica e repetidamente reafirmado em todo o livro de salmos.

O salmo 110, juntamente com o salmo 118, traz ao clímax os salmos de um personagem de foco messiânico no saltério. Por essa razão, eles estão adequadamente localizados no livro final de salmos. Se o salmo 2 fundamental estiver corretamente posicionado como um dos pilares gêmeos que fornecem entrada no templo do saltério, então os salmos 110 e 118 estão devidamente posicionados como salmos messiânicos finais no Livro V.⁷ Esses dois salmos mes-

⁷ Para um tratamento mais completo do salmo 110 conforme citado e interpretado no livro de Hebreus, veja O. Palmer Robertson, *The Israel of God: Yesterday, Today, and Tomorrow* (Phillipsburg, NJ: P&J Publishing, 2000), p. 57-83.

siânicos finais, juntamente com o salmo 2, são citados no Novo Testamento mais do que qualquer outro salmo.

Sete salmos que exibem seis salmos de *Hallelu-YAH* em forma quiástica (Sl 111–117)⁸

Imediatamente após esta terceira grande coletânea de salmos davídicos (Sl 108–110), seis salmos de *Hallelu-YAH* equilibram-se (Sl 111–113; 115–117) em um único salmo que não é de *Hallelu-YAH*, inserido no centro (Sl 114):

- Dois salmos que *começam* com *Hallelu-YAH* (Sl 111–112) são seguidos por um salmo que *começa* e *termina* com *Hallelu-YAH* (Sl 113).
- Depois, um salmo que não é de *Hallelu-YAH* aparece no centro (Sl 114), balanceado por dois salmos que *terminam* com *Hallelu-YAH* (Sl 115–116) seguidos por um salmo que *começa* com *Hallelu Yahweh* e *termina* com *Hallelu-YAH* (Sl 117).

O arranjo quiástico desses sete salmos que incorpora esse primeiro agrupamento de salmos de *Hallelu-YAH* no Livro V é bastante notável, particularmente em vista da ausência completa do termo *Hallelu-YAH* nos Livros I, II e III, bem como no restante do Antigo Testamento, exceto nos salmos finais do Livro IV. O termo *Hallelu-YAH* não aparece nas Escrituras até a tríade final do Livro IV (Sl 104–106). O salmista, obviamente, agora está movendo toda a coletânea para o clímax. Em tríades que ecoam o padrão do Livro IV,⁹ a primeira tríade do Livro V (Sl 111–113) apresenta dois salmos que começam com *Hallelu-YAH* seguidos de um salmo que começa e termina com *Hallelu-YAH*. Então a segunda tríade (Sl 115–117) apresenta dois salmos que terminam com *Hallelu-YAH* seguido de um salmo que começa com *Hallelu Yahweh* e termina com *Hallelu-YAH*.

⁸ Os salmos 113–118, pela antiga tradição judaica, são chamados de “*Hallel egípcio*”, presumivelmente por causa da referência de abertura no salmo 114 ao tempo em que Israel “saiu do Egito”. Durante séculos, esse agrupamento de salmos foi lido na celebração familiar da Páscoa judaica e em outros festivais judaicos. Qualquer esforço para descobrir um grupo diferente de salmos em distinção a essa antiga tradição pode parecer contraproducente. Mas as considerações estruturais nas próprias Escrituras devem ter seu peso total. Os fatores primários incluem: (1) o equilíbrio dos seis salmos de *Hallelu-YAH* (Sl 111–113; 115–117) em torno do salmo 114; e (2) a terceira união de um salmo messiânico com um salmo da Torá (Sl 118–119, cf. Sl 1–2; 18–19), o que tem o efeito de separar o Salmo 118 do agrupamento anterior dos salmos 111–117 em termos de estrutura. Para seguir o agrupamento tradicional, essas duas unidades estruturais devem ter sua integridade inerente negada. Para uma discussão completa sobre o “*Hallel egípcio*”, veja Hossfeld e Zenger, *Psalms 3*, p. 178–179.

⁹ Novamente, na tríade que conclui o Livro IV, o salmo 104 termina com *Hallelu-YAH*, o salmo 105 termina com *Hallelu-YAH*, e o salmo 106 começa e termina com *Hallelu-YAH*.

Mas por que esse agrupamento de seis salmos de *Hallelu-YAH* organizados quiaisticamente em torno de um salmo que não é de *Hallelu-YAH* nesse ponto do Livro V? Por que eles não foram combinados com os cinco salmos de *Hallelu-YAH* que concluem o saltério? Um agrupamento maior não teria causado maior impressão?

Esses salmos *Hallelu-YAH* são dispostos precisamente nesse ponto para fornecer uma conclusão adequada para a primeira parte do Livro V (Sl 107–117).¹⁰ Assim, antecipam o *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150), que fornece uma conclusão adequada para a segunda metade do Livro V (Sl 120–150), bem como para o saltério inteiro. O salmo messiânico 118, unido ao salmo da Torá 119, fornece o ponto central entre a primeira e a segunda parte do Livro V. Novamente, esses dois salmos fundamentais funcionam do mesmo modo que o salmo messiânico 18 e o salmo 19 da Torá, no Livro I.

Esse primeiro agrupamento de salmos *Hallelu-YAH* no Livro V (Sl 111–117) é bastante diferente em sua substância do segundo agrupamento de salmos *Hallelu-YAH* no Livro V (Sl 146–150). O salmo central dessa “pirâmide poética” de sete salmos, o único dessa coletânea que não usa a palavra *Hallelu-YAH*, no entanto, faz o clímax dessa coletânea com a referência a Israel que sai do Egito, um povo de “língua estranha” (Sl 114.1). No entanto, nenhuma das profecias relativas à experiência de Israel com um povo de “língua estranha” refere-se ao Egito. Em vez disso, elas vêm após o êxodo da escravidão egípcia e antecipam o cativeiro babilônico (Dt 28.49; Is 28.11; Jr 5.15). Esse fato sugere que a referência ao passado de Israel no Egito, no salmo 114, poderia prever, ao mesmo tempo, uma libertação semelhante, a libertação da Babilônia. Por causa desse êxodo do Egito, bem como da libertação contemporânea da Babilônia, toda a terra deve “estremecer” na presença do Senhor (Sl 114.7).

Uma distinção adicional nesse primeiro agrupamento de salmos *Hallelu-YAH* pode ser vista no fato de que apenas uma vez nesses sete salmos se faz menção a Jerusalém, ao templo, à casa ou aos átrios do Senhor. Mesmo a referência a “Jerusalém” pode ser lida em termos de antecipação futura (Sl 116.19). Essa ausência virtual de referências ao templo em Jerusalém contrasta com as múltiplas referências na segunda coletânea de salmos *Hallelu-YAH* (Sl 146–150), em que cada um desses salmos, com exceção de um, menciona

¹⁰ Hossfeld e Zenger, *Psalms 3*, p. 3, reconhecem esse agrupamento de sete salmos *Hallelu-YAH*, mas tentam incluir o salmo 118, embora enfatizem a ausência de um *Hallelu-YAH* no salmo 118. Eles não observam o terceiro agrupamento de um salmo messiânico com um salmo da Torá (Sl 118–119). Consequentemente, observam que o salmo 119 “se sente em seu contexto como um bloco errático”. *Ibid.*, p. 4. Seu esforço para explicar essa dificuldade é útil, mas seria mais eficaz se o agrupamento do salmo messiânico 118 com o salmo 119 da Torá fosse reconhecido.

o culto ao Senhor em Sião, em Jerusalém ou em seu santuário. Essa escassez de referência a Sião ou Jerusalém pode indicar que essa primeira coletânea de salmos *Hallelu-YAH* se originou no início do retorno de Israel do exílio babilônico, ou mesmo antes que esse retorno tivesse ocorrido.

Mas uma consideração ainda maior que marca a distinção entre essas duas coletâneas de salmos *Hallelu-YAH* é a frequência do uso da palavra *Hallelu-YAH*, bem como de palavras associadas à mesma raiz, *Hallel*. Na verdade, deve-se ressaltar que esse tipo particular de salmo pertence, de maneira especial, às duas coletâneas de *Hallelu-YAH* do Livro V. Como observado anteriormente, a exclamação distinta *Hallelu-YAH*, usando a forma poeticamente abreviada de *Yahweh* como o SENHOR DA ALIANÇA, pertence exclusivamente ao Livro V em todo o Antigo Testamento, exceto pelos três salmos finais do Livro IV (Sl 104–106). Outras formas que usam a raiz *Hallel* são espalhadas pelos primeiros quatro livros de salmos, mas ocorrem apenas de duas a oito vezes em cada um dos quatro primeiros livros em referência a louvar ao Senhor. Em contraste, essa mesma raiz aparece 38 vezes nesta segunda coletânea *Hallelu-YAH* de cinco salmos (Sl 146–150). Nesta coletânea final, a expressão distintiva *Hallelu-YAH* ocorre no início e no final de cada salmo. Com essa organização obviamente intencional do último livro do saltério em mente, torna-se bastante claro que o organizador final organizou suas coletâneas para que chegassem ao clímax com os dois agrupamentos *Hallelu-YAH* no Livro V.¹¹

À medida que o saltério se move em direção à sua conclusão, o significado estrutural dessa primeira coletânea de salmos *Hallelu-YAH* (Sl 111–117) é ressaltado pelo uso do formato acróstico nos dois primeiros salmos do agrupamento (Sl 111–112). Em ambos os casos, cada meio verso desses dois salmos começa com a letra seguinte do alfabeto hebraico. Nenhuma letra do alfabeto é omitida. Esses dois salmos são completamente regulares em seu formato acróstico, exceto que, em ambos os casos, os versículos 9 e 10 contêm palavras que começam com três letras consecutivas do alfabeto hebraico, em vez de duas, como é feito normalmente.

¹¹ Patrick D. Miller, “The Beginning of the Psalter”, in *The Shape and Shaping of the Psalter*, J. Clinton McCann (org.) (Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 1993), p. 84, contrasta o final do saltério com seu início ao falar da “conclusão menos clara, mas significativa” do livro. No entanto, como poderia ser expressa mais claramente a conclusão do saltério do que com o final climático *Hallelu-YAH* dos salmos 146–150? Da tríade final de salmos no Livro IV, quando a exclamação *Hallelu-YAH* primeiro se manifesta, passando pela tríade dupla de *Hallelu-YAH* dos salmos 111–117, até o momento final dos salmos 146–150, o salmista convoca as pessoas não para um mero reconhecimento do reinado de *Yahweh*, mas para a celebração espontânea de sua soberania.

Essa primeira coletânea de salmos *Hallelu-YAH* oferece muitas razões para o culto ao do SENHOR DA ALIANÇA. O Senhor deve ser louvado, pois “a sua justiça permanece para sempre” (Sl 111.3). Ele deve ser louvado por causa do poder das suas obras redentoras (Sl 111.6). Ele deve ser louvado porque sua natureza graciosa e justa pode e será refletida naqueles que confiam nele. Notavelmente, a mesma frase aplicada ao senhor no salmo 111 é repetida duas vezes no salmo 112 para descrever o homem que teme ao Senhor: “A sua justiça permanece para sempre” (Sl 111.3; cf. Sl 112.3,9). De acordo com o salmista, esse reflexo da justiça de Yahweh na vida daqueles que confiam nele merece ser repetido: “A sua justiça” – isto é, a justiça daqueles que confiam no Senhor – “permanece para sempre” (Sl 112.9). A comparação dá um passo adiante. Assim como o Senhor é “gracioso e compassivo”, o homem que teme ao senhor será “misericordioso e compassivo” (Sl 111.4; 112.4).

Quando Paulo, o apóstolo, deseja encorajar a generosidade na comunidade cristã primitiva de Corinto, ele apela a esse mesmo princípio. A graça suprema de Deus foi dada a eles como um presente incomparável (2Co 9.14–15). Como consequência, o crente deve “superabundar em toda boa obra” (2Co 9.8), como está escrito: “Distribui, dá aos pobres; a sua justiça permanece para sempre” (Sl 112.9; cf. 2Co 9.9).

O cuidado do SENHOR DA ALIANÇA pelos pobres, os necessitados, a estéril e os moribundos fornece razões adicionais para se declarar continuamente: *Hallelu-YAH* (Sl 113.7,9; 115.17; 116.3,15). Climaticamente, ele deve ser louvado por todas as nações, porque seu amor e fidelidade permanecem para sempre (Sl 117.2). As palavras de louvor nessa coletânea *Hallelu-YAH* também são citadas por Paulo para sublinhar a inclusão de todas as nações entre aqueles que louvam ao Senhor (Rm 15.11; cf. Sl 117.1).

Mas qual é o significado especial dessa exclamação espontânea de louvor coletivo? Que nova dimensão ela acrescenta à mensagem do saltério, reservada aos três últimos salmos do Livro IV (Sl 104–106), às duas coletâneas especiais que concluem as duas principais seções do Livro V (Sl 111–117; 146–150) e a um único salmo que serve como um conector distintivo na segunda maior parte do Livro V (Sl 135)? Mais particularmente, qual é a origem dessa abreviatura poética para *Yahweh* e qual é o seu significado contínuo?

O termo *YAH* como abreviatura poética para *Yahweh* aparece na Escritura pela primeira vez na primeira frase do cântico de Moisés na travessia do Mar Vermelho:

O SENHOR [*YAH*] é a minha força e o meu cântico;
ele me foi por salvação (Êx 15.2).

O cântico prossegue para declarar que o Senhor guiará seu povo à sua “santa morada”, ao monte da sua herança, ao lugar onde ele “assenta [entronizado]”, ao “santuário” que suas mãos estabeleceram (Êx 15.13,17). Moisés conclui declarando que Yahweh “governará [como o Rei] para sempre” (יְהוָה יִמְלֵךְ לְעֹלָם וָעַד). É impressionante notar que o reinado de Yahweh, bem como sua habitação permanente, desempenha um papel proeminente no poema antigo de Moisés, tendo em vista o caráter penetrante desses dois temas na aliança davídica e, conseqüentemente, ao longo do saltério.

As únicas outras aparições de *YAH* no Antigo Testamento fora de salmos são encontradas em uma passagem adicional no Êxodo e em duas passagens em Isaías. Amaleque e sua nação se opõem aos israelitas no momento do êxodo. As mãos elevadas de Moisés são comemoradas pela frase “uma mão sobre o trono de *YAH*” (Êx 17.16). Pela referência ao “trono de *YAH*”, o reinado de Yahweh é associado mais uma vez ao termo *YAH*, como apareceu originalmente no cântico de Moisés no Mar Vermelho (Êx 15.2,17). Quando Isaías, o profeta, fala subsequentemente em antecipação ao retorno dos exilados de Israel, ele declara que, “naquele dia”, a Raiz de Jessé será como uma bandeira para os povos, referindo-se ao futuro reinado do Messias davídico. Seu “lugar de descanso” será glorioso, aludindo à restauração da morada permanente de Yahweh em Sião (Is 11.10). Então, ao citar o cântico de Moisés no Mar Vermelho, o profeta observa que, “naquele dia”, o povo cantará o nome poético de Yahweh ao declarar:

YAH, Yahweh é a minha força e o meu cântico;
ele se tornou a minha salvação (Is 12.2; cf. Êx 15.2).¹²

Mais uma vez, a *dinastia* e a *morada*, a Raiz de Jessé e o seu *lugar de descanso* glorioso estão associados à libertação de *YAH*, o Rei.

Essa abreviatura poética para *Yahweh* ocorre apenas cinco vezes em quatro passagens do Antigo Testamento fora do saltério¹³ e 41 vezes em 38 versos diferentes dentro do saltério.¹⁴ A primeira aparição de *YAH* no saltério descreve sua procissão ao lugar escolhido para sua habitação no

¹² A segunda passagem em Isaías cita a reclamação do rei Ezequias, doente em seu leito, repetindo o nome de *YAH* (Is 38.11).

¹³ Conforme já foi indicado, as passagens são Êxodo 15.2; 17.16; Isaías 12.2; 38.11 (2X)

¹⁴ Os lugares nos salmos onde *YAH* aparece, além dos salmos de *Hallelu-YAH*, são: Salmo 77.12; 89.9; 94.7,12; 102.19; 118.5,14,17-19; 122.4; 130.3; 135.4. Essas passagens merecem atenciosa consideração.

Monte Sião. Lá, ele recebe presentes das nações enquanto reconhecem sua soberania (Sl 69.18).

No entanto, a maioria das ocorrências de *YAH* aparece em conjunto com o louvor espontâneo *Hallelu-YAH*. Essa convocação para a comunidade “louvar a *YAH*” é introduzida somente após os salmos de *Yahweh Malak*, no Livro IV (Sl 92–100). Somente depois que *Yahweh* foi claramente declarado “Rei”, mesmo no contexto do exílio de Israel, nesses salmos de *Yahweh Malak* as pessoas são convocadas a gritar *Hallelu-YAH*. Nos salmos finais do Livro IV (Sl 104–106) e nas coletâneas finais de ambas as partes do Livro V (Sl 111–117; 146–150), juntamente com um único salmo (Sl 135), essa convocação distintiva aparece nos primeiros e últimos tempos no Antigo Testamento. Sempre em um agrupamento padronizado de salmos múltiplos, com exceção do salmo 135, essas convocações exclamatórias climáticas de louvor a *YAH* vão um passo além da declaração de que “*Yahweh* é Rei”. Mais do que declaração, é exclamação e celebração. Porque *Yahweh* governa, as pessoas podem exclamar: *Hallelu-YAH*!

Muito notavelmente, essa designação festiva do Senhor de Israel na exclamação *Hallelu-YAH* da coletânea final do Livro V tomou a posição dominante mesmo sobre o nome da aliança de *Yahweh*. Em todas as eras subsequentes, em todas as diferentes culturas e línguas, *Hallelu-YAH* prevalece. Com todo o respeito, o termo *Yahweh* simplesmente não parece natural em tantas línguas. Substituições para o tetragrama (YHWH) prevalecem mesmo na língua hebraica. Em vez de tentar pronunciar o nome venerado de Deus, *Adonai* (“Senhor”) ou *HaShem* (“o Nome”) é usado. Em traduções em português, o híbrido linguístico *Jeová* é frequentemente encontrado, combinando as consoantes de YHWH e as vogais de *Adonai*.¹⁵ Outras traduções em português podem usar *SENHOR*, um título para Deus, mas não um nome identificador, com pequenas letras maiúsculas (versalete), em distinção a Senhor, que normalmente é a tradução de *Adonai*.

Em contraste com a dificuldade de vocalizar YHWH, qual é o equivalente em português para a frase hebraica *Hallelu-YAH*? É simplesmente *Aleluia*. Como se diz a frase hebraica *Hallelu-YAH* em grego? Em espanhol? Em alemão? Em francês? Em suaíli? Em cinianja? Em luganda? É o mesmo em todas essas línguas, com pequenas diferenças na ortografia. Nenhuma tradução é necessária. Na verdade, a expressão pode ser interpretada como “louvado seja o SENHOR”. Contudo, alcançou universalidade espontânea.

¹⁵ Cf. Christian D. Ginsburg, *Introduction to the Masoretico-Critical Edition of the Hebrew Bible* (Londres: Trinitarian Bible Society, 1897), p. 367-8. Ginsburg observa que, em toda a Bíblia hebraica, onde YHWH ocorre sozinho, tem as vogais de *Adonai* (“Senhor”). Mas quando *Adonai* YHWH ocorrem juntos, YHWH tem as vogais de *Elohim* (“Deus”).

O saltério mostrou o caminho para que o universo louve seu Criador e Redentor. Os salmos são consumados com *Hallelu-YAH*, e todas as nações e povos podem participar dessa celebração alegre e espontânea. Até mesmo a facilidade com que a expressão pode ser articulada merece atenção. De forma notável, a palavra *Hallelu-YAH* é particularmente adequada para abrir a boca, deixando cair a mandíbula e gritando alto o louvor de Deus. Tente!

Portanto, não deve ser surpreendente que a Escritura conclua com um uso quádruplo dessa frase universal, originalmente escrita em grego, mas prontamente adaptável a todas e a cada família de línguas:

Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: *Hallelu-YAH*! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus (Ap 19.1).

Porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Segunda vez disseram: *Hallelu-YAH*! (Ap 19.2-3).

Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que se acha sentado no trono, dizendo: Amém! *Hallelu-YAH*! (Ap 19.4).

Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: *Hallelu-YAH*! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou (Ap 19.6-7).

Pelas boas determinações do Senhor, ninguém no céu terá problemas em louvar o Senhor pela sua grande salvação na língua materna. Todos juntos, exclamaremos: “*Hallelu-YAH*!”

A terceira ligação de um salmo messiânico com um salmo de Torá (Sl 118–119)

Conforme indicado anteriormente, um salmo messiânico no Livro V (Sl 118) está alinhado com o terceiro e mais longo dos três salmos da Torá (Sl 119; cf. Sl 1,19). Assim como no Livro I, o salmo 2 messiânico é unido ao

salmo 1 como o primeiro salmo da Torá e o salmo 18 messiânico é unido ao salmo 19 da Torá, no Livro V, o salmo 118 messiânico é unido ao salmo 119 da Torá. Como consequência desse triplo agrupamento de um salmo da Torá com um salmo messiânico, o ponto principal é repetido três vezes no saltério: tanto a Torá quanto o Messias são essenciais para o povo de Deus. A lei não pode funcionar corretamente na vida do povo de Deus sem o Messias, e o Messias pode ser devidamente apreciado apenas no contexto da lei do Senhor. A lei e o evangelho devem ser unidos se o povo de Deus deseja experimentar a condição completa de “bem-aventurança” que vem do Senhor (Sl 1.1; 2.12; 119.1-2).¹⁶

A “pedra angular” messiânica do salmo 118

A semelhança do assunto e do modo de expressão entre os salmos messiânicos 18 e 118 merece atenção. O título do salmo 18 refere-se ao momento em que o Senhor deu a seu rei grandes vitórias sobre todos os seus inimigos (Sl 18.50). Da mesma forma, o salmo 118 representa vividamente as “vozes de júbilo e de salvação” nas tendas dos justos sobre os triunfos do Messias (Sl 118.15). Em ambos os salmos, o justo é o único recompensado pelo Senhor. Ao usar um refrão interno, o salmo 18 repete esse tema:

Retribuiu-me o SENHOR,
segundo a minha justiça,
recompensou-me
conforme a pureza das minhas mãos (Sl 18.20).

Dá retribuir-me o SENHOR,
segundo a minha justiça,
conforme a pureza das minhas mãos,
na sua presença (Sl 18.24).

¹⁶ Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1986), p. 34, apela por um conceito mais completo da Torá do que simplesmente “lei”. Ele afirma que “sob nenhuma circunstância” a Torá deve ser traduzida como “lei”. Embora de forma exagerada, ele ofereça uma observação útil, promovendo a tradução de Torá como “instrução”: “Enquanto a ‘lei’ está relacionada com a impressão de algo fixo, rígido e estático, a instrução desperta a impressão de algo vivo, dinâmico, em que orientações, sugestões, comandos, ordens e conselhos são transmitidos. O significado original da Torá como orientação formulada e transmitida oralmente por um sacerdote permaneceu preservado, mesmo quando se refere aos comandos fixados por escrito”. *Ibid.* Enquanto Kraus amplifica adequadamente o significado da Torá, ele também minimiza rigidamente o valor de algo “fixo” sob a forma de uma “lei”.

Outra ênfase similar aparece no salmo 118. A alegria surge das tendas dos “justos”, os portões dos “justos” serão abertos e os “justos” entrarão pela porta do Senhor (Sl 118.15,19-20).

Os salmos 18 e 118 representam vividamente a libertação da morte (Sl 18.4-5; 118.17-18). Além disso, torna-se climaticamente claro que a figura do Messias, o rei ungido, é o foco nesses dois salmos. O Senhor dá grandes vitórias ao “seu rei”, “seu ungido”, a “Davi e seus descendentes” (Sl 18.50). Com ênfase semelhante, o rei messiânico é “a pedra que os construtores rejeitaram”, que se tornou “a pedra angular”, e é identificado pela designação messiânica como “aquele que vem” (מָלֵךְ) em nome do Senhor (Sl 118.22,26).

O salmo 118, magnificamente estruturado, apresenta múltiplos participantes interagindo com três discursos progressivos feitos por uma figura singular ameaçada de morte, que, finalmente, é identificada como a “pedra” messiânica que os construtores rejeitaram. Ele se tornou a “pedra de esquina” ou a “principal pedra angular” do reino de Deus na terra (Sl 118.22). Ele é o rei messiânico do reino de Yahweh. O refrão climático do salmo apareceu mais cedo, quando Davi trouxe a arca da aliança a Jerusalém, simbolizando a união do trono de Deus com o trono do Messias: “Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, *porque a sua misericórdia dura para sempre*” (Sl 118.1-4,29; cf. 1Cr 16.34). A estrutura poética invoca repetidamente a congregação reunida para responder ao seu rei messiânico à medida que sua circunstância de desenvolvimento se desenrola. Primeiro, a congregação afirma:

Melhor é buscar refúgio no SENHOR
do que confiar no homem.
Melhor é buscar refúgio no SENHOR
do que confiar em príncipes (Sl 118.8-9).

Então eles declaram:

A destra do SENHOR
faz proezas.
A destra do SENHOR
se eleva,
a destra do SENHOR
faz proezas (Sl 118.15-16).

Então, climaticamente, eles anunciam:

A pedra que os construtores rejeitaram,
essa veio a ser a principal pedra, angular;
isto procede do SENHOR
e é maravilhoso aos nossos olhos.
Este é o dia que o SENHOR fez;
regozijemo-nos e alegremo-nos nele (Sl 118.22-24).

Quando Jesus citou as palavras desse salmo em relação à rejeição da principal pedra angular pelos construtores, os mestres da lei e os principais sacerdotes não puderam evitar identificarem-se com os “construtores” que estavam rejeitando sua “principal pedra angular”. Eles passaram a cumprir esse poema profético sobre si mesmos, intensificando suas conspirações para prender Jesus (Lc 20.17-19).¹⁷

O terceiro salmo da Torá (Sl 119)

O primeiro salmo da Torá (Sl 1) descreveu os dois grandes agrupamentos de pessoas que respondem amando e obedecendo aos ensinamentos do Senhor, rejeitando sua Torá e se opondo a todos aqueles que observam seus decretos. O salmo 19, o segundo salmo da Torá, apresenta a glória de Deus como aparece primeiro na revelação geral encontrada na criação (Sl 19.1-6) e depois na revelação redentora especial de sua palavra (Sl 19.7-14).¹⁸ Esse segundo salmo da Torá designa a revelação redentora do SENHOR DA ALIANÇA como “lei”, “estatutos”, “preceitos”, “comandos”, “temor” e “ordenanças”. Por essa variedade de terminologias, o salmo 19 antecipa uma exposição mais completa do papel da Torá na vida do povo de Deus como desenvolvido no salmo 119, 100 salmos depois. Apesar de vários salmos referirem-se à Torá do Senhor, apenas os salmos 19 e 119 empregam todos os seis termos específicos para Torá.

Assim, os três salmos da Torá são semelhantes em sua terminologia e em suas posições estratégicas no saltério. No entanto, a irresistível exclusividade do salmo 119 não pode ser negligenciada.¹⁹ Consistindo de 176 versículos di-

¹⁷ Para uma exposição mais completa deste salmo pelo presente autor, veja O. Palmer Robertson, *Psalms in Congregational Celebration* (Darlington, UK: Evangelical Press, 1995), p. 341-56.

¹⁸ Walter Brueggemann, *The Message of the Psalms: A Theological Commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1984), p. 38, expande o significado da Torá enquanto funciona em relação mais próxima com a criação, como se descreve no salmo 19: “Assim, a criação e a Torá são entendidas em conjunto, a Torá articulando a intenção de Deus para Israel na criação”.

¹⁹ Grant, *King as Exemplar*, p. 171-5, argumenta que o *eu* no salmo 119 é o rei, o que tem o efeito de amarrar esse salmo ainda mais de perto ao salmo 118. Mas a maior probabilidade é que o *eu* do salmo 119 corresponda ao “homem”, a “pessoa”, o “*ish*”, o “homem” do salmo 1.1: “Bem-aventurado o “homem” (ou seja, “todo homem”) que tem prazer na

vididos em 22 estrofes de oito versos cada um em um acróstico alfabético, essa obra-prima de perfeição poética não pode ser comparada em magnitude com nada mais no livro de Salmos. Com apenas três exceções, todos e cada um dos 176 versos saúdam as incomparáveis glórias da Torá do Senhor, sua lei, seus estatutos, seus mandamentos, suas ordenanças, seus testemunhos, sua palavra.²⁰

Mas por quê? Por que esse maciço memorial da lei do Senhor (sem pretender sugerir que a lei de Deus não merece cada palavra de louvor que recebe)? Por que aqui e agora no Livro V do saltério aparece essa peça poética única?

Como foi indicado, o agrupamento do salmo 119 com um salmo distintamente messiânico como o principal ponto de divisão do Livro V explica sua posição literária. Como no caso do primeiro livro do saltério, a união de um salmo messiânico com um salmo da Torá marca o principal ponto de divisão neste último livro do saltério. Mas ainda assim a questão persiste: por que tal discurso prolongado em sua forma poética extremamente desenvolvida?

O poema quase certamente foi composto para memorização. Sua forma com oito linhas em cada estrofe seguindo a ordem do alfabeto hebraico tornaria a memorização uma tarefa viável. Além disso, como muitos grupos linguísticos diriam, lidar com um assunto de A a Z significa dar-lhe cobertura abrangente.

Mas pode haver ainda mais. O tempo da composição do salmo 119, a julgar pela sua configuração no Livro V do saltério, aponta para a época do exílio. Era o momento em que nenhum templo, nenhum sacrifício, nenhum sacerdócio funcionava na distante Jerusalém. Então, o que as pessoas piedosas e deslocadas devem fazer? Como elas podem continuar com seu culto? No que diz respeito à investigação histórica atual, pouco ou nada é conhecido dos hábitos de vida dos exilados na Babilônia.²¹ Seu *modus vivendi* nos

Torá de Yahweh. Ao unir a obrigação de cada homem para com a Torá no salmo 1 ao Messias e seu governo no salmo 2, a obrigação do Messias e de todo homem de observar a Torá é efetivamente estabelecida.

²⁰ James Luther Mays, *Psalms*, Interpretation, A Bible Commentary for Teaching and Preaching (Louisville: John Knox Press, 1994), p. 381-2, observa que o salmo 119 usa um “vocabulário temático” dos oito termos para *Torá*, com poucas variações, tais como “caminhos”, “veredas” e “fidelidade”. Mays sugere que o salmista “usou ‘todo’ o alfabeto para sinalizar integralidade e todo o vocabulário para representar abrangência”. *Ibid*, p. 382. Para um breve panorama dos oito termos diferentes para “lei” no salmo 119, veja Gordon J. Wenham, *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically* (Grand Rapids: Baker Academic, 2012), p. 86-8. Para uma conexão com Deuterônomo, Grant, *King as Exemplar*, p. 158-9, observa que todos os termos usados para *Torá* no salmo 119 aparecem em Deuterônomo, com uma exceção. Em uma única passagem, Deuterônomo 4.1-6, cinco dos oito termos aparecem.

²¹ Cf. os comentários de John Bright, *A History of Israel*, 4ª ed. (Louisville: Westminster John Knox Press, 2000), p. 236: “Dos novos destinos dos exilados nós não sabemos quase nada”. “Uma nova comunidade, de fato, começou a emergir, embora os detalhes sejam quase todos obscuros”. *Ibid.*, p. 349.

escapa completamente. No entanto, é inimaginável que vivessem sem culto regulamentado.

Algo de uma situação comparável prevaleceu por muitas décadas, mesmo séculos e milênios após a segunda destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Por algum tempo, os romanos não permitiriam que um sobrevivente da Judeia sequer entrasse em Jerusalém. Nenhuma pedra do templo havia sido deixada em cima de outra. Então, o que a diáspora fez para preencher o vazio de não ter templo, sacrifícios e sacerdócio nos últimos 2 mil anos?

Não demorou muito para que os judeus dispersos encontrassem um caminho. De acordo com a tradição rabínica, o piedoso substituiu o templo pela Torá. O estudo da lei tomou o lugar da oferta de sacrifício.

Com relação a esse desenvolvimento, a tradição judaica declara:

A Mishná (Pe'ah)... declara que o estudo da Lei transcende todas as coisas, sendo maior do que o resgate da vida humana, do que a construção do templo e a honra do pai e da mãe (Meg. 16b).²²

R. Samuel b. Inia declara em nome de Rab: o estudo da Torá é mais importante do que a oferta diária de sacrifícios (b.Erub 63b).²³

De acordo com um estudioso judeu, os exilados que retornaram da Babilônia para Jerusalém logo começaram a substituir o templo pela Torá:

Com o passar do tempo, o culto no templo, que se centrava nos ritos sacrificiais, perdeu parte de sua posição como o único meio pelo qual a vida religiosa e comunitária da nação poderia encontrar expressão. Em grande medida, o centro de gravidade mudou para o estudo da Torá.²⁴

Certamente, é impossível conhecer as circunstâncias exatas que cercam a composição do salmo 119. Contudo, dada a forte possibilidade de que tenha sido escrito durante o exílio da Judeia na Babilônia ou pouco depois, pode ser que esse salmo se tenha desenvolvido, em parte, como um substituto para o culto no templo em Jerusalém. A Torá tomou o lugar do templo. O estudo da lei substituiu a oferta de sacrifício.

Do ponto de vista da nova aliança, essa transição pode ser percebida como um desenvolvimento positivo. A palavra substitui o ritual. “Salomão... edificou

²² Ludwig Blau, “Torah”, in *The Jewish Encyclopedia* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1906), 12:197.

²³ *Ibid.*

²⁴ Shmuel Safrai, “Temple”, in *Encyclopedia Judaica* (Jerusalém: Keter Publishing House, 1972), 15:983.

a casa” para o Senhor, de acordo com Estêvão, um dos primeiros diáconos cristãos. “Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas... vós que recebestes a lei... e não a guardastes” (Atos 7.47-48,53). Portanto manter a lei de Deus deve sempre ter seu lugar acima das práticas de culto exteriorizadas no templo.

Assim, pode ser que esse edifício poético do salmo 119 seja um produto do exílio de Israel que proporcionou um melhor caminho de culto do que a oferta de sacrifícios no templo. O que é muito interessante é que nenhuma menção é feita, nos 176 versículos do salmo 119, sobre a relação da lei com o culto no templo, o sacerdócio ou sacrifícios. Esse silêncio em relação às leis sobre o culto no templo pode fornecer um indicador adicional de que o salmo foi composto durante e para o tempo do exílio de Israel.

Em qualquer caso, os salmos 118 e 119 foram situados para servir de ponto central no Livro V, assim como os salmos 18 e 19 proporcionaram uma estrutura semelhante para o Livro I. Os materiais do Livro V que vêm após esses dois salmos são bastante distintivos quando comparados aos materiais anteriores a eles, como a análise posterior pode indicar.

Quatro coletâneas na segunda porção do Livro V (SI 120–150)

O Livro V manifesta evidências significativas de arranjo intencional além desse ponto crucial do terceiro agrupamento do salmo messiânico-Torá. Quatro agrupamentos distintos de salmos fornecem a estrutura básica dessa porção do saltério.

Quinze salmos de romagem que ecoam a bênção sacerdotal (SI 120–134)

Essa coletânea distintiva de salmos antecipa vividamente o movimento do povo de Deus em direção ao foco permanentemente estabelecido de seu culto no Monte Sião, em cumprimento da promessa pactual a Davi sobre uma morada permanente para a casa de Deus.²⁵ Cada um desses salmos é intitulado

²⁵ Zenger, in Hossfeld e Zenger, *Psalms 3*, p. 286-99, oferece uma série de observações estimulantes sobre esses salmos de romagem, analisando de forma útil as contribuições de outras pessoas em relação à sua própria compreensão. Essas ideias incluem itens como: (1) certas palavras-chave nos salmos de romagem que repetidamente ecoam a bênção araônica de Números 6.24-27, incluindo “que o Senhor te abençoe e te guarde”, “tenha misericórdia de ti” e “te dê a paz” (veja a discussão acima); (2) a brevidade desses salmos, com exceção do salmo 132, que é menos da metade do tamanho médio de todos os outros salmos; (3) a repetição de fórmulas litúrgicas, como “Criador dos céus e da terra”, “desde agora até a eternidade” e “a paz esteja sobre Israel”; (4) o uso extensivo de figuras de discurso, como “como uma cidade firmemente unida”, “os olhos da serva, na mão de sua senhora”, “como um pássaro do laço do passarinho”, “como quem sonha”, “como flechas

“salmo de romagem” (שִׁיר הַמַּעֲלוֹת). A frase foi interpretada como se referindo aos 15 degraus que levavam ao templo em Jerusalém, a uma conexão literária que se move passo a passo pelos 15 salmos ou à subida dos peregrinos a Jerusalém, quer durante as três festas anuais (cf. Dt 16.16) ou quando os israelitas voltaram do exílio para a sua própria terra (cf. Sl 126.1). Parece não haver uma boa razão para não entender a frase como decorrente das peregrinações anuais de Jerusalém e do retorno do exilados para Jerusalém. Um salmo específico refere-se à “subida” a Jerusalém (Sl 122.4). Uma edição exílica e pós-exílica das canções dos “peregrinos” parece evidente em vista da inclusão, no Livro V, de salmos claramente compostos durante e depois do exílio (Sl 137, 126). Nenhuma menção a um rei é feita nesses 15 salmos, mas numerosas referências são feitas a Sião e Jerusalém, o que se ajusta tanto a um cenário exílico como a um pós-exílico.

Esta coletânea apresenta quatro salmos davídicos (Sl 122;124;131;133), um salmo de Salomão (Sl 127) e um salmo especificamente referente ao retorno após o exílio (Sl 126). A adequação da escolha de salmos originários de Davi, mas também apropriada por um tempo durante o exílio ou o retorno de Israel, é bastante notável, considerando todos os salmos de Davi que não poderiam ter funcionado dessa maneira. Uma adequação à recitação do peregrino é encontrada em seu comprimento, que é mais curto do que o salmo típico. Ao mesmo tempo, o conteúdo de cada seleção se ajusta tanto à época de Davi como à jornada para Jerusalém de gerações posteriores. O salmo 122.1 declara: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR”. Quem poderia dizer essas palavras com maior fervor do que Davi, aquele que dançou “com todas as suas forças” diante da arca, quando ele a trouxe até Jerusalém (2Sm 6.12-15)? Quem mais do que Davi poderia se alegrar quando a comunidade reconheceu seu “lugar” no Monte Sião como o local adequado para a construção da “casa do SENHOR”? No entanto, os exilados que retornaram devem ter ficado igualmente entusiasmados ao se aproximarem da cidade sagrada. O salmo 124 testifica: “Não fosse o Senhor que esteve ao nosso lado... nos teriam engolido vivos... salvou-se a nossa alma, como um pássaro do laço dos passarinhos” (Sl 124.1-7). Essas palavras abrangem a maior parte da experiência de vida de Davi; no entanto, elas também capturam o alívio daqueles que “escaparam” do exílio. O salmo 131.1-2 declara: “Não é soberbo

na mão do guerreiro” e “como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe”; (5) um contraste entre Deus como Rei soberano sobre as nações conforme desenvolvido nos salmos 45-48 e a preocupação íntima de Yahweh com as mulheres estéreis, os filhos no lar e as relações fraternas; e (6) a colocação diferente em Qumran do salmo 119 depois dos salmos 120-132, de modo que o fim da peregrinação do povo não é Jerusalém, mas a lei e o sacrifício de “levantar os lábios” para que a Torá se torne seu templo.

o meu coração... fiz calar e sossegar a minha alma... como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe”. Essa imagem sensível de confiança infantil leva à forte admoestação: “Espera, ó Israel, no SENHOR, desde agora e para sempre” (Sl 131.3). O rei Davi foi constantemente obrigado a colocar sua esperança apenas no Senhor, que também tinha que ser a postura daqueles que arriscaram no exílio. O salmo 133.1,3 exclama: “Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!... É como o orvalho do Hermon, que desce sobre os montes de Sião”. Para Davi, a unidade do Hermon, no extremo norte, com Jerusalém, ao sul, deve ter sido a primeira entre suas prioridades como o rei responsável por unir povos separados há anos por uma amarga guerra tribal. Ao mesmo tempo, a unidade em uma comunidade restaurada depois de décadas de dispersão seria uma das maiores bênçãos que poderiam ser imaginadas para um povo que retornava do exílio.

Um estudioso bíblico que trabalhou anos antes dos esforços atuais para descobrir estruturas dentro de salmos observa várias coisas sobre a refinada organização desta coletânea de 15 salmos (Sl 120–134):

O todo é agrupado em torno do salmo 127, que foi composto por Salomão, que fica no meio, entre o primeiro e o último dos poemas de peregrinação. Em ambos os lados, há uma héptade [um agrupamento de sete] de canções de peregrinação, composta por dois salmos compostos por Davi e cinco novos, que não têm nome... Cada héptade contém o nome de *Yahweh* 24 vezes.²⁶

Esse arranjo de 15 salmos individuais em uma forma simétrica com sete salmos equilibrando uns aos outros de cada lado de um salmo central focalizado não pode ser puramente acidental, mais do que os pesos em qualquer extremidade da baliza de um acrobata na corda bamba “simplesmente acontece” de equilibrarem um ao outro. As complexidades mostram o cuidado de um organizador final do saltério na determinação da composição precisa do livro. A colocação do Salmo 127 no auge de um arranjo de 15 salmos pode ser considerada como um fator estrutural significativo do saltério que merece maior exploração. O excuro na conclusão deste capítulo examina várias possíveis “pirâmides poéticas” semelhantes a essa e que aparecem em vários livros do saltério.

Essa colocação precisa de um salmo definitivo pode ser claramente vista em outros momentos críticos no saltério, particularmente nas “entrelinhas”,

²⁶ Ernst Wilhelm Hengstenberg, *Commentary on the Psalms* (Edimburgo: T&T Clark, 1954), 3:409.

onde os vários livros do saltério são unidos.²⁷ O único outro salmo “de Salomão” aparece apenas no ponto final do Livro II (Sl 72), com sua soma da extensão do reino do Messias para incluir todos os reis e reinos da terra. De forma semelhante, o organizador do saltério posiciona estrategicamente o grande salmo de Moisés como o hino de abertura do Livro IV (Sl 90). Lá está como a resposta perpétua à conclusão deprimida do Livro III, em que a coroa dos descendentes de Davi foi lançada no pó: “Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração” (Sl 90.1). Os reis e os reinos podem acalmar-se, mesmo o rei e o reino de Israel. Mas o Senhor permanece como habitação permanente de seu povo por todas as gerações.

Não só a colocação do salmo 127, mas também a substância desse breve salmo de cinco versos sublinha a sua importância focal. Esse salmo fala da “casa” que Yahweh constrói, da “cidade” que Yahweh guarda e dos “filhos” que são herança de Yahweh (Sl 127.1,3). Colocados deliberadamente no auge dos 15 salmos de romagem, os termos principais desse salmo devem ser interpretados “pelo interesse da coletânea”.²⁸ Assim, a “casa” a que esse salmo se refere é a casa do Senhor, conforme especificado nos salmos 122.1 e 134.1. A “cidade” desse salmo não é simplesmente qualquer cidade que qualquer pessoa se propõe a construir, mas Jerusalém, local do templo de Salomão, como mencionado no salmo 122.3. Da mesma forma, os “filhos” que são herança do Senhor são, em primeiro lugar, os “filhos de Davi”, como desenvolvido mais plenamente no salmo 132.11-12, outra unidade da coletânea dos salmos de romagem:

Yahweh jurou a Davi...

Se os teus filhos guardarem a minha aliança
e o testemunho que eu lhes ensinar,
também os seus filhos se assentarão
para sempre no teu trono.

A forte repetição dos dois principais elementos da aliança davídica no salmo 132 não deve ser minimizada. Esse salmo vivifica a peregrinação a Sião através de um claro eco da diretriz dada aos israelitas em sua caminhada no deserto rumo ao seu destino final no próprio “repouso” de Yahweh:

Levanta-te, Yahweh, entra no lugar do teu repouso,
tu e a arca de tua fortaleza (Sl 132.8; cf. Nm 10.35-36).

²⁷ Cf. Gerald Henry Wilson, *The Editing of the Hebrew Psalter* (Chico, CA: Scholars Press, 1985), p. 208, que observa a ocorrência dos salmos “reais” nas “entrelinhas”, de modo que a conexão dos livros no saltério tem “todas as indicações de um arranjo intencional”.

²⁸ Mays, *Psalms*, p. 402.

Este salmo está repleto de referências à dinastia de Davi e à habitação de Yahweh. A fusão final do domínio de Davi com o reinado de Yahweh recebe expressão climática. A casa de Yahweh, a sua habitação, o seu lugar de repouso, é o local do eterno reinado de Davi. “Aqui” é o próprio lugar onde o Senhor estabelecerá um “chifre” para Davi, uma “lâmpada” para o seu ungido e uma “coroa” para sua cabeça – a “coroa” que havia sido “contaminada... no pó” (Sl 132.17-18, cf. Sl 89.39). Qualquer esforço para dizer que a aliança davídica falhou por causa do exílio dificilmente poderia ter considerado esse testemunho na última metade do livro final do saltério nessa majestosa coletânea de salmos de rotagem.

Salomão recebe o crédito, no título, pela composição do salmo 127, o ápice desses 15 salmos de rotagem.²⁹ No salmo, ele fala sobre a conclusão desses dois projetos de construção, a “casa” e os “filhos”, que correspondem à *habitação* de Deus e à *dinastia* de Davi. O salmista claramente dá crédito a Yahweh e somente a Yahweh pelo sucesso de ambos os esforços. O mesmo princípio se aplica à guarda da “cidade”, que, nesse caso, seria a cidade escolhida pelo Senhor, Jerusalém. Se ele optar por não guardar a cidade, como no caso do exílio de Israel, todos os armamentos do mundo são em vão. A permanência da morada do Senhor e do seu Messias depende totalmente do trabalho do Senhor.

Esse mesmo princípio se aplica à “construção” da dinastia perpétua de Davi. “Filhos”, reconhece Salomão, “são heranças do SENHOR”, “seu galardão” (Sl 127.3). A promessa pactual dos filhos assentados no trono de Davi deve sempre ser percebida como obra da graça de Deus.

Uma aplicação adicional desse salmo a uma cena doméstica comum é perfeitamente apropriada. O Criador sempre manifesta sua preocupação com os elementos mais humildes da vida humana. No salmo imediatamente anterior,

²⁹ O termo distintivo para “amado” (אֲדוֹנִי) que aparece na frase “aos seus amados ele o dá enquanto dormem” (Sl 127.2c) ocorre apenas quatro vezes nos salmos. Fora do saltério, refere-se ao pequeno Benjamim como “amado de Yahweh” (Dt 33.12), à nação de Israel como “amada” do Senhor (Is 5.1; Jr 11.15) e a Salomão, que recebeu este nome especial do Senhor como seu “amado” (2Sm 12.25). Na forma plural, ocorre duas vezes no saltério em referência às pessoas que o Senhor ama (Sl 60.7; 108.7). Também se refere, no plural, às “amáveis” moradas do Senhor (Sl 84.1). Foi proposto que a atribuição do salmo 127 a Salomão baseou-se no pressuposto de que este termo no salmo se aplicava especificamente a ele. Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), 3:291, diz que o título “de Salomão” foi adicionado mais tarde porque uma alusão foi encontrada na frase do salmo 127.2 אֲדוֹנִי שָׁנָא – “Ele dá o sono ao seu amado”) à designação de Salomão como “Jedidias” (אֲדוֹנִי – “Amado”) pelo profeta Natã, “porque o Senhor o ama” (2Sm 12.25). A conexão com Salomão é bastante provável, especialmente porque essa designação lhe é dada pelo Senhor. Além disso, as preocupações do salmo 127 com a “casa”, a “cidade” e os “filhos” têm relevância imediata para Salomão como sucessor de Davi, com a expectativa de que ele construa a casa do Senhor e providencie seus sucessores dinásticos.

a atividade comum de sementeira e colheita (Sl 126.5-6) relaciona-se diretamente com o drama maior do exílio estrangeiro e da restauração (Sl 126.1-4). No entanto, esses elementos cotidianos encontram a realização mais completa no domínio macrocósmico da excelente obra de Yahweh como Redentor.

Oito desses 15 salmos de romagem mencionam especificamente “Sião” ou “Jerusalém” (Sl 122,125,126,128,129,132,133,134). Além disso, a referência aos “montes” no Salmo 121 é muito provavelmente aos montes que cercam a cidade de Jerusalém. Esse foco concentrado na exaltação do Monte Sião e de Jerusalém reforça a centralidade da aliança davídica como aparece no saltério do começo ao fim. Um lugar para o trono do Senhor ao lado do trono de Davi no monte Sião, em Jerusalém, permeia os salmos como um fator-chave de sua mensagem.³⁰

Ao mesmo tempo, pode notar-se a escassez de referências a “Sião” e “Jerusalém” no primeiro segmento do Livro V (Sl 107-117). O “santuário” e “Sião” são mencionados apenas uma vez, e ambos os casos ocorrem em salmos atribuídos a Davi, o que é compreensível (Sl 108.7; 110.2). “Jerusalém” também é mencionada uma vez em um salmo não atribuído a Davi (Sl 116.19). No entanto, as poucas referências na coletânea do Livro V antes dos salmos cruciais 118 e 119 contrastam significativamente com o caráter penetrante dessas referências na segunda parte do Livro V (Sl 120-150).

Bastante notável é a permeação dessa coletânea de salmos por quatro frases-chave da clássica bênção araônica, que remonta aos dias de Moisés (Nm 6.24-27).³¹ À medida que as pessoas se aproximam do templo restaurado, a redação em 12 das 15 canções de romagem lembra aos peregrinos a bênção sacerdotal que os espera enquanto fazem sua caminhada para Jerusalém.³² As quatro frases-chave são “que ele te abençoe”; “e te guarde”; “que ele tenha misericórdia de ti”; e “te dê a paz”. Sua ocorrência nesses salmos de romagem é a seguinte:

“Yahweh te abençoe” (יְיָ שְׂמַח בְּךָ) – Nm 6.24)

As palavras exatas dessa antiga bênção sacerdotal se repetem duas vezes nos salmos de romagem. O salmista emprega essas mesmas palavras para de-

³⁰ Cf.: Mays, *Psalms*, p. 386, para sugestões perspicazes sobre “alguns recursos recorrentes que são consistentes com o uso deles pelos peregrinos”.

³¹ Cf. o breve, mas estimulante artigo de Leon J. Liebreich, “The Songs of Ascents and the Priestly Blessing”, *Journal of Biblical Literature* 74 (1955), p. 33-6. Muitas observações desta seção foram retiradas do artigo de Liebreich.

³² *Ibid.*, 33n1, nota que Franz Delitzsch, em seu comentário, observou essa conexão em certos versos isolados dos salmos de romagem.

clarar a bênção de Yahweh, de Sião, para todos os dias da vida de seu povo (Sl 128.5). Essa bênção de Sião vem de ninguém menos que Yahweh, o Criador dos céus e da terra (Sl 134.3). Além disso, a unidade entre o povo de Yahweh é comparada ao orvalho do monte Hermon que cai sobre o monte Sião, que é onde Yahweh ordena a bênção (Sl 133.3). Em cada um desses casos, a bênção especificamente vem “de Sião”, onde os sacerdotes estarão prontos para abençoar com o triplo pronunciamento do Nome, *Yahweh*.

“E te guarde” (יְשׁוּרְךָ – Nm 6.24)

O salmo 121 é, para todos os efeitos, uma exposição desta única frase da bênção sacerdotal: “e te guarde”.³³ Yahweh é “aquele que te guarda” (Sl 121.3). Ele é “o guarda de Israel” (Sl 121.4); Ele “é quem te guarda” (Sl 121.5); Ele “te guardará de todo mal” e “guardará a tua alma” (Sl 121.7); Yahweh “guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre” (Sl 121.8). Seis vezes em cinco versos o salmista usa a mesma palavra-chave de Números 6.24 para afirmar que o Senhor “guarda” seu povo.

“E tenha misericórdia de ti” (יְחַנּוּךָ – Nm 6.25)

A raiz de “tenha misericórdia” serve como um conceito-chave em dois dos salmos de romagem. Os olhos do povo olham para o Yahweh, seu Deus, “até que se compadeça de nós” (Sl 123.2). Eles repetidamente imploram: “Tem misericórdia de nós, Yahweh, tem misericórdia” (Sl 123.3). Em desespero, o salmista pede que o Senhor “tenha misericórdia” em resposta às suas orações (Sl 130.2).

“E te dê shalom [a paz]” (יְשַׁלֵּם לְךָ שְׁלוֹם – Nm 6.26)

O termo *shalom*, representando a bênção da totalidade da vida em paz, ocorre sete vezes nos salmos de romagem. A coletânea inicia com o reconhecimento da dificuldade de alcançar a paz nessa presente ordem mundial. Por muito tempo, o salmista viveu entre pessoas que “odeiam a paz”. Ele é pela “paz”, mas eles são pela guerra (Sl 120.6-7). Ele encoraja as pessoas a “orar pela paz de Jerusalém”, mesmo quando oferece sua própria dupla oração pela sua paz (Sl 122.6-8). Ele declara a paz de Yahweh sobre Israel (Sl 125.5). Uma bênção final de paz pode até alcançar gerações (Sl 128.6).

³³ A conexão com a bênção sacerdotal é obscurecida por algumas traduções, que interpretam o termo como “vela por ti”. Mas a palavra é a mesma encontrada na bênção sacerdotal, “te guarda”.

Então, 12 dos 15 salmos de romagem incluem uma representação de pelo menos um dos quatro elementos diferentes da antiga bênção sacerdotal. A omissão de qualquer referência ao quinto e sexto elementos, “faça resplandecer o rosto sobre ti” e “sobre ti levante o rosto” é um mistério. Pode ser que, pelo fato de a *shekinah* nunca ter voltado ao templo restaurado de Israel, o salmista tenha concluído que essa bênção não poderia ser pronunciada de forma legítima. Como a presença de Yahweh não se manifestou no templo pós-exílico, como no caso do tabernáculo de Moisés e do templo de Salomão,³⁴ o sacerdote não podia pronunciar a bênção do rosto de Deus resplandecendo sobre eles. De qualquer forma, essa coletânea de salmos de romagem é ainda mais significativa quando a aproximação dos peregrinos ao Monte Sião e Jerusalém está ligada à bênção sacerdotal restaurada que eles poderiam esperar receber na chegada.³⁵

Três salmos de transição de recordação histórica (Sl 135-137)

Esses três salmos seguem os 15 salmos de romagem (Sl 120-134) e levam à quarta e última coletânea de salmos atribuídos a Davi (Sl 138-145). Os dois primeiros desses salmos oferecem louvor e ação de graças ao Senhor pela criação (Sl 136.5-9), redenção (Sl 135.4,8-12; 136.10-22) e providência (Sl 135.6-7; 136.25). O terceiro desses salmos de transição lembra os dias tristes quando o povo de Deus chorava “às margens dos rios da Babilônia” (Sl 137.1).

O salmo 135 começa e termina com *Hallelu-YAH*, a distinta exaltação do SENHOR DA ALIANÇA encontrada quase exclusivamente no Livro V. É o único salmo que fica sozinho, fora de um agrupamento desse tipo de salmo. Além disso, é o único salmo com *Hallelu-YAH* aparecendo no corpo do salmo, em vez de exclusivamente no início e/ou final do salmo (Sl 135.3). A convocação para “vós que assistis na Casa do SENHOR” (Sl 135.2) ecoa a admoestação no salmo imediatamente anterior para “vós... que assistis na Casa do SENHOR, nas horas da noite” (Sl 134.1). Começando com a escolha de Israel pelo Senhor como sua possessão preciosa (Sl 135.4), o salmista repete a obra de Deus em sua providência (Sl 135.6-7), no êxodo (Sl 135.8-9), na conquista (Sl 135.10-12) e em sua superioridade sobre todos os ídolos sem valor (Sl 135.15-18). Este salmo conclui com um chamado triplo para a casa de Israel, a casa de Arão e todos os tementes a Deus para louvarem ao Senhor de Sião e de Jerusalém (Sl 135.19-21).

³⁴ Êxodo 40.34; 2Crônicas 5.13-14.

³⁵ Liebreich, “Songs of Ascents”, p. 36, propõe que os três salmos acrescentados a essa coletânea que não incluem especificamente as palavras dessa bênção (Sl 124,126,131) podem ter sido inseridos para somar 15 salmos, em conexão com as 15 palavras da bênção araônica.

O salmo 135 representa uma reformulação dos salmos 113 e 115, que pertencem ao agrupamento inicial dos salmos *Hallelu-YAH* que concluem a primeira parte do Livro V. A primeira parte adaptada é tirada do salmo 113, que é o salmo final da primeira tríade nessa coletânea anterior de salmos *Hallelu-YAH* (Sl 111–113):

Hallelu-YAH!

Louvai, servos de Yahweh,

Louvai o nome de Yahweh (Sl 113.1).

Exceto por uma inversão na ordem das frases, o verso introdutório do salmo 135 é idêntico:

Hallelu-YAH!

Louvai o nome de Yahweh;

Louvai-o, servos de Yahweh (Sl 135.1).

A segunda porção adaptada é tirada do salmo 115, que é o salmo introdutório da segunda tríade da coletânea anterior dos salmos *Hallelu-YAH* (Sl 115–117). Os materiais adaptados no salmo 135 abreviam a zombaria dos vários membros inanimados dos ídolos, omitindo referência aos narizes, mãos e pés. Em vez de dizer que “som nenhum sai da garganta” dos ídolos (Sl 115.7b), o salmo 135 ressalta a sua inércia usando a frase mais dramática “não há alento de vida em sua boca” (Sl 135.17).

Esse salmo expressa uma confiança ainda mais forte nos propósitos redentores de Yahweh. No salmo 115, o poeta não identificado responde à zombaria das nações: “Onde está o Deus deles?” (Sl 115.2). Ele responde com uma afirmação sobre a localização de Deus no céu:

No céu está o nosso Deus

e tudo faz como lhe agrada (Sl 115.3).

O contexto do salmo 135 é diferente, e a resposta do salmista é diferente. Ninguém das “nações” no salmo 135 pergunta: “Onde está o Deus deles?” Em vez de afirmar que Elohim está (meramente) no céu (Sl 115), o salmista agora afirma sua confiança em Yahweh, o SENHOR DA ALIANÇA, com maior plenitude:

Com efeito, eu sei que Yahweh é grande

e que o nosso Deus está acima de todos os deuses.

Tudo quanto aprouve a Yahweh, ele o fez,
 nos céus e na terra,
 no mar e em todos os abismos (Sl 135.5-6).

Ele, então, expande essa afirmação por meio de uma forte lembrança do modo como o Senhor “feriu os primogênitos” de homens e animais no Egito, até mesmo presumindo dirigir-se diretamente ao Egito (Sl 135.8-9). De todas as passagens de salmos referentes ao Egito, somente neste versículo o salmista se volta e fala diretamente a essa nação estrangeira: “Quem, no meio de ti, ó Egito, operou sinais e prodígios” (בְּחֹכְכִי מִצְרַיִם). Pode ser que o salmista esteja entre aqueles que retornaram recentemente à terra da Palestina e lance seus olhos contra o antigo opressor de Israel, lembrando os egípcios do tempo anterior, quando o Yahweh subjugou seu poderoso Faraó pelas repetidas maravilhas das pragas? O salmista, em seguida, volta seu olhar para a Transjordânia e lembra a esse povo como o Senhor havia destruído “Seom, rei dos amorreus” e “Ogue, rei de Basã”, assim como todos os reis de Canaã (Sl 135.10-12).

Ao expor as consequências da idolatria e a importância de confiar apenas no Senhor, o salmo 135 cita as palavras do salmo anterior:

Tornem-se semelhantes a eles
 os que os fazem
 e quantos neles *confiam* (Sl 115.8; cf.: Sl 135.18).

Mas, ao fazer uma aplicação direta aos seus leitores, o salmo 135 altera cuidadosamente a redação do salmo 115. Em vez de uma tripla admoestação dirigida à casa de Israel, à casa de Arão e aos tementes a Yahweh para *confiarem* no Senhor, o salmo 135 admoesta a casa de Israel, a casa de Arão, a *casa de Levi* e os tementes a Yahweh para *louvarem* ao Senhor (Sl 115.9-11; cf.: Sl 135.19-20). Além da *confiança* está o *louvor*. O versículo final do salmo 135 indica que a situação alterada do povo de Deus deve inspirar seus louvores:

Desde Sião
 bendito seja o SENHOR,
 que habita
em Jerusalém! (Sl 135.21).

O salmista agora reside com seu povo em Sião, em Jerusalém. Bem dramática é a afirmação de que Yahweh mais uma vez “habita em Jerusalém” e que seu povo deve bendizê-lo “de Sião”.

Um outro fator da estrutura do salmo 135 deve ser observado em relação à primeira coletânea de salmos *Hallelu-YAH* no Livro V (Sl 111–117). Mais uma vez, esse agrupamento anterior consiste em duas tríades dos salmos *Hallelu-YAH* equilibrados em torno de um salmo sem *Hallelu-YAH* que celebra o êxodo do Egito (Sl 114). Agora, o salmo 135 abre com uma adaptação do salmo 113, o salmo final da primeira tríade *Hallelu-YAH* do Livro V (Sl 111–113), e fecha com uma adaptação do salmo 115, o salmo inicial da segunda tríade *Hallelu-YAH* do Livro V (Sl 115–117). Em outro ponto de paralelismo, a seção do meio do salmo 135 repete os acontecimentos do êxodo do Egito (Sl 135.8-9), como o salmo 114 faz na sua função central das duas tríades *Hallelu-YAH* (cf.: Sl 114.1).

Como consequência, o salmo 135 serve como um espelho concentrado da coletânea inicial de salmos *Hallelu-YAH* do Livro V em todos os três segmentos. Além disso, o salmo 135, com seu uso múltiplo do termo *Hallelu-YAH*, serve como conexão com o final climático de todo o livro de salmos (Sl 146–150). Como indicado anteriormente, somente no salmo 135 a exclamação *Hallelu-YAH* é encontrada dentro do corpo do salmo (Sl 135.3). Todas as outras ocorrências de *Hallelu-YAH* são no início ou no final de um salmo. Não sem razão, o salmo 135 foi incluído em algumas tradições judaicas como “o grande *Hallel*”, em comparação com “o *Hallel* egípcio”, nos salmos 113–118.

Portanto, alguns progressos parecem estar representados nesse arranjo do saltério. Em vez de continuar no exílio, o povo de Deus retornou à sua terra natal, de acordo com as promessas de Deus. Nas estruturas complexas do saltério, nem todos os salmos subsequentes assumirão essa perspectiva diferente. Mas, claramente, a bênção do Senhor agora vem mais uma vez “de Sião” e “Jerusalém”.

O salmo 136 é organizado como uma antífona, de acordo com as instruções gerais previamente prescritas por Davi.³⁶ Esse salmo começa e termina com uma convocação para dar graças ao Senhor, “porque sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136.1,26). O salmo examina a fidelidade do amor do Senhor no processo de criação (Sl 136.5-9), nas várias fases da redenção (Sl 136.10-24) e na providência (Sl 136.25). A circunstância final do redimido pressupõe o retorno da nação do exílio. O Senhor “se lembrou de nós em nosso abatimento” e nos “libertou dos nossos adversários” (Sl 136.23-24). Cada nova lembrança da fidelidade de Deus exige uma resposta antifonal por um refrão que

³⁶ Observe a referência à leitura antifonal dos salmos remetendo às instruções de Davi, mas ainda praticadas 500 anos depois, no período pós-exílico: “chefes dos levitas... estavam fronteiros para louvarem e darem graças, segundo o mandado de Davi, homem de Deus, coro contra coro” (Ne 12.24).

ocorre 26 vezes: “A sua misericórdia dura para sempre”.³⁷ Essa frase lembra a fidelidade do Senhor ao longo dos tempos, até o tempo da restauração dos israelitas na sua terra após o exílio (cf. Ed 3.10-11).

O salmo 137 apresenta a queixa dos cativos de Israel “às margens dos rios da Babilônia”. Mas por que, pode-se perguntar, esse salmo se ocupa especificamente de Israel no exílio, alguns salmos depois de um salmo anterior ter tratado tão especificamente da restauração após o exílio (Sl 126)? Por que uma ordem cronológica deve ser obviamente ignorada pelo organizador do saltério?

Em resposta a essa questão legítima, primeiro pode-se observar que o salmo 126 foi apropriadamente colocado entre os salmos de romagem. A “restauração de Sião” da frase de abertura do salmo 126 ajusta-se corretamente à estrutura litúrgica desses salmos de romagem, tendo em vista o retorno dos israelitas a Sião após o exílio. A representação do salmo 137 de um povo no exílio não seria uma adição adequada a uma coletânea de salmos com foco na peregrinação a Jerusalém. Claramente, a consideração predominante do arranjo do saltério não é primariamente cronológica, mas bíblico-teológica.

Do ponto de vista positivo, o salmo 137 aparece como o terceiro e último elemento dessa tríade de salmos de recordação histórica que proporciona uma transição entre os salmos de romagem (Sl 120-134) e a coletânea davídica final (Sl 138-145). Esse posicionamento do salmo 137 pode ser mais bem compreendido considerando-se seu papel como uma introdução à coletânea final de salmos davídicos (Sl 138-145), que foram devidamente reservados para a penúltima posição no saltério.

No salmo 137, o povo de Deus está situado “à margem dos rios da Babilônia” (Sl 137.1). No entanto, mesmo que o povo tenha sido banido de sua cidade devastada, Jerusalém e Sião permanecem proeminentes como o centro perpétuo da vida de Israel:

Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém,
que se resseque a minha mão direita.
Apegue-se-me a língua ao paladar,
se me não lembrar de ti,
se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria
(Sl 137.5-6).

³⁷ Esse arranjo antifonal de uma porção significativa de muitos dos salmos alcança dimensões cósmicas no salmo 148, em que o céu (v.1-6) e a terra (v.7-12) louvam o Senhor de maneira antifonal. Um resgate dessa característica do saltério poderia ajudar muito no renascimento das práticas de adoração na igreja universal de hoje.

Pode-se lembrar que apenas um pequeno remanescente, num total de aproximadamente 49 mil pessoas, respondeu positivamente ao decreto de Ciro de que os cativos da Judeia poderiam retornar à sua terra natal (Ed 2.64-65). A grande maioria dos israelitas escolheu permanecer na Babilônia e foi advertida pelo profeta Zacarias a “fugir da Babilônia” (Zc 2.6-7). Nesse contexto, o salmista lembra às pessoas a tristeza associada ao seu exílio da terra especialmente prometida a eles (Sl 137.1). Acima de tudo, o povo não deve esquecer de Jerusalém (Sl 137.5-6).

Jerusalém foi repetidamente chamada de “Cidade de Davi” (2Sm 5.7,9; 6.10,12,16; 1Rs 2.10; 8.1; 9.24; 1Cr 11.5,7; 15.1,29; 2Cr 5.2; 24.16; Is 22.9). Foi a localidade escolhida pessoalmente para a residência de Davi, bem como para a morada permanente do Senhor. Essa característica fundamental da aliança davídica manteve sua posição de proeminência ao longo do saltério. Embora Jerusalém seja atualmente imaginada como totalmente dominada por seus senhores, este último salmo que precede a coletânea davídica declara que o inimigo supremo de Jerusalém, a “filha da Babilônia”, está “condenada à destruição” (Sl 137.8). É necessário, então, que esse salmo antecipe a coletânea final de salmos davídicos para ser empregado como expressão adequada para um povo que luta com seus inimigos perpétuos, embora com a expectativa final de libertação.

A quarta e última coletânea de salmos davídicos (Sl 138–145)

Essa coletânea especial de salmos atribuídos a Davi é apropriadamente reservada para a penúltima posição no livro de Salmos. Em contraste com as coletâneas davídicas anteriores nos Livros I e II, apenas um desses salmos se refere a uma experiência de vida específica de Davi, “quando estava na caverna” (título do Sl 142), que é uma observação bem geral que indica um estado de deslocamento de Davi semelhante à situação de Israel no exílio.

Mas por que esses salmos de Davi são reservados para o livro final do saltério? Por que eles não foram incluídos, com as coletâneas anteriores de salmos davídicos, nos Livros I e II? Por que, de fato, esses salmos particulares de Davi foram escolhidos como a última coletânea de seus salmos, e não alguns outros? Qual o sentido de reintroduzir esses “inimigos” perpétuos de Davi quando o saltério já declarou, no Livro IV, *Yahweh Malak* (Sl 93.1; 96.10; 97.1; 99.1) e repetiu altos *Hallelu-YAH* na parte anterior do Livro V (Sl 111–117)?

Talvez o organizador final de salmos quisesse manter uma forte dose de realismo no final do livro. Pode ser que Deus seja estabelecido como Rei em Sião e que o Senhor governe as nações. No entanto, a tensão entre o *já* e o *ainda não* deve ser totalmente reconhecida. O último golpe para destruir o inimigo ainda não foi dado. As lutas que Davi teve para instalar o reino mes-

siânico continuam até hoje. Mesmo em meio a vitórias, incluindo a perspectiva de restauração após o exílio, a angústia continua. Assim, o organizador do saltério é obrigado a incluir essa coletânea final de salmos davídicos para o bem-estar do povo de Deus em cada geração subsequente.

Em qualquer caso, esses salmos específicos são adequados para a fase final do saltério. Durante os dias do exílio de Israel, o saltério provavelmente começou a assumir a sua forma final. Nesse cenário histórico e bíblico-teológico, os salmos apropriados para a aplicação ao período do exílio de Israel constituem adequadamente essa coletânea davídica final. Embora não exista uma boa razão para negar a autoria davídica, esses salmos são simultaneamente adequados para o tempo do exílio de Israel e para o período de sua composição original. Essa é, afinal, a maneira pela qual a igreja e os crentes individuais aplicaram os salmos às suas diversas situações históricas ao longo dos tempos.

Indicadores de adequação para uma aplicação exílica desses salmos davídicos finais

Os critérios para a adequação desses salmos davídicos finais em relação ao exílio de Israel se tornam mais claros quando observamos certas frases distintivas:

1. Salmo 141.2 diz:

Suba à tua presença a minha oração,
como incenso,
e seja o erguer de minhas mãos
como oferenda vespertina (Sl 141.2).

Para aqueles que vivem no contexto das realidades da nova aliança, essa comparação da oração com incenso e sacrifícios pode não parecer tão notável. Contudo, surpreendentemente, das muitas referências ao sacrifício nos salmos, apenas algumas passagens possivelmente comparam a oração ao sacrifício. “Sacrifícios de justiça” (Sl 4.5) podem referir-se a ações moralmente justas como sacrifícios, embora a frase possa exigir a oferta de sacrifícios literais em conformidade com a lei, ou mesmo os sacrifícios oferecidos por uma pessoa justa.³⁸ O “sacrifício” de um “espírito quebrantado” é descrito como aceitável a Deus (Sl 51.17). O salmista pede ao Senhor que aceite as “espontâneas oferendas” de seus lábios (Sl 119.108), mas esse salmo também dá evidências significativas de origem exílica. Na verdade, a

³⁸ Cf.: Bruce K. Waltke e James M. Houston, *The Psalms as Christian Worship* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), p. 237.

obediência a Deus é apresentada como sendo mais desejável do que o sacrifício (Sl 40.6-8; cf. 1Sm 15.22; Is 1.11; Jr 6.20; Os 6.6; Am 5.21-24; Mq 6.6-8). Essas passagens, porém, não descrevem essa obediência desejada como um “sacrifício” real. Em outros lugares, nas Escrituras da antiga aliança fora do saltério, duas passagens dos profetas podem fazer alusão a sacrifícios espirituais. Jonas refere-se à sua “voz do agradecimento” como um “sacrifício” (Jn 2.9). No final da era da antiga aliança, o profeta Malaquias se refere ao incenso trazido em nome do Senhor desde o nascimento do sol até ao poente (Ml 1.11), mas até mesmo ele poderia estar antecipando verdadeiros sacrifícios materiais.³⁹

Portanto comparações específicas de oração com sacrifício nos salmos são raras, se não inexistentes. No entanto, essa associação entre oração e sacrifício no salmo 141.2 se encaixa perfeitamente em uma situação em que o templo em Jerusalém foi destruído e o sacrifício material não pode ser oferecido. A oração deve substituir o sacrifício no contexto do exílio. Ao mesmo tempo, por sua exclusão da possibilidade de se aproximar do complexo do templo/tabernáculo, Davi também podia ser visto orando dessa mesma maneira.

2. O salmo 142.5 declara: “Tu és... o meu quinhão na terra dos viventes”. Essa imagem de Deus ser a porção de seu povo aparece apenas raramente na Escritura. O Senhor é a “porção” dos sacerdotes de Israel, em vez de um bloco específico de território (Nm 18.20). O conceito aparece ocasionalmente nos salmos (cf. Sl 16.5; 73.26; 119.57). Porém, de forma distinta, necessariamente, o Senhor deve ser a “porção” de um povo levado de sua terra para o exílio. Este fato é sublinhado pelo livro de Lamentações quando, no meio da devastação de Judá pelos babilônios, a mensagem é proclamada: “A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele” (Lm 3.24). Novamente, Davi, no exílio, pode ser visto orando da mesma maneira.

3. O salmo 143.3 emprega uma frase impressionante para expressar o desespero do salmista: “Tem-me feito habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito” (הוֹשִׁיבֵנִי בְּמַחְשֵׁכִים כַּמָּתִי עוֹלָם). Essa frase distintiva aparece em apenas uma outra passagem no Antigo Testamento. O livro de Lamentações expressa o sofrimento sobre o exílio de Israel usando expressão idêntica, embora com uma ligeira diferença na ordem das palavras: “Fez-me habitar em lugares tenebrosos, como os que estão mortos para sempre” (עוֹלָם עַל־מָוֶת בְּמַחְשֵׁכִים הוֹשִׁיבֵנִי כַּמָּתִי – Lm 3.6). Como consequência, o salmo 143 pode ser

³⁹ Referências aos sacrifícios “espirituais” no Novo Testamento ocorrem com muito mais frequência. Elas podem ser encontradas em Romanos 12.1; Efésios 5.2; Filipenses 2.17; 4.18; Hebreus 9.26; 10.10,12,14; 13.16; 1Pedro 2.5; 1João 2.2; 4.10.

lido como uma expressão apropriada dos israelitas nas extremidades de seu exílio, bem como de Davi nos seus dias de desespero.

4. O salmo 144.5-8 requer uma manifestação do poder redentivo de Deus similar às descrições de Davi (2Sm 22.8-20) como a única esperança de libertação dos “estrangeiros”. Esse pedido de intervenção divina enfatiza a repetição poética:

Livra-me e arrebatame-me
das muitas águas
e do poder de estranhos, (מִיַּד בְּנֵי-נֹכַר)
cuja boca profere mentiras,
e cuja direita é direita de falsidade (Sl 144.7-8).

Livra-me e salva-me
do poder de estranhos, (מִיַּד בְּנֵי-נֹכַר)
cuja boca profere mentiras,
e cuja direita é direita de falsidade (Sl 144.11).

No salmo que acaba de preceder esta coletânea final de salmos davídicos, os cativos de Israel na Babilônia exclamam: “Como, porém, haveríamos de entoar o canto do SENHOR em terra estranha?” (עַל אֲדָמָת נֹכַר – Sl 137.4). Embora o salmo 144 seja atribuído a Davi, essa referência distinta aos “estrangeiros” o torna simultaneamente apropriado para uma repetição em um momento de exílio.⁴⁰

O fato de que quatro dos sete primeiros desses salmos davídicos finais contêm frases distintivas apropriadas ao tempo do exílio de Israel, assim como a Davi em fuga, pode fornecer uma pista para o motivo de sua posição no saltério. Como a forma final do saltério provavelmente foi estabelecida no tempo do exílio e restauração de Israel, existem razões tanto temporais quanto bíblicas e teológicas para posicionar esses salmos específicos antes do livro de *Hallelu-YAH* final (Sl 146-150).

A localização do salmo acróstico 145 como o último dos salmos davídicos

O motivo para a localização do salmo 145 como o último desta quarta coletânea davídica aparece em seu título. Nenhum outro dos sete salmos de Davi

⁴⁰ Uma perspectiva totalmente diferente sobre os “estrangeiros” é encontrada na primeira coletânea de salmos davídicos (Livro I, Sl 3-41). Depois que o Senhor libertou Davi de todos os seus inimigos, ele declarou: “Os estrangeiros se me mostram submissos. Sumiram-se os estrangeiros e das suas fortificações saíram, espavoridos” (Sl 18.44-45).

é chamado de “louvores de Davi”, como indica o título do salmo 145. Este último salmo davídico foi estabelecido em seu lugar em preparação para a última crescente de louvor no saltério. A natureza acróstica do salmo sublinha seu significado na estrutura do Livro V. É o último dos quatro salmos acrósticos no Livro V e completamente regular na sequência do alfabeto, exceto pelo fato de que a letra *nun* é omitida.⁴¹ Pela primeira vez desde o Livro I, um salmo especificamente indicado como davídico faz saudações a Yahweh como Rei (Sl 145.1). O salmo sublinha esse reinado de Yahweh com uma referência quádrupla ao seu reino no foco do salmo (Sl 145.11,12,13 [2X]) e, curiosamente, encontra seu eco nos lábios do poderoso rei Nabucodonosor, da Babilônia, que experimentou a glória do reino de Yahweh como maior do que a sua:

O teu reino é o de todos os séculos,
e o teu domínio subsiste por todas as gerações (Sl 145.13; cf. Dn 4.3b).

Numa gloriosa “antifonia geracional” que situa esse salmo acima de um momento “congelado” na história redentora, espera-se que as gerações futuras respondam antifonalmente ao louvor de Davi:

Uma geração louvará a outra geração as tuas obras
e anunciará os teus poderosos feitos.
Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade
e nas tuas maravilhas.
Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos,
e contarei a tua grandeza.
Divulgarão a memória de tua muita bondade
e com júbilo celebrarão a tua justiça (Sl 145.4-7).

Quatro vezes o salmista (Davi) refere-se a “tudo” que o Senhor fez, em antecipação a uma convocação final para que toda a criação louve ao Senhor:

O SENHOR é bom
para todos.
Todas as tuas obras
te renderão graças (Sl 145.9-10).

⁴¹ O esforço da LXX para fornecer a letra perdida não é convincente. Hengstenberg, *Psalms*, 3:535, faz um bom argumento em favor de uma divisão tripla do salmo com sete versos para cada seção.

O SENHOR é... santo em todas as suas obras (Sl 145.13b).

O SENHOR é... benigno em todas as suas obras (Sl 145.17b).

O último verso desta última coletânea davídica antecipa o clímax de todo o saltério: “Toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre” (Sl 145.21). Seu eco óbvio aparece nas palavras finais do livro de salmos: “Todo ser que respira louve ao SENHOR” (Sl 150.6). Por esses vários motivos, o posicionamento do salmo 145 como o salmo davídico final do saltério, aparecendo imediatamente antes do louvor final (Sl 146–150), é totalmente apropriado.

O *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150)

Esse agrupamento climático consiste de cinco salmos, cada um começando e terminando com *Hallelu-YAH*. Esses cinco salmos formam o *Hallelu-YAH* final do livro de Salmos.⁴² Logo antes desses cinco salmos *Hallelu-YAH*, dois salmos de Davi descrevem o Senhor como aquele que subjuga os povos sob o messiânico rei Davi (Sl 144.1,2c) e, em seguida, exaltam o próprio Senhor como o rei cujo reino é eterno e cujo domínio perdura por todas as gerações (Sl 145.1,13a).

Esse conceito de Deus como Rei aparece nas mais antigas tradições do povo de Deus. No Cântico do Mar, Moisés declara:

O SENHOR reinará

por todo o sempre [יְהוָה יִמְלֹךְ לְעֹלָם וָעֶד] (Êx 15.18)⁴³

⁴² Frank-Lothar Hossfeld e Eric Zenger, *Psalms 2: A Commentary on Psalms 51–100* (Mineápolis: Fortress Press, 2005), p. 1, fala dos salmos 146–150 como “um grande hino final”.

⁴³ Veja também Números 23.21; Deuteronômio 33.5. Apesar do caráter aparentemente antigo das três afirmações poéticas do reinado de Yāhweh, Kraus, *Theology*, p. 26, opta pelo ceticismo de A. Alt sem argumentar o caso. Ele indica que quer “desenvolver a hipótese” (sem prova ou argumentação) de que a designação de Yāhweh como Rei apareceu pela primeira vez em Siló, em conexão com as “histórias sobre a arca”. *Ibid.*, p. 27. Por que o material considerado pelo próprio Kraus como “histórias” deve ter maior significado do que as antigas formas poéticas das Escrituras não é esclarecido. Kraus insiste que a ideia de Yāhweh como Rei sobre todos os outros deuses, na verdade, derivou da influência generalizada do antigo Oriente Próximo, particularmente de Ugarite, Babilônia e Egito. *Ibid.*, p. 28-29. Mas, em seguida, explicando a distinção dessa ideia em Israel, ele observa que “todos os poderes e divindades foram totalmente despojados de seu poder” quando Yāhweh foi declarado Rei sobre todos os outros “deuses”. *Ibid.*, p. 30. Nesse ponto, deve ser questionado qual evidência está realmente presente nas Escrituras de Israel sobre o processo de transformação de uma ideia emprestada, ou se seria mais provável que, a partir das origens mais antigas da fé de Israel, essa afirmação radical da exclusividade da existência de Yāhweh como Deus e Rei sempre esteve presente. Uma vez reconhecida a singularidade das experiências revelacionais em Israel, não há necessidade de absorção e transformação de conceitos religiosos naturalistas e estrangeiros.

Agora, nesta conclusão do livro de Salmos, Deus é exaltado mais uma vez como Rei entre as nações. Além disso, assim como Deus é Rei, Davi é autorizado por ele a servir como rei-Messias sobre o seu povo, incluindo os povos de todas as nações e de Israel.

Conclusão do Livro V

O fim do livro de Salmos reflete seu começo. A visão retratada nos dois “salmos pilares”, salmos 1 e 2, é descrita como tendo sido realizada. Um reino de justiça que está totalmente de acordo com a Torá de Yáhwéh finalmente existe e continuará por toda a eternidade. Os dois reis e os dois reinos se uniram. Nações e povos são governados solidariamente por Yahweh e seu Messias.

As várias circunstâncias que produzem esse louvor climático nesse *Hallelu-YAH* final ecoam os temas principais do saltério:

O Senhor é o Criador de todo o mundo. Foi ele “que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Sl 146.6). Sol, lua, e estrelas devem louvá-lo, “pois mandou ele, e foram criados” (Sl 148.3,5). O povo de Israel é convocado a regozijar-se “no seu Criador” (Sl 149.2). *Hallelu-YAH!*

O Senhor é o sustentador do Universo. Ele “dá pão aos que têm fome” e “ampara o órfão e a viúva” (Sl 146.7,9). Ele “prepara a chuva para a terra, faz brotar nos montes a erva e dá o alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam” (Sl 147.8-9). Relâmpagos e granizo, neve e nuvens, árvores frutíferas e todos os cedros, pequenas criaturas e aves voadoras, todos obedecem ao seu comando (Sl 148.8-10). Ele “conta o número das estrelas, chamando-as todas pelo seu nome” (Sl 147.4). *Hallelu-YAH!*

O Senhor é o Redentor do seu povo. Ele é o Deus de Jacó, que sustenta a causa dos oprimidos, ama os justos e frustra os caminhos dos ímpios (Sl 146.5,7,9). Ele sustenta o humilde, mas lança os ímpios no chão, porque se agrada daqueles que o temem (Sl 147.6,11). Ele mostrou “a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus preceitos, a Israel” (Sl 147.19). *Hallelu-YAH!*

O Senhor é o Rei, e uniu o reinado do Messias ao seu. O Senhor reina para sempre (Sl 146.10). Ele levantou para o seu povo um “chifre” (poder), um soberano e benéfico governante (Sl 148.14). Seu povo deve se alegrar em seu Rei (Sl 149.2). *Hallelu-YAH!*

O Senhor estabeleceu sua morada permanente na terra, que reflete sua morada no céu. O Senhor reina em Sião por todas as gerações (Sl 146.10). Ele levanta Jerusalém (Sl 147.2). Jerusalém e Sião devem louvar o seu Deus, porque

fortalece as trancas de suas portas (Sl 147.12-13). O Monte Sião se alegra com aquele que governa como seu Rei (Sl 149.2). As legiões celestiais louvam o Senhor dos céus e das alturas (Sl 148.1-2). Seu esplendor está acima da terra e dos céus (Sl 148.13b). Seu santuário está em seus céus poderosos (Sl 150.1). Por essa dupla representação da morada permanente de Deus, estes salmos finais sublinham a união do governo do Senhor no céu com o seu reino na terra. *Hallelu-YAH!*

Excursus 2. As “pirâmides poéticas” do saltério

Introdução: uma exploração inicial de um possível elemento estrutural no saltério

Um possível elemento estrutural no saltério que recebeu pouco ou nenhum reconhecimento pode ser caracterizado como a *pirâmide poética*. As seguintes observações representam uma exploração inicial deste elemento estrutural no saltério. Nenhum esforço será feito neste ponto para explorar interconexões nos vários salmos em cada coletânea.

Várias pirâmides poéticas diferentes merecem atenção nos vários livros do saltério. Essas coletâneas assumem uma forma semelhante na medida em que cada uma possui um salmo central que serve como ápice do agrupamento. O mesmo número de salmos em ambos os lados do salmo central proporciona equilíbrio para a coletânea. Um tema comum fornece regularmente unidade de substância. Exemplos mais convincentes aparecem nos últimos livros do saltério. Possíveis pirâmides poéticas que começam com esses livros posteriores podem ser observadas da seguinte maneira:

Salmos 120-134

Das várias coletâneas desse tipo, os salmos de romagem (Sl 120-134) representam o exemplo mais elaborado de uma possível pirâmide poética. O salmo 127, designado em seu título como “de Salomão”, serve como o ápice dessa coletânea. Conforme mencionado anteriormente, esse salmo contém as principais ênfases da aliança davídica, incluindo a edificação da “casa” em termos tanto da construção do templo quanto da perpetuação da dinastia davídica. Dando equilíbrio a esse salmo central estão sete salmos de cada lado, formando um total de 15 salmos. Dois salmos “de Davi” e cinco salmos adicionais sem atribuição de autoria aparecem em ambos os lados do salmo 127. Além disso, o nome divino Yahweh aparece exatamente 24 vezes em ambos os lados desse “salmo central”.

Por que essa concentração no nome divino *Yahweh*? Anteriormente, observou-se que não menos de 12 dos 15 salmos de romagem refletem algum aspecto da bênção sacerdotal registrada no livro de Números. Depois de

ensaiar o triplo pronunciamento do nome de *Yahweh*, o livro de Números fornece uma explicação resumida do significado dessa bênção: “Assim, *porão o meu nome* sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei” (Nm 6.27). O ápice da bênção esperada pelo povo ao fazer sua “subida” ao templo em Jerusalém era que o sacerdote “poria o nome de [Yahweh]” sobre eles. Então, apropriadamente, esses salmos de romagem se concentram repetidamente no nome de *Yahweh*, o nome da aliança do Deus de Israel. Não é meramente um interesse curioso em contagem de palavras equilibradas que está por trás dos 24 usos do nome *Yahweh* de cada lado do salmo 127. Em vez disso, um foco na bênção final associada ao Nome está por trás dessa precisão no pronunciamento do Nome divino. A coletânea pode ser representada graficamente na figura 9.1.

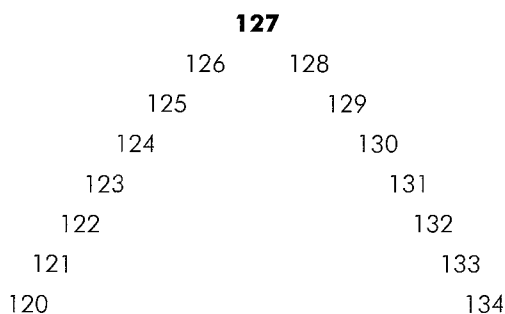
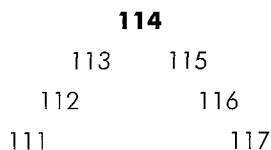


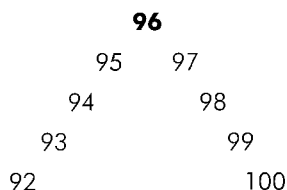
Figura 9.1. Salmos 120–134

Salmos 111–117

Uma segunda pirâmide poética possível pode ser observada na primeira coletânea de salmos *Hallelu-YAH* do Livro V (Sl 111–117). Esse agrupamento consiste em sete salmos, com o salmo 114 como salmo central da coletânea. Como observado anteriormente, em cada lado do salmo 114 existe uma tríade de salmos de *Hallelu-YAH*, com ambas as tríades tendo um arranjo comparável. Na primeira tríade, os salmos 111 e 112 começam com *Hallelu-YAH*, seguido do salmo 113, que começa e termina com *Hallelu-YAH*. Na segunda tríade, os salmos 115 e 116 terminam com *Hallelu-YAH*, enquanto o salmo 117 começa com *Hallelu Yahweh* e termina com *Hallelu-YAH*. O salmo 114, com a referência célebre à vinda de Israel “para fora do Egito” (Sl 114.1) serve como o pináculo dessa coletânea, fornecendo o foco de louvor, embora este salmo central não contenha *Hallelu-YAH*. Essa pirâmide poética pode ser retratada na figura 9.2.

**Figura 9.2. Salmos 111-117*****Salmos 92-100***

Uma terceira possível pirâmide poética pode ser observada no Livro IV, abrangendo os nove salmos do grupo *Yahweh Malak*. O salmo 96 serve de forma dramática como o primeiro salmo dessa coletânea. Três salmos nessa coletânea começam com a mesma declaração de *Yahweh Malak* (Sl 93.1; 97.1; 99.1). Em sua totalidade, o salmo 96 reflete a porção central do salmo em Crônicas que define a origem da explosão do júbilo *Yahweh Malak*. Essa frase repete perpetuamente o clímax de festa originário do transporte da arca da aliança a Jerusalém, unindo efetivamente o trono de Yahweh com o trono de Davi (1Cr 16.31). A inclusão dos salmos 92 a 100 nesse agrupamento foi discutida anteriormente. A estrutura desta coletânea pode ser retratada como mostra a figura 9.3.

**Figura 9.3. Salmos 92-100*****Salmos 77-83***

Uma quarta pirâmide poética possível aparece no Livro III, com sua coletânea de sete salmos que descrevem as devastações e libertações de “Jacó” e “José”, representando os grupos tribais do sul e do norte. A libertação da tribo do sul de Judá aparece no salmo 78, que lembra a escolha divina histórica de Sião e Davi (Sl 78.68-72). O salmo 79 segue imediatamente, com sua descrição vívida da destruição de Jerusalém pelos invasores da Babilônia (Sl 79.1-4). Ao mesmo tempo, o clímax desse agrupamento de sete salmos centra-se no salmo 80, com a representação da devastação e da libertação das tribos do norte representadas por José e Benjamim, filhos de Jacó e sua amada esposa Raquel,

juntamente com os filhos gêmeos de José, Efraim e Manassés (cf. Sl 80.1-2). Todas as referências a “José” no saltério aparecem nessa coletânea de sete salmos (Sl 77–83), com a única exceção da narrativa da história de José no salmo 105.17-22. A primeira menção a José no saltério ocorre no salmo inicial desse agrupamento (Sl 77.15). O salmo 80, o central desse agrupamento, tem seu clímax com o aparecimento do “filho”, o “filho do homem”, o “homem da mão direita” (um jogo de palavras com o nome Ben-Yamin, “filho da mão direita”, Sl 80.15,17). Conforme discutido anteriormente, esse herói salvador singular, mais tarde identificado na tradição judaica como “Messias *ben* José” ou “Messias *ben* Efraim”, oferece esperança de libertação para as tribos do norte, apesar da sua devastação pelos exércitos assírios. O salmo 80 serve não apenas como o pináculo desse agrupamento, mas como o salmo central do saltério, pois, de acordo com cálculos judaicos tradicionais, o salmo 80 contém a letra central de todo o livro de salmos. Essa coletânea de sete salmos, com o salmo 80 servindo como centro, conclui com referências a libertações anteriores entre as tribos de Efraim e Manassés, descendentes de José, nos dias dos juízes (Sl 83.9-12). Esse possível agrupamento piramidal pode ser visualizado na figura 9.4.

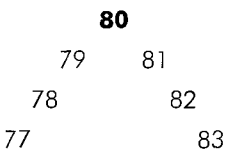


Figura 9.4. Salmos 77–83

Salmos 20–24

Uma quinta possível pirâmide poética pode ser observada no Livro I, com seu agrupamento de cinco salmos reais (Sl 20–24). Nesse caso, o salmo 22 serve como o salmo central da coletânea, com dois salmos reais de cada lado. Conforme discutido anteriormente, o salmo 22 retrata o reinado do Messias e o reinado de Yahweh. De um lado do pináculo, os salmos 20 e 21 apresentam o Messias como rei. Do outro lado, os salmos 23 e 24 apresentam Yahweh como Rei. Essa pirâmide poética pode ser diagramada como mostra a figura 9.5.



Figura 9.5. Salmos 20–24

Conclusão sobre a pirâmide poética como um possível elemento estrutural no saltério

Assim, várias pirâmides poéticas parecem fornecer um elemento estrutural distintivo em vários livros do saltério. É necessária mais exploração para confirmar essas estruturas e para descobrir as relações precisas dos salmos específicos dentro desses agrupamentos particulares.⁴⁴

Qual é o significado desse arranjo único no saltério? Por que o(s) organizador(es) aparentemente fez um uso tão amplo dessa forma?

Como no caso dos salmos acrósticos discutidos anteriormente, o propósito pode ter sido o de facilitar uma compreensão significativa de uma porção maior do saltério. Como consequência desse arranjo, se uma pessoa memorizasse os salmos centrais de cada um desses agrupamentos (Sl 22; 80; 96; 114; 127), possuiria âncoras fortes para alcançar uma compreensão mais completa dos quatro livros do saltério. Essas cinco pirâmides poéticas abrangem não menos de 40 salmos, ou mais de um quarto do saltério inteiro. Compreender a posição estratégica dos salmos centrais permitiria a uma pessoa entender de forma muito mais eficaz a substância do saltério como um todo. Se essa consciência dos salmos centrais se associasse a uma compreensão dos salmos acrósticos, juntamente com a identidade dos salmos “de ligação” que conectam os vários livros, a pessoa não teria problemas para possuir material adequado para meditar na Torá de Yahweh “dia e noite”.

⁴⁴ Agrupamentos adicionais dignos de exploração incluem os salmos 11-17, 26-32, 54-60 e 146-150.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O fluxo do livro de salmos pode ser traçado do início ao fim.¹ Embora não seja puramente cronológico, uma ordem relativa na sequência de tempo é evidente. Embora não seja temático, as várias coletâneas de salmos apresentam claramente um agrupamento por conteúdo. Começando com o esforço de Davi contra inimigos pessoais que fazem oposição ao seu estabelecimento como o rei messiânico do SENHOR DA ALIANÇA, o saltério se move por meio de repetidos confrontos que eventualmente incluem inimigos estrangeiros e que têm seu clímax com os ataques dos conquistadores mundiais Assíria e Babilônia. Ao longo desses desenvolvimentos, o saltério prevê a fusão total do reino messiânico davídico com o domínio do SENHOR DA ALIANÇA de Israel. Construída sobre o fundamento do senhorio de Deus manifestado na criação e ao longo de seu ordenamento providencial do mundo, a aliança de Deus com Davi e seus filhos será eventualmente consumada nesse reinado messiânico que vem à realização por meio de conflito. No final, o saltério

¹ Jamie A. Grant, *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004), p. 262, diz que nada requer uma divisão do saltério. No entanto, se houver um fluxo, um movimento de circunstância histórico-redentora do *confronto à comunicação* para a *devastação* até o *amadurecimento* e até a *consumação* nos cinco livros, existe uma razão inerente para a divisão do saltério. Mesmo que muitos salmos individuais não sigam exatamente esse “fluxo”, a progressão geral na estrutura e na circunstância, no entanto, fornece uma explicação essencial para a divisão do saltério.

convoca os povos de todas as nações, juntamente com a criação inanimada, a oferecer um louvor ao SENHOR DA ALIANÇA com um retumbante *Hallelu-YAH!*

Ao revisar esse fluxo do saltério, do salmo 1 ao salmo 150, quatro assuntos são apresentados: (1) diagramas que descrevem a estrutura do saltério; (2) uma visão estrutural projetada para auxiliar na memorização da substância do saltério; (3) temas distintivos que se repetem nos cinco livros; e (4) o impacto da estrutura do saltério na perspectiva do Novo Testamento sobre os salmos.

Diagramas que descrevem a estrutura do saltério

A estrutura intencional é evidente em todo o saltério, como mostram vários estudos recentes. Essa estrutura inerente pode ser observada, em parte, pela análise de agrupamentos entre vários autores, conforme indicado nos títulos do saltério. Os salmos de “ligação” que unem os vários livros também contribuem para o arranjo intencional dos materiais, assim como as coletâneas de acordo com gêneros específicos, como os salmos reais ou os salmos de romagem. Mas a substância dos salmos fornece o indicador mais básico da estrutura do saltério. Esse aspecto do arranjo do salmo substitui todas as outras considerações de estrutura. Os diagramas a seguir descrevem a estrutura básica do saltério à medida que se desenvolve nos cinco livros, à luz de vários elementos estruturais.

Diagrama introdutório: estrutura geral do saltério

Neste diagrama, os cinco livros do saltério podem ser claramente percebidos em termos de seu tamanho relativo e foco temático. Claramente, os Livros I e V são os maiores dos cinco livros, abrangendo mais de 40 salmos cada. Os Livros III e IV contêm apenas 17 salmos cada, que representam apenas um pouco mais de um terço do número de salmos incluídos nos livros de abertura e conclusão. O Livro II é intermediário em tamanho, com 31 salmos.

Esse diagrama inicial também indica o tema geral de cada um dos cinco livros. Essas cinco principais palavras-tema, obviamente, não podem representar a substância de cada salmo nos vários livros. Mas elas podem colocar em foco o principal impulso de cada livro sucessivo, bem como seu papel na progressão do saltério como um todo. Veja “Diagrama introdutório: estrutura geral do saltério” nas figuras coloridas no final do livro.

Diagramas 1 a 5: estrutura de cada um dos cinco livros

Os cinco diagramas seguintes descrevem a estrutura básica dentro de cada um dos cinco livros do saltério. Esses diagramas incluem indicadores de autoria, junção de Torá e salmos messiânicos, salmos acrósticos, salmos criacionais, agrupamentos ou temas significativos e possíveis salmos de pirâmide poética.

Diagrama 1. Livro I (Sl 1–41) – Confrontação

O Livro I começa com a junção de um salmo da Torá com um salmo messiânico (Sl 1–2). Esses dois salmos apresentam os principais temas que serão desenvolvidos em todo o saltério. O Livro I consiste essencialmente da primeira coletânea davídica do saltério (Sl 3–41*).² Praticamente todos os salmos desse livro são atribuídos a Davi em seus títulos.

O tamanho relativo dos vários livros tem significado para considerações estruturais. Se os autores/organizadores das várias partes do saltério pretendessem que as pessoas pudessem aprender toda a substância do saltério, os livros maiores precisariam ser divididos em seções menores. Então os Livros I e V estão divididos em dois segmentos principais pela junção de um salmo messiânico com um salmo da Torá nesses dois livros maiores (Sl 18–19; Sl 118–119). Além disso, os oito salmos acrósticos do saltério são distribuídos através desses dois livros, com quatro salmos acrósticos no Livro I e quatro no Livro V. O efeito de sua localização é subdividir esses livros em unidades ainda menores.

Uma característica interessante do Livro I é o posicionamento de seus três salmos criacionais imediatamente antes de um salmo acróstico. O salmo 8, que fala da criação, precede o(s) salmo(s) acróstico(s) 9/10; o salmo criacional 24 precede o salmo acróstico 25; e o salmo criacional 33 precede o salmo acróstico 34.

Dois agrupamentos de possíveis salmos de pirâmide poética estão representados no diagrama. Essas coletâneas especiais apresentam um “salmo central” proeminente no centro do agrupamento, com um número igual de salmos relacionados em ambos os lados do salmo central.

Pelo menos três agrupamentos temáticos importantes de salmos aparecem no Livro I. Cinco salmos reais ocorrem logo após a união do salmo 18 messiânico com o salmo 19 de Torá (Sl 20–24). Esses cinco salmos reais estão posicionados para responder ao salmo messiânico 18. Nessa primeira coletânea de salmos reais, os salmos 20 e 21 apresentam o rei messiânico; os salmos 23 e 24 apresentam o Senhor como rei; e o salmo 22 combina esses dois reis em um único salmo. Como fator estrutural adicional, o salmo 25, com seu minucioso destaque do significado do “ensino” do Senhor, responde ao salmo da Torá 19. A dupla confissão de pecado no salmo 25 indica uma resposta adicional ao salmo 19 da Torá.

Um agrupamento de sete salmos pode ser visto como possivelmente respondendo ao segundo aspecto principal da aliança davídica ao lado do tema da “dinastia perpétua”: o “lugar de morada permanente” do Senhor. Cada

² Assim como em outros lugares, o asterisco (*) indica um agrupamento de salmos cujos títulos podem não referir especificamente a um indivíduo específico.

um dos salmos 26–32 refere-se à habitação do Senhor com uma variedade de frases. O salmo 29 desse agrupamento serve como salmo central, com sua representação dramática da estrondosa “voz do SENHOR” falando de sua habitação real no céu.

O Livro I conclui com um agrupamento de oito salmos que descrevem o salmista em seu sofrimento. Quatro salmos relatam a situação do sofredor inocente (Sl 34–37). Dois salmos acrósticos abraçam essa coletânea (Sl 34; 37). Quatro salmos imediatamente seguintes a essa coletânea descrevem a condição do sofredor culpado (Sl 38–41). Como outra característica estrutural do Livro I, dois quase-acrósticos envolvem o sofredor inocente (Sl 33; 38).

Então, todos esses vários fatores inerentes aos salmos do Livro I fornecem uma estrutura significativa para essa porção de abertura do saltério. Com esses fatores em mente, o “israelita médio” que memorizasse os dois salmos introdutórios, o segundo par torá-messiânico e os quatro salmos acrósticos bem posicionados, juntamente com suas conexões contextuais imediatas, teria “ganchos” mentais para trazer prontamente à mente o impulso principal de 25 dos 41 salmos do Livro I. Com uma forte compreensão desses 25 salmos, não seria difícil “preencher as lacunas” dos outros salmos do Livro I.

Os mesmos resultados devem seguir o estudo desses salmos hoje. O diagrama 1, “Livro I (Sl 1–41) – CONFRONTAÇÃO”, nas figuras coloridas no final do livro, descreve a estrutura básica dos 41 salmos do Livro I.

Diagrama 2. Livro II (Sl 42–72) – Comunicação

Se o tema do Livro I é *confrontação*, o tema abrangente do Livro II é *comunicação*. No Livro I, Davi enfrentou uma multidão de inimigos enquanto tentava estabelecer o reino de justiça e paz do Senhor. Essa luta continua no Livro II. Mas agora surge uma nova fase de comunicação com nações estrangeiras e povos do mundo. O salmista exhibe seu desejo de se comunicar com os povos não israelitas com o uso majoritário de *Elohim*, o nome geral de Deus, em vez de *Yahweh*, o nome especial do SENHOR DA ALIANÇA de Israel. Ele também convida as nações a se juntarem a ele para adorar o verdadeiro *Elohim*.

Em termos de indicadores de autoria nos títulos do Livro II, uma relação de um para dois terços desenvolve-se entre os salmos atribuídos aos filhos de Corá (Sl 42–49*), seguidos de um único salmo de Asafe (Sl 50) e salmos que constituem a segunda coletânea davídica (Sl 51–71*), seguidos de um único salmo de Salomão (Sl 72).

Agrupamentos significativos no Livro II incluem dois salmos introdutórios (Sl 42/43,44); quatro salmos reais constituídos por um primeiro salmo messiânico real unido a uma tríade de salmos reais de *Elohim* (Sl 45–48); quatro salmos que envolvem uma convocação divina ao julgamento com a designação

dos réus apropriados (Sl 49–52); um salmo que revisita o ateísmo (Sl 53; cf.: Sl 14); sete salmos que indicam inimigos específicos (Sl 54–60); oito salmos de diálogo entre os reis, com quatro clamores do rei de Israel e quatro respostas que afirmam o reinado de Elohim (Sl 61–68); três salmos de luta contínua (Sl 69–71); e um salmo final que descreve o supremo governo universal do Messias (Sl 72). Perto do início e no final do Livro II há um salmo que proclama as glórias do rei messiânico, identificado como Elohim e cujo reinado abrange todo o tempo e espaço (Sl 45; 72). Essa figura messiânica também sofre desprezo e vergonha em nome do Senhor (Sl 69). O diagrama 2, “Livro II (Sl 42–72) – COMUNICAÇÃO”, nas figuras coloridas no final do livro, mostra a estrutura do Livro II.

Diagrama 3. Livro III (Sl 73–89) – Devastação

Apenas 17 salmos constituem o Livro III. Os dois primeiros terços desses salmos são atribuídos a Asafe em seus títulos (Sl 73–83), e o último terço, aos filhos de Corá (Sl 84–89*). Como no Livro II, um salmo individual e um salmo coletivo apresentam a circunstância angustiante do livro (Sl 73–74). Antes de finalmente mergulhar a nação nos dias escuros do exílio, o salmista afirma o reinado de Elohim sobre todos os reis terrenos (Sl 75–76). Mas então sete salmos relatam a devastação que vem aos reinos do sul e do norte de Israel, acompanhada de pedidos de libertação (Sl 77–83). Os salmos dos filhos de Corá oferecem uma perspectiva positiva sobre o estado da salvação da nação, embora o livro conclua com salmos que expressam angústia individual e coletiva (Sl 84–89). Um salmo climático surge no ponto central do Livro III, que também está localizado no centro do saltério como um todo (Sl 80). Esse salmo focalizado direciona a fé do povo devastado para um sofrido, mas glorificado, “Messias *ben José*”. O diagrama 3, “Livro III (Sl 73–89) – DEVASTAÇÃO”, nas figuras coloridas no final do livro, mostra o diagrama estrutural do Livro III.

Diagrama 4. Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento

O Livro IV, como o Livro III, consiste de apenas 17 salmos. O contexto está definido no tempo do exílio de Israel, que ocorreu de 400 a 500 anos depois de Davi. No entanto, ambos os salmos introdutórios no Livro IV falam das bênçãos da prosperidade e da duração da vida (Sl 90–91) porque, nos graciosos propósitos de Deus, o exílio trouxe *amadurecimento*.

O salmo que abre esse livro é atribuído a ninguém menos que Moisés. Esse salmo apresenta o Deus eterno como aquele em quem vivemos, nos movemos e existimos (Sl 90). Apesar das circunstâncias angustiantes da nação, o núcleo do livro está resumido em sua declaração distintiva: *Yahweh Malakh*

(“Yahweh reina”). Ele sempre foi o Rei, ele é o Rei e sempre será o Rei. Essa declaração triunfante leva toda a terra a louvar, dar graças e gritar de alegria (Sl 92–100). O Salmo 96, que em sua totalidade replica o núcleo central do salmo que celebra a condução triunfante da arca por Davi ao monte Sião (1Cr 16.23-33), serve como o último salmo da coletânea *Yahweh Malak*. Após essa coletânea, três salmos davídicos antecipam o rejuvenescimento de um reino davídico baseado na justiça, na eternidade, na graça e na soberania do reinado de Yahweh (Sl 101–103). Em antecipação ao clímax que virá no Livro V, este livro conclui com a primeira tríade *Hallelu-YAH*, que inclui dois salmos de recordação histórica (Sl 104–106). O diagrama 4, “Livro IV (Sl 90–106) – AMADURECIMENTO”, nas figuras coloridas no final do livro, mostra a estrutura básica do Livro IV.

Diagrama 5. Livro V (Sl 107–150) – Consumação

O Livro V é o maior dos livros do saltério, contendo 44 salmos. Davi é designado como autor de 15 desses salmos, incluindo uma tríade de abertura, quatro dos salmos de romagem e uma coletânea final de oito salmos atribuídos a ele (Sl 108–110; 122; 124; 131; 133 e 138–145). Em vez de supor que esses salmos representam salmos não davídicos posteriores que foram “davidizados” para dar-lhes maior aceitação, pode-se supor que os organizadores finais selecionaram verdadeiros salmos davídicos cujo conteúdo era apropriado para o período exílico, embora originalmente compostos em resposta a circunstâncias do próprio tempo de Davi. A ausência completa de qualquer situação histórica nos títulos desses salmos, com exceção de uma referência generalizada ao fato de Davi estar “na caverna” (Sl 142), indica a adequação de uma aplicação posterior ao tempo do exílio. Um salmo central atribuído a Salomão serve como pináculo da pirâmide poética que molda os 15 salmos de romagem (Sl 127).

Esse livro contém o agrupamento final Torá/messiânico, que fornece uma grande divisão estrutural dentro desse que é o maior dos cinco livros do saltério (Sl 118–119). Os quatro salmos acrósticos introduzem e/ou concluem várias coletâneas dentro do Livro V, com os salmos acrósticos gêmeos 111 e 112 introduzindo o primeiro agrupamento *Hallelu-YAH* do Livro V, o salmo acróstico 119 servindo como salmo da Torá climático e o salmo acróstico 145 concluindo a coletânea davídica final antes do “*Hallelu-YAH* final” (Sl 146–150). Agrupamentos significativos no Livro V incluem o salmo introdutório 107, uma tríade davídica (Sl 108–110), o agrupamento inicial de sete salmos *Hallelu-YAH* (Sl 111–117), organizados como uma pirâmide poética com o Salmo 114 como seu pináculo, o terceiro e último agrupamento de um salmo messiânico com um salmo da Torá (Sl 118–119), salmos de romagem (Sl 120–134), três salmos

de transição da recordação histórica (Sl 135–137), a coletânea davídica final (Sl 138–145) e o *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150). O salmo 148 pode ser visto como o pináculo dessa coletânea climática. Os salmos 110 e 118 fornecem revelações climáticas do Messias em seus sofrimentos e glória e, com o salmo 2, são citados mais extensivamente no Novo Testamento do que qualquer outro salmo. Veja o diagrama 5, “Livro V (Sl 107–150) – CONSUMAÇÃO”, nas figuras coloridas no final do livro.

Resumo

Vários fatores podem servir para resumir o significado dessas estruturas básicas dentro do saltério:

Em primeiro lugar, a divisão em cinco livros não é de forma alguma arbitrária. Em vez disso, uma clara progressão pode ser observada na substância dos vários livros, e não apenas com base em conexões verbais incertas. *Confrontação, comunicação, devastação, amadurecimento e consumação* têm um valor significativo na definição da substância de cada um dos livros.

Em segundo lugar, cada um dos cinco livros começa com um ou dois salmos introdutórios. Esses salmos de abertura geralmente servem para preparar o cenário para a substância de seus respectivos livros.

Em terceiro lugar, a tripla colocação de pares de salmos da Torá e salmos messiânicos desempenha um papel significativo na estrutura do saltério. O posicionamento de oito salmos acrósticos fornece uma quebra adicional dos dois maiores livros do saltério. Esses salmos acrósticos também servem para introduzir ou concluir coletâneas especiais em vários pontos dos Livros I e V.

Em quarto lugar, considerações temáticas ou tópicos geralmente determinam coletâneas específicas dentro do saltério. Os salmos reais, salmos do sofrimento inocente e salmos do sofrimento culpado formam coletâneas especiais.

A coletânea de quatro salmos que retratam convocações judiciais com os réus designados (Sl 49–52) engloba salmos de três autores diferentes, demonstrando que a substância temática tem precedência sobre a autoria comum nos agrupamentos do saltério. Um agrupamento distintivo de salmos com foco na comunidade tribal do norte fornece uma substância única ao núcleo central do saltério. Os salmos *Hallelu-YAH* sempre ocorrem em agrupamentos, com a única exceção do salmo 135. Esses salmos antecipam a realização consumada do reino de Deus e de seu Messias, enquanto o saltério se move em direção à sua conclusão climática.

Em quinto lugar, os salmos da pirâmide poética, cada qual com um salmo climático, aparecem em quatro dos cinco livros. Esses salmos fornecem um elemento estrutural significativo e ao mesmo tempo permitem uma compreensão mais fácil da totalidade do saltério.

Todos esses vários elementos de estrutura oferecem um quadro significativo para a interpretação de salmos individuais. A consciência desses elementos temáticos e estruturais só pode enriquecer a apreciação desse glorioso livro das Escrituras divinamente inspirado e que glorifica a Deus.

Além disso, a consciência dessa estruturação interna baseada na substância essencial do saltério torna a memorização de todo o saltério uma possibilidade realizável. Já se observou que memorizar os dois salmos de abertura e os quatro salmos acrósticos do Livro I e compreender o emparelhamento do salmo messiânico 18 com o salmo 19 da Torá, com a consciência de salmos conectados, proporciona acesso à substância de 25 dos 41 salmos do Livro I. Reconhecer as estruturas inerentes dos cinco livros torna a memorização da substância essencial do saltério um objetivo alcançável. A seguinte visão geral da estrutura de salmos é projetada para ajudar uma pessoa que deseja se comprometer em memorizar a substância dos salmos.

Uma visão estrutural projetada para auxiliar na memorização da substância do saltério

Embora a memorização tenha se tornado uma disciplina perdida, crentes da era moderna fariam bem em se comprometer com a memorização das verdades bíblicas básicas que nos fornecem um alicerce sólido para a fé e vida. A “pequena Bíblia” de Martinho Lutero pode ser memorizada como um passo para permitir que uma pessoa experimente a rica bênção de meditar na Torá do Senhor “dia e noite”. O resumo a seguir dos elementos estruturais básicos dos cinco livros do saltério é projetado para ajudar na memorização da substância do saltério.

Livro I (Sl 1–41) – Confrontação

Quarenta e um salmos, com dois salmos introduzindo todo o saltério, seguidos pela primeira coletânea davídica.

Salmos introdutórios: salmo da Torá 1 e salmo messiânico 2

- (1) A primeira coletânea davídica, dividida em duas seções pelo emparelhamento do salmo messiânico 18 com o salmo da Torá 19 (Sl 3–17*; 18–41*).
- (2) Os salmos acrósticos 9/10 subdividem a primeira seção do Livro I.
- (3) Cinco salmos reais em resposta ao salmo messiânico 18 (Sl 20–24), com o salmo 22 como clímax.
- (4) O salmo acróstico 25 em resposta ao salmo da Torá 19.
- (5) Sete salmos que falam da “habitação real”, com o salmo 29 como clímax (Sl 26–32).

- (6) Salmos acrósticos 34 e 37 abraçando quatro salmos do “sofredor inocente” (Sl 34–37) e subdividindo a segunda seção do Livro I (Sl 18–41).
- (7) Quatro salmos do “sofredor culpado” (Sl 38–41), após quatro salmos do “sofredor inocente”.
- (8) Três salmos criacionais (Sl 8; 24; 33), cada um precedendo um salmo acróstico (Sl 9/10; 25; 34).
- (9) Dois salmos quase acrósticos (Sl 33; 38) unidos aos salmos acrósticos 34–37.

Livro II (Sl 42–72) – Consumo

Trinta e um salmos, com um terço atribuído aos filhos de Corá (Sl 42–49*), seguidos por um único salmo atribuído a Asafe (Sl 50), e dois terços que constituem a segunda coletânea davídica (Sl 51–71*), seguidos de um único salmo atribuído a Salomão (Sl 72). Esse livro começa com dois salmos introdutórios seguidos por sete segmentos.

Salmos introdutórios (Sl 42/43–44)

- (1) Quatro salmos reais (Sl 45–48).
- (2) Quatro salmos de convocações judiciais e resposta (Sl 49–52).
- (3) Ateísmo revisitado (Sl 53).
- (4) Sete inimigos específicos (Sl 54–60).
- (5) Oito salmos representando o diálogo dos reis (Sl 61–68).
Clamor do rei messiânico – quatro salmos (Sl 61–64).
Reinado tranquilo do Rei divino – quatro salmos (Sl 65–68).
- (6) Luta contínua (Sl 69–71).
- (7) O reinado triunfante do Messias (Sl 72).

Livro III (Sl 73–89) – Devastação

Dezessete salmos, com dois terços atribuídos a Asafe (Sl 73–83) e um terço atribuído aos Filhos de Corá (Sl 84–89*), abrindo com dois salmos introdutórios, seguidos por quatro segmentos. Nesse livro, quatro salmos relatam especificamente a devastação dos reinos do norte e do sul (Sl 74; 79–80; 89).

Salmos introdutórios (Sl 73–74)

- (1) O reinado de Elohim sobre todos os reis da terra (Sl 75–76).
- (2) Devastação e libertação (Sl 77–83), com o salmo 80 como clímax.
- (3) Perspectiva positiva dos filhos de Corá (Sl 84–87).
- (4) Angústia individual e coletiva (Sl 88–89).

Livro IV (Sl 90–106) – Amadurecimento

Dezessete salmos, começando com dois salmos introdutórios seguidos por três segmentos.

Salmos introdutórios (Sl 90–91)

- (1) Salmos *Yahweh Malak* (Sl 92–100), com o salmo 96 como clímax.
- (2) Tríade davídica (Sl 101–103*).
- (3) A primeira tríade *Hallelu-YAH* (Sl 104–106), concluindo com dois salmos de recordação histórica (Sl 105–106).

Livro V (Sl 107–150) – Consumação

Quarenta e quatro salmos, com um salmo introdutório seguido por sete segmentos.

Salmo introdutório (Sl 107)

- (1) Uma tríade davídica (Sl 108–110).
- (2) Um agrupamento de sete salmos *Hallelu-YAH* (Sl 111–117), introduzidos por dois salmos gêmeos (Sl 111 e 112), com o salmo 114 como clímax dessa coletânea.
- (3) O terceiro emparelhamento de um salmo messiânico e um salmo da Torá, com o salmo 119 também sendo um salmo acróstico (Sl 118–119).
- (4) Quinze salmos de romagem, com o salmo 127, de Salomão, como clímax (Sl 120–134).
- (5) Três salmos transicionais de recordação histórica (Sl 135–137).
- (6) A coletânea davídica final com oito salmos, concluindo com o salmo acróstico 145 (Sl 138–145).
- (7) Cinco salmos *Hallelu-YAH* finais (Sl 146–150), com o salmo 148 como clímax.

Temas distintivos que se repetem nos cinco livros

Vários temas familiares permeiam o saltério. Os temas geralmente reconhecidos incluem: (1) a luta do justo contra o ímpio; (2) as glórias de Deus em seu conhecimento, poder, fidelidade e graça; (3) a criação de Deus e seu cuidado providencial do mundo; (4) o pecado da humanidade e o chamado a arrependimento e fé; (5) a necessidade de redenção e perdão, conforme fornecidos pelo rei messiânico prometido; (6) a convocação de todos os povos para louvar e bendizer ao Senhor; e (7) a vinda do dia escatológico, em que Deus exercerá o julgamento e seu povo redimido gritará “*Hallelu-YAH*”.

Mas, além dessas ênfases regularmente reconhecidas, certos temas distintivos se repetem nos vários livros do saltério que nem sempre são percebidos.

Esta análise examinará três destas ênfases: (1) o amigo íntimo que se torna o arqu-inimigo; (2) os sofrimentos do Messias transformados em louvor; e (3) o múltiplo agrupamento de salmos reais ao longo do saltério.

O amigo íntimo que se torna o arqu-inimigo

Muito notavelmente, três salmos de três dos cinco livros do saltério contêm passagens vívidas que descrevem um amigo íntimo do Messias de Deus que se torna seu inimigo vicioso. Essas três passagens são especificamente citadas no Novo Testamento. O salmo 41.9, no Livro I, fala de “meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (citado em Jo 13.18; cf. Mt 26.23). O salmo 69.8-9, no Livro II, declara: “Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe. Pois o zelo da tua casa me consumiu” (citado em Jo 2.17). O salmo 109.4-5,8 no Livro V, diz: “Em paga do meu amor, me hostilizam... Pagaram-me o bem com o mal; o amor, com ódio... Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo” (citado em At 1.20). Embora não seja citado no Novo Testamento, o salmo 55.12-14, do Livro II, também fala nesse mesmo tom: “Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à Casa de Deus.”

Qual é o significado desse tema, e por que ele se repete tão regularmente nos Salmos? Sua ocorrência em três livros do saltério é bastante impressionante. Ainda mais notável é o fato de que três dessas quatro passagens encontram reconhecimento explícito no Novo Testamento. Por que esse tema é tão proeminente e tão penetrante no saltério?

Esse tema assume uma dimensão focalizada porque representa o clímax da luta retratada em todos os salmos. A luta entre o justo e o perverso culmina com um homem representativo resistido pelo próprio Satanás. Isso representa uma repetição da luta entre o primeiro homem, Adão, e o diabo como seu arqu-inimigo. Essa luta encontra seu antítipo na disputa entre Davi e Golias, entre o chefe da aliança de Israel e o herdeiro dos filisteus. A vitória do homem conquista a vitória para todos os que estão unidos a ele.

Esse conceito de um homem que representa muitos corresponde à estrutura inerente aos pactos divinos. Um homem funciona como chefe da aliança de um povo. Esse é o papel de Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e Cristo. No saltério, o foco é sobre Davi como chefe de pacto da nação. Se ele alcançar a vitória, seu povo triunfa. Se ele for derrotado, toda a nação é derrotada.

Essa coletânea de passagens faz eco ao combate corpo a corpo entre Satanás e a semente prometida, como previsto na primeira proclamação do evan-

gelho, encontrada em Gênesis 3.15. Satanás vai esmagar seu calcanhar, e ele esmagará a cabeça de Satanás (cf. Rm 16.20).

Então, até hoje, o foco da fé deve estar no nosso Campeão, o Senhor Jesus Cristo. Além dele, não há vitória para o povo de Deus. Não há salvação, nem perdão, nem prosperidade, nem perfeição, mas em seus triunfos todos os que creem nele se tornam “mais do que vencedores” por meio daquele que nos amou e se entregou por nós (Rm 8.37). Não sem razão, esse tema se repete tão regularmente no saltério. Nesse tema pode ser encontrada uma dose saudável de realidade redentora. Sem um herói salvador singular, não teríamos esperança. Sem o conflito mortal do Cristo, o Messias – Jesus – contra Satanás, não haveria salvação, nem canto, nem *Hallelu-YAH*.

O sofrimento do Messias transformado em louvor

Esse padrão distintivo se repete em quatro dos cinco livros do saltério. O tema de um Messias sofredor nem sempre foi apreciado ou mesmo compreendido. Todas as formas de triunfalismo atravessam essa perspectiva. Um Messias triunfante deleita a todos. Mas a união do sofrimento para triunfar é um conceito mais difícil de entender. No entanto, vários salmos nos vários livros do saltério desenvolvem esse tema:

Livro I. Salmo 22: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” é a questão intrigante que abre este salmo (Sl 22.1), mas, no final, o Messias sofredor declara: “Louvai-o!... Reverenciai-o!... Pois não desprezou, nem abominou a dor do aflito... mas o ouviu, quando lhe gritou por socorro” (Sl 22.23b-24).

Livro II. Salmo 69: O salmo começa com um clamor desesperado de um homem se afogando. “Salva-me, ó Deus, porque as águas me sobem até à alma” (Sl 69.1), mas, no final, a mesma pessoa exclama: “Louvarei com cânticos o nome de Deus, exaltá-lo-ei com ações de graças” (Sl 69.30).

Livro III. Salmo 80: O povo de Deus foi alimentado com “pão de lágrimas”, vividamente descrevendo sua devastação nas mãos de invasores assírios (Sl 80.5). Embora a “vinha”, identificada como o “filho”, tenha sido cortada e queimada no fogo, ele é o “o homem da tua destra [de Deus]”, o “filho do homem” que Deus fortaleceu para si (Sl 80.14-17). Embora identificado com eles na totalidade de sua calamidade, ele é aquele por quem eles serão levantados para uma nova vida (Sl 80.18).

Livro V. Salmo 118: Todas as nações cercam o rei messiânico, como abelhas ameaçadoras (Sl 118.10-12), mas o Senhor fez algo maravilhoso ao estabe-

lecer essa pedra rejeitada pelos construtores como a pedra angular de seu reino (Sl 118.22-23).

Esse tema do sofrimento do Messias na humilhação e depois exaltado em glória confundiu os intérpretes da Escritura em todas as épocas. No entanto, permeia os salmos e fornece uma perspectiva realista sobre o evangelho cristão e a vida de fé. O Messias sofre e é glorificado. O cristão sofre e é glorificado. A recorrência regular desse tema distintivo nos vários livros do saltério fornece um objeto bem definido para a fé no Messias “real”. Ele alerta contra todos os falsos messias e descreve o alcance esperado da vida para cada discípulo do Messias.

O agrupamento de salmos reais por todo o saltério

Os salmos reais são amplamente distribuídos nos cinco livros do saltério. Nenhum outro tema tem um espectro tão amplo nas coletâneas de salmos quanto a mensagem do reinado do Senhor e Messias. Não são só os três salmos messiânicos fundamentais que formam pares com os salmos da Torá que enfocam o reinado (Sl 2,18,118). Além disso, pelo menos cinco coletâneas significativas de salmos reais aparecem em pelo menos quatro dos cinco livros do saltério. Cada uma dessas coletâneas reais tem seu próprio sabor distintivo, adequado ao seu respectivo contexto. As seguintes observações sobre os vários agrupamentos podem capturar algo do significado desse elemento definidor no saltério:

Livro I. Salmos 20–24: conforme discutido anteriormente, essa primeira coletânea de cinco salmos reais está estrategicamente posicionada para responder ao salmo messiânico 18. Dois salmos que apresentam a dependência que o rei messiânico tem da oração pelas intervenções de Yahweh em suas lutas (Sl 20–21) são equilibrados com dois salmos que representam o glorioso reinado de Yahweh, que fornece ao Messias as suas necessárias garantias (Sl 23–24). Unindo esses dois agrupamentos encontra-se um salmo intermediário que apresenta ambos os reinados (Sl 22). Toda essa coletânea é adequada aos dias das primeiras lutas de Davi para estabelecer o reino messiânico de justiça e paz.

Livro II. Salmos 45–48: essa segunda coletânea de salmos reais começa com a surpreendente identificação do rei messiânico como *Elohim* (Sl 45.6). Enquanto esforços contínuos foram feitos para minimizar essa afirmação, o texto permanece intacto. Como indicado anteriormente, os salmos restantes dessa segunda coletânea real afirmam repetidamente o exaltado senho-

rio de Deus sobre as nações (Sl 46.10). Esse grande Rei sobre toda a terra tem subjugado as nações sob os pés do seu povo (Sl 47.2-3). Ele reside em uma paz imperturbável, mesmo quando as nações avançam contra Sião, sua cidade santa, pois, quando a veem, fogem aterrorizadas (Sl 48.2-5). Claramente, essa imagem de reinado no Livro II progrediu para além dos dias das contínuas lutas de Davi contra sua multidão de inimigos.

Livro II. Salmos 65–68: essa terceira coletânea destaca a resposta do Rei divino aos apelos de Davi para ajudá-lo a enfrentar seus inimigos. O salmista convoca os povos de todas as nações a cantar, a se alegrar e a louvar a Deus por seu domínio sobre a natureza e o mundo (Sl 65.1,5,7,9; 66.1,7; 67.3-4; 68.32). O conflito continua, mas Deus, o Rei, prosseguiu do Sinai à entronização em seu santo monte em Jerusalém (Sl 68.17-18,24).

Livro III. Salmos 75–76: antes de mergulhar os reinos do sul e do norte de Israel na escuridão do exílio (Sl 79–80; 89), o Livro III afirma que Deus, como juiz de todas as nações, é o único que pode derrubar um e exaltar outro (Sl 75.7). Na descrição vívida da derrota de invasores estrangeiros, o salmista declara:

Despojados foram os de ânimo forte;
jazem a dormir o seu sono,
e nenhum dos valentes
pode valer-se das próprias mãos (Sl 76.5).

No meio da mensagem de devastação nacional por exércitos invasores, no Livro III, o reinado de Deus assume um caráter distintivo. Ele governa essas nações rebeldes. Ele adverte o arrogante a não levantar os chifres contra o céu:

Porque na mão do SENHOR há um cálice cujo vinho espuma,
cheio de mistura;
dele dá a beber; sorvem-no, até às escórias,
todos os ímpios da terra (Sl 75.8).

Livro IV. Salmos 92–100: somente uma fé madura pode declarar: *Yahweh Malak* (“o SENHOR reina”) no meio de um desastre nacional abrangente, como o exílio de Israel. Claramente, esse pronunciamento prolongado de que o Senhor sempre foi e sempre será o Rei se move em um paradigma

de pensamento diferente das coletâneas reais anteriores, que também afirmam sua soberania. Mas a necessidade urgente na hora do exílio é essa declaração de fé do salmista de que Deus permanece no seu trono perpetuamente. Ele governa ininterruptamente em nome do bem-estar de seu povo, seja qual for a sua circunstância externa.

Livro V. Salmos 111–117; 135; 146–150: existe uma coletânea de salmos nesse livro climático do saltério que apoia a soberania de Deus como em todos os livros anteriores? Se uma coletânea de salmos reais aparece nos Livros I, II, III e IV, não seria esperado que este livro final também contivesse sua própria coletânea exclusiva de salmos reais?

Nada será obtido forçando a Escritura a declarar além do que ela pretende afirmar. Mas pode ser que as coletâneas *Hallelu-YAH* do Livro V pretendam afirmar – mesmo para celebrar – o reinado consumado de Yāhweh. Traçando as raízes dessa exclamação explosiva à sua origem nas margens do Mar Vermelho, cremos que as pessoas gritam a abreviatura poética *YAH* para *Yahweh*, o nome sagrado de Deus (Êx 15.2). Então elas proclamam: “Yāhweh reinará por todo o sempre” (Êx 15:18). Na segunda ocorrência do termo *YAH* nas Escrituras, Moisés comemora a vitória sobre Amaleque, recordando o reinado do Senhor sobre as nações quando ele declara: “Uma mão sobre o trono de *YAH*” (Êx 17.16). Em ambas as ocorrências originais de *YAH*, seu reinado soberano sobre as nações inimigas serve como foco da narrativa.

Apenas quando se aproxima o clímax do saltério é que o celebrativo *Hallelu* é unido a *YAH*. A tríade inicial dessa palavra de combinação ocorre nos três salmos finais do Livro IV (Sl 104–106). Os salmos 111–117 formam a primeira coletânea *Hallelu-YAH* do Livro V. O salmo acróstico 145, o salmo final de Davi posicionado para preceder o *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150) começa com a exaltação do rei messiânico: “Deus meu e Rei” (Sl 145.1). Quatro vezes em três versos desse salmo, Davi descreve as glórias, os esplendores, a eternidade do reino de Deus (Sl 145.11–13). Esse salmo final de Davi, situado imediatamente antes do final do saltério, é designado exclusivamente pelo seu título como um salmo *Hallel*, usando a mesma raiz para “louvor” encontrada na palavra *Hallelu-YAH*.

Com essas considerações em mente, pode-se concluir que os salmos *Hallelu-YAH*, caracterizados distintamente no quinto livro do saltério, pretendem aclamar o reinado do Senhor de modo climático. Ele é realmente o Senhor de todos. Como o salmo *Hallelu-YAH* 149 declara:

Regozije-se Israel
no seu Criador,

exultem no seu Rei
os filhos de Sião (Sl 149.2).

Essa múltipla coletânea de salmos reais recorrentes nos vários livros do saltério deve ser reconhecida apropriadamente. Sua força total deve ser reconhecida em termos da exaltação de Yahweh como Rei e Messias e do Messias como rei em seu nome. Nessa perspectiva, o estudante da Escritura estará mais bem preparado para apreciar as exaltantes declarações do Novo Testamento que afirmam tão fortemente esse duplo reinado:

Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém! (1Tm 1.17).

Que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém! (1Tm 6.14-16).

Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19.11-16).

O impacto da estrutura do saltério na perspectiva do Novo Testamento sobre os Salmos

O uso de salmos no Novo Testamento pode ser reconsiderado em vista dos muitos aspectos estruturais dos salmos. Os escritores do Novo Testamento estavam cientes dessas estruturas? Eles tiveram considerações estruturais em mente quando citaram alguns salmos? Sua consciência da estrutura do saltério influenciou suas citações dos salmos?

A citação formal não é o único indicador do significado de uma passagem do Antigo Testamento para o Novo Testamento. No entanto, uma investiga-

ção dos elementos estruturais de salmos como fator para citações dos salmos no Novo Testamento tem significado especial. Ao citar uma fonte externa, um autor abaixa sua própria caneta criativa porque outra pessoa falou melhor ou mais significativamente do que ela mesma poderia ter feito. A citação de uma passagem do Antigo Testamento sublinha a importância daquela passagem específica para os autores do Novo Testamento. Ao investigar o possível significado da estrutura do saltério para os autores do Novo Testamento, esta análise considerará (1) citações dos três salmos messiânicos emparelhados com os três salmos principais da Torá; (2) citações dos oito salmos acrósticos; (3) citações dos salmos de foco messiânico; e (4) citações dos salmos *Hallelu-YAH*.

Citações dos três salmos messiânicos emparelhados com os três salmos principais da Torá

Três salmos messiânicos emparelhados, no saltério, com três salmos importantes da Torá destacam-se nos principais pontos de estrutura nos Livros I e V: salmos 2, 18 e 118. Como esses salmos são vistos pelos escritores do Novo Testamento?

Todas essas passagens messiânicas são citadas no Novo Testamento. O salmo 2 desempenha um papel reconhecido no desenvolvimento da teologia da nova aliança. Três elementos desse salmo principal funcionam desde cedo e de modo muito significativo na vida do novo povo da aliança de Deus. Em resposta às ameaças dos principais oficiais do judaísmo, os apóstolos apelam para as primeiras palavras do salmo 2 como base para a compreensão de seus abusos. Como Herodes, Pôncio Pilatos e os povos do mundo, juntamente com o povo de Israel, maltrataram o Filho santo de Deus, Jesus, seus apóstolos podem sofrer maus-tratos semelhantes (At 4.24-28; cf. Sl 2.1-2). Como essas oposições foram antecipadas no salmo 2, os apóstolos concluem que esses inimigos de Cristo fizeram “tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram”. Claramente, os apóstolos não estão tratando a descrição do saltério sobre o papel do Messias em enfrentar os inimigos do reino de Deus como meramente “linguagem mitopoética”. Em vez disso, os apóstolos leram o salmo 2 como antecipação da história – história “real” – na qual os reis da terra e os governantes do mundo opõem-se ao Messias do Senhor e ao seu povo.

Além disso, a declaração crítica do salmo 2 que identifica o Messias como o Filho de Yahweh é citada várias vezes no Novo Testamento, incluindo os momentos críticos do batismo e transfiguração de Jesus (Mt 3.17; 17.5). O “nascimento” figurativo do Messias à sua posição gloriosa como o Filho de Yahweh descreve o dia de sua gloriosa ressurreição (At 13.32-33; cf. Sl 2.7).

O escritor de Hebreus une diretamente “tu és meu Filho”, do Salmo 2.7, com a promessa antecedente da aliança de que o herdeiro do trono

de Davi será Filho para Deus (2Sm 7.14; cf. Hb 1.5). O autor de Hebreus, então, move-se com confiança no desenvolvimento da sua principal contribuição para a teologia do Novo Testamento, declarando Jesus como “Sumo Sacerdote” ao lado de seu reinado, com base na filiação a Deus, conforme estabelecida no salmo 2.7. Pois, se é Filho de Deus, ele tem claramente o acesso imediato ao Pai, necessário para um sacerdócio que funcione adequadamente (cf.: Hb 5.5-6).

De acordo com o clímax do salmo 2, o Messias como Filho de Deus “pastoreia” ou “governa” as nações com uma vara de ferro (Sl 2.9; cf. Ap 19.15). Mas, assim como ele recebeu essa autoridade de seu Pai, ele dá autoridade ao seu povo para que possa governar as nações “com cetro de ferro” e despedaçá-las “como um vaso de oleiro” (Ap 2.26-27; cf. Sl 2.9).

Portanto o papel crítico do salmo 2 encontra múltiplas reflexões nas categorias teológicas mais amplas do Novo Testamento. O conceito-chave do Messias como Filho de Deus determina sua perspectiva sobre história, cristologia e escatologia.

Quando Paulo, em Romanos, chega ao clímax de sua mensagem evangélica que abrange todas as nações do mundo, ele cita o salmo 18. Assim como Davi louvou o Senhor por submeter as nações estrangeiras ao seu domínio (Sl 18.43), as nações do mundo que recebem o evangelho devem louvar o Cristo (Rm 15.9; citando Sl 18.49). O contexto completo dessa citação do salmo 18, que é fundamental no Livro I do saltério, sublinha a precisão da escolha de Paulo ao selecionar essa passagem do Antigo Testamento para estabelecer o dever de todas as nações louvarem o Messias da aliança davídica:

Das contendias do povo me livraste e me fizeste cabeça das nações; povo que não conheci me serviu. Bastou-lhe ouvir-me a voz, logo me obedeceu; os estrangeiros se me mostram submissos. Sumiram-se os estrangeiros e das suas fortificações saíram, espavoridos. Vive o SENHOR, e bendita seja a minha rocha! Exaltado seja o Deus da minha salvação, o Deus que por mim tomou vingança e me submeteu povos; o Deus que me livrou dos meus inimigos; sim, tu que me exaltaste acima dos meus adversários e me livraste do homem violento. Glorificar-te-ei, pois, entre os gentios, ó SENHOR, e cantarei louvores ao teu nome. É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com o seu ungido, com Davi e sua posteridade, para sempre (Sl 18.43-50; cf. Rm 15.9).

Seria difícil encontrar uma passagem do Antigo Testamento que reforce o ponto de Paulo de forma mais eficaz do que a citação desse salmo estratégico. O Senhor deu a Davi uma grande vitória sobre todos os seus inimigos,

de modo que as nações e os povos se submetem alegremente ao seu domínio (Sl 18.1,43,47). Na realização climática desse princípio na história redentora, Jesus como o Filho maior de Davi agora experimenta essa mesma soberania sobre as nações, apenas em uma escala muito maior.

O salmo 118, o salmo messiânico fundamental do Livro V no saltério, enfoca a “pedra” rejeitada pelos construtores do reino de Deus. Essa “pedra” fundacional tornou-se “a principal pedra angular” (Sl 118.22). Assim como um edifício pode ter apenas uma única pedra angular, apenas uma pessoa pode se qualificar como a “principal pedra angular” do reino de Deus. No entanto, as pessoas encarregadas de construir esse reino de Deus na terra rejeitam a pedra escolhida de Deus. Aparentemente, elas não favorecem a forma dessa pedra por causa da definição que daria ao caráter do reino. Porém, apesar da rejeição dos homens, Deus o estabelece como a pedra determinante do seu reino.

O salmo 118 é citado no Novo Testamento mais do que qualquer outro salmo. Por 12 vezes, seis autores diferentes do Novo Testamento citam esse salmo, incluindo os quatro Evangelhos, um discurso em Atos relatado por Lucas, 1 Pedro e Hebreus.³ Esse salmo responde ao crítico “por que” a respeito da rejeição de Jesus como Messias pelos líderes de Israel. Correspondendo ao seu papel como salmo fundamental no livro climático do saltério, o salmo 118 é apropriadamente reconhecido pelos autores do Novo Testamento pelo seu significado crítico.

Assim, os três salmos messiânicos que funcionam como principais marcadores estruturais no saltério desempenham um papel fundamental na teologia do Novo Testamento. A citação repetida desses três salmos sugere que os autores do Novo Testamento tinham consciência de seu significado no saltério.

Citações dos oito salmos acrósticos

Os oito salmos acrósticos distribuídos uniformemente entre o Livro I e o Livro V do saltério funcionam como elementos-chave da estrutura do saltério. Existe algum indicador de que esses salmos estruturais recebem reconhecimento no Novo Testamento?

Três desses salmos acrósticos são citados no Novo Testamento, e outros dois provavelmente são aludidos. Paulo cita o(s) salmo(s) acróstico(s) 9/10 para estabelecer a depravação da humanidade (Sl 10.7; cf. Rm 3.14). Sua ci-

³ As passagens citadas do salmo 118, conforme encontramos em Kurt Aland *et al* (orgs.), Greek New Testament, 4ª ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994), p. 888, são: salmo 118.6 (Hb 13.6); 118.22 (Lc 20.17; At 4.11; 1Pe 2.7); 118.22-23 (Mt 21.42; Mc 12.10-11); 118.25-26 (Mt 21.9; Mc 11.9-10; Jo 12.13); 118.26 (Mt 23.39; Lc 13.35; 19.38).

tação, tirada da seção não acróstica do(s) salmo(s) acróstico(s) 9/10, descreve o mal desse opressor do pobre. Por sua posição como o primeiro salmo acróstico no ponto central de vários salmos no saltério que descrevem a luta do justo contra o ímpio, esse salmo oferece uma imagem concentrada da depravação do ímpio. Como um fator fundamental no evangelho universal de Paulo, essa imagem vívida de maldade é aplicada a toda a humanidade.

O apóstolo Pedro cita o salmo acróstico 34, que funciona no saltério como o salmo introdutório de uma coletânea de quatro salmos que descrevem a situação do sofredor inocente. Pedro poderia ter citado qualquer um desses quatro salmos. Mas ele escolhe o salmo acróstico 34, o primeiro dessa coletânea, para encorajar os cristãos a viver em harmonia uns com os outros e, habitualmente, fazer o bem, apesar do frequente bombardeio de abusos injustos que eles inevitavelmente receberão (1Pe 3.8-12). Ao citar o primeiro dessa coletânea de quatro salmos do sofredor inocente, Pedro podia estar solicitando deliberadamente aos leitores de sua carta, que poderiam estar conscientes da estrutura contextual do saltério, que recebessem o encorajamento dos quatro salmos do sofredor inocente entre os dois salmos acrósticos (Sl 34–37).

O salmo acróstico 112 é apropriadamente citado por Paulo para encorajar a generosidade na oferta cristã (Sl 112.9; 2Co 9.9). Esse segundo dos salmos acrósticos no Livro V é simbioticamente unido ao salmo imediatamente anterior, que também é um salmo acróstico (Sl 111). Esses dois acrósticos apresentam o primeiro agrupamento *Hallelu-YAH* do Livro V. Ambos os salmos começam com essa expressão de louvor, normalmente traduzida como “Louvai ao SENHOR!” Esses dois salmos estão intimamente unidos por sua substância distintiva. O salmo 111 declara sobre o Senhor que “*a sua justiça permanece para sempre*”. Como um eco perfeito, o salmo 112 declara sobre a pessoa que teme ao Senhor que “*a sua justiça permanece para sempre*” (Sl 111.3b; 112.3b). O salmo 111 fala da graça do Senhor na redenção, enquanto o salmo 112 descreve a graciosa generosidade do justo pelos necessitados (Sl 111.9; 112.9). Paulo mostra a compreensão completa da mensagem comum desses salmos gêmeos, em que a pessoa justa reflete o Senhor por seu estilo de vida. O apóstolo baseia sua admoestação à generosidade cristã na graciosa redenção de Deus, bem como no autossacrifício de Cristo. De forma idêntica, os acrósticos gêmeos do saltério (Sl 111–112) antecipam uma réplica da generosidade de Deus no estilo de vida do cristão (cf. 2Co 8.9; 9.9-11).

Então, essas citações dos salmos acrósticos sugerem alguma consciência do significado desses salmos no contexto estrutural do saltério. Não se pode demonstrar claramente que os escritores do Novo Testamento trabalharam conscientemente com esses salmos à luz do seu papel estrutural no saltério. No entanto, o princípio geral da citação contextual no Novo Testamento en-

coraja a observação de que os escritores do Novo Testamento poderiam ter uma consciência do aspecto estrutural dos salmos acrósticos e, portanto, estavam conscientes de seu significado especial.

Citações dos salmos de foco messiânico

Os salmos de foco messiânico citados no Novo Testamento são os seguintes:

O salmo 2 é citado várias vezes no Novo Testamento, como já foi discutido. Além disso, a confissão de fé histórica de Pedro em nome de todos os apóstolos pode ser entendida apenas no contexto da aliança davídica, como se menciona no salmo 2: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16).

O salmo 22 é citado repetidamente nos Evangelhos e também em Hebreus (Mt 27.46; Mc 15.34; Jo 19.24; Hb 2.12). Porque Jesus tem carne e sangue humanos, ele se mantém como um irmão entre os irmãos. Por causa da sua carne mortal, ele pode sofrer vicariamente pelo seu povo até a morte.

O salmo 45 é citado em Hebreus 1.8-9, afirmando a divindade do rei messiânico. Essa afirmação tem um significado ainda maior quando considerada no contexto da coletânea de salmos reais que declaram o reinado de Deus, bem como o do Messias (Sl 45–48). O papel do Messias como Elohim só pode ser plenamente apreciado nesse contexto do reinado de Deus.

O salmo 69 é citado por três autores diferentes do Novo Testamento em referência a quatro segmentos diferentes desse salmo, conforme discutido anteriormente. O fato de três escritores diferentes do Novo Testamento fazerem citações apropriadas desse único salmo pode indicar que uma compreensão geral da estrutura básica do saltério existia no judaísmo durante os tempos do Novo Testamento. Esse salmo tem alguma proeminência estrutural como o primeiro da tríade davídica que responde ao “diálogo dos reis” imediatamente precedente (Sl 61–68). Como consequência, seu conteúdo pode ter sido mais geralmente conhecido.

O salmo 110 é o segundo salmo mais citado no Novo Testamento – dez vezes em cinco livros diferentes (Mateus, Marcos, Lucas, Atos e Hebreus). Estando no Livro V do saltério, esse salmo representa a perspectiva mais madura do próximo rei messiânico. Não só ele é “Senhor” sobre o rei Davi, sentado em honra suprema à mão direita de Yáhwéh, mas, por juramento divino, ele também foi estabelecido como “sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4; Hb 7.11-28). Devido à sua cristolo-

gia exaltada, esse salmo de foco messiânico desempenha um papel importante na determinação da teologia do Novo Testamento.

O Salmo 118, como mencionado anteriormente, é o salmo mais citado no Novo Testamento. Esse salmo magnificamente estruturado faz uso extensivo de refrões antifonais para ressaltar a rejeição e os sofrimentos, bem como os triunfos e glórias do Messias. Estando no livro final do saltério, esse salmo apresenta adequadamente os sofrimentos e as glórias do esperado rei messiânico de uma forma climática para a celebração do povo de Deus ao longo das gerações.

Portanto esses salmos de foco messiânico desempenham um papel significativo no Novo Testamento. Mesmo além da contribuição imediata para as passagens específicas que as citam, eles têm um impacto na formação da teologia do Novo Testamento.

Citações dos salmos de *Hallelu-YAH*

Três salmos do primeiro agrupamento dos salmos *Hallelu-YAH* no Livro V são citados pelo apóstolo Paulo no Novo Testamento: Sl 112.9 (2Co 9.9); Sl 116.10 (2Co 4.13); Sl 117.1 (Rm 15.11). Em cada caso, Paulo demonstra uma compreensão completa do contexto maior da parte da Escritura que está citando.

Como já foi indicado, Paulo está bem ciente da conexão entre os salmos acrósticos gêmeos 111 e 112. As várias conexões entre os salmos 111 e 112 com 2Coríntios 8 e 9 apoiam o conceito de que Paulo apreendeu o contexto desses salmos acrósticos gêmeos que introduzem o primeiro agrupamento dos salmos *Hallelu-YAH* do Livro V.

Em antecipação à sua citação de uma segunda tríade *Hallelu-YAH* dessa coletânea, Paulo descreve seu ministério como sempre carregando no corpo a “morte de Jesus”, como sempre sendo “entregue à morte” para que “a morte opere em nós” (2Co 4.10-12). Ele então cita o salmo *Hallelu-YAH* 116, no qual o salmista se descreve como sendo cercado por “laços de morte”, experimentando a “angústia do inferno”, sendo “livrado da morte” e encontrando tranquilidade porque “preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos” (Sl 116.3,8,15). Apesar desse confronto face a face com a morte, o salmista exclama: “Eu cri; por isso é que falei”, que se torna o foco da citação de Paulo. Apesar de sempre sofrer a morte, também cremos e, por isso, temos a coragem de continuar falando (Sl 116.10; cf. 2Co 4.13). Mais uma vez, o apóstolo mostra consciência completa do contexto de sua citação.

Como sua terceira citação desse primeiro grupo *Hallelu-YAH* do Livro V, o apóstolo cita o salmo climático dessa coletânea de sete salmos. O salmo

117, como o salmo final desse agrupamento, começa com *Hallelu Yahweh* e termina com *Hallelu-YAH* (Sl 117.1-2). O argumento de Paulo é que todas as nações podem agora se juntar aos crentes israelitas na glorificação a Deus, que é exatamente o efeito da exclamação corporativa *Hallelu-YAH*: “Louvai a *YAH*, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem”. “Todas as nações” e “todos os povos” devem louvar o Senhor juntos por causa de seu grande amor por nós e por todas as outras nacionalidades (Sl 117.1-2; Rm 15.11).

Não se pode declarar definitivamente que Paulo trabalhou conscientemente com o agrupamento desses salmos *Hallelu-YAH*, mas pode ser perguntado: alguma outra Escritura do Antigo Testamento teria se adequado aos seus propósitos? Caso contrário, como Paulo localizou essas passagens dos salmos que confirmaram seus vários argumentos tão perfeitamente? Não é provável que o apóstolo tenha memorizado pelo menos os salmos 111 e 112, os acrósticos de abertura dessa coletânea, o que lhe teria dado acesso imediato ao conteúdo do resto do agrupamento?

Não existem citações específicas do *Hallelu-YAH* final (Sl 146–150) no Novo Testamento. Mas o *Hallelu-YAH* repetido na conclusão do livro de Apocalipse se reflete claramente na celebração consumada desses salmos consumados. A Babilônia como encarnação do materialismo finalmente foi derrotada. Então, as pessoas redimidas de Deus podem gritar repetidamente: “*Hallelu-YAH!*” (Ap 19.1,3-4,6).

Analisar o padrão de citações explícitas do Antigo Testamento no Novo representa apenas uma abordagem para entender a relação entre a nova consumação da aliança e a antiga antecipação da aliança. Uma imagem muito mais completa pode ser alcançada através da investigação de alusões e paralelos verbais, para não falar do domínio maior das categorias teológicas, mas, mesmo dentro do quadro limitado de citações, podemos chegar a várias conclusões.

Ao analisar essas citações do Novo Testamento pela perspectiva das estruturas principais do saltério, as observações devem ser indicadas com cautela. A evidência não é suficiente para levar a uma conclusão clara de que as principais estruturas do saltério desempenharam um papel significativo nas citações do Novo Testamento. Os autores do Novo Testamento, obviamente, não se limitaram a usar apenas esse tipo de material. Eles habitualmente alcançaram todos os tesouros da verdade de Deus embutidos no saltério. Ao mesmo tempo, pode ser que uma consciência dos elementos estruturais básicos do saltério tenha servido bem para que aprendessem a mensagem total do saltério. Essa maior compreensão da estrutura do saltério como uma Escritura sagrada pode ter ajudado a prepará-los para fazer o bom e apropriado uso de todo o livro de salmos.

Em termos do impacto que essas estruturas deveriam ter sobre a questão relacionada à exegese atual, concentrar-se em estruturas inerentes no saltério só pode enriquecer o processo exegético. Por exemplo, uma nova visão do salmo do Pastor 23 será adquirida quando essas palavras familiares forem colocadas no contexto dos cinco salmos reais que definem seu contexto dentro do saltério. Esse Bom Pastor levará suas ovelhas a pastos verdejantes para que “repousem” porque estão totalmente satisfeitas (Sl 23.2). De acordo com os versículos finais do salmo real imediatamente anterior, o pobre “comerá e ficará satisfeito”, enquanto todos os ricos “comerão e adorarão” (Sl 22.26,29). Pois esse Bom Pastor que os faz repousar não é outro senão o Rei da Glória, o soberano Senhor do universo (Sl 24.1, 7-10). Podem ser obtidos novos esclarecimentos ao se ler esse salmo familiar da Bíblia no contexto dos cinco salmos reais. De forma semelhante, reconhecer o papel centralizado do salmo 80 no contexto das devastações nacionais no Livro III só pode melhorar a apreciação do “homem da mão direita de Deus”, o “filho do homem” que Deus fortaleceu para si mesmo. Dessa perspectiva, a autoidentificação de Jesus como “filho do homem” que experimenta humilhação e glória pode enriquecer a apreciação de seu papel como libertador de pessoas esmagadas.

Conclusão

Portanto uma nova leitura do saltério seguindo o fluxo de sua estrutura pode aumentar a compreensão da riqueza da palavra inspirada e infalível de Deus, conforme revelada no saltério. Redescobrir os salmos em seu contexto bíblico-teológico mais completo como demonstra a estrutura do saltério pode proporcionar bênçãos ricas à igreja de hoje.

Toda a glória deve ser dada ao Deus das Escrituras por essa magnífica porção de literatura inspirada. Pois a glória desse trabalho testemunha as glórias de nosso Deus!

BIBLIOGRAFIA



- ACKROYD, Peter R. *I & II Chronicles, Ezra, Nehemiah*. Torch Bible Paperbacks. Londres: SCM Press, 1973.
- ALEXANDER, Joseph Addison. *The Psalms: Translated and Explained*. Grand Rapids: Zondervan, 1864.
- AUGUSTINE. *Expositions on the Book of Psalms*. A. Cleveland Coxe (org.). In *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Philip Schaff (org.). Vol. 8. Peabody, MA: Hendrickson, 1994.
- AVISHUR, Yitzhak. *Studies in Hebrew and Ugaritic Psalms*. Jerusalém: Magnes Press, 1994.
- BLAU, Ludwig. "Torah". In *The Jewish Encyclopedia*, 12:196–99. Nova York: Funk and Wagnalls, 1906.
- BLIDSTEIN, Gerald J. "Messiah". In *Encyclopedia Judaica*, 11:1410–12. Jerusalém: Keter Publishing House, 1972.
- BRIGHT, John. *A History of Israel*. 4 ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.
- BROWN, Francis. *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon*. Peabody, MA: Hendrickson, 1979.
- BROYLES, Craig C. "The Psalms and Cult Symbolism: The Case of the Cherubim-Ark". In *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.), 139–156. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005.
- BRUEGGEMANN, Walter. *The Message of the Psalms: A Theological Commentary*. Mineápolis: Augsburg, 1984.
- BUTTENWIESER, Moses. "Messiah". In *The Jewish Encyclopedia*, 8:505–12. Nova York: Funk and Wagnalls, 1906.
- CALVINO, João. *Commentary on the Book of Psalms*. 3 vols. Grand Rapids: Baker, 1993.
- CHILDS, Brevard S. *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible*. Londres: SCM Press, 1992.
- _____. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Londres: SCM Press, 1979.
- CRAIGIE, Peter C. *Psalms 1–50*. Word Biblical Commentary 19. Waco, TX: Word Books, 1983.
- DAHOOD, Mitchell. *Psalms I, 1–50*. Garden City, NY: Doubleday, 1965.
- _____. *Psalms II, 51–100*. Garden City, NY: Doubleday, 1968.
- _____. *Psalms III, 101–150*. Garden City, NY: Doubleday, 1970.

- DECLAISSE-WALFORD, Nancy L. *Reading from the Beginning: The Shaping of the Hebrew Psalter*. Ann Arbor, MI: UMI Dissertation Services, 1996.
- DELITZSCH, Franz. *Biblical Commentary on the Psalms*. 3 vols. Londres: Hodder & Stoughton, 1894-89.
- _____. *Biblical Commentary on the Psalms*. 3 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1959.
- DILLARD, Raymond B., e Tremper Longman III. *An Introduction to the Old Testament*. Leicester, UK: Apollos, 1995.
- DODD, C. H. *According to the Scriptures: The Sub-structure of New Testament Theology*. Londres: Nisbet & Co., 1952.
- DRIVER, S. R. *Introduction to the Old Testament*. 9ª ed. Edimburgo: T&T Clark, 1913.
- _____. *A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew*. Oxford: Clarendon Press, 1892.
- FREEDMAN, David Noel. "Acrostic Poems in the Hebrew Bible: Alphabetic and Otherwise". *Catholic Biblical Quarterly* 48 (1986): 408-31.
- _____. "Acrostics and Metrics in Hebrew Poetry". In *Pottery, Poetry, and Prophecy: Studies in Early Hebrew Poetry*, 51-76. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1980.
- _____. "Who Asks (or Tells) God to Repent?" *Bible Review* 1, 4 (1985): 56-59.
- GASTER, Theodor. "Psalm 29". *Jewish Quarterly Review* 37 (1946): 55-65.
- GINSBERG, Harold Louis. "A Phoenician Hymn in the Psalter". Artigo apresentado no XIX Congresso Internazionale degli Orientalisti, Rome, 1935.
- GINSBURG, Christian D. *Introduction to the Masoretico-Critical Edition of the Hebrew Bible*. Londres: Trinitarian Bible Society, 1897.
- GOLDINGAY, John. *Psalms, Volume 1: Psalms 1-41*. Grand Rapids: Baker, 2006.
- _____. *Psalms, Volume 2: Psalms 42-89*. Grand Rapids: Baker, 2007.
- _____. *Psalms, Volume 3: Psalms 90-150*. Grand Rapids: Baker, 2008.
- GRANT, Jamie A. *The King as Exemplar: The Function of Deuteronomy's Kingship Law in the Shaping of the Book of Psalms*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004.
- _____. "The Psalms and the King". In *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.), 101-18. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005.
- GRAY, George Buchanan. *The Forms of Hebrew Poetry*. Nova York: KTAV Publishing House, 1972.
- GUNKEL, Hermann; BEGRICH, Joachim. *Introduction to Psalms: The Genres of the Religious Lyric of Israel*. James D. Nogalski (trad.). Macon, GA: Mercer University Press, 1998.
- HENGSTENBERG, Ernst Wilhelm. *Commentary on the Psalms*. 3 vols. Edimburgo: T&T Clark, 1851-54.
- HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Eric. *Psalms 2: A Commentary on Psalms 51-100*. Mineápolis: Fortress Press, 2005.
- _____. *Psalms 3: A Commentary on Psalms 101-150*. Mineápolis: Fortress Press, 2011.
- HOWARD, David M., Jr. *The Structure of Psalms 93-100*. Biblical and Judaic Studies 5. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1997.
- JOHNSTON, Philip S., E FIRTH, David G. *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005.
- KIDNER, Derek. *Psalms 1-72: An Introduction and Commentary on Books I and II of the Psalms*. Londres: Inter-Varsity Press, 1973.
- _____. *Psalms 73-150: A Commentary on Books III-V of the Psalms*. Londres: Inter-Varsity Press, 1975.

- KLEIN, Ralph W. *1 Chronicles: A Commentary*. Hermeneia. Mineápolis: Augsburg Fortress, 2006.
- KNOHL, Israel. "The Messiah Son of Joseph". *Biblical Archaeology Review* 34,5 (Set-Out 2008): 58-62.
- KNOPPERS, Gary N. *1 Chronicles 10-29: A New Translation with Introduction and Commentary*. Anchor Bible. Nova York: Doubleday, 2004.
- KNOX, Ronald Arbuthnott. *Holy Bible: A Translation from the Latin Vulgate in the Light of the Hebrew and Greek Originals, Authorized by the Hierarchy of England and Wales and the Hierarchy of Scotland*. Londres: Burns & Oates, 1955.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Psalms 1-59: A Commentary*. Mineápolis: Augsburg, 1988.
- _____. *Psalms 60-150: A Commentary*. Mineápolis: Augsburg, 1989.
- _____. *Theology of the Psalms*. Mineápolis: Augsburg, 1986.
- LEE, Seong Hye. *The Psalter as an Anthology Designed to Be Memorized*. Bristol, UK: University of Bristol and Trinity College, 2011.
- LIEBREICH, Leon J. "The Songs of Ascents and the Priestly Blessing". *Journal of Biblical Literature* 74 (1955): 33-36.
- LUTERO, Martinho. *Luther's Works*. Vol. 35. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1960.
- MALONEY, Les D. *A Word Fitly Spoken: Poetic Artistry in the First Four Acrostics of the Hebrew Psalter*. Nova York: Peter Lang, 2009.
- MAYS, James Luther. *The Lord Reigns: A Theological Handbook to the Psalms*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994.
- _____. *Psalms*. Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville: John Knox Press, 1994.
- MCCANN, J. Clinton (org.). *The Shape and Shaping of the Psalter*. Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 1993.
- _____. *A Theological Introduction to the Book of Psalms: The Psalms as Torah*. Nashville: Abingdon Press, 1993.
- MCFALL, Leslie. "The Evidence for a Logical Arrangement of the Psalter". *Westminster Theological Journal* 62, 2 (2000): 223-56.
- MILLER, Patrick D. "The Beginning of the Psalter". In *The Shape and Shaping of the Psalter*, J. Clinton McCann (org.), 83-92. Sheffield, UK: Sheffield Academic Press, 1993.
- _____. "Kingship, Tora Obedience and Prayer". In *Neue Wege der Psalmenforschung*, Klaus Seybold e Erich Zenger (orgs.), 127-41. Freiburg: Herder, 1995.
- MITCHELL, D. C. "The Fourth Deliverer: A Josephite Messiah in 4QTestimonia". *Biblica* 86,4 (2005): 545-53.
- MOWINCKEL, Sigmund. *The Psalms in Israel's Worship*. 2 vols. em 1. Biblical Resource Series. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.
- RIDDERBOS, N. H. "The Psalms: Style-Figures and Structure". *Oudtestamentische Studiën* 13 (1963): 43-76.
- ROBERTSON, O. Palmer. *The Christ of the Covenants*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1980.
- _____. *God's People in the Wilderness: The Church in Hebrews*. Fearn, Ross-shire, Escócia: Christian Focus Publications, 2009.
- _____. *The Israel of God: Yesterday, Today, and Tomorrow*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2000.

- _____. *Psalms in Congregational Celebration*. Darlington, UK: Evangelical Press, 1995.
- SAFRAI, Shmuel. "Temple". In *Encyclopedia Judaica*, 15:970-83. Jerusalém: Keter Publishing House, 1972.
- SARNA, Nathan M. "Acrostics". In *Encyclopaedia Judaica*, 2:229-30. Jerusalém: Keter Publishing House, 1972.
- SOLL, William Michael. "Babylonian and Biblical Acrostics". *Biblica* 69 (1988): 305-23.
- STEC, David M. *The Targum of Psalms*. Collegeville, MN: Liturgical Press, 2004.
- STEK, John H. "Psalms". In *The NIV Study Bible*. Londres: Hodder & Stoughton, 1985.
- VANGEMEREN, Willem A. *Psalms*. Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 2008.
- VINCENT, M. A. "The Shape of the Psalter: An Eschatological Dimension?" In *New Heaven and New Earth: Prophecy and the Millennium: Essays in Honour of Anthony Gelston*, P. J. Harland e C. T. R. Hayward (orgs.), 61-82. Leiden: Brill, 1999.
- WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M. *The Psalms as Christian Worship*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- WALTON, John H. "Psalms: A Cantata about the Davidic Covenant". *Journal of the Evangelical Theological Society* 34 (March 1991): 21-31.
- WEISER, Artur. *The Psalms: A Commentary*. Londres: SCM Press, 1959.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the History of Ancient Israel*. Cleveland: World Publishing, 1961.
- WENHAM, Gordon J. *Psalms as Torah: Reading Biblical Song Ethically*. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
- WILSON, Gerald Henry. *The Editing of the Hebrew Psalter*. Chico, CA: Scholars Press, 1985.
- _____. "King, Messiah, and the Reign of God: Revisiting the Royal Psalms and the Shape of the Psalter". In *The Book of Psalms: Composition and Reception*, Peter W. Flint e Patrick D. Miller Jr (orgs.), 391-406. Leiden: Brill, 2005.
- _____. "The Structure of the Psalter". In *Interpreting the Psalms: Issues and Approaches*, Philip S. Johnston e David G. Firth (orgs.), 229-46. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005.

ÍNDICE DE TEXTOS DA ESCRITURA



Gênesis

1.28	47
1.28b	46
2.3	48
2.17c	51, 52
3.15	50, 71, 97, 246
6-11	53n10, 54
12.1	56
12.1-3	57
12.2-3	129
15.1	82
15.10-11	140
48.15-16	85
49	177
49.10	142
49.24	85, 91, 177

Êxodo

3	13
15.1-18	171n20
15.2	201, 202, 249
15.13	202
15.17	202
15.18	164, 227, 249
17.16	202, 249
20.1-3	64
20.8-11	49
31.12-17	49
32	161
32.12b	161
40.34	217n34

Levítico

16.14-17	181
26.6	49
26.12	130

Números

6.22-27	113, 125
6.24	124, 215, 216
6.24-25	58
6.24-26	61
6.24-27	210n25,
	215
6.25	216
6.26	216
6.27	61, 124, 230
10.33-36	185
10.35	60, 113
10.35-36	213
18.20	224
23.21	227n63

Deuteronômio

4.1-6	208n20
4.26	106
5.12-15	49
12.4-7	65
12.11	65
12.14	65
12.18	65
12.21	65
12.26	65
14.23-25	65
15.20	65
16.2	65
16.6-7	65
16.11	665
16.15-16	65
16.16	211
17.8	65
17.10	65
17.14-20	72n1, 108n10
18.6	65

26.2	65
26.9	665
28.49	199
30.19	106
31.11	65
31.28	106
32	161
32.4	91
32.13c	145
32.15	91
32.18	91, 161
32.30	91
32.31	91
32.36	161
33	161
33.5	160, 227n43
33.12	214n29
33.16-17	142

Josué

24.2-3	56
--------	----

Juizes

5	171n20
5.3	31n4
5.18	172n21

1Samuel

2.1-10	171n20
2.2	91, 160n7
2.10c	91
2.29	160n7
9.21	173n21
15.22	224
16.14-23	32
21.7	108
22.9-10	108

22.17 108
22.18-19 108

2Samuel

1.17-27 32
3.33-34 32
5.1-3 83
5.2 86
5.4 83
5.7 222
5.9 222
5.17 83
6.10 222
6.12 222
6.12-15 211
6.12-19 77
6.16 222
7.1 83
7.4-17 35
7.11 64
7.11b 83, 151
7.13 65, 75, 151
7.14 35, 65,
76, 103, 130, 142, 176,
195, 196, 197, 252
7.18-19 79
12.25 214n19
21.17 93
22 83
22.1 83
22.1-51 32
22.8-20 225
23.1 31n4
23.1-7 32, 83
23.3-4 92

1Reis

1.11 163n12
1.18 163n12
2.10 222
8.1 222
8.10-11 76
8.27-30 75
9.24 222

2Reis

14.14c 101
24.10 136
24.12 137
24.12-13 136,
137n5
25.1-2 137
25.9 137

1Crônicas

5.1-2 142
6.22 134n3
6.31 32
6.31-32 134n3, 185
6.33 185
6.39 185
6.42 185
11.5 222
11.7 222
13.6-8 185
15 170
15.1 170, 222
15.2 170
15.3 170
15.4-10 170
15.11-15 170
15.11-16 185
15.16 32
15.16-24 170
15.22 170
15.25-26 170
15.27 171
15.29 222
16 164, 165, 168,
169n19, 170,
171, 182,n28,
189n3
16.7 32, 169n19, 189
16.7-36 38, 185
16.8-13 169
16.8-22 164, 169, 180
16.8-36 168n18, 182n28
16.14-22 169
16.23-31 169
16.23-33 164, 165, 168,
240

16.23-36 169
16.25 165
16.31 37, 163, 231
16.34 189, 206
16.34-36 164, 170, 180
16.35 170, 190
16.35-36 180
16.36 182
16.36b 169n19, 189
17.14 77n7
25.1 32, 134n3
25.6 134n3
28.5 77n7
29.11 77n7
29.23 77

2Crônicas

5.2 222
5.11-14 185
5.13 190
5.13-14 217n34
6.40-42 185
6.41b 186
7.1-4 186
7.3 186, 190
7.6 190
13.8 77n7
20.18-22 186
20.21 189n2
24.16 222
26.16-21 196
29.25-30 186
29.30 32
30.21-22 186
30.27 160n7
36.15 160n7

Esdras

2.64-65 222
3.10 32
3.10-11 186n32,
221
3.11 189,
190
7.6 26
7.10 26
7.11 26

Neemias

12.24 220n36
12.24-46 32

Salmos

1 10, 11, 33, 34,
60, 61, 66, 71, 72, 73, 74,
78, 82, 95, 184n30 192,
204, 205, 207, 208n19,
228, 236, 242
1-2 36, 72n10,
198n8, 237
1-41 10, 25, 27, 50,
68, 71, 94, 110, 160, 187,
192, 237, 238, 242
1-50 24
1.1 34, 205, 207n19
1.2 36, 129
2 10, 11, 332,
33, 35n13, 38, 66, 71, 72,
74, 75, 76, 77, 78, 79, 83,
84, 88, 95, 103, 112, 153,
155n18, 173n23, 192, 197,

198, 204, 208n19, 228,	243	16.4	116n19
241, 242, 247, 251, 252,	8.3-8	16.5	224
255	9	16.10	53, 78n9,
2.1	36, 78n10,	83n12	
2.1-2	93, 94, 95, 100n4, 111,	16.11	89n16
2.2	114n16, 237, 242, 243,	17	111n15
2.4	253, 254	17.13	115
2.4-5	9.2	17.14	111n15
2.6	184n29	17.15	53
2.6-8	9.3	18	36, 71, 72
2.7	9.4	74n4, 82, 83, 84, 85, 86,	
197, 251, 252	9.4-19	88, 89, 91, 92, 93, 99, 111,	
2.9	177	114n16, 116n19, 119, 121,	
2.10-12	9.4b-5 ^a	192, 199, 205, 206, 210,	
2.11-12	9.5-6	237, 242, 247, 251, 252	
2.12	9.7	18-19	36, 198n8, 237
205	9.7-8	18-21	72n1
3	9.8	18-41	83, 88, 89, 92,
3-17	9.11	153, 242, 243	
90, 242	93n18, 184n29	18.1	253
3-41	9.13	18.2	91, 92
78, 81, 104, 111, 114, 119,	9.15	18.4-5	52n9, 206
225n40, 237	9.17	18.20	205
3-89	9.19	18.22	88
3.3	9.20	18.24	205
3.4	10	18.26-27	116n19
3.5	36, 78n10,	18.31	92
3.6	93, 94, 95, 100n4, 111,	18.37-40	116n19
3.7	114n16, 237, 242, 243,	18.42	116n19
3.7-8	253, 254	18.43	252, 255
3.8	10.1	18.43-50	252
4.2-5	10.2-11	18.44-45	225n40
4.5	10.5	18.46	92
4.6	88	18.47	253
4.8	51, 253	18.49	184n29, 252
5.4	10.11	18.50	36, 76, 83, 84,
5.6	10.12-18	85, 205, 206	
5.8	10.13-14	19	34, 60, 61, 71,
5.9	10.15	72, 73, 74, 82, 83, 85, 87,	
5.10	10.16	88, 89, 90, 91, 93, 93, 94,	
5.11	10.18	99, 192, 199, 204, 205,	
6	11	207, 210, 237, 242	
6.1	11-17	19.1-6	207
6.5	11.4	19.7-14	207
6.8	77, 111n15	19.14	92
7	11.6	20	81, 85, 88, 232,
177	11.7	237	
7.6-17	12	20-21	84, 114, 141n9,
7.6b-8a	13.3	172, 247	
7.7-8	13.6	20-24	36, 38, 84, 89,
7.9	14	114, 141n9, 172, 232, 237,	
7.11	239	242, 247	
7.17	14.1	20.2	77
8	14.1-3	20.5	36, 80
	14.3		
	14.5a		
	14.6		
	15		
	15-24		
	16		

20.5-6	85	25.20	80	35.3-6	116n19
20.6	75n5, 76, 77, 84	25.22	80	35.8	116n19
20.9	84	26-32	233n44, 238,	35.26	116n19
21	85, 88, 232, 237	242		36.7	153
21.1	36, 76, 84, 85	26.8	160n7	36.12	116n19
21.5	36, 85	27.5	92	37	74, 93, 94, 95,
21.7	84	27.6	184n29		116n19, 238, 243
21.9-10	116n19	27.11	89	37.2	116n19
21.13	184n29	27.14	153	37.3	49, 57
22	38, 84, 87 111,	28.1	92	37.6	61n17
	114n16, 141n9, 172, 232,	28.4	116	37.9	49, 57
	233, 237, 242, 246, 247	28.4-5	116n19	37.9-10	116n19
22.1	36, 87, 246	28.8	84	37.10-11	49
22.1-21	88, 114	28.8-9	80	37.11	57
22.12-13	87	29	53, 54n11, 55,	37.13	116n19
22.14-15	87	79, 238, 242		37.17	116n19
22.15	52n9	29.5-9	54	37.20	116n19
22.17-18	87	29.10	54	37.22	49, 57, 116n19
22.20-21	87	29.11	55	37.27	49, 57, 115n18
22.22-31	88	30	81	37.28	116n19
22.23b-24	246	30.3	52n9	37.29	49, 57
22.26	258	30.4	184n29	37.31	88
22.27-28	87	30.9	52n9	37.34	49, 57, 115n18,
22.27-31	36	30.12	184n29		116n19
22.29	258	31	109, 126, 169	37.36	116n19
22.30-31	87	31.1	109	37.38	116n19
23	82, 85, 86, 88,	31.1-4	109	38	95, 243
	111, 232, 237	31.2	92	38-41	39, 94, 95, 238,
23-24	84, 85, 141n9,	31.3	92		243
	172, 247	31.16	61n17	38.3-4	90
23.1	36, 114	31.17	116n19	38,19	90
23.2	258	31.17b	116	39	81
23.4	36, 52	32	32, 39, 90,	39.4-6	52
24	36, 79, 86, 88,		100n4, 109	39.8	90
	94, 95, 232, 237, 243	32.1	90	39.11	52n9, 90
24.1	258	32.5	90	40	74, 109, 169
24.1-10	114	32.8	89	40.2	92
24.7-8	86	32.11	184n29	40.6	62
24.7-10	258	33	74n4, 78n10,	40.6-8	224
25	36, 39, 74, 89,		81, 94, 95, 100n4, 111,	40.8	88
	90, 91, 93, 94, 94, 95, 237,,		114nn16, 237, 238, 243	40.12	90
	242, 243	33.1	184n29	40.13-17	109
25.3	116n19	33.3	184n29	40.14	116
25.4	89	33.10	116n19	40.17c	109n11
25.4-5	89	33.13	75n5	41.2	57
25.5	89	33.19	52n9	41.4 90, 96	
25.7	90	33.20-22	79n10	41.9	96, 245
25.8	89, 90	34	36, 74, 93, 95,	41.13	30
25.9	89		237, 238, 243, 254	42	99, 100, 101,
25.10	88		34-3794, 95, 238, 243, 254		120, 135, 238 243
25.11	90	34.11	88, 89, 94	42-49	33, 99, 134,
25.12	89	34.16	116n19		238, 243
25.14	89	35	116n19	42-50	116
25.18	90	35.1	116	42-72	10, 25, 27, 99,

110, 116, 119, 160, 187,	48.2-5 248	1199
238, 239, 243	48.4 118	52.1 108
42-89 68, 186	48.5-6 114	52.1-2 117
42.2 75, 111n13	48.6 118	52.7 108, 111
42.4 101	48.10 118	52.8 111n13
42.5 101, 102	48.12-13 57, 104	53 109, 120, 121,
42.9 101	49 100, 105, 106,	169, 239, 243
42.11 101, 102	107, 108	53.2 75n5, 77
43 99, 100n4, 101,	49-50 100, 104, 105,	53.5 120
120, 135, 238, 243	106	53.5b 121
43.1 101	49-51 106n8	53.6 77
43.2 101	49-52 120, 239, 241,	54 119, 121
43.5 101, 102	243	54-60 100, 120, 121,
44 99, 101, 102,	49.1 105, 117, 119	2n44, 239, 243
118, 120, 135, 238, 243	49.2 105	54.7 121
44.1-2 118	49.3-4 105	55 121
44.4 102	49.6 108, 111	55.12-14 121, 245
44.6-7 118	49.7 119	55.15 52
44.9 118	49.10 52n9, 105	55.23 52, 121
44.11 102	49.13 105	56 111, 119, 121
44.14 102	49.14 52n9, 105	56.7 111, 118
44.26 102, 118	49.14-15 53	56.13 52n9, 121
45 38, 103n6, 104,	49.15 1105, 119	57 111, 119, 121,
146, 172, 239, 255	49.17 52n9	169, 193
45-48 88n15, 99, 102,	49.20 105, 119	57.1 77, 121, 153
104, 106, 114, 118, 120	50 24, 99, 105,	57.3 75n5, 77
172, 238, 243, 247, 255	106, 107, 108, 243	57.4 117, 193
45.5-6 114	50.1 106, 107	57.5 112
45.6 103n6, 104, 247	50.4 39, 106, 108	57.6 118
45.6-7 37, 103, 176,	50.5 106	57.7 184n29
195	50.6 106	57.9 111, 184n29
45.7 103n6, 104	50.8-13 108	57.9-10 117
45.7c 104	50.9 62	57.11 112, 118, 121
45.16 57, 76	50.9-13 106	58 112, 121
45.17 58, 118	50.14 108	58.1 112, 121
46-48 38, 172, 211n25	50.14-15 106	58.1-2 117
46.1-4 167n16	50.16 106	58.3-4 50
46.4-5 104	50.16-21 64	58.11 112, 118, 121
46.6 104	50.17-20 106	59 112, 119, 121
46.7 167n16	50.18b 108	59.5 112, 118
46.9-10 118	50.21-22 106	59.8 112, 118
46.10 104, 114, 248	50.23 62, 108	59.13 118
47 163n12	51 39, 106n8, 107,	59.16-17 184n29
47.1 117, 119	108, 109, 119	59.17 121
47.1-3 118	51-52 107, 108	60 45n4, 112, 119,
47.2 37, 114	51-70 129n25	121, 169, 193, 194
47.2-3 104, 248	51-71 32, 99, 100,	60.1-3 194
47.5 163n12	104, 107, 111, 116, 134,	60.7 141, 214n29
47.6 117	238, 243	60.7-9 112
47.6-7 184n29	51.14 184n29	60.8 118
47.7 37	51.16 108	60.12 118, 121
47.8 104, 114	51.17 108, 223	61 112, 122
47.9 104, 119	51.18-19 81	61-64 100, 122, 243
48.2 37, 75n6, 114	52 107, 108, 111,	61-68 100, 122, 128,

239, 243, 255	67.3-5	124	213, 238, 237, 243
61.2 112, 122	67.4	172, 184n29	72.1 129
61.4 112, 153	67.5	113	72.4 129
61.6-7 76, 122	67.6-7	58, 124	72.5 129
61.8 184n29	67.7	113	72.8 113, 129
62 123	68	113, 125	72.11 129
62.1 49, 111n13	68.1	60, 113	72.17 76, 129
62.2 123	68.4	184n29	72.18-19 30
62.4 123	68.5	160n7	72.20 25, 31n3, 130
62.5 49	68.8	125	73 133n1, 135
62.6 122	68.12	113, 125	73-74 135, 239, 243
62.7 123	68.14	113	73-83 33, 110n12,
63 119, 123	68.16	172	133, 134, 185, 239, 243
63.1 111n13	68.16-17	125	73-89 10, 25, 27, 50,
63.7 113n13,	68.17-18	248	110n12, 133, 160, 187,
184n29	68.18	119	239, 243
63.11 123	68.20	52n9	73.1 135
64 112, 123	68.21	60	73.3 135
64.3 123	68.24	172, 248	73.9 135
64.7-8 123	68.24-25	125	73.19 52n9
64.9 112, 119	68.27	172	73.20 135
64.9-10 123	68.28-30	119	73.23-24 53
65 39, 112, 123	68.29-30	114, 125	73.26 224
65-68 100, 122, 123,	68.31-32	114	74 26n7, 135, 136,
172, 243, 248	68.32	125, 184n29,	137, 140, 145, 173, 243
65.1 248	248		74-76 135, 139
65.4 111n13, 123	68.32-33	119	74.5-7 136
65.5 112, 119, 123,	68.35	125	74.9-10 144
248	69	37, 38, 100,	74.13 60
65.6 45	126, 127, 128, 239, 246,		74.16 45
65.7 113, 123, 172,	255		74.17 45
248	69-71	100, 125, 126,	74.19 136
65.7-9 119	239, 243		74.22 60
65.8 113, 123	69.1	2246	75-76 88n15, 137,
65.9 248	69.8-9	126, 245	173, 239, 243, 248
65.13 184n29	69.18	203	75 137
66 95, 100n3, 123	69.20-21	127	75.2 137
66-67 113	69.22-23	127	75.4 135
66.1 113,	69.25-26	127	75.4-5 138
123, 248	69.30	246	75.6 138
66.2 184n29	69.33-34	128	75.7 173, 248
66.4 113, 123,	70	100n4, 109,	75.8 137, 248
184n29	126, 169		75.9 184n29
66.6 60	70.1-2	128	75.10 138, 173
66.7 113, 123, 172,	70.5c	109n11	76 138, 140
248	71	100n3	76.2 77
66.8 112, 123	71.1	109	76.5 248
66.9 60	71.3	160n7	76.5-6 138
67 100n3, 113, 123	71.9	126	76.7 153
67.1 58, 61n17, 113,	71.10-11	128	76.8 75n5, 77, 173
124, 125	71.17-18	126	76.11 153
67.2 58, 123, 124	71.22-23	184n29	76.12 138, 173
67.3 113	72	25, 33, 38,	77 133n1, 138,
67.3-4 248	99, 100, 103n6, 128, 129,		139, 145

77-83	135, 138, 139,	80.14-17	246	87.6	149
147, 231, 232, 239, 243		80.15	138, 142, 143,	87.7	184n29
77.2	141	146, 232		88	56n9, 133n1,
77.9-10	141	80.16	143n11,	149, 150, 151, 185	
77.10	60	146n13		88-89	135, 149, 243
77.12	202n14	80.17	138, 142, 143,	88.1	150
77.14	138	146, 232		88.3	150
77.15	139, 141, 144,	80.18	246	88.4	150
232		80.19	61, 143	88.5	150
77.16	60	81	74, 145	88.6	150
77.16-19	161n11	81.1	184n29	88.7	150
77.16-20	139	81.3-4	63	88.10-12	150
77.20	139, 161n11	81.4-5	144	88.15	52
78	38, 39, 59, 74,	81.5	141	88.15-18	150
139, 141, 231		81.8	64	88.18	150
78.1-8	139	81.8b	145	89	74, 133n1, 149,
78.2-7	57	81.9-10	64	151, 154, 155n18, 161,	
78.8	59, 153	81.11	145	173, 185, 243, 248	
78.9	139, 141, 142	81.11-14	64	89.1	184n29
78.22	152, 154	81.13-14	145	89.2	75n5
78.32	154	81.16	145	89.3-4	56, 76, 154
78.37	15 154	82	145, 146	89.4	151
78.52	139	82.1	145, 146	89.9	02n14
78.60-64	140	82.2	144	89.11-12	45
78.65-66	138	82.6	145, 146	89.12	184n29
78.67	142	82.8	145	89.17b-37	154
78.67-68	140, 142	83	147	89.18	134
78.68-72	231	83.4	147	89.20	76
78.70-71	140	83.9-12	147, 232	89.28	154
78.70-72	76, 138	83.16	147	89.29	76, 151
78.72	139, 140, 142	84	133n1, 148	89.35-36	76
79	26n7, 136, 137,	84-85	148	89.35-37	138
138, 140, 142, 145, 173,		84-87	135, 148, 243	89.36	151
231		84-88	33, 186	89.37	154
79-80	142, 243, 248	84-89	110n12, 134,	89.38-39	133
79.1	137, 140	239, 243		89.38-45	151
79.1-4	231	84.1	148	89.39	134, 214
79.2-3	140	84.1-3	148	89.39-40	155
79.3	137n5	84.3	75	89.44	133, 155
79.5	144	84.7	148	89.44-46	134
79.13	139	84.9	148	89.46	144
80	38, 45n4, 61,	84.12	152	89.46-51	133n1
135, 138, 141, 142, 145,		85	39, 149	89.47-48	151
146, 147, 173, 232, 233,		85.1-3	149	89.49	76
239, 243, 246, 258		85.9	153	89.50-51	151
80.1	61n17, 86, 139,	85.12	149	89.51	154
141		86	32, 133n1, 149	89.52	30
80.1-2	138, 143, 2232	86.2	152	90	33, 77, 160,
80.2	141, 142, 143	86.9	149	161, 162n11, 166, 167,	
80.3	61, 143	86.11	153	173n23, 213, 239	
80.4	144	86.13	52n9	90-91	158, 159,
80.5	141, 246	87	149	168n17, 239, 244	
80.7	61, 143	87.4	149	90-106	10, 25, 28,
80.14	141n10, 143	87.5	149	110n12, 157, 187, 239,	

240, 244		184n29		100.2	167
90-150	33n8, 68	95.1a	183	100.3	176
90.1	160, 213	95.1-2	167	100.4	167
90.1-2	28, 160	95.1-5	172	100.5	189
90.2	161, 176, 177	95.2b	183	101	32, 77, 158,
90.3	52n9	95.3	75, 165, 168,	173, 174	
90.5	52n9	171		101-103	173, 240 244
90.7	52n9	95.4-5	45	101.1	184n29
90.9-10	52n9	95.6	48, 167, 176	101.2	174
90.13	161	95.11	48, 50	101.3-5	174
90.13-14	178	96	28, 164, 166,	101.6	174
90.14	184n29	168, 169n19, 170, 185,		101.7-8	174
90.14-17	159, 162	189n3, 231, 233		102	173, 174, 175,
91	162, 166, 167,	96-97	37	176	
168n17		96.1	167	102.3	175
91.1b	50	96.1-2	183, 184n29	102.3-1	52n9
91.1-4	162	96.1-13	164, 165, 169	102.11	175
91.9	160n7	96.3	167, 184	102.12	175
91.16	159	96.4	165, 168	102.13	174
92	166, 167, 168,	96.5	45	102.15	184
171, 231		96.7	184	102.16	77, 174
92.1	183	96.7-8	167	102.19	75n5, 77, 174,
92-100	10, 77, 88n15,	96.9	167	202n14	
162, 165, 168, 174, 203,		96.10	37, 162,	102.20	52n9
231, 240, 244, 248		163n12, 167, 184, 222		102.21	184
92.1-4	167	96.11-12	167	102.23-26	52n9
92.4	183, 184n29	96.11-13	183	102.25	176
92.12-14	159	96.12-13	167, 184n29	102.25-27	176
92.15	177	96.13	177, 178	102.27	175
93	28, 37, 74, 166,	97	28, 166, 168	102.28	174
167-168n16		97.1	162, 167, 184,	103	32, 39, 74, 98,
93-99	167	222, 231		173, 174, 175	
93.1	162, 163n12,	97.7	167	103.1	182, 184n30
167, 222, 231		97.8	167, 168	103.3	178
93.2	163n12	97.9	165, 168, 184	103.7	161n11
93.3	167n16	97.12	167	103.8-10	178
93.3-4	167n16	98.1	167, 184n29	103.8-12	175
93.4	167n16	98.4-6	167, 172	103.12	178
93.5	167n16	98.6b	171	103.15-16	52n9, 176
94	74, 167n16	98.8-9	167, 184n29	103.17	175
94-99	177	98.9	178	103.17-18	175
94.1	61n17	99	28, 37, 74, 166	103.19	66
94.2	177	99.1	162, 167, 222,	103.20-22	182
94.4-6	172	231		103.22	184n30
94.7	202n14	99.1-4	172	104	40, 179, 198n9
94.12	202n14	99.2	75n6	104-106	40, 179, 198,
94.17	52n9	99.3	167	200, 201, 203, 240, 244,	
94.21	52n9	99.4	171	249	
94.22	177	99.5	167	104.1	183
94.22-23	172	99.6	161n11	104.5-8	46
95	32, 48, 49n7,	99.9	167	104.5-9	176
79, 166		100	24, 162, 166,	104.10-15	47
95-97	165	167, 168, 171, 207, 231		104.10-30	179
95.1	168, 177, 183,	100.1	167	104.12	184n29

104.15	1n17	183, 184	111.4	201
104.21-23	47	107 188, 189, 190,	111.6	201
104.33	183, 184n29	191, 240, 244	111.9	200, 254,
104.35	180, 183, 184	107-117 199, 215	111.10	200
105	40, 59, 74, 168,	107-150 10, 25, 28, 72,	112	74, 179, 192,
169n19, 170, 179, 180,		94, 110n12, 187, 188, 240,	201, 230, 240, 244, 254,	
185, 198n9		241, 244	256, 257	
105-106	37, 164, 168,	107.1 185, 186, 189	112.3	201
179, 180, 181 182, 244		107.2-3 39	112.3b	254
105.1	180, 183	107.3 39, 170, 190,	112.4	201
105.1-15	14, 169 180	191	112.9	200, 201, 254,
105.2	184n29	107.4 188	256	
105.6	56	107.10 188	112.10	200
105.8	56	107.18 52n9	113	169, 179, 198,
105.8-10	45n4	107.20 52n9	218, 220, 230	
105.8-11	57	107.23 188	113-118	198n8, 220
105.9-10	56	107.27 188	113.1	218
105.16-22	141	107.33 188	113.4-5	75n5
105.17-22	232	107.43 192	113.7	201
105.26	161N11	108 169, 193 194	113.9	201
105.42	45N4	108-110 32, 188, 193,	114	40, 141n9, 198,
105.43	56	198, 240, 244	199, 220, 230, 233, 240,	
105.45	180, 184	108-117 192, 193	244	
105.45b	183	108.1 184n29	114.1	60, 199, 230
106	39, 40, 59,	108.3 184n29, 194	114.3	60
162n11, 168, 169, 170,		108.6 194	114.7	199
179, 180, 182n28, 185,		108.7 214n29, 215	114.7-8	60
189, 191, 198n9		108.8 141	115	169, 179, 218,
106.1	164, 169, 180,	108.10-13 194	219, 230	
181, 183, 14, 185, 189		109 32, 194	115-116	198
106.1b	186	109.4-5 245	115-117	40, 198, 18, 220
106.1-5	180, 189	109.6-9 195	115.2	218
106.4-5	56	109.8 195, 245	115.3	218
106.6	39, 59 178, 180,	109.17 194	115.7b	218
181		110 11, 32, 38, 77,	115.8	219
106.6-46	180	158, 195, 196, 197, 241,	115.9-11	219
106.8	178	255	115.15	46
106.13	181	110.1 176	115.16	46
106.16	161n11, 181	110.1-2 77	115.17	52n9, 201
106.21	181	110.2 215	116	179, 230, 256
106.23	56, 161n11	110.4 195, 255	116.3	52n9, 201, 256
106.24-25	181	111 74, 179, 192,	116.3-4	52
106.29	181	201, 230 240, 244, 254,	116.8	52n9, 256
106.30-31	178	256, 257	116.8-9	52
106.32	161n11	111-112 36, 198, 200,	116.10	256
106.32-33	181	254	116.15	52n9, 201, 256
106.37	181	111-113 40, 198, 218,	116.19	199, 15
106.43	181	220	117	24, 179, 198,
106.43-45	182	111-117 40, 141n9, 188,	230, 257	
106.44-46	178	192, 193, 198, 200, 201,	117.1	201, 256
106.47	39, 59, 170,	203, 220 222, 230, 231,	117.1-2	257
182, 190		240, 244, 249	117.2	201
106.47-48	164, 169, 180	111.3 201	118	10, 11, 38, 72,
106.48	30, 180, 182,	111.3b 254	158, 197, 198n8, 199, 204,	

205, 206, 207n19, 210,	122.6-8	216	134.1	213, 217
215, 237, 241, 246, 247,	123.1	66	134.3	46, 216
251, 253, 256	123.2	216	135	169, 179, 201,
118-119 36, 40, 72n1,	123.3	213, 216	203, 217, 218, 219, 220,	
188, 192, 198n8, 199, 204,	124	32, 211,	241, 249	
240, 244	217n35, 240		135-137	38, 188, 217,
118.1 190	124.1-7	211	241, 244	
118.1-4 206	124.8	46	135.1	48
118.5 202n14	125	215	135.2	217
118.6 253n3	125.5	216	135.3	184n29, 217,
118.8-9 206	126	25, 211, 215,	220	
118.10-12 246	217n35, 221		135.3-4	56
118.14 202n14	126.1	211	135.4	202n14, 217
118.15 205, 206	126.1-4	215	135.5-6	219
118.15-16 206	126.5-6	215	135.6-7	219
118.17-18 206	127	33, 129n25,	135.8-9	60, 217, 219,
118.17-19 202n14	141n9, 211, 212, 213, 214,		220	
118.19-20 206	229, 230, 233, 240, 244		135.8-12	217
118.22 206, 253	127.1	213	135.10-12	217, 219
118.22-23 246, 253n3	127.2	214n29	135.14	60
118.22-24 207	127.2c	214n29	135.15-18	217
118.25-26 253n5	127.3	213, 214	135.17	218
118.26 206, 253n3	127.3-5	47	135.18	219
118.27 61n17	128	215	135.19-20	219
118.29 190, 206	128.3	48	135.19-21	217
119 10, 24 34, 36,	128.5	216	135.21	219
60, 61, 72, 73, 74, 192,	128.6	216	136	190, 220
199, 204, 205, 207, 208,	129	215	136.1	60, 220
209, 210, 240 244	130	39	136.5-9	217, 220
119.1-2 205	130.2	216	136.10-22	217
119.57 224	130.3	202n14	136.10-24	220
119.108 223	131	33, 211,	136.16	60
119.135 61n17	217n35, 240		136.23	60
119.172 184n29	131.1	212	136.23-24	220
120-132 211n25	131.1-2	211	136.25	217, 220
120-134 37, 38, 61,	131.3	212	136.26	220
141n9, 188, 210, 212, 217,	132	74, 77, 158,	137	25, 211, 221
221, 229, 240, 244	210n25, 213, 215		137.1	217, 221, 222
120-150 1193, 199, 210,	132.8	213	137.3-4	184n29
215	132.9	184n29	137.4	225
120.6-7 216	132.10	165	137.5-6	221, 222
121 37n14, 215, 215	132.10-11	76	137.8	222
121.2 46	132.11-12	213	138-145	28, 32, 38, 188,
121.3 216	132.13	75n6	192, 193, 217, 221, 222,	
121.4 216	132.13-14	56, 65	240, 241, 244	
121.5 216	132.14	186	138.1	184n29
121.7 216	132.16	184n29, 186	138.2	77
121.8 216	132.17	76, 165	138.5	184n29
122 32, 74, 211,	132.17-18	214	138.6	75n5, 77
215, 240	133	33, 211, 215,	139.12	61n17
122.1 50, 211, 213	240		140	194
122.3 213	133.1	212	140.3	57
122.3-4 63	133.3	212, 216	141.2	223, 224
122.4 202n14, 211	134	215	141.8	52n9

142	194, 222, 240	148.3	228	37.10	137n5
142.5	224	148.5	228	38.18	137n5
143	194, 224	148.7-12	221n37	46.7-8	167n16
143.3	224	148.8-10	228		
144	194, 225	148.13b	229	Lamentações	
144.1	227	148.14	228	1-4	95
144.2c	227	149.1	184n29	3.6	224
144.5	75n5	149.2	228, 229, 250	3.24	224
144.5-8	225	149.5	184n29	5	95
144.7	75n6	150	23, 24, 236		
144.7-8	225	150.1	75n5, 229	Ezequiel	
144.9	184n29	150.6	226	20.34-41	192
144.11	2225			37.21-28	44
145	36, 158, 192,	Eclesiastes		37.27	130
225, 226, 227, 240, 244,		2.13-16	105		
249				Daniel	
145.1	75, 226, 227,	Isaías		4.3b	26
249		1.4	101n5		
145.4-7	226	1.11	224	Oseias	
145.7	184n29	5.1	214n29	6.6	224
145.9-10	226	8.5-8	167n16	6.7	45n5
145.11	226	9.7	146	7.1	139
145.11-13	249	11.10	202	7.11	139
145.12	226	11.10-12	191, 202	7.16	139
145.13	75, 22,	12.2	202		
227		17.12-13	167n16	Amós	
145.17b	227	22.9	222	5.21-24	224
145.21	227	24.4-6	45n5	6.5	32
146	158	27.12-13	191		
146-150	11, 28, 30, 40,	28.11	199	Jonas	
179, 188, 192, 199, 200,		36-37	138	2.9	224
201, 203, 220, 225, 227,		37.36	138n7		
233n14, 240, 241, 244,		38.11	202n12	Miqueias	
249, 257		52.11	130	6.6-8	224
146.2	184n29, 228	56.6-8	191		
146.5	228	59.7-8	51	Zacarias	
146.6	46, 208	66.18-21	191	1.18-21	138
146.7	228			2.6-7	222
146.9	228	Jeremias		2.13	160n7
146.10	228	5.15	199	6.11	197
147	74	6.20	224	6.12-13	197
147.1	184n29	6.23	167n16		
147.2	228	11.15	214n29	Malaquias	
147.4	228	14.16	140	1.11	224
147.6	228	25.30	160n7		
147.7	184n29	31.8, 10-11	191	Mateus	
147.8-9	228	31.31-34	44	1.12-16	152
147.11	228	31.35	45	3.17	251
147.12-13	229	32.38	130	16.16	255
147.19	228	33.11	189	17.5	251
148	74n4, 221n37,	33.19-21	45n5	17.22-23	144
241, 244		33.20	45	21.9	253n3
148.1-2	229	34.20	140	21.42	253n3
148.1-6	221n37	37.8	137n5	22.41-46	32, 195

23.39	253n3
24.30-31	144
26.23	96, 245
27.35	87
27.43	128
27.46	87, 255

Marcos

11.9-10	253n3
12.10-11	253n3
15.34	87, 255

Lucas

13.35	253n3
19.38	253n3
20.17	253n3
20.17-19	207
22.21	96

João

2.17	126, 245
5.18	104n7
10.16	192
10.34-38	145
12.13	253n3
13.18	96, 245
19.24	255
19.28-30	127
19.34	87

Atos

1.20	127, 245
1.20b	195
2.22-31	32
2.24-32	83n12
2.25-32	78n9
4.11	253n3
4.24-28	251
4.25	79
4.25-29	78n9
7.47-48	21
7.53	210
13.32-33	251
13.32-37	32
13.34-37	83n12
14.11-18	115n17
17.22-31	115n17

Romanos

3.10-14	51
3.14	253
3.15-18	51
4.1-8	32
8.37	246
11	123
11.9-10	127
11.11-36	58
11.33	59
12.1	224n59
15.9	252
15.11	201, 256, 257
15.15-16	191
16.20	246

1Coríntios

15.17	51n8
15.26	51, 81

2Coríntios

4.10-12	256
4.13	256
6.16-18	130
6.18	130
8	256
8.9	254
9	256
9.8	201
9.9	201, 254, 256
9.9-11	254
9.14-15	201

Gálatas

4.26	65n20
------	-------

Efésios

5.2	224n59
-----	--------

Filipenses

2.17	224n59
4.18	224n59

1Timóteo

1.17	250
6.14-16	250

Hebreus

1.2	103n6
1.2-3	197
1.3	103n6
1.5	252
1.8-9	103n6, 176, 255
1.10-12	176
2.12	255
2.14-15	51n8
3.7-4.11	48, 49n7
4.3-11	50
4.7	79
4.14	103n6
5.5-6	252
5.8	103n6
7.11-28	255
9.26	224n59
10.10	224n59
10.12	224n59
12.14	224n59
12.22	65n20
13.6	253n3
13.16	224n59

1Pedro

2.5	224n59
2.7	223n5
3.8-12	254

1João

2.2	224n59
4.10	224n59

Apocalipse

2.26-27	252
17.1	113, 167n16
17.15	113, 167n16
19.1	179, 204, 256
19.2-3	204
19.3	179
19.3-4	256
19.4	204
19.6	179, 256
19.6-7	204
19.11-16	250
19.15	252

ÍNDICE DE ASSUNTOS E NOMES



- Abraão, aliança com, 48, 55-59
abrigo, 153, 162
Absalão, 80, 82, 196
Ackroyd, Peter R., 171n20, 259
Adonai, 195, 203
adoração, 27, 36, 48, 60, 63, 97, 131, 164, 173n23, 221n37
Agostinho, 23, 24
Alexander, Joseph Addison, 24n2, 53n10, 160n6, 259
aliança, 44-45
 com Abraão e os patriarcas, 55-59
 com Davi. *Véja* aliança davídica
 com Moisés, 59-65
 com Noé, 53-55
 na criação, 45-50
aliança davídica, 35, 38, 65, 66, 69n6, 74-76, 122, 134, 139, 148, 151, 152, 154, 155n18, 157, 173, 174, 175, 187, 190, 202, 213, 214, 229, 237, 252, 255
 e filiação na, 196, 197
 e Jerusalém, 215, 222
amadurecimento/maturação (tema do Livro IV) 10, 19, 21, 22, 69, 77, 157-159, 187, 235n1, 239-240, 241, 244
Amaleque, 147, 202, 249
amigo
 que se torna inimigo, 246-246
 traído por, 121
Ana, 91
angústia, 18, 43n1, 52, 93n18, 101-102, 106, 120, 135, 138, 141, 149, 151, 153, 154, 155n18, 161m11, 182, 188, 191, 223, 239, 243, 266
antifonia, nos salmos, 190, 226
Antíoco IV, 137n5
Aram Naharaim, 112
Aram Zobá, 112
arca da aliança, levada a Jerusalém, 37, 77, 125n23 164, 170, 180, 185, 206, 231
arco-fris, 55
arrependimento e fé, 244
Asafe, salmos de, 33, 99, 108, 133, 134, 147, 169n19, 185, 238, 239, 243
Assíria, 44, 138, 140, 147, 163, 235
associação, de salmo da Torá com salmo messiânico, 10, 20, 36, 72, 82, 87, 93, 188, 192, 198n8, 199, 204-210, 237, 240, 242, 244
 “até quando” do salmista, 144
ateísmo, 19 120-121, 239, 243
ateísmo tolo, 109, 120-121
Avishur, Yitzhak, 54n11
Berith, 45n4
Babilônia, 26, 27, 44, 136, 137n5, 138, 140, 149, 152, 199, 208, 209, 217, 221, 222, 225, 226, 227n43, 231, 235, 257
Barth, Karl, 34n1
bênção araônica, 58, 61, 113, 124, 210n25, 215, 217n35
bênção sacerdotal, 18, 21, 58, 61-62, 123, 124, 210, 215-217, 229, 230
bênção, 124, 129
 de Sião, 216, 219, 220
 por meio de Abraão, 58
bênções
 antecipadas no exílio, 159
 às tribos de Israel, 142, 161
 nos salmos dos filhos de Corá, 148
Benjamin, 141, 142, 143, 172, 173, 214, 231
Blidstein, Gerald J., 144n11, 259

- Bom Pastor, 258
 Bright, John, 208n21, 259
 Brueggemann, Walter, 150n15, 207n18, 259
 Buitenwieser, Moses, 143n11, 259
- caes, 87, 114
 Calvino, João, 26n7, 96n21, 137n5, 229
 cântico de Débora, 169
 cântico de Moisés, 160, 169, 201, 202, 227
 cânticos de subida, 37, 211, 214, 215, 240
 caos, 53n10, 136n16
 Casa de Davi, 65, 151, 152 *Veja também* dinastia
 Casa do Senhor, 65, 75 *Veja também* morada
 casamento (ordenança da criação), 46, 47, 48, 50
 categorias de gênero, dos salmos, 67n2, 68, 236
 cativeiro babilônico, 199
 chifre de Davi, 27, 214
 chifres das nações, 137, 138
 Childs, Brevard S., 31n4, 33n10, 35n13, 103n6, 122n22, 193n6, 260
 címbalos, 185, 186
 cinco livros de Moisés, 26, 29
 coatitas, 185
 comunicação (tema do Livro II), 18, 21, 69, 97, 99-131, 187, 235n1, 238-239, 241
 confiança, 53, 66, 79n10, 81, 82, 86, 108, 152, 153, 154, 158, 171, 172, 187, 212, 218, 219, 252
 Confissão de Fé de Westminster, 41
 confissão de pecados, 38-39, 180
 confrontação (tema do Livro I), 10, 18, 21, 69, 71, 99, 187, 237, 238, 241, 242
 consumação (tema do livro V), 10, 20, 21, 22, 69, 97, 187-188, 190, 240, 241, 243, 244
 convocação
 ao povo de Deus, 100, 106, 107
 às nações, 100, 106, 107, 108
 e os que atendem, 107
 coraítas, 186
 coroa, 27, 133, 134, 151, 152, 155, 187, 197, 213, 214
 Craigie, Peter C., 103n6, 260
 Criação, 17, 19, 40, 44, 45-46, 47, 48, 50, 69, 94, 118, 124, 171, 179, 184, 190, 207, 217, 220, 226, 235-236, 237, 244
 ex nihilo, 176
 criticismo canônico, 67-68n2
 Crônicas e Salmos, 164n13, 185-186
 Davi
 adultério com Bate-Seba, 80, 108
 como líder pactual da nação, 245
 como Messias ungido de Deus, 79-82
 como protótipo de todo crente em Cristo, 130-131
 composição de salmos por, 25, 79
 confissão de pecados, 39
 experiência de, 334n12, 78n9, 79, 112, 130-131
 experiência de vida de, 211, 222
 fugiu de Saul, 111-112
 na caverna, 222, 240
 papel redentivo de, 71
 promessa a, cumprida em Jesus Cristo, 152
 vitórias de, 85
 DeClaissé-Walford, Nancy L., 69n7, 78n9, 160n8, 173n23, 260
 Delitzsch, Franz, 55n14, 67-68, 143, 214, 215, 260
 depravação total, 51
 descanso, 48-50, 79, 83, 127, 185, 202
 desespero, 216, 224-225
 Deus
 amor infalível de, 102, 162
 amor pactual de, 189-190
 como Criador, 46, 48, 176-177, 228
 como Juiz, 106, 145, 177-178, 248
 como rocha, 91-92, 123, 162, 172, 177
 como sustentador, 228
 compaixão de, 161, 178, 201
 fidelidade de, 91, 139-140, 210
 fidelidade pactual de, 180, 189n1
 glórias de, 244
 louvor universal a, 113
 reinado de, 9, 20, 35, 77n7, 135, 137-138, 154, 165, 172-173, 177, 182, 248, 255
 soberania de, 104, 171, 184, 249
 devastação (tema do Livro III), 10, 19, 21, 27, 69, 97, 133-136, 139, 149, 154, 157, 187, 239, 241, 243, 246, 248
 Dez mandamentos, 63
 dia escatológico, 244
 diálogo entre reis, 19, 100, 122-125, 128, 239
 Diáspora, 209
 Dillard, Raymond B., 25n4, 44n5, 260
 dilúvio, 53-55
 dinastia, 18, 34, 65, 66, 74, 76, 79, 82, 122, 130, 140, 141, 147n13, 151, 154, 157, 158, 170, 187, 188, 202, 214, 229, 237
 Doeg, o edomita, 106n8, 107, 108, 111
 dominar a terra, 46, 123, 179
 doxologia, 30, 55, 170, 182nn28
 Driver, S. R., 31n4, 54n12, 260
 Eclesiastes, 105, 114
 Edom, Edomitas, 112, 118, 147, 170

- Efraim, 139-143, 232
- Egito, 40, 59, 60, 64, 114, 125, 139, 141, 143-145, 147, 149, 161, 164, 181, 188, 198n8, 199, 219, 220, 227n43, 230
- Elohim do Exércitos, 61
- Elohim*, 10, 18, 19, 61, 99, 100n2, 101-106, 108-111, 114, 118, 119-125, 129, 134, 161n11, 172, 176, 203n15, 218, 238, 239, 243, 247, 255
- louvado entre as nações, 19, 117-118, 119-120
- punirá as nações, 19, 118
- escatologia, do sábado, 48-49
- escudo, 82
- esperança, 18, 19, 38, 49, 50, 52, 57, 59, 77, 101-102, 112, 119, 120, 123, 135, 142, 147, 150-152, 153, 155, 157, 158, 173n21, 175, 179, 212, 225, 232, 246
- estatutos, 26, 49, 167n16, 207, 208
- estilo antológico da salmodia, 193n6
- Etiópia, 144, 149
- estrangeiros, 10, 111, 112, 135, 136, 138-140, 144, 147-149, 153, 154, 157, 158, 160, 162, 225, 227n43, 235, 248, 252
- estrutura histórico-redentiva dos salmos, 17, 43-45
- estrutura quiástica dos salmos *Hallelu-YAH*, 192-204
- exílio, 25-28, 37, 39, 44, 63, 77, 78n9, 122, 136, 145, 149, 151, 152, 155n18, 157-160, 162, 163n12, 165, 173-175, 179, 187, 188, 191n5, 192, 196, 200, 203, 208-212, 214, 215, 220-225, 239, 240, 248, 249
- restauração do, 105, 181, 190
- êxodo, 59, 139, 145, 161n11, 1664, 188, 199, 202, 217, 220
- expição, 51n8, 181, 182
- Ezequias, 27, 191
- Fé, 146, 152
- fracasso da, 152-154
- no exílio, 157-158
- Filho, 72
- filho de Davi, 27, 66, 131, 138, 144, 151, 187, 197
- como Filho de Deus, 65, 176
- Filho de Deus, 65, 103, 104, 145, 146, 195, 196, 252
- filho de José, 138, 144
- filho do homem, 46, 142, 143, 144, 232, 246, 258
- filiação, na aliança davídica, 196
- Filístia, filisteus, 83, 91, 93, 111, 112, 121, 122, 139, 140, 147, 149, 245
- forma acróstica, dos salmos *Hallelu-YAH*, 199
- função didática da Torá, 89-90, 91, 94, 184n30, 205n16
- fusão, do trono de Yahweh com o de Davi, 10, 74, 77-78, 164, 168, 89, 231
- gênero dos salmos, 68, 69n6, 236
- Ginsberg, Harold Louis, 53-54n4, 260
- Ginsburg, Christian D., 141n10, 203n15, 260
- Goldingay, John, 54n12, 68n3, 103n6, 163n12, 260
- governantes injustos, 121
- Grande *Hallelu*, 220
- Grant, Jamie A., 33n10, 65n19, 72n1, 108n10, 158n4, 190n4, 235n1, 260
- Gunkel, Hermann, 31n4, 67n2, 261
- Hallelu-YAH* no salmo 135, 217-220
- HaShem*, 203
- Hemã, 134n3, 185
- Hengstenberg, Ernst Wilhelm, 24n2, 167n16, 69n19, 173n21, 176n25, 212n2, 226n41, 261
- hesed*, 175, 189n1
- homem de Deus, Moisés como, 161, 161, 166
- Hossfeld, Frank-Lothar, 25, 26n6, 69n6, 110n13, 111n14, 129n25, 174n24, 191n5, 198n8, 199n10, 210n25, 227n42, 261
- Howard, David M., Jr., 165n15, 168n17, 261
- Idolatria, 219
- imagem da Rocha, 91-93, 177
- imagem do pastor, 139, 142, 177
- ímpios, 34, 50-55, 65, 73, 74, 78, 81, 88, 105, 108, 112, 115, 116, 135, 137, 173, 174, 177, 178, 228, 248
- incenso, 223, 224
- indicativo e imperativo, 49
- inimigos, 10, 19, 27, 34, 49, 50, 52, 60, 65, 66, 71, 74, 81, 82, 84, 89, 97, 99, 133, 135, 140, 222, 235
- derrota dos, 84
- específicos, 121-122
- livramentos dos, 222
- no Livro I, 115-116, 119
- no Livro II, 116-120
- triunfo sobre, 194
- inimigos internacionais, 87, 97
- instrumentos musicais, 31, 167, 185
- ira de Deus, 150, 162
- Israel
- evolução de, 110n1
- exílio e restauração de, 44, 196, 225

- formação de, 161
 infidelidade de, 180
 perambulação de pelo deserto, 59, 185, 188
- já e ainda não, 128
 Jabim, 147
 Jacó, 56, 57, 63.76, 85, 91, 102, 118, 138-142, 144, 147, 149, 177, 180, 191, 228, 231
 Jerusalém
 como cidade de Davi, 222
 destruição de, 136-137, 140, 142, 209, 222, 231
 nos salmos de subida, 211, 215, 217, 230
 Jessé, 25, 34n12, 71, 130, 146, 191, 202
 Jesus Cristo
 agonias de, 128
 apelo de à Escritura, 145
 como Filho de Deus, 103, 146, 196, 252
 como o rei messiânico esperado, 37-38
 entronização de, 176
 sofrimento de, 11, 22, 87, 126, 128, 241, 245-247, 256
 Joaquim, 136, 137n5, 152
 José, 38, 85, 86, 91, 138-144, 146, 147, 152, 177, 180, 231, 232, 239
 Judá. *Vêja* reino do sul
 Justos
 justificação dos, 73
 triunfo dos, 205-206
 vs. Ímpio, 34, 50, 73, 78, 244
- Kidner, Derek, 32n5, 33n7, 40n17, 54n12, 103n6, 134n4, 138n7, 140n8, 147n14, 169n19, 261
 Klein, Ralph W., 169n19, 261
 Knoppers, Gary N., 77n7, 168n18, 169n19, 261
 Kraus, Hans-Joachim, 34n12, 54n11, 66n21, n22, n24, 73n3, 103n6, 137n5, 162-163n12, 168n16, 205n16, 227n43, 261
- labor (ordenança da criação), 46, 50
 Lamentações, 96, 224
 lâmpada, 93, 214
 lei moral, 13, 63--65
 lei, 18, 26, 49, 59, 72, 74, 88
 frases para, 73
 nos salmos, 60-65
 leões, 87, 114, 117, 193
 Levey, Samson H., 146-147n13
 Levitas, 170, 171, 186, 191, 220
 Liebreich, Leon J., 215n31, 217n35, 261
 linguagem mitopoética, 103n6, 251
- literatura ugarítica 54n11
 livramento, 81, 101
 Livro I
 conclusão do, 18, 96-97, 110
 salmos acrósticos no, 36, 71, 93-96, 192, 237, 238, 241-243, 253, 282, 283
 salmos reais do, 18, 114, 232, 237, 242, 247, 249
 sobre a dinastia davídica, 154
 Livro II
 conclusão do, 19, 110, 126, 130-131, 236
 salmos reais do, 37, 88n15, 114, 172, 238, 243, 247, 249
 sobre a dinastia davídica, 154
 sobre as nações, 114
 Livro III
 conclusão, 19, 134, 154-155, 213
 salmos introdutórios do, 19, 135-137, 243
 salmos reais do, 88n5, 249, 258
 sobre a dinastia davídica, 154
 Livro IV
 ausência de referências à dinastia davídica
 conclusão do, 20, 37, 180, 182-184, 190
 salmos reais do, 88n5, 249
 Livro V
 conclusão do, 21, 40, 199, 228-229
 salmos acrósticos do, 36, 192, 226, 237, 240, 241, 253, 254, 256, 287, 288
 salmos introdutórios do, 19, 241
 salmos reais do, 173, 249
 sobre a dinastia davídica, 77
 local de descanso, 186, 213, 214
 Longman, Tremper, III, 25n4, 44n3, 260
 louvor e ação de graças, 182, 213
 louvor universal, 113
 Lutero, Martinho, 96, 242, 261
- Maier, J., 66n22
 maldições, sobre os inimigos, 50, 194
 Manassés, 141-143, 147, 232
 mandamentos, 26, 49, 57, 63, 74, 88, 208
 Mays, James Luther, 55n13, 74n4, 208n20, 213n28, 215n30, 262
 McCann, J. Clinton, 30n2 51n8, 665n20, 66n3, 79n11, 173n23, 200n11, 262
 McFall, Leslie, 110n12, 262
 meditação, sobre a Torá, 73n3
 Melquisedeque, 196, 255
 memorização, 95, 96, 208, 236, 242
 Messias, 11, 27, 33n10, 35n12, 36, 83n12, 205
 centralidade do 34-35
 como Deus, 38, 103
 como Rei, 0104, 114, 232, 250
 sofrimento do, 11, 22, 246-247,

- terminologia da, 83-84
 traído por um amigo íntimo, 96
 triunfo do, 1128-130
 Messias ben Efraim, 143, 232
 Messias ben José, 58, 143, 144n11, 146, 232, 239
 Midiã, 147
 Miller, Patrick D., 84n13, 157n1, 200n11, 262, 263
 misericórdia, 189n1
mizmor, 166
 Moabe, 112, 118
 Moisés
 aliança com, 17, 35, 59-61
 cântico de triunfo no mar, 164, 202
 salmo de, 213
 monoteísmo, 103, 110n13
 Monte Sião. *Veja* Sião
 morada, 34n11, 47, 52, 56, 65, 66, 75, 76, 77, 82, 93, 101, 127, 136, 148, 151, 160, 162, 187, 188, 189, 202, 210, 214, 222, 228, 229, 237
 morte, 36, 51-53, 56, 65, 81, 87, 93, 96, 97, 105, 116, 121, 127, 133n1, 150, 151, 161, 162, 172n21, 206, 255, 256
 Mowinkel, Sigmund, 31n4, 162n12, 163n12, 168n16, 262
 músicos principais, 32, 134n3

 Nabucodonosor, 136, 137, 226
 Nações, 74-75, 184
 bênção às, 58, 76, 124
 convocação às, 106-108
 e o uso de *Elohim*, 10, 102, 104, 117, 118
 no Livro II, 37, 38, 114-117, 119, 120, 122, 125
 orgulho das, 136
 Noé, aliança com, 17, 334, 53-55
 nome de Deus, 10, 61, 109, 151, 46
 nomes para Deus, 110, 134
 Nova aliança, 44, 66n24, 103n6, 130, 139, 144, 152, 209, 233, 251
 Novo Testamento
 citação do Antigo Testamento no, 146, 250-252
 citação dos salmos no, 78n9, 250-251, 253, 254

 opressores, opressão, 74, 101, 137, 139, 145
 oração, como sacrifício, 223, 224
 ordenanças, 49, 88, 207, 208
 ordenanças da criação, 46, 50
 Orebe, 147
 Organizadores, do saltério, 26, 27, 237

 orgulho, das nações, 136

 Palavra de Deus, unidade, propósito e plano da, 10
 papel fundamental dos salmos 1 e 2, 18, 71, 72-75
 paralelismo, 107n9, 112, 135, 220
 paralelismo quiástico, 107, 118
 Paulo
 aplica a promessa de Deus a Davi, 130
 citação dos salmos por, 252, 253, 254, 256-257
 sobre a generosidade cristã, 201, 254
 sobre as nações, 115n17
 paz, 10, 21, 49, 55, 61, 62, 71, 81, 82, 99, 102, 119, 122, 128, 140, 148, 149, 187, 210, 215, 216, 238, 247, 248
 pedra angular, 20, 190, 205-207, 247, 253
 Pedro, 78n9, 79, 83n12, 127, 194, 195, 254, 255
 perambulação pelo deserto, 59, 185, 188
 perdão, 39, 81, 174, 181, 244, 246
 peregrinações a Jerusalém, 211, 221
 perspectiva comunitária, 131, 133, 135, 143, 149, 166
 perspectiva individual, 133n1, 143, 149
 pilares poéticos, 33-34
 pirâmide poética, 39
 Poderosos atos de Deus, 57
 preceitos, 74, 88, 207
 prosperidade, 19, 53, 158, 159, 194, 239, 246
 providência, 20, 41, 217, 220, 235

 Raabe, 149
 Raiz de Jessé, 191, 202
 Raquel, 140-143, 231
 realismo dos salmos, 150n15, 222
 redenção, 17, 44, 48, 50-53, 59, 60, 71, 102, 118, 124, 139, 141, 180, 188, 190, 196, 217, 220, 244, 254
 Rei de Glória, 36, 866, 114, 258
 Rei Divino, reinado tranquilo do, 122, 123, n243
 reinado davídico. *Veja também* dinastia
 reinado do Messias, 19, 38, 84, 87, 88, 114, 128-130, 172, 182, 202, 228, 232, 282, 284
 reinado, 35
 e sacerdócio, 196
 terminologia de, 83-84
 reinado de *Elohim*, 18, 99, 102-104, 120, 239, 243, 284, 285
 reinado de *Yahweh*, 17, 18, 36-37, 38, 74-75, 77, 84, 85, 87, 88, 97, 157, 163n12, 15,

- 167n16, 174, 176, 184, 200, 202, 214, 226, 227n43, 232, 240, 247
- reino do norte, 38, 110, 138, 140, 141, 142, 147
- reino do sul, 138, 147
- Reino messiânico. *Vêja também* reinado do Mes-sias
- reino, vinda do, 28
- relacionamento íntimo com Deus, 153
- rios da Babilônia, 217, 221
- riquezas, 105, 119
- Rúben, 142
- sábado (ordenança da criação), 46, 49n7, 50
- sabedoria, 26, 36, 59, 105, 115
- sacerdócio, e reinado, 196
- sacrifício, 18, 62, 81, 106, 108, 158, 170, 190, 192, 208-211, 223, 224
- salmo messiânico focal, 11, 17, 22, 38, 251, 255-256, 282, 284, 287
- salmos
- cinco livros de, 9, 10, 17, 21, 9-30, 51, 69, 110, 241
 - como coleção aleatória, 9, 23-24
 - como manual para toda a Bíblia, 96
 - estrutura dos, 9, 11, 17, 28, 236, 258
 - forma final dos, 25, 68n2, 223, 225
 - memorização de, 21, 95, 96
 - organizadores dos, 25-26, 27, 122, 237, 240,
 - organizados por desenvolvimento,
 - não pro cronologia, 122, 221, 235
 - teologia dos, 9-11, 24, 35n13, 43, 44n3
 - salmos acrósticos, 10, 17, 22, 36, 223, 233, 236, 241, 253-256 *Vêja também* salmos quase acrósticos
 - citação no Novo Testamento, 251-251, 253
 - no Livro I, 18, 71, 93-96, 237, 238, 241-243, 253
 - no livro V, 192, 226, 237, 240, 241, 253, 254, 256
- Salmos da Torá, 204-205
- citações dos no Novo Testamento, 251-253
- salmos davídicos, 18, 20, 21, 25, 33, 78, 100, 110, 120-122, 198, 222, 223, 225, 240
- no Livro I, 68, 71, 78-82, 111, 119n21, 149, 222
 - no Livro II, 100, 107-109, 111, 113, 114, 116, 119n21, 122, 149, 222,
 - no Livro III, 149
 - no Livro V, 122, 130, 188, 192, 193-198, 211, 221, 222, 240
- salmos de ação de graças, 67n2
- salmos de angústia, 95n18, 101
- Salmos de culpa do sofredor, 94, 95, 238, 241
- salmos de entronização, 67n2
- salmos de esperança, 18, 101-102, 120, 151
- salmos de lamentação, 67n2
- salmos de recordação histórica 17, 20, 21, 37-38, 161n11, 180-182, 188, 217-222, 240, 241, 244
- salmos de sofrimento do inocente, 94, 95, 238, 241, 243, 254
- salmos de romagem, 37, 210-217, 244
- salmos do pináculo, 11, 39, 230, 232, 240, 241
- salmos do reinado de *Elohim*, 18, 99, 102-104, 120, 239, 243
- salmos dos filhos de Corá, 18, 19, 32, 33, 99, 100-101, 106n8, 107, 116, 134, 135, 148, 186, 238, 239, 243
- salmos *Hallelu-YAH*, 39-40, 198, 227-228
- citados no Novo Testamento, 179, 256-258
 - forma acróstica dos, 198
 - no Livro IV, 179
- salmos messiânicos, 10, 20, 36, 72, 82, 87, 93, 188, 190, 192, 198n8, 199, 204-205, 208, 210, 237, 238, 240, 242, 244, 247, 253
- citação dos no Novo Testamento, 250-253, 255, 256
 - finais, 197-198
- salmos quase acrósticos
- salmos reais, 10, 22, 37, 38n16, 67n2, 78n9, 84-88, 158, 172, 173, 232, 236, 237, 241, 245, 247, 250, 255, 258
- no Livro I, 18, 114, 232, 237, 242, 247, 249
 - no Livro II, 37, 88n15, 114, 172, 238, 243, 247, 249
 - no Livro III, 249, 258
 - no Livro IV, 249
 - no Livro V, 173, 249
- salmos sem títulos, 79
- Salomão, 27, 33, 38, 75, 77, 110, 113, 129, 130, 134, 136, 141n9, 185-187, 189, 190, 197, 209, 212-214, 217, 229, 240, 243, 244
- oração de dedicação do templo, 75, 185, 190
- salmo de, 37, 99, 211, 238
- Samaria, 101, 141, 142, 147
- Santo dos Santos, 153
- santuário, 123, 125, 136, 162, 200, 202, 215, 229

- Saul, 81, 84, 85, 93, 108, 111, 119, 121, 122, 142, 172, 173n21
 derrota de, 83
 perseguição a Davi, 91, 92, 99, 112, 120, 121
 Semente/descendência da mulher, 81, 97, 195
 Semente/descendência de Abraão, 48n6, 56, 57
 Semente/descendência de Satanás, 50, 81, 194, 195
 Senaqueribe, 138
 Senhor da Aliança, 13, 20, 36, 37, 61, 65, 66, 81, 91, 97, 104-106, 109, 140, 151, 162, 179, 184, 187, 195, 200, 201, 207, 217, 218, 235, 236, 238; *Vêja também Yahweh*
 Septuaginta (LXX), 54, 57, 78n10, 93n18, 103n6, 138, 140n8, 226n41
shalom, 21, 55, 135, 216
shekinah, 217
 Sião, 18, 35, 37, 56, 65, 66, 75, 76, 104, 106, 110, 113, 114, 118, 1125, 140, 141, 142, 148, 149, 155n18, 163-165, 169n19 170, 171, 174, 176, 180, 188, 191n5, 192, 200, 202, 203, 210-213, 215, 217, 219, 221, 222, 228, 229, 231, 240, 248
 bênção de, 216, 220
 devastação de, 136
 governo em, 65, 74, 75
 nos salmos de subida, 188, 215, 217
 Siló, 142, 227n43
 Sísera, 147
 sombra do Onipotente, 162
 Stek, John H., 86n14, 262
 temor do Senhor, 153
 Templo de Salomão, 75, 185, 186 190, 213, 217
 templo, destruição do, 136, 1137n5
 teologia sistemática, 43
 Terra Prometida, 27, 44, 48, 49, 57, 63, 125, 161, 162
 testemunhos, 31n4, 88, 208
 Tiro, 147, 149
 títulos a indivíduos específicos, 17, 30-33
 Torá, 11, 22, 26, 29, 34, 36, 40, 59, 60, 66, 72-74, 78, 84, 88, 89, 74, 205, 207-209, 228, 233, 236 240, 242, 258, 253
 como substituição do templo, 209
 função didática da, 89-91, 94, 184n30, 205n16
 termos para, 73, 88
 trevas, 150
 triunfalismo, 246
 trombetas, 185
 ungido. *Vêja também* Messias
 vida humana, brevidade da, 51
 vida longa, 19, 158, 159
 Vincent, M. A., 158n5, 263
 Voz de *Yahweh*, 54
 Walton, John H., 60n6, 263
 Weiser, Artur, 53n10, 263
 Wellhausen, Julius, 31n4, 263
 Wenham, Gordon J., 30n2, 49n7, 59n16, 63n18, 153n17, 186n32, 208n20, 263
 Wilson, Gerald Henry, 25n5, 29n1, 31n5, 33n9, 33n10, 38n16, 44n2, 67n2, 69n6, 100n4, 106n8, 155n18, 157n1, 158n3, 162n11, 182n28, 213n27, 263
 YAH, 201-203, 257
Yahweh, 10, 13, 18, 33n10, 35, 36, 38, 39, 54, 55, 59, 61, 66, 72-74, 76-78, 83, 85, 86, 88, 91, 92, 93n18, 99, 100n2, 105, 108n10, 109-112, 114, 118, 120, 123, 125, 134, 148, 152-155, 157, 158, 160, 161, 163n12 164, 165, 169, 171, 173-176, 179, 180-182, 184, 189, 192, 195, 202, 203, 206, 212-219, 226, 228-232, 238, 247, 250, 252, 255
 como gracioso, 189n1, 216
 compaixão de, 161
 fidelidade pactual de, 174
 justiça de, 201
 preserva seu povo, 216
 pronunciamiento de em bênção, 124, 215-216
 reinado de, 74-77, 84, 87, 97, 157-159, 162, 163n12, 165, 167n16, 171, 174, 176, 184, 200n11, 202, 214, 226, 227n43, 232, 240, 247
 reino consumado de, 226, 249
Yahweh Elohim dos Exércitos, 61
Yahweh Malak, 10, 162-166, 171, 184. 286
 Zacarias, 197, 222
 Zalmuna, 147
 Zedequias, 137
 Zenger, Eric, 25n3, 26n6, 69n6, 84n13, 110n13, 111n14, 129n25, 174n24, 191n5, 198n8, 199n10, 210n25, 227n42, 261, 262
 Zorobabel, 152

Diagrama 1: Livro I (SI 1–41) – Confrontação

SALMO	1	2	3	4	5	6	7	8	9/10	11	12	13	14	15	16	17
Autor	Primeira coletânea dávidica (SI 3–41*)															
Par Torá/Messianico	Torá	Messianico														
Salmos acrósticos									Acróstico							
Salmos da criação								Salmo da criação (antes do acróstico)								
Temas e agrupamentos significativos	Introdução ao salterio															
Salmos de pirâmide poética																
Salmos de foco messianico		Salmo de foco messianico														

SALMO	18	19	20	21	22	23	24	25
Autor	Primeira coletânea dávidica (SI 3–41*)							
Par Torá/Messianico	Messianico	Torá	Segundo segmento (SI 18–41*) desta coletânea dávidica					
Salmos acrósticos							Salmo da criação (antes do acróstico)	Acróstico
Salmos da criação								
Temas e agrupamentos significativos					Salmos reais (resposta ao SI 18)			Salmo de ensino (resposta ao SI 19)
Salmos de pirâmide poética			Reinado do Messias		Reinado combinado		Reinado de Yahweh	
					Salmo dimítico			
Salmos de foco messianico					Pirâmide poética			
					Salmo de foco messianico			

Continua na página seguinte

SALMO	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41
Autor	Primeira coletânea daviídica (SI 3–41*)															
Par Torá/Messiânico	Segundo segmento (SI 18–41*) desta coletânea daviídica															
Salmos acrósticos									Acróstico				Acróstico			
Salmos da criação								Salmo da criação (antes do acróstico)								
Temas e agrupamentos significativos													4 salmos do sofredor inocente (abraçados por acrósticos)		4 salmos do sofredor culpado	
Salmos quase acrósticos								Quase acróstico						Quase acróstico		
Salmos de pirâmide poética																
				Salmo climático												
Pirâmide poética																

* O asterisco indica que nem todos os salmos deste agrupamento podem ser atribuídos a este autor.

Diagrama 2: Livro II (SI 42–72) – Comunicação

SALMO	42/43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
Autor	Segunda coletânea davídica (Sl 51—71*) (2/3 do Livro II) —>																	
Temas e agrupamentos significativos	Salmos introdutórios individuais	Salmo introdutório coletivo	Salmos reais		Convocações judiciais e réus				Ateísmo revisitado		7 inimigos específicos							
			Reinado do Messias	Reinado de Elohim	Convocações às nações	Convocações ao povo de Deus	Resposta de Davi	Resposta de Doegue										
			salmo de foco messiânico															
Salmos de foco messiânico																		

SALMO	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72
Autor	Segunda coletânea davidica (SI 51–71*) (2/3 do Livro II) (cont.)											
Temas e agrupamentos significativos	Clamor do rei (4 salmos)			Diálogo dos reis		Resposta de Elohim (4 salmos)			Lutas constantes			
Salmos de foco messiânico									Salmo de foco messiânico			

* O asterisco indica que nem todos os salmos deste agrupamento podem ser atribuídos a este autor.

Salomão

Reinado triunfante do Messias

Salmo de foco messiânico

Diagrama 3: Livro III (SI 73–89) – Devastação

SALMO	73	74	75 76	77 78 79	80	81 82 83	84 85 86* 87	88 89
Autor	Asafe (2/3 do Livro III)							
Temas e agrupamentos significativos	Salmo introdutório individual	Salmo introdutório coletivo	Reinado de Elohim sobre os reis da terra	Devastação e libertação dos reinos do norte e do sul		Filhos de Corá (1/3 do Livro III)		Angústia individual e coletiva
Salmos de pirâmide poética					Salmo climático			
Salmo de foco messiânico						Pirâmide poética		
					Salmo de foco messiânico			

* O asterisco indica que nem todos os salmos deste agrupamento podem ser atribuídos a este autor.
† O Salmo 86 é um salmo atribuído a Davi por seu título no Livro III.

Diagrama 4: Livro IV (SI 90–106) – Amadurecimento

SALMO	90	91	92 93 94 95	96	97 98 99 100	101 102 103	104	105 106
Autor	Moisés					Triade davídica*		
Temas e agrupamentos significativos	Salmos introdutórios: a perspectiva de prosperidade e vida longa		Salmos Yahweh Malak: louvor e adoração			Primeira triade de Hallelu-YAH		
								2 salmos de recordação histórica
Salmos de pirâmide poética				Salmo climático				
					Pirâmide poética			

* O asterisco indica que nem todos os salmos deste agrupamento podem ser atribuídos a este autor.

Diagrama 5: Livro V (SI 107–150) – Consumação

SALMO	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119
Autor			Triade davídica										
Par Torá/Messianico												Salmo messiânico	Salmo de Torá
Salmos acrósticos					Salmos acrósticos								Salmos acrósticos
Temas e agrupamentos significativos	Salmo introdutório				Agrupamento <i>Hallelu-YAH</i> inicial do Livro V								
Salmos de pirâmide poética								Salmo climático					
								Pirâmide poética					
Salmos de foco messianico				Salmo de foco messianico								Salmo de foco messianico	

Continua na página seguinte

SALMO	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134
Autor			Davi		Davi			Salmo central de Salomão				Davi		Davi	
Por Torá/Messianico															
Salmos acrósticos															
Temas e agrupamentos significativos	Salmos de romagem														
Salmos de pirâmide poética								Salmo climático							
Salmo de foco messiânico	Pirâmide poética														

SALMO	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150
Autor	Coletânea davidica final (SI 138–145)															
Salmos acrósticos											Salmo acróstico					
Temas e agrupamentos significativos	Hallelu-YAH	Salmos transicionais de recordação histórica														
Salmos de pirâmide poética																
																Salmo climático
														Pirâmide poética		



Durante séculos, o livro dos Salmos foi lido como uma coleção aleatória de poemas, sem nenhum arranjo intencional.

Mas será esse o entendimento correto?

O. Palmer Robertson nos prepara para ver a progressão histórico-redentiva que se desenvolve nos cinco livros dos Salmos. Ele demonstra como uma estrutura intencional é indicada por elementos como a colocação de salmos acrósticos, acoplamentos estratégicos de salmos messiânicos com salmos de Torá e o agrupamento de salmos por tópicos.

Se você ama os salmos, Robertson lhe dará uma melhor compreensão de todo o Saltério e uma apreciação mais profunda de cada poema.



O. PALMER ROBERTSON foi por vinte anos professor do Reformed Theological Seminary, do Westminster Theological Seminary e do Covenant Theological Seminary. Escreveu também *Alianças*; *Comentários de Naum, Habacuque e Sofonias*; *Jonas – Um estudo sobre compaixão*; *O Cristo dos Pactos e Terra de Deus*, publicados no Brasil pela Cultura Cristã.

Exegese / Hermenêutica / Estudo bíblico



EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br



9 788576 228578